

# **O CORPO E A PALAVRA EM MERLEAU-PONTY**

**Amândio Fontoura**

**Dissertação de Doutoramento no ramo de Filosofia**  
Especialidade de Filosofia Contemporânea

Sob Orientação dos Professores Doutores ISABEL RENAUD  
e MICHEL RENAUD

Concluído em  
2011



## DECLARAÇÕES

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

O(A) orientador(a),

---

Lisboa, .... de ..... de .....

## AGRADECIMENTOS

*A Isabel Renaud*

*e Michel Renaud*

pela disponibilidade pessoal,

acolhimento vivencial

e acuidade intelectual

tocada pelo saber.

A todos aqueles que me trouxeram

reflexivamente até aqui...

e, enquanto bolseiro, à FCT

Institucionalmente, às

*U.P. – Universidade do Porto*

*U.N.L.- Universidade Nova de Lisboa*

*F.C.T. – Fundação para a Ciência e Tecnologia*

## A PALAVRA AO FILÓSOFO

*Melhor ainda do que as nossas observações sobre a espacialidade e a unidade corporais, a análise da palavra e da expressão faz-nos reconhecer a natureza enigmática do corpo próprio. Este não é um conjunto de partículas isoladas, ou ainda um entrelaçamento de processos definidos uma vez por todas – ele não está onde está, ele não é o que é – pois que o vemos segredar um “sentido” que não lhe advém de nenhuma parte, projectá-lo no seu ambiente material e comunicá-lo aos outros seres incarnados. Sempre se observou que o gesto ou a palavra transfiguram o corpo, mas não se afirmou com veemência que eles desenvolvem ou manifestam um outro poder, pensamento ou alma. Não se compreendeu pois que, para o poder exprimir, o corpo deve em última análise tornar-se o pensamento ou a intenção do seu significado. É ele quem mostra, é ele quem fala...<sup>1</sup>*

---

1 MERLEAU-PONTY, Maurice - *Phénoménologie de la Perception*, p.230 “ Mieux encore que nos remarques sur la spatialité et l’unité corporelles, l’analyse de la parole et de l’expression nous fait reconnaître la nature énigmatique du corps propre. Il n’est pas un assemblage de particules dont chacune demeurerait en soi, ou encore un entrelacement de processus définis une fois pour toutes — il n’est pas ou il est, il n’est pas ce qu’il est — puisque nous le voyons secréter en lui-même un « sens » qui ne lui vient de nulle part, le projeter sur son entourage matériel et le communiquer aux autres sujets incarnés. On a toujours remarqué que le geste ou la parole transfiguraient le corps, mais on se contentait de dire qu’ils développaient ou manifestaient une autre puissance, pensée ou âme. On ne voyait pas que, pour pouvoir l’exprimer, le corps doit en dernière analyse devenir la pensée ou l’intention qu’il nous signifie. C’est lui qui montre, lui qui parle...”

## **RESUMO**

### **O CORPO E A PALAVRA**

- em M. Merleau-Ponty

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Corpo, palavra, mundaneidade, consciência, experiencialidade, percepção, alteridade, concreticidade objectal, visibilidade, corpo próprio, existencialidade, transcendência, ambiguidade, verdade, sentido, intencionalidade, identidade, estilo.

A vida é existencialidade que de si ganha consciência aos bochechos, em parcelas, trilhando a linha da história que se faz presente sem visibilidade, mas na visibilidade de toda a concreticidade mundana. A consciência é essa potencialidade de perceber o mundo, de o interpretar, de o constituir. Mas a consciência é uma possibilidade que é consciência de uma impossibilidade: tem o mundo à sua disposição, para o integrar e trabalhar, mas o motor do mundo não lhe pertence, não se lhe subordina, de uma dinâmica sempre volúvel, instável e propícia ao inesperado, cujo início e fim não gere. Todavia, para lhe ser efectivamente acessível a mundaneidade, a minha consciência precisa de algo mundano. Conta com o contributo mediador do corpo próprio que entende a linguagem física do mundo, porque da mesma massa do mundo. Abre-lhe as pálpebras perceptivas mediante a visão e, pela capacidade motriz dá-lhe mobilidade e garantia de execução intencional. Então, pelo corpo acolhida no tecido mundano e uma vez nele instalada, a consciência recebe as significações das coisas, seres e relações que ele fornece, qual ovo bio-geneticamente alimentador que permite a sua maturação. Eu ganho assim uma possibilidade alargada, mas fico circunscrito a uma

certa indeterminação, porque definido no perímetro do próprio circuito de existência que me é próximo, fico limitado a uma parcela ínfima de mundo, e o que está para lá do visível e do acessível é fundamentalmente indeterminado. Porém, nesse quinhão de presença mundana não deixo de sentir o palpitar do mundo e terei obrigatoriamente necessidade de o, e com ele, comunicar por intermédio da palavra. Sem a palavra, eu não consigo conciliar o meu interior com o meu exterior, a minha consciência com a minha existência. Ao relacioná-las, ela permite que a reflexão se dê, a reflexão de uma consciência que existe, a reflexão de uma existência que se auto-consciencializa. Contudo, apesar de ser sujeito de palavra e ter a possibilidade e o poder de me expressar, não tenha a chave do processo. Sirvo-me da palavra, banqueteio-me na mesa da linguagem, improviso e crio mundos simbólicos, faço da cultura o meu mundo, faço-me ao mundo com o peso de uma identidade e a mais-valia de um estilo, mas contraditoriamente não possuo o segredo da culinária expressiva. Não sei de onde vem, por onde vai, o que pretende, como se realiza. Só me vejo a assumir o privilégio de ser seu veículo e de incarnar as vagas do seu balouçar mediante a subjectividade que me é própria, o corpo que a veicula e a palavra que a expressa. Expressividade que expõe uma interioridade. Uma interioridade que é muda até se soltar nesse acto criador de expressão numa culturalidade. E é preciso o passaporte da palavra para que o login da culturalidade lhe permita o acesso. Portanto, do acto de uma espontaneidade jorra o movimento intencional de uma consciência que, mediante os contributos incontornáveis do corpo e a palavra, é traduzida numa simbologia partilhada e exposta a um comércio mundano.

## **ABSTRACT**

### **The BODY AND The WORD**

- in M. Merleau-Ponty

Dissertation of Post-graduation course in Philosophy -  
- A Doctoral Thesis in Philosophy

**AMANDIO FONTOURA**

**KEY WORDS:** body, word, worldliness, consciousness, experimentation, perception, alterity, concreteness of the object, visibility, own body, existence, transcendence, ambiguity, truth, sense, intention, identity, style.

Life is existence that gradually gains self-awareness, as it collects living pieces, as it treads a line of personal history made presence without express visibility, but in the visibility of the whole worldly concreteness. Consciousness is the potential for understanding the world, for interpreting it, for giving it form. But consciousness is a possibility that contains the awareness of impossibility: here is a world at one's disposal, to be partaken of and to be altered at will, but the workings of the world itself do not belong to one's consciousness. They are never subordinated to it; they are dynamic and fickle, unstable and prone to the unexpected. Their beginning and ending are not for us to manage. Yet, so that this worldliness is effectively accessible to my consciousness needs something mundane, the mediating contribution of my own body, capable of understanding the physical language of the world, as it is made of the same matter as the world. Sight opens the eyelids of perception; the capacity for motion ensures intentional action. Harboured by the body in the worldly fabric, consciousness is given the meaning of things, beings and relationships that the body provides, like a

nurturing egg that allows maturation. Thus we gain a comprehensive possibility, but we are circumscribed to a certain indetermination, because in the perimeter of the circuit of existence itself that surrounds me, I am confined to a tiny section of the world. And what lies beyond what is visible and accessible is mostly indeterminate. Still, in this portion of earthly existence, we do not stop feeling the world pulsating, and we will be compelled to communicate it - and communicate with it - by means of the word. Without the word, we cannot reconcile our inner and outer selves, our consciousness and our existence. As they come closer to each other, the word brings on reflexion, the reflexion of a consciousness that is, the reflexion of an existence that becomes aware of itself. However, although we are beings capable of expressing ourselves, we do not hold the key of the process. We take the word for ourselves, feast on the table of language, improvise and create a wealth of symbols, build our world on culture, embark on social life with our own identity and style, but without the recipe for expressiveness. We ignore where it starts and where it ends, its goal or how it is achieved. We see ourselves merely taking the privilege of being its vehicle and embodying its fluctuations caused by our own subjectivity, the body that conveys it and the word that expresses it. This expressiveness reveals one's inner self, which is mute until it is freed by the creative action of expression in a common culture. So, from a spontaneous action flows the intentional movement of a consciousness that, by means of the vital contributions of the body and the word, is translated in a set of symbols shared by and exposed to a mundane commerce.



## INDICE

Resumo / Abstract.....	5/7
Indice .....	9
Abreviaturas.....	10
Introdução .....	11
Capítulo I: A PALAVRA DO CORPO .....	14
I. 1. A Emergência do Corpo Próprio.....	14
I. 2. O Corpo como Expressão .....	38
I. 3. A “Palavra Segunda” .....	56
Capítulo II: O CORPO DA PALAVRA .....	72
II. 1. A Palavra Espontânea .....	72
II. 2. O Dito e o Vivido.....	88
II. 3. A Descoberta da Alteridade.....	113
Capítulo III: IDENTIDADE E ESTILO .....	130
III. 1. Percepção e Desvelamento.....	130
III. 2. A Verdade e o Sentido.....	164
III. 3. A “Experiência Aberta” .....	190
Conclusão .....	242
Bibliografia .....	257
Índice Temático Breve.....	278

## LISTA DE ABREVIATURAS

E.P. – Éloge de la Philosophie

N.C. – Notes de Courses

O.E. – L'Œil et L' Esprit

P.M. – La Prose du Monde

P.P. – Phénoménologie de la Perception

P.P.C.P – Le Primat de la Perception et ses Conséquences  
Philosophiques

R.C. – Résumés de Cours

S. – Signes

S.C. – La structure du Comportement

S.N.S. – Sens et Non-sens

V.I. – Le Visible et L'Invisible

## INTRODUÇÃO

*A que chamamos o mundo?  
A cinematografia das horas representadas  
Por actores, de convenções e poses  
determinadas,  
O circo policromo do nosso dinamismo sem fim?  
De que te serve o teu mundo interior que  
desconheces?*<sup>2</sup>

Álvaro de CAMPOS

O mundo está *sempre aí para mim*<sup>3</sup>. Está aí para uma efervescente consciência que sente o apelo de uma interrogação filosófica que *não somos nós que a criamos, ela pronuncia-se através de nós pelo recruzamento do visível e do vidente, do falar e do compreender, do pensar e o ser pensado*<sup>4</sup>. Situada num corpo disponível enquanto seu permanente abrigo e potenciador porta-voz, a consciência, porque geradora, por ele fala, porque reconhecido lugar de palavra. Se a consciência se dirige ao mundo que lhe exige exteriorização, dado ser exterior, ela deve a exposição da sua interioridade à realidade do corpo que assim viabiliza a sua visibilidade mundana. E este, sem autónoma possibilidade de expressão, perder-se-ia no mundo fenoménico sem manifestar uma identidade própria. Assim a existência

---

<sup>2</sup> DE CAMPOS, Álvaro, *Soneto já Antigo e outros Poemas*, Lisboa, Ática, 2009, p.5

<sup>3</sup> HUSSERL, Edmund, *Meditações Cartesianas*, Lisboa, Res, s/d, p.32 “O mundo percebido nesta vida reflexiva está, num certo sentido, sempre aí para mim; é percebido como anterior, com o conteúdo que, em cada caso, lhe é próprio. Continua a aparecer-me como me aparecia até aí.”

<sup>4</sup> N.C. 371

da consciência interpenetra-se na existência do corpo e ambos ficam a ganhar com a viabilidade desse processo: a consciência transforma-se em palavra e dá voz à identidade corpórea. O sentido que desabrocha dessa inter-relação, dado que é existência que veicula uma presença, estrutura uma dialéctica de acesso a um efectivo conjugar de uma disponível corporeidade (Primeira Parte), com uma pujante expressividade (Segunda Parte) e uma partilhada mundaneidade na revelação identificadora de um estilo (Terceira Parte).

Pelo corpo ganho acesso mundano, nele me comprometendo desse modo numa “posição privilegiada”. Esta abertura carregada de intencionalidade, permite-me deparar com o mundo e com um certo excesso que dele emana. É nele que eu me expresso e ele eu expresso, seja recorrendo a uma expressividade gestual, física, exteriorizada, seja por iniciar uma linguagem pioneira. A palavra, por sua vez, também também vai demonstrar ser possuidora de corporeidade. Sem existência corporal não seria, não teria, nem habitaria a realidade, mas ela própria é corpo expressivo. E embora seja uma realidade espontânea, possibilita o transcrever, em termos linguísticos, de uma estruturação do vivido na experiência. E para lá de ser apenas mais um instrumento de inserção no mundo, a palavra viabiliza que um sentido pessoal seja partilhado em todo o processo relacional e dinâmico de uma comunicabilidade visível, e se transforme num todo simbólico mas consistente. A conjugação corpo/palavra vai revelar-se como presença personalizada no mundo, mundo que cativa a minha perceptividade e dinamiza a própria palavra para lhe dar significado ao conjugar com o corpo o modo como me posiciono perante o mundo de significações mentais ou culturais que se encontram ao dispor e no qual me insiro. Revestir-se-á de mais ou menos autenticidade conforme manifestar verdadeiramente o sentido, feito de identidade e estilo, que exteriorizo no cenário de uma existência imersa em modulações experienciais. É, pois, propósito deste estudo evidenciar a raiz desta circularidade dialéctica, de modo a revelar na visibilidade da palavra a participação do corpo, e na concreticidade deste a invisibilidade falada

duma existência pessoal que se quer inserida numa mundaneidade efectiva, dado que a *filosofia livresca deixou de interrogar os homens*<sup>5</sup>.

Este trabalho assenta, metodologicamente, em três vectores de análise. Como prioridade metodológica procurar no pensamento pontyano, expresso no seu legado filosófico, um enquadramento coerente, rigoroso e ajustado à abordagem teórica proposta na temática deste estudo. Servirá então a obra do filósofo como *source* primordial onde beber inspiração dissertativa e simultaneamente como contraponto essencial que balize uma reflexividade pertinente, sugerida por uma leitura interessada e atenta dos seus escritos. Procurar-se-á manter em aberto um incontornável diálogo consequente com o filósofo, esperando que daí decorra um envolvimento efectivo com a genuína raiz do seu pensar de modo a, na irrupção do seu desvelamento reflexivo, se criarem condições para o germinar de diálises teóricas. Num segundo momento, cruzar-se-ão informações da leitura do filósofo com as leituras sobre o filósofo, na procura de semelhanças e diferenças, influências e orientações que justifiquem a procura, fomentem e enriqueçam um pensamento comum. Por último, e transversalmente a este desenrolar metodológico, tentarei fazer sobressair uma linguagem própria que evidencie uma reflexão pessoal, despoletada pelo contacto com a rica e inspirada raiz do pensar pontyano, e apoiada na convicção de que, quanto mais próximo da frescura que brota da obra do filósofo melhor se lhe pode reconhecer o seu efectivo contributo para esta dimensão tão próxima do respirar que é a racionalidade, que tem na sua semente de destino a ambição de ser partilhada.

---

<sup>5</sup> E.P., p. 45

# Capítulo I

## A PALAVRA DO CORPO

*Dizer que eu tenho um corpo é simplesmente uma outra maneira de dizer que o meu conhecimento é uma dialéctica individual na qual aparecem objectos intersubjectivos...*<sup>6</sup>

Maurice MERLEAU-PONTY

### I.1. A Emergência do Corpo Próprio

O tempo e o espaço são referências incontornáveis, mas *não nos satisfaz o facto de haver espaço e tempo e de os colocarmos um ao lado do outro através de um simples «e» - espaço e tempo -como se fossem cão e gato.(...) Espaço e tempo formam um quadro, um domínio-de-ordenação, com "a ajuda do qual fixamos e indicamos o espaço e o momento-de-tempo das coisas individuais*<sup>7</sup>. Como referências impossíveis de alheamento, são coordenadas que não se podem esbater para todo o corpo inserto no seu domínio, para todo o corpo que nelas se enquadre. O corpo é um ser-no-mundo, habita o mundo, essa *multiplicidade aberta e*

---

<sup>6</sup> SC., p. 230 “Dire que j'ai un corps est simplement une autre manière de dire que ma connaissance est une dialectique individuelle dans laquelle apparaissent des objets intersubjectifs...”

<sup>7</sup> HEIDEGGER, Martin, *Que é uma Coisa?*, Lisboa, Ed.70,2002,p.26/27

*indefinida*<sup>8</sup>, e, portanto, é delimitado espacio-temporalmente. O corpo como tal lança-se então para a mundaneidade, orienta-se na sua espacialidade existencial e posiciona-se permanentemente no cenário experiencial mundano porque *ser é sinónimo de ser situado*<sup>9</sup>. O espaço será o seu lugar de passagem bem como de todo o objecto visível. Não o lugar onde as coisas se dispõem, mas o lugar onde *a posição das coisas se torna possível*<sup>10</sup> e, portanto, o palco de todo o facto emergente. O espaço não é uma pura abstracção alojada num etéreo intuitivo, imaginá-lo *como uma espécie de éter no qual se banham todas as coisas*<sup>11</sup>. O tempo e o espaço são realidades concretas: o tempo na presença de uma corporeidade, o espaço nas raízes da mundaneidade *como poder universal das suas conexões*<sup>12</sup> objectais. Neste se insere o próprio espaço do corpo, esse *território que, como uma pele, prolonga o corpo para além dos seus contornos, o abre afectivamente e o leva a misturar-se com o espaço exterior e os outros corpos*<sup>13</sup>. Desse modo todo o corpo ganha identidade e coordenadas nessa inserção mundana. Se aparentemente é um objecto, tal como *uma coisa qualquer, por exemplo o número dois, a nota dó, o círculo, uma*

---

8 P.P., p. 85

9 Idem, p.291 “Il ne faut pas se demander pourquoi l’être est orienté, pourquoi l’existence est spatiale, pourquoi, dans notre langage de tout à l’heure, notre corps n’est pas en prise sur le monde dans toutes les positions, et pourquoi sa coexistence avec le monde polarise l’expérience et fait surgir une direction. La question ne pourrait être posée que si ces faits étalent des accidents qui adviendraient à un sujet et à un objet indifférents à l’espace. L’expérience perceptive nous montre au contraire qu’ils sont présupposés dans notre rencontre primordiale avec l’être et que l’être est synonyme d’être situé...”

10 Idem, p.281

11 Idem, p.281 “L’espace n’est pas le milieu (réel ou logique) dans lequel se disposent les choses, mais le moyen par lequel la position des choses devient possible. C’est-à-dire qu’au lieu de l’imaginer comme une sorte d’éther dans lequel baignent toutes les choses ou de le concevoir abstraitement comme un caractère qui leur soit commun, nous devons le penser comme la puissance universelle de leurs connexions.”

12 Idem, p.281

13 GIL, José, *Portugal Hoje. O medo de existir*, Lisboa, Relógio d’Água, 2004, p. 121

*proposição qualquer, um dado sensível*<sup>14</sup>, entre outras coisas, pois parecem feitos *do mesmo estofa*,<sup>15</sup> e possui a ‘sua’ grandeza e a ‘sua’ forma próprias<sup>16</sup>, porém, o corpo é algo mais. *O corpo não é um objecto*<sup>17</sup>. Mesmo ao nível mais elementar, o meu corpo *é ele próprio expressão sempre já nascente, seja na sensação, na motricidade, na sexualidade, na palavra...*<sup>18</sup> Na essência nem é um objecto possuidor e reduzido a um estatuto mundano. A experiência do corpo remete para uma transcendência que ultrapassa a simples factualidade mundana. Sem dúvida que o corpo próprio é primariamente pretexto para eu ganhar identidade mundana e como tal me permite o acesso à realidade exterior, e me possibilita um relacionar. Nesse sentido, *devemos recusar como abstracta toda a análise do espaço corporal*

---

<sup>14</sup> LYOTARD, Jean-François, *A Fenomenologia*, Lisboa, Ed.70, 2008, p.18

<sup>15</sup> O.E. p. 21

<sup>16</sup> P.P., p.345 “...une chose a des « caractères » ou des « propriétés » stables, et nous approcherons du phénomène de réalité en étudiant les constantes perceptives. Une chose a d'abord sa grandeur et sa forme propres sous les variations perspectives qui ne sont qu'apparentes.”

<sup>17</sup> *Idem*, p.231 “L'objet est objet de part en part et la conscience conscience de part en part. Il y a deux sens et deux sens seulement du mot exister : on existe comme chose ou on existe comme conscience. L'expérience du corps propre au contraire nous révèle un mode d'existence ambigu. Si j'essaye de le penser comme un faisceau de processus en troisième personne — « vision », « motricité », « sexualité » — je m'aperçois que ces « fonctions » ne peuvent être liées entre elles et au monde extérieur par des rapports de causalité, elles sont toutes confusément reprises et impliquées dans un drame unique. Le corps n'est donc pas un objet.”

<sup>18</sup> FONTAINE-DE VISSCHER, Luce, *Phénomène ou Structure? Essai sur le langage de Merleau-Ponty*, Bruxelles, Publications Universitaires Saint-Louis, 1974, p.43 “A tous ses niveaux, même le plus élémentaire, mon corps n'est jamais pur objet, toujours il s'organise en vue de, comme l'a montré abondamment *La structure du comportement*. IL est tout entier intentionnel; il tend à signifier, non par le détour d'une conscience pure, mais il est lui-même expression toujours déjà naissante, que ce soit dans la sensation, la motricité, la sexualité, la parole...”



*que só entra em linha de conta com figuras e pontos*<sup>19</sup>. Porém, embora para mim não houvesse espaço se eu não tivesse corpo<sup>20</sup>, este não se reduz ao estatuto de simples, e mais um, objecto. Pelo contrário, trata-se de uma realidade física complexa, com peso, poder, órgãos justapostos, paralelos e perpendiculares. Não será um objecto mas uma máquina viva, a cuja funcionalidade, embora meu corpo próprio, sou alheio. Há toda uma unidade que transborda dessa complexidade orgânica e que eu sinto permanentemente. Há algo que dá e mantém consistente essa unidade configurada em factores de ordem fisiológica, psíquica e social, num *esquema corporal*<sup>21</sup>, permanente e visível, na linguagem do meu corpo que se situa no mundo. Com efeito, impressões e sensações a todo o momento nos afectam e essa vivencialidade é traduzida na linguagem de um *esquema corporal* que reflecte o modo como eu arranjo essa experiência na minha corporeidade. Comer uma maçã e colher uma maçã são acções distintas. Os gestos que vivencio não têm raiz na realidade exterior, têm-na no espaço interior onde se cruzam sensações de prazer, de sabor, de esforço, de motricidade, de equilíbrio, de satisfação. O *esquema corporal* evidencia essa experiencialidade corporal carregada de significado e de uma identidade que me permite reconhecer a imagem dos gestos e a expressão do corpo na tela do espaço exterior. É uma identidade feita de morfologia, de emotividades corporais e de referências espaciais de cada parte do meu corpo, de todas as partes do meu corpo entre si, de todo o meu corpo, como *forma* direccionada para as

---

19 P.P., p.117 “On doit donc récuser comme abstraite toute analyse de l’espace corporel qui ne fait entrer en compte que des figures et des points puisque les figures et les points ne peuvent ni être conçus ni être sans horizons.”

20 *Idem*, p.119

21 *idem*., p.117 “En dernière analyse, si mon corps peut être une « forme » et s’il peut y avoir devant lui des figures privilégiées sur des fond indifférents c’est en tant qu’il est polarisé par ses taches, qu’il existe vers elles, qu’il se ramasse sur lui-même pour atteindre son but, et le « schéma corporel » est finalement une manière d’exprimer que mon corps est au monde.”

*figuras privilegiadas sobre fundos indiferentes*<sup>22</sup> nas coordenadas exteriores. A gestão dessas informações reflecte-se então num *esquema corporal* sempre presente e sempre ausente. Sempre ausente no sentido em que o que não é evidenciado o pode vir a ser. O *esquema corporal* revela-se de um determinado modo, mas pode revelar-se de um outro modo, se assimilar novas estruturas comportamentais ou se assumir outros modelos posturais, pois o corpo mobiliza-se no espaço e na temporalidade mundanas. E fá-lo com eventuais prolongamentos objectais que ampliam o conhecimento, a espacialidade, a cinestesia: gps, sonar, radar, microscópio, infra-vermelhos... É a própria visibilidade exterior que se torna mais visível e se faz mais presente. O *esquema corporal* integra todas as partes do meu corpo num todo global, ilustrado no modo como percorre momentos e circunstâncias variadas, atribuindo-lhes uma importância ajustada, tendo em conta as solicitações exteriores e as necessidades interiores do próprio corpo, fornecendo *um resumo da nossa experiência corporal, capaz de dar um comentário e uma significação à interoceptividade e à proprioceptividade do momento*<sup>23</sup>.

O *esquema corporal* possibilitando *uma tradução permanente em linguagem visual das impressões cinestésicas e articulares do momento*<sup>24</sup>, integra num significativo *sistema de equivalências*, todas as diferentes tarefas motrizes

---

22 P.P., p.117

23 *Idem*, p.114 “On entendait d'abord par « schéma corporel » un résumé de notre expérience corporelle, capable de donner un commentaire et une signification à l'intéroceptivité et à la proprioceptivité du moment.”

24 *Idem*, p.115 “Il devait me fournir le changement de position des parties de mon corps pour chaque mouvement de l'une d'elles, la position de chaque stimulus local dans l'ensemble du corps, le bilan des mouvements accomplis à chaque moment d'un geste complexe, et enfin une traduction perpétuelle en langage Visual des impressions kinesthésiques et articulaires du moment. En parlant du schéma corporel, on ne croyait d'abord introduire qu'un nom commode pour désigner un grand nombre d'associations d'images et l'on voulait seulement exprimer que ces associations étaient fortement établies et constamment prêtes à jouer.”

executadas pelo corpo nessa inserção no real. E este *esquema corporal* não se refere tanto à dinâmica interna motora na sua conexão fisiológica, mas mais à conexão dos movimentos do corpo com a realidade experiencial que a despoleta, uma vez que o corpo se enquadra e ganha raízes nas coordenadas da mundaneidade, nessa experiencialidade que é a razão da sua manifestação. Não sendo pois mais um elemento objectal inerte e anónimo, o corpo *está sempre lá*<sup>25</sup> na paisagem mundana, circunscrito à realidade das coordenadas espaço-temporais. É uma existência em movimento que dá a revelar *qualquer coisa de angustiante para cada um de nós no apreender ao vivo esta criação incansável de existência de que nós não somos criadores. Neste plano, o homem tem a impressão de se escapar incessantemente, de se extravasar, de se surpreender com uma riqueza sempre inesperada*<sup>26</sup>... Assim é porque somos permanentemente confrontados com a realidade e não nos limitamos a ser um “aqui e agora” inócuo de *coisa inerte*<sup>27</sup> num presente *que perdura aparece como um «agora» alargado*<sup>28</sup>. Mesmo que alheados, a realidade não deixa de ser um pólo referenciador do nosso alheamento e, portanto, essa aparente recusa não o é, é mais uma não-aceitação que, mesmo que queira ignorar, não esbate a relação apenas evidencia a nossa opção. E isto já é da esfera da nossa consciência livre, confrontada com a rigidez do determinismo exterior. É nesse sentido que o nosso

---

25 P.P., p.108

26 SARTRE, Jean-Paul, *A Transcendência do Ego*, ed. Colibri, Lisboa, 1994, p.79

27 P.P., p.99

28 ARENDT, Hannah, *A Vida do Espírito – vol.II - Querer*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000, p.19 “... as actividades do espírito, e em especial a actividade de pensar, estão sempre deslocadas quando vistas da perspectiva da ininterrupta continuidade dos nossos afazeres no mundo das aparências. Aí, a cadeia de «agoras» rola incessantemente, de tal maneira que o presente é compreendido como unindo precariamente o passado ao futuro: no momento em que tentamos capturá-lo, ele é quer um «já não» quer um «ainda não». Dessa perspectiva, o presente que perdura aparece como um «agora» alargado – uma contradição nos termos – como se o eu pensante fosse capaz de estender o momento e assim produzir uma espécie de *habitat* especial para si próprio.”

corpo habita o espaço e não se limita a ser mais uma peça inerte e descartável do puzzle mundano ao sabor de circunstâncias casuais e causais. Possui uma carga existencial, uma espontaneidade própria e uma *permanência absoluta*<sup>29</sup>. Mediante o *esquema corporal*, o meu corpo como “ser-no-mundo”, insere-se no mundo exterior, dimensiona-se de acordo, e revela uma consciência, a qual se projecta como intencionalidade num *puro acto de significação*<sup>30</sup>. Mas essa relação não é gratuita. Nada é grátis na vida. Naturalmente exige compromisso. O corpo, *o ponto zero no qual se abre um mundo e outros*<sup>31</sup> possui órgãos estáveis e circuitos próprios para assumir o compromisso mundano. Terá de começar por abdicar de alguma da sua espontaneidade para se integrar na mundaneidade, porque a realidade não está vocacionada para materialmente o acolher e dela ele dispor. Irá encontrar obstáculos e limitações a superar, de ordem física, social, cultural. O que ganha com essa concessão?

Em primeiro lugar, um espaço próprio identificador, simultaneamente *mental e prático*<sup>32</sup>: o corpo no meio dos objectos sensoriais é diferente desses objectos sensoriais. *Tudo se passa como se nós vivêssemos num mundo em que os objectos, além das suas qualidades de calor, odor, forma, etc.,etc.,tivessem as de repulsivo, atractivo, encantador, útil, etc.,etc., e como se essas qualidades fossem forças que*

---

29 P.P. , p.108

30 *Idem* , p.141 “Des qu’il y a conscience, et pour qu’il y ait conscience il faut qu’il y ait une quelque chose dont elle soit conscience, un objet intentionnel, et elle ne peut se porter vers cet objet qu’autant qu’elle s’ « irrealise » et se jette en lui, que si elle est tout entière dans cette référence à... quelque chose, que si elle est un pur acte de signification.”

31 O’NEILL, John, *Perception, Expression and History*, Northwestern University Press, Evanston, 1970, p.42

32 P.P., p.103”...c’est en renonçant à une partie de sa spontanéité, en s’engageant dans le monde par des organes stables et des circuits préétablis que l’homme peut acquérir l’espace mental et pratique qui le dégagera en principe de son milieu et le lui fera ‘voir’.”

*exercem sobre nós certas acções*<sup>33</sup>. São estes que espicaçam um diálogo: eles dão-me informações, eu elaboro representações, compreendo e altero eventualmente a sua espacialidade. Porque toda *a coisa não é senão uma determinação tardia, relativa. O que existe à volta de nós é o Mundo*.<sup>34</sup> O que as coisas possuem entre si não passam de exterioridades. São objectos exteriores na exterioridade da minha subjectividade, que não têm consciência de si, nem dessa sua exterioridade. *Em caso algum a minha consciência poderia ser uma coisa, pois o seu modo de ser em si é precisamente um ser para si. Existir, para ela, é ter consciência da sua existência*<sup>35</sup>. Se as coisas estão disponíveis ao (re)conhecimento, o mesmo não se passa com o meu corpo que não é *acessível a uma inspecção ilimitada*<sup>36</sup>. Entre as coisas não há relações ou inter-relações entre si. Mas no meu corpo, as suas partes são próximas, íntimas, integradas num *corpo habitual*<sup>37</sup>, necessariamente presentes e inter-dependentes num todo.

---

<sup>33</sup> SARTRE, Jean-Paul, *o.,c.* p.57

<sup>34</sup> HEIDSLECK, François, *L'Ontologie chez Merleau-Ponty*, Paris, PUF, 1971, p.53

<sup>35</sup> SARTRE, Jean-Paul, *A Imaginação*, Difel, Lisboa, s/d, p.7

<sup>36</sup> S.C., p.230 “...le phénomène de mon corps (...) Ce qui le différencie des choses extérieures, même telles qu'elles se présentent dans la perception vécue, c'est qu'il n'est pas comme elles accessible à une inspection illimitée. Quand il s'agit d'une chose extérieure, je sais qu'en changeant de place je pourrais voir les côtés qui me sont cachés, — en occupant la position qui était à l'instant celle de mon voisin, je pourrais obtenir une vue perspective nouvelle et en faire un compte rendu verbal qui concorderait avec la description que mon voisin donnait à l'instant de l'objet. Je n'ai pas la même liberté envers mon corps. Je sais bien que ne verrai jamais directement mes yeux, et que, même dans un miroir, je ne puis saisir leur mouvement et leur expression vivante. Mes rétines sont pour moi un inconnaissable absolu. Après tout, il n'y a là qu'un cas particulier du perspectivisme de la perception. Dire que j'ai un corps est simplement une autre manière de dire que ma connaissance est une dialectique individuelle dans laquelle apparaissent des objets intersubjectifs, que ces objets, quand ils lui sont donnés dans le mode de l'existence actuelle, se présentent à elle par des aspects successifs et qui ne peuvent coexister, qu'enfin l'un d'eux s'offre obstinément « du même côté », sans que j'en puisse faire le tour.”

<sup>37</sup> P.P., p.103



Em segundo lugar, esse corpo íntegro, na sua constituinte parcialidade, não está remetido para a circunstância limitativa de se situar num espaço. Se, aparentemente, ele constitui perceptivamente a particularidade de ser objecto, de ocupar um espaço objectal, porém ele é a referência absoluta de todos os objectos que com ele ocupam, numa permanência relativa, o cenário de fundo espacial. Onde reside a diferença? É que o meu corpo não é um objecto somativo e perdido, embora situado nas coordenadas tridimensionais. Ele manifesta um movimento próprio, o movimento da existência que nele se personaliza, nesse *vai-e-vem da existência que tanto se deixa ser corporal como se refere aos actos pessoais*<sup>38</sup>. Sem dúvida que o corpo possui uma forma e é figura no fundo indiferente mundano. Esse estatuto corporal, constituído tal como as coisas por *caracteres ou propriedades estáveis*<sup>39</sup>, permite-me referenciar as coisas exteriores em relação a mim próprio. É verdade que até essas coisas exteriores que parecem imutáveis na sua permanência real podem e sofrem alterações e *variações perceptivas*<sup>40</sup> e revelam uma certa fluidez na sua concreticidade bem como a possibilidade de mudança na *sua* grandeza e na *sua* forma, pois o que é afinal *uma coisa*? Resposta: *uma coisa é o suporte subsistente de diversas propriedades, que nela subsistem e se modificam*<sup>41</sup>. Mas estas disposições são sempre consequências sem causas próprias, são resultado de condições que não controlam. O mesmo não acontece com o meu corpo. Na sua forma própria, tem algo mais, uma auto-mobilidade acrescida, feita de possibilidade de me orientar na intersecção das coisas no espaço sensorial. Se o meu corpo também ele próprio está sujeito à mutabilidade, não o é, desse modo, tal como uma

---

38 P.P., p.104 “L’homme concrètement pris n’est pas un psychisme joint à un organisme, mais ce va-et-vient de l’existence qui tantôt se laisse être corporelle et tantôt se porte aux actes personnels.”

39 *Idem*, p.345

40 *Ibidem*

41 HEIDEGGER, Martin, *Que é uma Coisa?*, Lisboa, E.70, 2002, p.41

coisa<sup>42</sup>. Não é inerte. Incarna o verbo *viver*<sup>43</sup> porque ele próprio é uma visível existência e, a partir desse ‘viver’ (*leben*), a partir dessa *operação primordial*, torna-se possível ‘viver’ (*erleben*) *tal ou tal mundo*.<sup>44</sup> Com efeito, ser no mundo, é estar no mundo de um modo situado, presente nele, num sítio dele. Mas se os objectos também o são, são-no sem a capacidade de auto-deslocação, sem poder motriz, sem auto-regulação. E no caso de seres animais animados, sem consciência de si e da sua própria presença. Os objectos mundanos habitam uma fixidez de existentes aprisionados numa natureza real e espacial que difere radicalmente da natureza do meu corpo. Como vimos, este não ocupa o espaço do mesmo modo. Se o movimento se revela inflexível e determinista quando se dimensiona ao mundo natural, instintivo, já é criativo, prodigioso e livre, quando enquadrado num contexto civilizacional e cultural humano. Alia-se, a este nível, à subjectividade e, desse modo, ganha sentido porque se faz abstracto e representativo. E isto só acontece porque nos é possível conhecê-lo, concebê-lo, como veremos.

Em terceiro lugar, ao contrário dos objectos mundanos, o meu corpo, é um existente que solicita existência para a existência orgânica que possui. Mais do que fazer parte do espaço mundano, o meu corpo habita esse espaço presente, embora ele não se possa observar *pois ele é suposto em toda a observação* e não se veja *sair de nenhuma operação constituinte, pois é essencial estar já constituído*”<sup>45</sup>. E ao fazê-

---

42 DE WAELEHENS, Alphonse - Une philosophie de l’ambigüité, p.67 “Il manque donc au corps, pour être vraiment ‘chose’ (...) de se trouver dans le réel comme un de ses éléments.”

43 P.P., p.231 “Qu’il s’agisse du corps d’autrui ou de mon propre corps, je n’ai pas d’autre moyen de connaître le corps humain que de le vivre, c’est-à-dire de reprendre à mon compte le drame qui le traverse et de me confondre avec lui.”

44 *Idem*, p.186 “‘vivre’(leben) soit une opération primordiale à partir de laquelle devient possible de ‘vivre’ (erleben) tel ou tel monde”

45 *Idem*, p.294 “...l’espace est assis sur notre facticité. Ce n’est ni un objet, ni un acte de liaison du sujet, on ne peut ni l’observer, puisqu’il est supposé dans toute observation, ni le voir sortir d’une opération constituante, puisqu’il lui est essentiel d’être déjà constitué...”

lo, toma consciência da realidade inter-conectiva entre ele e os objectos e dos objectos entre si, e atribui naturalmente significações. É um ser consciente num ser sem consciência - o espaço mundano, essa dimensão observável sem se objectivar, sem limites, sem posição, referência sem o referir, sem localização na sua integral localização, *que pode dar magicamente à paisagem as suas determinações espaciais sem jamais aparecer ele mesmo*.<sup>46</sup> O espaço, realidade que não exige consciência de si nem consciência de alguém, não deixa de ser presença e enquadramento presencial. Como uma coisa, sendo que coisa não é. Contém tudo, sem de nada se apoderar. Contém todos os objectos e não é objecto. Contém todos os sujeitos e não é sujeito. É presença que não se observa presente e não deixa de ser se dele não falarmos. É uma presença ausente, mas sempre presente, mesmo quando dela conscientemente não nos apercebemos. Poderia até ocorrer que essa presença nunca fosse consciencializada que, porém, não o deixava de ser. Porque um fundo sem forma, na forma do mundo. E forma sem forma, do fundo. Fundo que é forma de todas as formas. Presente a toda a observação e simultaneamente alheio a toda a observação. Mas essa observação só é possível porque tenho um corpo que me permite afirmar e reconhecer essa dimensão espacial. Sinto-me nele como corpo, compreendo a sua realidade e vivo a minha existência na sua existência. Existência do espaço que começa por me surgir sob a forma de um conceito, já que a sua realidade não é palpável. Conceito de algo que contém o real, as coisas do mundo. E como tal de uma existência indirecta que não deixa de ser a de um existente com o qual o meu corpo próprio, outro existente, com ele se cruza, se implica, se relaciona organicamente, coexiste em termos de *largura, altura e profundidade*.<sup>47</sup> O meu

---

<sup>46</sup> P.P., p.294

<sup>47</sup> *Idem*, p.318“...les parties de l'espace, selon la largeur, la hauteur ou la profondeur, ne sont pas juxtaposées, qu'elles coexistent parce qu'elles sont toutes enveloppées dans la prise unique de notre corps sur le monde...”



corpo próprio, um volume corpóreo que se enquadra nas coordenadas espaciais e conjuga verticalidade com horizontalidade, proximidade com afastamento, paralelismo com intersecção, não é reflexo de apenas uma realidade objectiva que faz o seu enquadramento no espaço *aberto e indefinido onde me situo*<sup>48</sup>. É algo mais do que isso, é experiencialidade própria que se projecta para lá de uma concreticidade objectal de corpo próprio. Não é apenas um corpo situado no espaço, de um corpo que ganha consciência desse espaço; é consciência viva na mundaneidade desse espaço. Não se limita a situar-se espacialmente no mundo. Não decalca, mas reinventa-o e recria-o. E na senda desse processo, pelo corpo me apercebo do conteúdo que habita o mundo, porque ele *é o meu poder geral de habitar todos os meios do mundo, a chave de todas as transposições e de todas as equivalências*<sup>49</sup>, as coisas a que o espaço dá guarida, os planos que geometrizam enquadramentos, perspectivas, profundidades e fazem do espaço verdadeiro cenário existencial.

Em quarto lugar, o meu corpo assume uma relação mundana. Com efeito, a paisagem sensorial que me rodela revela-me toda uma miríade de objectos que se interceptam e se dão a uma representação em mim. Nesse sentido, cria-se entre o meu corpo e os objectos, uma certa relação dialógica, na medida em que eles se dão a conhecer a mim, e eu ao fazer deles uma representação, permito que se crie uma interdependência. Por arrastamento, este espaço que se me oferece em representações despoleta na minha subjectividade a criação de outros espaços que originam novas cadelas de *relações orgânicas*<sup>50</sup> e inter-relações, localizações e espacialidades. Contudo, se as inter-relações que os objectos possuem entre si são exterioridades puras, uma vez que por um lado não têm consciência delas e por outro, são alheios uns aos outros, isso curiosamente começa também por se verificar

---

48 P.P., p.351

49 *Idem*, p.359 “...mon corps est mon pouvoir général d'habiter tous les milieu du monde, la clé de toutes les transpositions et de toutes les équivalences...”

50 *Idem*, p.291

no que diz respeito às partes constituintes do meu corpo. Permanentemente presentes na sua intimidade próxima, a sua presença é habitual e de um modo dependente. Trata-se de uma integridade orgânica a que se aloja na existência do meu corpo. Em termos objectivos, a sua exterioridade, localiza-se num espaço *como fragmento do espaço*<sup>51</sup> e, enquanto tal, pode ser referenciado naturalmente por um observador exterior. Porém, a minha presença, aparentemente uma presença objectal na exterioridade espacial, é mais uma presença de um existente cuja corporeidade só se conhece se se viver<sup>52</sup>. E se essa existencialidade é referenciada no espaço exterior em termos de coordenadas, já em termos de espaço interior do meu corpo próprio essas referências são feitas automaticamente e provam que a natureza do corpo transcende a natureza objectal. Se jogo rugby, após uma aprendizagem inicial, o meu corpo assume naturalmente as posições, os ângulos de ataque, a força a empregar, os efeitos a dar à bola, a consistência... É a gestão dos movimentos e a coordenação motora e espacial a decorrerem com naturalidade e integradas num automatismo adquirido assimilado. É tão automática esta coordenação física, que há necessidade de um observador exterior, na figura de um técnico ou treinador, para otimizar e corrigir possíveis alterações. Mas o modo como estabeleço a relação contextual mundana não deixa de evidenciar um modo muito pessoal de ser, diferente de todos os outros. Resulta e dá-se numa perspectiva individual que felizmente ainda não foi nivelada pela ciência ou pelo saber em geral, o que me permite que a vivência que dele faço seja assumida como conquista pessoal que aumenta o meu índice de existência, já que o corpo é sempre *agente*<sup>53</sup>. Eu, ser existente, um corpo num espaço dado, vivendo a mundaneidade oferecida, nesta mergulhando a minha

---

<sup>51</sup> P.P., p.119

<sup>52</sup> *Idem*, p.231

<sup>53</sup> *Idem*, p.351 “...la perception du monde n'est qu' une dilatation de mon champ de présence, elle n'en transcende pas les structures essentielles, le corps y reste toujours agent et n'y devient jamais objet.”

própria existência que associada ao conhecimento que daí individualmente ganho, em si me faz projectar a minha própria individualidade. Isso não é, de modo algum, acessível a um objecto. Nenhum objecto estabelece um enquadramento espacial semelhante. Não tem consciência das relações que se estabelecem entre si e tudo o resto, incluindo o meu corpo próprio. A espacialidade objectal mundana ganha sentido numa relação orgânica, nessa *espécie de diálogo*<sup>54</sup> implícito com o meu corpo que, simultaneamente, se apercebe que essa relação é povoada de duas espacialidades: uma externa, outra interna. Com efeito, o espaço tanto habita a realidade exterior como a realidade orgânica interior corpórea. Um espaço exterior e um espaço interior que formam a realidade de um *espaço mental e prático*<sup>55</sup>. Se o primeiro é o cenário das formas que o informam, incluindo o meu corpo, o segundo é uma referência existencial daquele. Existencial porque activa, consciente, móvel e mobilizadora.

Em quinto lugar, ao juntarmos a consciência perceptiva à consciência existencial adquirimos uma capacidade intencional na mobilidade corpórea, enquadrada no palco mundano que agora se referencia como fixo. À imobilidade espacial dos objectos exteriores, opõe-se a minha própria mobilidade espaço-temporal. Percepciono mediante o meu corpo, que é espacialidade não-permanente mundana, não-fixo, não-estático, livre de ocupar lugares espaciais os mais distintos. Assim, o corpo referencia-se nas coordenadas espaciais mas habita o espaço de um modo activo, vive-o, vivencia-o. A fixidez geométrica da tridimensionalidade espacial objectiva e de acordo com os cânones universais opõe-se o movimento existencial do corpo próprio e em cuja análise sobressai o modo como este se apodera conscientemente da realidade exterior é algo mais do que consciência,

---

54 P.P., p.369/370 “Les relations entre les choses ou entre les aspects de les choses étant toujours\_ médiatisées par notre corps, la nature entière est la mise en scène de notre propre vie ou notre interlocuteur dans une sorte de dialogue. Voilà pourquoi en dernière analyse nous ne pouvons pas concevoir de chose qui ne soit perçue ou perceptible.”

55 *Idem* , p.103

conhecimento puro. Assim se revela o espaço corporal como sendo algo mais do que simples consciência. A sua mobilidade mundana configura-o como possuidor de algo mais: um propósito voluntário e direccionado. Ele não se desloca no espaço como um objecto movido a pilhas, unidireccional ou omnidireccional casual e sem nexos, em trajecto de *puras transições*<sup>56</sup>. O nosso corpo não é um objecto físico estático, um todo objectivo que se move. A sua acção é teleológica, move-se com um objectivo, um propósito. É um *corpo fenomenal*<sup>57</sup>, fenómeno num mundo de coisas que *são e estão dadas em si mesmas no fenómeno (Erscheinung) e em virtude do fenómeno*<sup>58</sup>, mas que unilateralmente os percebe, os escolhe, a eles se dirige. Cria situações, hierarquiza valores e ensaia (re)soluções.

Resumindo, então, o nosso corpo não é um simples objecto, não é um simples ser móvel, não é um objecto com consciência, não é um ser de relação. É tudo isso conscientemente intencional, é uma consciência intencional. O corpo coexiste com o espaço que o alberga, implicando-se mutuamente e essa co-implicação é dinâmica,

---

<sup>56</sup> P.P.,p.318 “Si nous voulons prendre au sérieux le phénomène du mouvement, il nous faut concevoir un monde qui ne soit pas fait de choses seulement, mais de pures transitions. Le quelque chose en transit que nous avons reconnu nécessaire à la constitution d'un changement, ne se définit que par sa manière particulière de « passer ».

<sup>57</sup> *Idem*,p.123“Ce n'est jamais notre corps objectif que nous mouvons, mais notre corps phénoménal, et cela sans mystère, puisque c'est notre corps déjà, comme puissance de telles et telles régions du monde, qui se levait vers les objets à saisir et qui les percevait.”

<sup>58</sup> HUSSERL, Edmund, *A Ideia de Fenomenologia*, Lisboa, Ed.70, 2008,p.31 “...as coisas são e estão dadas em si mesmas no fenómeno (Erscheinung) e em virtude do fenómeno; são ou valem, claro está, como individualmente separáveis do fenómeno, na medida em que não importa este fenómeno singular (a consciência de estar dada), mas essencialmente são dele inseparáveis. Mostra-se, pois, por toda a parte, esta admirável correlação entre o ‘fenómeno do conhecimento’ e o ‘objecto de conhecimento’.”

flutuante, de isolamento, de abertura, potencialmente virtual ou real. Ao situar-se no espacialidade mundana fica naturalmente receptivo aos estímulos exteriores que o banham. E é automático o seu reconhecimento quer da sua localização quer dos contextos situacionais que se lhe apresentam. Pode inclusive ser accionado por estímulos não da ordem do concreto mas do virtual. Seja qual for a fonte, o apelo mundano desperta a acção, ela própria é acção, eu próprio sou um ser de acção autónoma. Mas em rigor, a espacialidade mundana não é só feita de coisas inertes, porque as próprias coisas podem sofrer deslocação. Não é só o nosso corpo que potencia acção, são as coisas que podem ser potenciadas de acção, embora nestas a acção não radique em si, mas em algo impulsionador ou na acção de alguém director, podendo sofrer deterioração ou desgaste e, consequentemente, deixar de sofrer o condicionamento.

Todo este jogo fenoménico e mundano, em configurações espaciais permanentes e apelativas, dá-se à nossa consciência. Mas a consciência não é só consciência do mundo, é também consciência de si própria e reconhece-se como reflexão. Mas não se trata de uma forma vazia. Enquanto forma terá necessidade de um conteúdo que a preencha. Feita de um *tecido de intenções*<sup>59</sup> direccionada para o mundo que a emprenha de conteúdo, exige pois o mundo como seu complemento, como pólo de relação, sempre presente, que se dá presente, que se faz uma constância presente. Nesse despoletar, a consciência faz-se ela própria retribuição e a ele se dirigirá igualmente. A consciência é assim movimento para, *é necessário que haja aí qualquer coisa de que ela se torne consciente, um objecto intencional*<sup>60</sup>.

---

59 P.P.p. 141 “Si un être est conscience, il faut qu'il ne soit rien qu'un tissu d'intentions. S'il cesse de se définir par l'acte de signifier, il retombe à la condition de chose, La chose étant justement ce qui ne connaît pas, ce qu'il repose dans une ignorance absolue de soi et du monde, ce qui par suite n'est pas un 'soi' véritable, c'est-à-dire un 'pour soi', et n'a que l'individuation spatio-temporelle, l'existence en soi.”

60 *Idem*, p.141 “Des qu'il y a conscience, et pour qu'il y ait conscience il faut qu'il y ait une quelque chose dont elle soit conscience, un objet intentionnel, et elle ne peut se porter vers cet objet qu'autant qu'elle s' « irrealise et se jette en lui, que si elle est tout entière dans cette référence à... quelque chose, que si elle est un pur acte de signification.”

Tal como *as vivências cognitivas - e isto pertence à essência - têm uma 'intentio', visam (meinen) algo, referem-se, de um ou outro modo, a uma objectalidade*.<sup>61</sup> Mobiliza-se então para sair de si e encontrar a realidade fenoménica, porque necessita de se completar, precisa de *uma estabilidade que lhe falta*.<sup>62</sup> E para isso tem que sair de si, ir ao encontro, assimilar e regressar a si. Agora mais rica, mais preenchida, mais informada. Há assim uma relação apodíctica que o movimento da consciência revela, entre uma consciência que tem a intenção de conhecer, decorrente da *tenção e o desejo, filogeneticamente e ontogeneticamente ligados à sobrevivência*,<sup>63</sup> e um mundo que tem conteúdos para se dar a conhecer. É uma relação própria, inquebrável, sustentada, permanente, entre uma consciência e o mundo. O corpo próprio, a partir desta relação que se faz profícua de significação devido ao sentido que a consciência revela, como sentido de um ser, ganha o estatuto devido. O estatuto não de uma coisa inerte e ignorante de si e do mundo, individualmente espacializado no tempo, mas de um ser que se revê numa consciência intencional e se projecta numa dimensão existencial. Se uma coisa não

---

<sup>61</sup> HUSSERL, Edmund, *o.c.*, p.81 “As vivências cognitivas - e isto pertence à essência - têm uma *intentio*, visam (*meinen*) algo, referem-se, de um ou outro modo, a uma objectalidade. É próprio delas referir-se a uma objectalidade, mesmo se a objectalidade lhes não pertence. E o objectal (*Gegenständlich*) pode aparecer, pode ter, no aparecer, um certo dar-se, enquanto que ele, não obstante, não está como ingrediente (*reell*) no fenómeno cognitivo, mas é em mais nenhum sentido *cogitatio*.”

<sup>62</sup> SNS., p.127 “Toute conscience est conscience de quelque chose, le mouvement vers les choses nous est essentiel et la conscience cherche en elles comme une stabilité qui lui manque.”

<sup>63</sup> GIL, Fernando, *O Processo da Crença*, Lisboa, Gradiva, 2004, p. 430 “... a acção e a tenção são frequentemente potenciais e virtuais (em muitas crenças elas situam-se num grau zero) e nas crenças animais e algumas crenças humanas o desejo orienta-se só ou quase só pelas pulsões articulando-se directamente com a sobrevivência. E também complicar-se: as crenças pressupõem e remetem para outras crenças, *ad infinitum*, e elas «sublimam-se», também sem limiar superior. A tenção e o desejo, filogeneticamente e ontogeneticamente ligados à sobrevivência, transmutam-se em finalidades e anseios abstractos, por exemplo a vontade de conhecer.”

se conhece a si própria, não se reconhece a si própria, é ignorância de si e do mundo, não ultrapassa a existência que nela se dá. Mas o corpo próprio que possui consciência, que é consciência e que tem o poder de atribuir significação à sua individualidade espaço-temporal, assume, de facto, o estatuto de um ser verdadeiro. E isto porque o movimento da consciência, na sua natureza projectiva acaba por dar significado, dar um sentido, estabelecer um nexos e, nessa medida, não pode então deixar de se *definir pelo acto de significar*<sup>64</sup>, perante os dados sensíveis de que se apodera. E fá-lo porque lhes descobre uma essência, reconhece uma forma identificadora, a sua identidade própria. Se a consciência faz parte do mundo, por outro lado ela é complemento enriquecedor da própria extensidade do mundo. Recebe, recria e amplia a realidade humana. Nesse sentido não é só parcela extensa do mundo, como é criadora da própria extensão mundana. Essa criação é possível porque a consciência se faz reflexão e vice-versa. Consciência e reflexão são parentes próximos: a consciência que reflecte, é reflexão consciente pois a *reflexão tem como tarefa não o reproduzir uma segunda vez o estado primitivo, mas de o observar e de lhe explicitar o conteúdo*<sup>65</sup>. Dão lugar uma à outra. Pela reflexão, a consciência reflecte e reflecte-se em si. Porém, nada disto era possível, se a consciência no seu movimento intencional de se dirigir ao mundo e dele se apropriar cognitivamente, não tivesse um elemento intermediário. Esse intermediário é o corpo. É este que permite que todo esse processo de consciência tenha realidade na realidade. É o corpo que permite a concreticidade da consciência. Pelo corpo, a consciência projecta-se na realidade fenoménica e desse modo ganha ela própria realidade.

Mediante o corpo, a consciência procura e atribui significações às realidades vivenciais quer pessoais, quer mundanas. Fá-lo de uma forma dinâmica, uma vez

---

<sup>64</sup> P.P.p.141

<sup>65</sup> HUSSERL, Edmund, *Meditações Cartesianas*, Lisboa, Res, s/d, p.48

que tem um suporte físico que lhe permite essa inserção nos mundos físico e cultural.

Mediante o corpo, a consciência não limita a sua natureza à natureza solipsista de um *cogito*, fechado no aprisionamento de uma reflexão autista.

Mediante o corpo, a consciência salta para uma outra dimensão, da dimensão do próprio corpo, do espaço corporal, e do espaço pensado ou formalmente representado, para a dimensão do espaço físico concreto, dimensionado em coordenadas espaciais, da corporeidade mundana da objectividade espacial e da fundamentalidade do movimento. Movimento este já não entendido como pensamento de movimento, mas ele próprio movimento real, exterior à *cogitatio*.

Mediante o corpo, os conteúdos da consciência, não são puras conceptualizações de um real virtual, dimensionadas às fasquias limitativas desse mesmo *cogito*. Não, são informações reais, dimensionadas em coordenadas objectivas e captadas perceptivamente pelos órgãos sensoriais do corpo. É assim o corpo que permite a promissora relação consciência/mundo.

Mediante o corpo, a consciência vê veiculada a fecundidade do seu labor quando mergulha no mundo e disso faz um hábito.

Esta dinâmica permanente, passa por esse contributo que o corpo próprio permite, enquanto intermediário privilegiado da exteriorização e exterioridade da própria consciência. Exteriorização porque a dirige a um mundo, exterioridade porque a faz presença real nesse mesmo mundo. A exteriorização dá lugar à expressão na experiencialidade fáctica, a exterioridade permite uma permanente imersão no mundo. Contamos para essa inserção física complementar da nossa existência consciente da e na mundaneidade, permanente e expressiva, com duas



capacidades do corpo próprio: a visão e o movimento, *já que o meu campo visual obtém de mim, sem cálculo, reacções motrizes*<sup>66</sup>. O que permitem?

A visão permite conhecer e reconhecer um universo de objectos que, por esse meio perceptivo, se fazem presentes a nós na sua realidade objectal concreta e, desse modo, se revelam.

O movimento do corpo, na sua motricidade de corpo e, portanto, de objecto, embora um objecto activo, visa os outros objectos circundantes, *é mobilizado por situações reais que o atraem*, mas pode igualmente virar as costas ao mundo, *prestar-se a experiências e, em termos gerais situar-se no virtual*<sup>67</sup>. Enquadrado nas coordenadas espaciais e num espaço de outros corpos, outros objectos, o corpo move-se e percorre essas coordenadas e esse espaço de seres, possuidor de uma motricidade própria decorrente do facto de ser corpo entre corpos que atraem, solicitam à acção e à reacção.

São duas maneiras específicas e privilegiadas de nos relacionarmos com o mundo e os seus objectos. Por um lado, a visão espacializa e temporaliza qualquer objecto no mundo que assim se mostra a mim e me torna visível entre seres e coisas visíveis do universo mundano. Por outro lado, o movimento, uma vez que é o movimento do corpo, situado entre outros corpos e coisas, direcciona-me e orienta-me entre eles. Sal guarde-se que *a visão nunca é segura do seu movimento, o visível está sempre para cá ou para lá de si mesmo; da sua indeterminação se*

---

<sup>66</sup> P.P.,p. 123/124 “Le corps n'est qu'un élément dans le système du sujet et de son monde et la tâche obtient de lui les mouvements nécessaires par une sorte d'attraction à distance, comme les forces phénoménales à l'œuvre dans mon champ visuel obtiennent de moi, sans calcul, les réactions motrices qui établiront entre elles le meilleur équilibre, ou comme les usages de notre milieu, la constellation de nos auditeurs obtiennent immédiatement de nous les paroles, les altitudes, le ton qui leur conviennent, non que nous cherchions à déguiser nos pensées ou à plaire, mais parce que nous sommes à la lettre ce que les autres pensent de nous et ce qu'est notre monde.”

<sup>67</sup> *Idem*, p.126 “Le corps chez le sujet normal n'est pas seulement mobilisable par les situations réelles qui l'attirent à elles, il peut se détourner du monde, appliquer son activité aux stimuli qui s'inscrivent sur ses surfaces sensorielles, se prêter à des expériences, et plus généralement se situer dans le virtuel.”

*alimentam as aventuras da aparência, da ilusão, da recordação, do sonho, do fantasma, da obra*<sup>68</sup>. Contudo, reconhecidamente, é mediante esses contributos que a exteriorização e a exterioridade da consciência se fazem e a sua projecção no mundo transporta uma intencionalidade que é efectivamente uma ‘*reversibilidade do corpo objectivo e fenomenal*’<sup>69</sup>. Porém, o ser do corpo, esse corpo que é intermediário mas não está completamente remetido a esse papel uma vez que não é um prolongamento exclusivo e subordinado da consciência. Situado na realidade do mundo e catapultado por uma força motriz própria e autónoma, ele dirige-se aos objectos e percorre os espaços que medeiam e preenchem o espaço que deles o separa. E isso acontece porque os objectos estão lá e não lhe são indiferentes, solicitam a sua acção e exercem sob o corpo um certo tipo de fascínio e nesse sentido o impulsionam a mover-se. Sendo assim, o próprio corpo é dotado de um determinado grau de autonomia e não deve à consciência uma exclusividade sem retorno. A consciência serve-se do corpo, porque sem ele seria impotente para realizar a sua própria concreticidade. Mas seria precipitado considerar que o corpo lhe deve uma subordinação absoluta. A tal ocorrer, o corpo seria na prática um simples instrumento, objecto específico e potenciador de acção, impulsionado nessa potencialidade pela consciência. O que seria redutor para com a sua natureza e desvirtuaria o seu papel. De facto, a motricidade do corpo é um meio de a consciência aceder e interferir no mundo e nos objectos e, nesse sentido, é originária na acção de tornar objectiva e concreta a intencionalidade subjectiva da consciência *capaz de tratar o real, de dialogar e de negociar com ele*<sup>70</sup>. Mas o meu corpo tem o

---

<sup>68</sup> LEFORT, Claude, *Sur une Colonne Absente*, Paris, Gallimard, 1978, p.136

<sup>69</sup> O’NEILL, John, *Perception, Expression and History*, Evanston, Northwestern University Press, 1970, p.42

<sup>70</sup> MORIN, Edgar, *Introdução ao Pensamento Complexo*, Instituto Plaget, Lisboa, p.8

seu próprio mundo, insere-se no mundo e compreende o mundo sem ter de passar pela sua representação. O meu corpo não necessita da consciência para ter um estatuto mundano. Do mesmo modo, não necessita de o simbolizar e isto não leva a que perca o seu direito ao mundo. O corpo não é parte não ouvida no processo. Este tem o seu próprio mundo ou integra-se no mundo sem ter de elaborar representações. Do mundo entende ele, porque sua parte constituinte e, nesse sentido, é guia credenciado para o revelar à consciência. A sua realidade é primeiramente mundana e a sua natureza primeiramente activa. A sua actividade não necessita nem depende de uma tarefa de simbolizar à partida o mundo do qual naturalmente faz parte. Daí não ser apodíctico do seu estatuto mundano fazer depender a sua acção objectiva de representações subjectivas de um conhecimento particular. Mas o meu corpo tem a ganhar, nesse processo de acção e reacção exteriores, como meio acrescentado de permitir o acesso da consciência a esse mesmo mundo. Se a consciência encontra no corpo, ou melhor, na motricidade corporal, um modo de não ficar remetida a um mundo de pura interioridade e aceder ao mundo dos objectos, é a partir daí que retira representações, constrói toda uma simbolização e desenvolve uma função simbólica, bem como nele projecta a sua criativa expressividade, polinizando uma complementaridade enriquecedora. Com esse ‘login’ torna-se evidente que *cada acontecimento motor ou táctil provoca na consciência uma profusão de intenções*<sup>71</sup>. Determinada nessa sua vocação, encontra no corpo o meio de estabelecer com o mundo uma relação específica carregada de intencionalidade. É por ele que acede à objectividade, objectivando-se no mundo. E

---

<sup>71</sup> P.P., p.127 “Au lieu que chez le normal chaque événement moteur ou tactile fait lever à la conscience un foisonnement d'intentions qui vont, du corps comme centre d'action virtuelle, soit vers le corps lui-même, soit vers l'objet, chez le malade, au contraire, l'impression tactile reste opaque et fermée sur elle-même. Elle peut bien attirer à soi la main dans un mouvement de saillance, mais ne se dispose pas devant elle comme quelque chose que l'on puisse montrer. Le normal compte avec le possible qui acquiert ainsi, sans quitter sa place de possible, une sorte d'actualité, chez le malade, au contraire, le champ de l'actuel se limite à ce qui est rencontré dans un contact effectif ou relié à ces données par une déduction explicite.”

este, porque existe o corpo e os seus movimentos corporais, ganha subjectividade no espaço interno da consciência. Assim, a consciência objectiva-se e o mundo subjectiva-se. É o corpo próprio que permite esse intercâmbio, não se revelando desse modo como um simples corpo automatizado num instinto animal rígido e definitivo.

É o corpo próprio que liberta pois a consciência de um aprisionamento numa cogitatio estéril e inócua e esta paga-lhe generosamente em dividendos potencializando o seu estatuto e optimizando a sua razão de ser genuína.

É o corpo próprio que encaminha a consciência para uma dimensionalidade mundana, ampla na sua espacialidade e concreta numa motricidade possível, embora se saliente que o movimento corporal não deve ser entendido como pensamento de movimento, uma vez que é obrigatório reconhecer tratarem-se de realidades diferentes, pois agir e pensar esse agir são coisas diferentes. A motricidade corporal difere da consciência dessa motricidade. O facto de que o corpo se move, não significa que esse mover seja um mover consciente de si, bem como o espaço que o corpo ocupa não seja identificável como um espaço que esse corpo auto-identifica como corporal. Cabe à consciência esse tipo de (re)conhecimento decorrente da sua natureza intencional, mas está lá o corpo a desempenhar esse papel de exteriorização motriz e desenvolver um dinamismo prático.

É o corpo próprio que transporta a consciência para a realidade mundana de objectos potenciais de conhecimento, que esta desperta pelos seus sentidos e desenvolve as suas capacidades cognitivas, fabrica representações e inspira-se na tarefa de projectar nessa esfera primária do real a realidade do seu dinamismo criador. Nessa complementaridade indubitável, cabe ao corpo fazê-la emergir no mundo e permitir a objectividade da natureza cogitante da consciência. Do mesmo modo por ele se faz presente na realidade espaço/tempo e aí pode expressar toda a liberdade que radica na realidade da sua natureza. É através do corpo que o pensamento ganha o passaporte para a mundaneidade e a percepção tem ganhos em

conteúdos fenoménicos. Por um piscar de olhos intermitente a um espaço objectivo ainda não representado, o corpo permite a recolha em primeira mão de informações sobre transposições, equivalências e identificações, permitindo um *sistema de significações que exprime no exterior a actividade interna do sujeito*<sup>72</sup>, ficando desse modo, o espaço, enquanto sistema de referências, perceptivamente acessível à consciência.

Emergindo no mundo, o corpo próprio revela-se como um espaço expressivo que ganha identidade à medida que a sua própria maturação se efectiva. O corpo não nasce constituído em moldes definitivos. Vai crescendo no espaço à medida que o tempo nele cresce e a sua própria autonomia se evidencia. É no sentido em que essa autonomia se torna presente, igualmente presente se faz o corpo na realidade do espaço, na realidade do tempo, na realidade da sua expressão no cenário do mundo. Volume no espaço e entre espaços, o meu corpo manifesta a sua particularidade na extensão geral do mundo, projectando nele o seu próprio mundo feito de significações, diferenciador e original. Ao fazê-lo, ganha um sentido e o mundo revela sentido, cujo vigor de possibilidade lhe advém de uma consciência de que é portador. Nessa medida, o corpo próprio é o meio intermediário e potenciador da atribuição de um sentido que se faz presente numa consciência que consciencializa o mundo e de um mundo que mundaneiza uma consciência.

Daí toda a razão dessa emergência do corpo próprio à superfície do mundo. E embora aparentemente mudo, possui ‘voz’ e é justificadamente expressivo.

---

<sup>72</sup> P.P.,p.130 “...C'est que toutes ces opérations exigent un même pouvoir de tracer dans le monde donné des frontières, des directions, d'établir des lignes de force, de ménager des perspectives, en un mot d'organiser le monde donné selon les projets du moment, de construire sur l'entourage géographique un milieu de comportement, un système de significations qui exprime au dehors l'activité interne du sujet.”

## I.2. O Corpo como Expressão

*O corpo é enigmático: parte do mundo sem dúvida, mas estranhamente oferecido, tal como o seu habitat, a um desejo absoluto de aproximar-se do outro e de encontrá-lo também no seu próprio corpo, animado, animante, figura natural do espírito.*<sup>73</sup>

M. Merleau-Ponty

Brotando no mundo, o corpo é impelido para nele se expressar. E fá-lo porque se trata de um corpo no corpo do mundo. Ser entre seres que encontra e cuja aproximação não pode evitar ou ignorar. Aparente objecto entre objectos que aparecem e com ele partilham o fundo humano. Mas esta mundaneidade é assumida pelo corpo de um modo muito diferente do dos outros corpos e objectos. Nele há uma inserção de consciência na realidade corporal. Para lá de uma motricidade disponível e que marca o seu trajecto vivencial, há então essa possibilidade que acalenta uma genuína subjectividade própria destinada a expressar-se. *Pensemos na dança ,nos gestos da mão, nas expressões do rosto, em todas as manifestações emotivas como a cólera, a alegria, as lágrimas, etc. Elas revelam-nos como o gesto corporal está dotado de um poder de significação que aqui transgride a existência isolada de cada gesto em particular; isto é, que o gesto corporal é por excelência um comportamento simbólico.*<sup>74</sup> Em virtude disso, o que o corpo expressa não se

---

<sup>73</sup> S. p. 348

<sup>74</sup> RENAUD, Isabel C. R., *Communication et Expression chez Merleau-Ponty*, p.99 “ Pensons à la danse, aux gestes de la main, aux expressions du visage, à toutes les manifestations émotives comme la colère, la

apresenta nu. Vem vestido de cor emocional, visível na energia dos gestos, na entoação das palavras, nas particularidades individuais e motivacionais de quem expõe. Expressividade feita de gesto e de palavra, ambos carregados de significações cuja visibilidade se dá na visibilidade do corpo e no tecido relacional. É pelo corpo *que compreendo o outro como é pelo meu corpo que percebo ‘coisas’*<sup>75</sup>. O corpo é o lugar e o centro da minha comunicação, a qual conjuga um *‘logos’ com os particularismos do pensador e da experiência*<sup>76</sup>; é o ponto de origem e de referência na compreensão dos outros e das coisas. Transporte esse centro físico de comunicação comigo e não o posso descartar, o que me impossibilitaria de comunicar. O corpo é o lugar de uma expressão que, como toda a expressão, *designa um nível mais profundo que a oposição da matéria sonora e da entidade significante: ela é o seu tecido comum.*<sup>77</sup>

---

joie, les larmes, etc. Elles nous révèlent que le geste corporel est doté d'une puissance de signification qui transgresse l'existence isolée de chaque geste en particulier; c'est dire que le geste corporel est par excellence un comportement symbolique.”

<sup>75</sup> P.P., p.216/217 “C’est par mon corps que je comprends autrui, comme c’est par mon corps que je perçois des ‘choses’. Le sens du geste ainsi ‘compris’ n’est pas derrière lui, il se confond avec la structure du monde que le geste dessine et que je reprends à mon compte, il s’étale sur le geste lui-même, — comme, dans l’expérience perceptive, la signification de la cheminée n’est pas au-delà du spectacle sensible et de la cheminée elle-même telle que mes regards et mes mouvements la trouvent dans le monde. Le geste linguistique comme tous les autres, dessine lui-même son sens”

<sup>76</sup> LÉVINAS, Emmanuel, *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*, Instituto Plaget, Lisboa, 1997, p.266

<sup>77</sup> BARBARAS, Renaud, *Merleau-Ponty*, Paris, Elipses, 1997, p.22 “... le concept d’ *expression*, qu’il ne faut pas entendre en un sens banalement psychologique mais comme ce mouvement singulier qui, en différenciant les signes les uns des autres, donne naissance à la distinction même du signe et du sens. L’expression désigne un niveau plus profond que l’opposition de la matière sonore et de l’entité signifiante : elle en est le tissu commun. La réflexion sur l’ordre de la connaissance proprement dite conduit ainsi à mettre en avant un concept spécifique permettant de penser la coappartenance originaire du sensible et du sens.”

Do corpo não posso livrar-me, levo-o sempre comigo. Então o corpo está prenhe de expressão. Esta é-lhe imanente, já que é este quem fala. O corpo, a vista, o ouvido, permitem enriquecer a minha existência pessoal para lá do que ela tem de *existência dada e anónima*<sup>78</sup>, uma vez que por eles se conjugam o plano natural e o da ordem da *abertura para 'um outro'*<sup>79</sup>. Porque o corpo próprio é sujeito para mim e objecto para o outro, os outros. A minha existência dá-se na visibilidade de que o corpo é porta-voz e a transforma em gesto expressivo, na medida em que expressa o que conceptualmente transporta. Desse modo é o lugar da minha unicidade, bem como o lugar da diferença que a coexistência traz. E algo se acrescenta a esta natureza de corpo próprio, *instrumento que eu não posso utilizar em vez de um outro instrumento*<sup>80</sup>: é algo que possui em si e por si um *sentido*<sup>81</sup>. O sentido de um existente que o vive, que o projecta, o comunica e comprometendo-me *entre as coisas, elas coexistem comigo como sujeito incarnado*<sup>82</sup>. Acresce que as faculdades

---

<sup>78</sup> P.P., p. 186 “Ainsi la vue, l’ouïe, la sexualité, le corps ne sont pas seulement les points de passage, les instruments ou les manifestations de l’existence personnelle: elle reprend et recueille en elle leur existence donnée et anonyme.”

<sup>79</sup> *Idem*, p. 195

<sup>80</sup> SARTRE, Jean-Paul, *L’être et le néant*, Paris, Gallimard, 1943, p. 394

<sup>81</sup> P.P., p. 270 “...en tant que mon corps est, non pas une somme d’organes juxtaposés mais un système synergique dont toutes les fonctions sont reprises et liées dans le mouvement général de l’être au monde, en tant qu’il est La figure figée de l’existence. Il y a un sens à dire que je vois des sons ou que j’entends des couleurs si la vision ou l’ouïe n’est pas la simple possession d’un quale opaque, mais l’épreuve d’une modalité de l’existence, La synchronisation de mon corps avec elle, et le problème des synesthésies reçoit un commencement de solution si l’expérience de la qualité est celle d’un certain mode de mouvement ou d’une conduite.”

<sup>82</sup> *Idem*, p. 216 “Je m’engage avec mon corps parmi les choses, elles coexistent avec moi comme sujet incarné, et cette vile dans les choses n’a rien de commun avec la construction des objets scientifiques. De la même manière, je ne comprends pas les gestes d’autrui par un acte d’interprétation intellectuelle, la communication des consciences n’est pas fondée sur le sens commun de leurs expériences, mais elle le



sensoriais do corpo partilham-no com esses dois intérpretes irrecusáveis nesta participação: o gesto e a palavra. Todos eles contribuem para uma relação estreita do corpo com a mundaneidade circundante povoada de outros objectos e corpos, também eles portadores de sentido extrínseco, ou de alguma referência de sentido. No meio da circunscrição ilimitada do mundo, eu partilho dessa coexistência com o meu corpo, que *é justamente um sistema de equivalências e transposições intersensoriais*<sup>83</sup>. E, desse modo, me apercebo de que as coisas não são uma montagem de partes articuladas num somatório por mim efectuado. Os objectos do mundo aparecem-me já constituídas, já portadoras de uma identidade autónoma, previamente constituídas à minha percepção, previamente integradas numa unidade prévia que os identifica e revela. Afirmar isso das coisas mundanas é afirmá-lo do meu próprio corpo, considerado na perspectiva de coisa do mundo a apreender. Se acedo ao mundo através do meu corpo, e nele ocupo uma *posição privilegiada*<sup>84</sup>, é porque, pelo corpo próprio, tenho possibilidade de me situar no mundo e poder ter com ele uma relação de compromisso. Desse modo ele se revela mundano, e me permite situar-me numa posição de centro de estrela espacial e abrangente de todas as posições derivadas. Nessa região privilegiada da minha vivencialidade mundana, o corpo permite-me uma abrangência omnidireccional de compromisso com todas as realidades mundanas. Exposto ao mundo, o corpo dá lugar a uma intencionalidade sedenta do mundo, das coisas. E estas respondem-me do mesmo modo: sedentas de

---

fonde aussi bien: il faut reconnaître comme irréductible le mouvement par lequel je me prête au spectacle, je me joins à lui dans une espèce de reconnaissance aveugle qui précède la définition et l'élaboration intellectuelle du sens."

<sup>83</sup> P.P., p. 271 "Chez le spectateur, les gestes et les paroles ne sont pas subsumés sous une signification idéale, mais la parole reprend le geste et le geste reprend la parole, ils communiquent à travers mon corps, comme les aspects sensoriels de mon corps ils sont immédiatement symboliques l'un de l'autre parce que mon corps est justement un système d'équivalences et de transpositions intersensorielles. Les sens se traduisent l'un l'autre sans avoir besoin d'un interprète se comprennent l'un l'autre sans avoir à passer par l'idée."

<sup>84</sup> DE WAELEHENS, Alphonse, *o.c.* - p.165

mim, cativam-me enquanto sujeito transcendental e eu apreendo-as porque possuo um corpo. Através dele me são dadas, inicial e originariamente, pela percepção e eu ganho então a possibilidade de me poder expressar e de me fazer comunicar. Sendo mundana, a *matéria é 'grávida' de sua forma, o que quer dizer, em última análise, que toda percepção tem lugar num certo horizonte e enfim no "mundo" e que ambas nos são presentes mais praticamente do que explicitamente conhecidas e colocadas por nós e que, enfim, a relação de certo modo orgânica do sujeito perceptor e do mundo comporta por princípio a contradição da imanência e da transcendência.*<sup>85</sup> Acedendo perceptivamente ao mundo, é-me possível apreendê-lo, expressar essa apreensão e comunicar a minha inserção e o meu modo de estar e viver o mundo. A percepção é fonte inspirada da minha expressividade porque a realidade mundana que surge é complexa, rica, inteira no seu próprio modo de ser, dando lugar à luxúria da informação e ao meu próprio espanto. E se, de facto, a percepção é meio intermediário de acesso limitado a essa abundância ilimitada que se me dá sem filtro aparente, cabe à sua expressão dimensionar esse ilimitado. O excesso de mundo está assim ao dispor o qual, para lá da minha experiência limitada do mundo, fomenta o seu alargamento num horizonte sempre fugidio porque experiencial e permanentemente aberto. E se a percepção se revela como potencial porta-voz de uma exterioridade mundana e ao mesmo tempo como meio circunscrito de a traduzir perante mim, já o mesmo não acontece com a essa minha expressividade que, apesar de aparentar ser outro meio limitado, transpõe essa limitação largamente.

Da conjugação destes dois factores de inserção mundana é-me possível estabelecer, através do corpo, uma relação de reciprocidade com o mundo e o seu conteúdo. O mundo natural torna-se então humano, porque ganha a minha presença, não já puramente um *corpo-objecto (körper)*, isto é um *corpo orgânico estudado pela ciência, mas também um corpo-sujeito (Leib)*, isto é um *corpo físico e próprio a*

---

<sup>85</sup> PPCF., p.42

*cada pessoa*<sup>86</sup>. Serve assim de pólo de uma relação em que o mundo e o meu corpo se unem numa complementaridade. O passo seguinte ao captar e expressar essa experiência pessoal de mundo, é viver, agir e interagir com o mundo, cujos objectos nunca deixam de lhe pertencer mas que ele me disponibiliza. Eu sirvo-me deles, transformo-os, destruo-os, recrio-os. Eu com eles coabito então, mas a sua presença não me torna indiferente, ao contrário da minha presença que não perturba a sua indiferença. As coisas de que me rodeio são uma presença com que me identifico, que me identificam. A minha presença, pelo contrário, não afecta o seu estar porque possuidor de não-consciência. Mas, por outro lado, a minha presença tem o poder de agir sobre elas e, neste sentido, de as alterar. Se, por um lado, a minha presença no mundo objectal parece não o afectar, por outro lado, sou o agente intemporal da sua modificação. Os animais têm a particularidade de exercerem uma acção semelhante. Também se servem das coisas, transformam, destroem, recriam – qualquer ave é exemplo significativo quando nidifica. Porém, a acção animal exerce-se num todo activo de programação instintiva e natural, o que significa na prática que as alterações que as coisas sofrem as devolve a uma qualquer paisagem natural integradora. Todo o movimento e acção da vida animal tem a potencialidade de deslocar os objectos do meio, mas esse exercício é feito de um modo que não altera a significância de um processo integrador que pode mudar, mas não muda, de facto, substancialmente. Os ciclos completam-se, todos os processos decorrem naturalmente, mas nada, efectivamente, se altera. Ou muito pouco, considerando um certo carácter evolucionista que também está obviamente presente. Ora o mesmo já não acontece com a acção que o homem exerce. Por trás de uma aparente inadaptabilidade física que parece condená-lo porque fora de um sistema rigidamente protector instintivo, o homem vai compensar com a sua racionalidade consciente esse *handicap* e o mundo à sua volta vai sofrer inexoravelmente as consequências. E como a sua acção não é uma acção individualizada mas relacional, seja com as coisas, seja com outros seres, indirectamente essa racionalidade

---

<sup>86</sup> MARZANO, Michela, *La philosophie du corps*, Paris, PUF, 2007, p.273

consciente de que é portador vai muni-lo com uma instrumentação expressiva para comunicar a sua realidade vivencial. E essa expressão vai florescer de toda a profícua acção que o homem vai exercer: cultivo, comércio, descobertas, arte...a palavra vai colher o que o corpo semeou. E vai ser partilhada, comunicada, traduzindo o que é vivenciado e torna-se o lugar privilegiado do pensamento. Mas esse lugar habita inicialmente, e de um modo *enigmático*, o corpo próprio<sup>87</sup>.

Servimo-nos do corpo e este parece ocupar uma importância menor na nossa mundaneidade. Mas, de facto, é ele que transcende o carácter biológico ao permitir que o possamos exprimir, sendo ele em última análise a *tornar-se o pensamento ou a intenção que para nós tem sentido*<sup>88</sup>. Daí, *os actos de pensamento em geral não são singularidades desconexas, que vêm e vão sem nexos no rio da consciência. Revelam, referidos essencialmente uns aos outros, vínculos teleológicos e conexões correspondentes de cumprimento, confirmação, verificação e seus opostos*<sup>89</sup>. Desse modo se projecta no domínio simbólico a potencialidade corporal de expressividade que é uma expressividade revelada quer no gesto quer na palavra. É a manifestação real de um pensamento que contacta o mundo, o conhece e o regurgita criativamente

---

<sup>87</sup> P.P., p.230 “Mieux encore que nos remarques sur la spacialité et l’unité corporelles, l’analyse de la parole et de l’expression nous fait reconnaître la nature énigmatique du corps propre. Il n’est pas un assemblage de particules dont chacune demeurerait en soi, ou encore un entrelacement de processus définis une fois pour toutes — il n’est pas où il est, il n’est pas ce qu’il est — puisque nous le voyons secréter en lui-même un ‘sens’ qui ne lui vient de nulle part, le projeter sur son entourage matériel et le communiquer aux autres sujets incarnés.”

<sup>88</sup> *Idem*, 230 “ On a toujours remarqué que le geste ou la parole transfiguraient le corps, mais on se contentait de dire qu’ils développaient ou manifestaient une autre puissance, pensée ou âme. On ne voyait pas que, pour mouvoir l’exprimer, le corps doit en dernière analyse la pensée ou l’intention qu’il nous signifie”

<sup>89</sup> HUSSERL, Edmund, *A Ideia de Fenomenologia*, Lisboa, Ed.70, 2008, p.104

e de um modo muito próprio. Mediante o contributo do corpo, vem então o pensamento respirar o ar da realidade, revelar-se numa manifestação objectiva e obter nessa personalização um existir que o precede, pois *começamos ainda por existir e só mais tarde pensamos*.<sup>90</sup> À medida que se exterioriza e na medida em que interioriza a vivencialidade mundana, num processo dialéctico em que a existencialidade da expressão que o corpo próprio veicula encontra a existencialidade da mundaneidade, nela o pensamento desagua e dela regressa carregado de significações que esta já contém. Desse modo, o que se vive dá sentido à sua própria expressão, porque transporta, para e nessa vivência, uma linguagem carregada de ‘*nuances de significações*’<sup>91</sup> que se revelam unicamente na medida em que se fazem presentes na vida prática. O corpo expressa um mundo interior no mundo exterior, e este reflecte e informa aquele das repercussões no tecido existencial das suas manifestações exteriorizadas. Esta dinâmica que identifica e nela reconhece o nosso viver, está permanentemente a vir à luz de uma expressão corporal, seja qual for o carácter que assuma, gestual, oral ou escrita, emprenhando de sensibilidade e significação o existir e neste se instalando como um ‘*organismo de palavras*’<sup>92</sup>.

---

90 DAMÁSIO, António, O Erro de Descartes, Lisboa, Pub.Europa-América, 1995, p.254 “...já antes do aparecimento da humanidade, os seres eram seres. Num dado ponto da evolução, surgiu uma consciência elementar. Condesa consciência elementar apareceu uma mente simples; com uma maior complexidade da mente veio a possibilidade de pensar e, mais tarde ainda, de usar linguagens para comunicar e melhor organizar os pensamentos. Para nós, portanto, no princípio foi a existência e só mais tarde chegou o pensamento. E para nós, no presente, quando vimos ao mundo e nos desenvolvemos, começamos ainda por existir e só mais tarde pensamos. Existimos e depois pensamos e só pensamos na medida em que existimos, visto o pensamento ser, na verdade, causado por estruturas e operações do ser.”

<sup>91</sup> DE WAELHENS, Alphonse, *o.c.* p.153

<sup>92</sup> P.P.,p. 212/213 ““L’opération d’ expression, quand elle est réussie, ne laisse pas seulement au lecteur et à l’écrivain lui-même un aide-mémoire, elle fait exister La signification comme une chose au cœur même du texte, elle la fait vivre dans un organisme de mots, elle l’installe dans l’écrivain ou dans le lecteur comme un nouvel organe des sens, elle ouvre un nouveau champ ou une nouvelle dimension à notre expérience.”

O corpo próprio faz-se assim presente e carregado de significações na mundaneidade existencial, e abre a porta a uma dimensão exteriorizada mediante o gesto. Por este é extravasada a visibilidade da ondulação física de todo o sentido simbólico porque *há, na fonte do sentido, uma significação gestual, isto é, o sentido como expressão; não o sentido comum, já conhecido e descartável das palavras. Mas mais originariamente – e é aí que brilha a circularidade da linguagem - a maneira, o ‘como’, o modo...*<sup>93</sup>

Ao ser-lhe permitido manifestar-se evidenciando um cunho pessoal, o corpo vai acrescentar um novo contexto á sua própria evidência no mundo: a afectividade. A expressão do corpo não é só uma expressão mimética já por si suficientemente rica e enriquecedora. É também uma expressão libidinal, afectiva, de uma realidade interior complexa que se esconde por de baixo e para lá da superfície conceptual do que é verbalizado. De facto, as palavras transportam palavras, estas um pensamento com um cunho próprio, um modo próprio de se fazer presente, não só no que diz como, então, no como o diz. O que é conceptual gesticula uma mímica afectiva e existencial que o ultrapassa, o enriquece e o torna mais abrangente de sentido, desde que se guardem as verdadeiras distâncias e não se considere *que a palavra seja um simples meio de fixação, ou ainda o envelope e a vestimenta do pensamento.*<sup>94</sup> Sendo assim, a existencialidade, que o corpo inicialmente permite, consequentemente expressa e forma e permanentemente vivencia, faz emergir uma

---

<sup>93</sup> FONTAINE-DE VISSCHER, Luce, *o.c.*, p.45

<sup>94</sup> P.P., p. 211 “D’abord la parole n’est pas le ‘signe’ de la pensée, si l’on entend par là un phénomène qui en annonce un autre comme la fumée annonce le feu. La parole et la pensée n’admettraient cette relation extérieure que si elles étalent l’une et l’autre thématiquement données; en réalité elles sont enveloppées l’une dans l’autre, le sens est pris dans la parole et la parole est l’existence extérieure du sens. Nous ne pourrions pas davantage admettre, comme on le fait d’ordinaire, que la parole soit un simple moyen de fixation, ou encore l’enveloppe et le vêtement de la pensée.”

afectividade escondida, eventualmente revelada, mas sempre actual. Trata-se de uma expressão, paralela e invisível, feita de traços libidinais que se desenham no real concreto onde encontra a tela existencial propícia à sua expressão efectiva.

É uma expressão para lá da linguagem dos gestos, das palavras, mas que neles se manifesta e serve como meio transitório do seu fluir. Passa pelos gestos e dimensiona-se na palavra, servindo nessa medida como meio de significação que permite, por exemplo, que o actor de teatro reconstrua *o espaço e o mundo*, enquanto que *o bailarino esburaca o espaço comum abrindo-o até ao infinito...*<sup>95</sup>

É uma expressão que não é a linguagem do gesto, é a própria sonoridade muda do gesto, a vida do gesto, pois *os gestos nada significam a não ser na medida em que podemos escutá-los, interpretá-los.*<sup>96</sup>

É uma expressão que faz despertar a magia e o imaginário do real que é solicitado a fazer-se presente sem o ser e sem o estar, seja no expectante encanto de uma história infantil, seja no voraz interesse de um romance de ficção, seja no estimulante deleite de descoberta sonora de uma partitura. O que é signo, sinal exterior de uma expressão que já o foi, torna-se vivo e regressa de novo à vida de expressão tangível, porque o que lhe dá sentido é uma significação que nele está inscrita, mas só ganha esse estatuto se se fizer presente, e sempre que o for. A existencialidade tem então essa particularidade que caracteriza toda a sua natureza: o que é existencial é sempre algo mais, algo que está para lá.

Se se trata do gesto, é o significado simbólico que predominantemente o alimenta e sugere.

Se se trata de palavras, é o significado pujante da comunicabilidade na própria vida das palavras que nelas se encontra imanente.

---

<sup>95</sup> GIL, José, *Movimento Total. O corpo e a dança*, Relógio d'Água, Lisboa, 2001, p.15

<sup>96</sup> DERRIDA, Jacques, *La voix et le phénomène*, Paris, PUF, 2003, p. 38

Se se trata de experiências, é o significado de toda a vivencialidade que está para lá do que se possa traduzir em expressão. É o viver o mundo e um modo pessoal e só ela que lhe dá efectiva e duradoura concreticidade.

Isto não obsta a que o que possa ser gestualizado ou verbalizado, decorrente de experiência vivida, não possa ser captado nessa sua própria real vivencialidade. Pode e é o que acontece. Porque o que é vivido dá origem e sentido à sua expressão. Podemos entendê-lo conceptualmente, mas só ganha um efectivo sentido se e porque como tal for vivido. Só nessa medida é reflexo expresso do que é vivido sugerindo então um contraponto existencial identificador para poder ser como tal entendida e captada. É a existência ela mesma que se desenha em expressão pelo corpo e é por este que veicula a intimidade das vivências, por onde circula. É o corpo próprio que permite essa expressão pincelada pelas cores que carrega a paleta da sua superfície. Essa expressão pode assumir múltiplas facetas, ser de ordem tecnológica, economicista, estética ou outra. Seja qual for, dá indirectamente a adivinhar uma vivencialidade e permite igualmente que seja actualizada de toda a vez que se faz presente. O texto de uma peça teatral não se limita a ser um aglomerado de palavras sistematizadas e direccionadas no sentido de um sentido comunicativo. Não se limita a retratar a vida e servir de eventual plataforma de catarse. Pelo corpo, esse texto ganha referências e explora contornos globais de significação, conceptual, emocional e social na sua comunicabilidade. É um facto que a expressividade do corpo, como toda a expressividade mesmo que apresentada no rigor do espartilho escrito ou objectivado, pode parecer frágil. Embora real, é de uma realidade subtil, feita de alusão simbólica, de aparente pouca concreticidade, se se esquecer o contrapeso físico que lhe dá sustento. Mas a fragilidade em que se enuncia, e como tal é campo aberto à interpretação, é apenas uma fragilidade de forma. Está lá sempre o corpo para carregar de testemunho enraizado na carne do mundo os pensamentos, as emoções, as vivências que são reportadas.



Nesse papel de elo de ligação e enraizamento mundano, o corpo permite que o que é simbolicamente expresso possa ser reconhecido por todos aqueles que possuidores de igual natureza mundana partilham o mesmo património comum: o existir, porque *o existir é coexistir. A fé perceptiva pontyana é um voto em favor do mundo...*<sup>97</sup> Trata-se de um existir originador de todos os outros corpos que com ele se situam nesse plano real que não viabiliza a expressão de um pensamento. Não fosse o corpo, e o pensamento só por si não teria realidade, não chegaria à realidade, não ganharia realidade, não seria realidade, pois a realidade *interior* que possa possuir não é uma realidade efectiva, porque o pensamento *não existe fora do mundo e das palavras*<sup>98</sup>. Supomos a sua existência, na existência dos pensamentos já expressos e nos faz adivinhar a sua existência prévia numa ilusória *vida interior*<sup>99</sup>. Porém, *as entoações, os gestos, as nuances particulares*<sup>100</sup>, da linguagem parecem testemunhar que não há existência ‘*pura*’ do pensamento, pois o que é criado enraíza-se em conteúdos já disponíveis e recria-se *segundo uma qualquer lei desconhecida*<sup>101</sup>. O pensamento é feito de matéria que o mundo do existir estimula na pele expressiva do corpo. Sem isso, é um vazio numa consciência. Sem o corpo, o pensamento arrisca-se a permanecer num etéreo ignorado e definitivamente

---

<sup>97</sup> CANTISTA, Marla José, *Desenvolvimentos da Fenomenologia na Contemporaneidade*, Porto, Campo das Letras, 2007, p. 16

<sup>98</sup> P.P., p. 213

<sup>99</sup> *Idem*, p. 213 “Ce qui nous trompe là-dessus, ce qui nous fait croire a une pensée qui existerait pour soi avant l’expression, ce sont les pensées déjà constituées et déjà exprimées que nous pouvons rappeler à nous silencieusement et par lesquelles nous nous donnons l’illusion d’une vie intérieure.”

<sup>100</sup> DE WAELEHENS, Alphonse, *o.c.* p.153

<sup>101</sup> P.P., p.213 “La pensée ‘pure’ se réduit à un certain vide de la conscience, à un vœu instantané. L’intention significative nouvelle ne se connaît elle-même qu’en se recouvrant de significations déjà disponibles, résultat d’actes d’expression antérieurs. Les significations disponibles s’entrelacent soudain selon une loi inconnue, et une fois pour toutes un nouvel être culturel a commencé d’exister.”

descontextualizado do real concreto, das vivências exploradas, alheio ao código experiencial do mundo e portanto irreconhecível neste e por este. Tal não acontece porque o corpo permite que todo um legado cultural e civilizacional seja documentado, genetizado no seu sentido, e o captemos e reconheçamos como tal. Isso só prova que os pensamentos expressos nesse legado brotaram do mundo, e agora por essa razão são reconhecidos. Tanto assim é, que o facto de os podermos armazenar e deles nos fazermos possuidores na nossa mente, no nosso saber, na nossa cultura, nos pode induzir uma sensação silenciosa de que possuímos uma vida mental interior própria. Mas trata-se de uma quimera, porque o silêncio interior que a povoa é um silêncio *borbulhante de palavras, esta vida interior é uma linguagem interior*<sup>102</sup>. Só se pode compreender o que se reconhece, o que faz parte de um *cruzamentos das intenções*<sup>103</sup>, o que faz para nós sentido. O vazio, ou o não-compreendido, não possuem sentido, além do argumento formal de que a sua não-realidade faz sentido. Ausentes de realidade, por contraposição à realidade, não obtêm realidade, porque não se lhe atribui significação.

Portanto, o silêncio dos nossos pensamentos interiores não é um silêncio mudo: de um silêncio se trata, sem dúvida, mas um silêncio vestido de palavras, tecido ‘*na figura e no sentido*’<sup>104</sup> de obras literárias e nas subtilezas do existir de uma língua, de uma civilização. São representações colhidas no campo da existencialidade feitas vivências particulares e introjectadas como significados, como ideias. São estas que dão realidade à seiva do pensamento e dão vestimenta ao seu interior, sem as quais *não é nada de’ interior*’<sup>105</sup>. O pensamento não é puro, descontextualizado do real concreto, das vivências, como que radicado num *por si*

---

<sup>102</sup> P.P., p. 213

<sup>103</sup> FONTAINE-DE VISSCHER, Luce, *o.c.*, p.45

<sup>104</sup> DE WAELHENS, Alphonse, *o.c.*, p.153

<sup>105</sup> P.P. 213

*anterior à expressão.*<sup>106</sup> O património cultural que faz de cenário à nossa mundaneidade e traça as possibilidades por onde havemos de criar os nossos próprios trilhos pessoais, é esse património cultural e civilizacional que transporta toda a genética do pensamento feito e a fazer. Por essa razão uma suposta vida mental não existe para lá da informação múltipla, complexa dispersa, representada, assimilada, que dá sentido ao silêncio que percorre a coluna vertebral do nosso pensamento. Esse silêncio é um silêncio expressivo, não dito mas procriador de expressão, o qual não lhe pré-existe mas já vem fecundado de expressão já constituída, já exposta, que interiorizamos, anexamos e gravamos no interior de nós mesmos e que justificará por si então a não- realidade da aparente ilusão de que o pensamento possui realidade própria. O que todo o acto expressivo confirma são representações que cada um possui e faz partilhar. O que essa expressão vai também documentar, é o modo próprio de cada um ser e viver o mundo, o modo próprio de cada um viver no mundo<sup>107</sup>, pois *todo o acto de expressão não é um solitário exercício em iniciação, mas a aquisição de uma tradição que é a aptidão para recuperar uma interrogação aberta no passado e inscrevê-la num estilo de expressão vivido.*<sup>108</sup>

Seja um empresário, designer, fotógrafo, arquitecto, filósofo, escritor... todos limam com a sua obra a dimensão do seu próprio modo de se situarem na vida, viverem a mundaneidade e fazerem assim *feedback* de uma linguagem que o expresse. Essa linguagem pode ser sublime ou banal, neutra ou provocatória, emocional ou inócua, educada ou grotesca. Mas todas as linguagens particulares

---

<sup>106</sup> P.P., p. 213

<sup>107</sup> DE WAELEHENS, Alphonse, *o.c.*, p.153

<sup>108</sup> O'NEILL, John, *o.c.*, p.52 "The act of expression is not a solitary exercise in initiation, but the acquisition of a tradition which is the ability to recover an interrogation opened in the past and to inscribe it in a living style of expression which it always called for in its truth. Each act of expression remains an exemplary type, inaugurates a world and outlines a future which is not the simple sacrifice of the past, but the sedimentation of all presents in our own..."

ganham raízes em significações que são reconhecidas por todos e podem ser facilmente expressas, entendidas e reflectidas sem esforço. Mediante o contributo do corpo, pensamento e sua expressão pessoal perpassam a fluidez da existencialidade, pois ele está sempre presente, por mais que se referencie ignorado nessa presença. Permitindo então a expressão das vivências que o habitam, que está inscrita e se inscreve permanentemente nos pensamentos e os torna significantes plenos de significado colhendo significações feitas, o corpo realiza a oportunidade de serem personalizadas, e devidamente assumidas. Essa vivencialidade introduz-se e expressa-se permanentemente nas linguagens próprias, do gesticulado, do dito, do feito. Essa vivencialidade manifesta-se e revela-se no modo muito próprio do corpo a fazer evidenciar, enquanto meio de tradução exteriorizada. A confluência de todos esses processos de expressão desemboca numa foz de sentido, numa *intenção que se desenha: dizer é querer dizer, significante e significado são interiores um ao outro*<sup>109</sup>. É o sentido do que se tem, se dá e se quer tornar mundano, pois *nós sempre queremos dizer algo. É essa a promessa original transmitida no olhar humano, gesto e linguagem, e solicitada pelo próprio mundo*<sup>110</sup>. Mas em verdade, esse sentido não radica nos pensamentos. Não radica no gesto. Não radica na palavra. Não radica num estilo englobante. Atravessa-os transversalmente a todos eles porque os assume a todos, porque se realiza em todos, porque para realçar a sua integridade se revela através de todos. Porque revela um sentido que se exterioriza pela palavra que *se torna um gesto e a sua significação um mundo*<sup>111</sup> e uma

---

<sup>109</sup> FONTAINE-DE VISSCHER, Luce, *o.c.*, p.17 “...la parole signifie : libérée de la matérialité des termes qu'elle utilise, elle peut se fondre tout entière dans l'intention qu'elle dessine : dire est vouloir-dire; signifiant et signifié sont intérieurs l'un à l'autre, dans le mot qui a, de lui-même, un sens.”

<sup>110</sup> O'NEILL, John, *o.c.*, p.52 “ We always mean to say something. That is the original promise conveyed in the human gaze, gesture, and language, and solicited by the world itself. The task of expression is simultaneously a self-improvisation in which we borrow from the world, others and our own past efforts.”

<sup>111</sup> P.P., p. 214 “II est pourtant bien clair que la parole constituée, telle qu'elle joue dans la vie quotidienne, suppose accompli le pas décisif de l'expression. Notre vue sur l'homme restera superficielle

corporeidade, mediante o contributo do corpo, ganha existencialidade na sua manifestação é que o corpo aí está a servir de palco de mundaneidade ao expressar a interioridade que dele brota, ao desenhar traços próprios, ao esculpir o mundo em que vive manifestando-o de um modo próprio e identificador. É nessa medida que o corpo é expressão. Essa expressão espraia-se ao fazer de vogais e consoantes os figurantes do nosso pensamento exteriorizado e é isso que permite *ao corpo humano celebrar o mundo e finalmente de o viver*<sup>112</sup>.

No corpo se enraíza também uma espécie de inconsciente colectivo que atravessa transversalmente emoções, idiossincrasias, sentimentos, modos de ver o mundo, sensações de pertença comunitária, identificações gerais, vontades próprias... Toda essa expressividade não existe sem o corpo. Este é o seu porto de abrigo, disponível e acolhedor. Pelo corpo, a nossa expressividade pode realizar-se e viajar pela mundaneidade, livre de constrangimentos e limites, percorrer o espaço/tempo, a cultura e as suas manifestações. Mas parte e regressa sempre ao seu ponto de origem: o corpo onde fundeia a âncora. Se a existência do corpo imerge no mundo, este precisa daquele para completar a sua própria existência. As suas existências interpenetram-se e desse modo completam-se. E se o carácter definitivo dessa exigência pode parecer pesado, é porque não se está a valorizar o que pode ser valorizável: ter um corpo é um privilégio. É ter a possibilidade de expressão, é ser possibilidade de expressão, é expressar uma corporeidade, é expressar uma vivencialidade enraizada, é fazer da palavra um signo linguístico traduzível, é vincular existência, é ser raiz expressa de vivencialidade. Conta com o gesto como

---

tant que nous ne remonterons pas à cette origine, tant que nous ne retrouverons pas, sous le bruit des paroles, le silence primordial, tant que nous ne décrirons pas le geste qui rompt ce silence. La parole est un geste et sa signification un monde.”

<sup>112</sup> P.P.,p. 218 “ La prédominance des voyelles dans une langue, des consonnes dans une autre, les systèmes de construction et de syntaxe ne représenteraient pas autant de conventions arbitraires pour exprimer la même pensée, mais plusieurs manières pour le corps humain de célébrer le monde et finalement de le vivre.”

veículo do lado vivencial do ser, da emotividade que habita o corpo, pois há uma *gestualidade interna à expressão verbal que se insinua na própria articulação, fonética ou sonora, da palavra*<sup>113</sup>. Assim acrescenta o gesto à palavra significações concretas da expressividade espacial do corpo, o qual, habitando a exterioridade mundana, transporta a sua expressão para a exterioridade e nesta faz verter o poder da simbolização de que é portador, impelindo o gesto para realçar mimeticamente esse poder. O mundo interior torna-se assim mundo exterior, e o mundo exterior torna-se mundo interior. A compreensão dialéctica desta bipolarização faz com que a compreensão do mundo se actualize permanentemente porque o conhecimento *é actualmente, e talvez para sempre, uma questão de síntese provisória e de síntese em parte subjectiva, porque dominada de facto pelos julgamentos de valor não universalizáveis, mas específicos a certas colectividades ou mesmo a certos indivíduos*<sup>114</sup>.

O corpo é o centro e o espaço vivo de uma dinâmica relacional com o mundo mediante a capacidade expressiva que fomenta, que ele próprio modela, nele radica e nele fundela um suporte adequado e promissor.

O corpo é a plataforma onde se dá realidade à nossa intenção de expressão, onde se constata a nossa intencionalidade mundana, onde se revela o modo expressivo que dá figura ao nosso relacionar. Mediante o corpo que habita o mundo e nele permanentemente está mergulhado, é-nos possível localizarmo-nos no mundo e acedermos, para lá dum plano natural, a uma *‘experiência humana espontânea’*<sup>115</sup>.

O corpo é a chave da nossa mundaneidade e da sua expressividade. Nessa tarefa revela que a existência tem um sentido e esse sentido se conjuga

---

<sup>113</sup> DIAS, Isabel Matos, *Merleau-Ponty: une poïétique du sensible*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 2001, p.77

<sup>114</sup> PLAGET, Jean, *Psicologia e Epistemologia*, Lisboa, Pub.Dom Quixote, 1991, p.111

<sup>115</sup> DE WAELEHENS, Alphonse, *o.c.*, p.165

existencialmente<sup>116</sup>, inseparáveis numa unidade, a realidade do corpo, como ‘*totalidade vivida*’<sup>117</sup>. Possuidor de espacialidade, mas de uma espacialidade não definitivas em coordenadas fixas, o corpo é, pois, a fonte das minhas referências perceptivas, é o lugar da minha dimensão expressiva, é o ponto de encontro do meu relacionamento com toda a onnipresença que capto na ‘*carne do mundo*’<sup>118</sup>.

Nessa medida tem uma palavra a dar.

---

<sup>116</sup> P.P. 374 “...la merveille du monde réel, c’est qu’en lui le sens ne fait qu’un avec l’existence et que le voyons s’installer en elle pour de bon”

<sup>117</sup> Florival, G., . *Structure, origine et affectivité Quelques réflexions à propos de la corporéité*, p.209

<sup>118</sup> *Idem* p. 209

### I. 3. A ‘Palavra Segunda’

*Num ser vivo, as deslocações corporais e os momentos do comportamento não podem ser descritos e compreendidos senão como uma linguagem feita à medida, segundo as categorias de uma experiência original.*<sup>119</sup>

M. Merleau-Ponty

O corpo tem a sua expressão própria. É igualmente por ele que a palavra se solta e, uma vez exteriorizada, o universo simbólico que veicula remeterá o corpo para um plano secundário. Entretanto, porém, pré-existindo a essa exteriorização e pactuando em paralelo com ela, o corpo permanece sempre como uma espécie de “palavra segunda” da dimensão existencial da expressão. E assim acontece porque ele próprio é uma linguagem, linguagem visível na expressividade do gesto, linguagem invisível de presença discreta sob o fundo da mundaneidade. Pelo gesto, o corpo revela uma capacidade de significar idêntica da palavra, pois esta *não é senão um caso particular do gesto*<sup>120</sup>. Mesmo não sendo tão flexível, tão imediato, tão complexo, o gesto é portador de significação do corpo. E tanto é assim que a

---

<sup>119</sup> SC., p.217 “Dans un vivant, les déplacements corporels et les moments du comportement ne peuvent être décrits et compris que dans un langage fait sur mesure, selon les catégories d'une expérience originale.”

<sup>120</sup> FONTAINE-DE VISSCHER, Luce, *o.c.*, p.47



palavra faz-se companheira do gesto e este daquela. O que uma diz o outro complementa e o reverso também é verdadeiro. É desse modo que, tal como acontece com o gesto, o corpo faz da palavra uma sua modalidade existencial. Não esqueçamos que a palavra também é gesto, embora gesto falado de um corpo, porta-voz de um mundo interior situado na órbita da sua racionalidade. E o gesto do corpo também é verbo, é palavra igualmente, embora gesto. Cambiantes do processo de expressão do corpo. Mas há algo que distingue a motricidade do gesto da potencialidade da palavra. O gesto faz parte de uma bagagem física, fisiológica, bioquímica, genética, neuronal, do próprio corpo. É uma herança natural da espécie. O mesmo não se pode dizer da palavra, da linguagem. Não se herda a palavra, apenas uma potencialidade de palavra. Não se herda a linguagem, apenas uma potencialidade de linguagem. Ela pode ocorrer ou não – as crianças-selvagens testemunham e dimensionam atrozmente a separação subtil, mas tremendamente determinista, entre natureza e cultura. Contudo, quer pelo gesto quer pela palavra, o corpo faz-se porta-voz do que de genuíno o habita. Por eles comunica, faz-se comunicar e obtém reconhecimento, não só porque a mundaneidade que em si integra não é uma mundaneidade exterior, alheia a si, ao seu ente existencial, ao seu existir, mas também porque o que está aqui em causa é a realidade abrangente desse fenómeno existencial de expressão. Nesse contexto, saber onde começa o gesto e acaba a palavra ou onde começa a palavra e acaba o gesto é um problema menor porque, de facto, a palavra ganha veemência quando se apoia no gesto e a sua dimensionalidade acentua-se. Mas o gesto é primordial. E nesse seu silêncio inicial em que a palavra ainda não tinha ganho visibilidade expressiva, brotavam sinais que provinham da densidade corpórea. É essa a realidade comunicativa que o corpo próprio revela que faz também da linguagem do corpo uma ‘palavra segunda’.

‘Segunda’ porque, apesar de exponencialmente menos simbólica e criativa, não deixa de reproduzir um sentido.

‘Segunda’ porque o gesto assume uma natureza complementar da palavra primeira, essa que funda e fecunda e parece vir estilhaçar o seu silêncio.

Mas, tecida na corporeidade, a realidade existencial do gesto ganha realidade expressiva. E nessa demanda, ele próprio possui uma significação, também transmite pensamento, também revela informação. Se a palavra é portadora de sentidos que parecem provir e ir ao encontro do que há de mais essencial e transpô-lo para significados representativos e simbólicos de vocábulos, é claro que *não necessito do vocábulo para o saber e para pronunciá-lo. Basta que ele possua a essência articular e sonora como uma das modulações, um dos usos possíveis do meu corpo.*<sup>121</sup> Radicando assim no corpo, ela própria não se distingue, enquanto forma de expressão de um significado comum, do próprio gesto. Assim, *a palavra é um verdadeiro gesto e ela contém o seu sentido assim como o gesto contém o seu.*<sup>122</sup>

É evidente que gesto e palavra foram gerados e germinaram nesse ventre comunicativo fecundado de necessidade de expressão. E essa gestação, como toda a gestação, faz-se num tranquilo silêncio povoado de silêncio, mas feito de uma determinação progressiva e extraordinária. Como todo o germinador acto de criação. E é desse silêncio povoado de criação que a contingência se faz realidade. *Perdemos consciência daquilo que há de contingente na expressão e na comunicação, seja na criança que aprende a falar, seja no escritor que diz e pensa qualquer coisa da primeira vez, enfim em todos os que em palavra transformam um certo silêncio*<sup>123</sup>.

---

<sup>121</sup> P.P., p.210 " Il faut dire de l'image verbale ce que nous disions plus haut de la « représentation de mouvement » : je n'ai pas besoin de me représenter l'espace extérieur et mon propre corps pour mouvoir l'un dans l'autre. Il suffit qu'ils existent pour moi et qu'ils constituent un certain champ d'action tendu autour de moi. De La même manière, je n'ai pas besoin de me représenter le mot pour le savoir et pour le prononcer. Il suffit que j'en possède l'essence articulaire et sonore comme l'une des modulations, l'un des usages possibles de mon corps."

<sup>122</sup> *idem*, p.214 "La parole est un véritable geste et elle contient son sens comme le geste contient le sien. C'est ce qui rend possible la communication."

<sup>123</sup> *Idem*, p.214 "Nous perdons conscience de ce qu'il y a de contingent dans l'expression et dans la communication, soit chez l'enfant qui apprend à parler, soit chez l'écrivain qui dit et pense pour la première fois quelque chose, enfin chez tous ceux qui transforment en parole un certain silence. Il est

Mas esse silêncio que fala não se esfuma como um fósforo aceso. É sabido que a fala, todo o *acto de fala não é simplesmente transitório e evanescente. Pode identificar-se e reidentificar-se como o mesmo, de maneira que o possamos dizer novamente ou por outras palavras. Podemos até dizê-lo noutra língua ou traduzi-lo de uma língua para outra. Ao longo de todas as transformações preserva uma identidade própria, que pode chamar-se o conteúdo preposicional, o «dito enquanto tal»*<sup>124</sup>. Certo é que a expressão uma vez trazida ao plano existencial da partilha comunicativa, ela por si só já é testemunho visível desse momento que a trouxe à luz do dia a projecta para o mundo quotidiano. O que prova que esse silêncio que a antecede e que aparentemente parecia ser de vazio, como toda a pausa de tempo audível, de facto é um silêncio povoado, onde a criatividade vai pescar e dele extrair abundante pescaria. Aos bochechos, às tentativas, com dúvidas de circunstância mas não de fundo, num deambular por vezes inóspito, inseguro, desanimador, mas sempre tentador nessa irrecusável vertigem de excitação pela descoberta, pela novidade. E na franja entre o silêncio e a fala emitida há uma expressão que se situa a meio termo, numa dimensionalidade transitória que, embora seja já expressão, ainda não o é de todo. É o gesto. É já expressão, mas não é palavra expressa. Ainda é, ele próprio, silêncio, silêncio mudo. Mas já não se trata porém do *silêncio primordial* que o desconhecia, embora já o possuísse. É já um silêncio expressivo, num aparente contexto de inexpressão, dado que o gesto já possui significação, embora de natureza diferente da palavra. Por ele se veicula um certo *sentido emocional* da palavra, em complemento do sentido conceptual desta. *Se considerarmos apenas o sentido conceptual e terminal das palavras é verdade que a forma verbal – com excepção das desinências – parece arbitrária. Já não seria assim se fizéssemos entrar em conta o sentido emocional das palavras, aquilo a que*

---

pourtant bien clair que la parole constituée, telle qu'elle joue dans la vie quotidienne, suppose accompli le pas décisif de l'expression."

<sup>124</sup> RICOEUR, Paul, *Teoria da Interpretação*, Lisboa, Ed.70, 2009, p.33

*chamamos o seu sentido gestual*<sup>125</sup>. E onde radica esta emocionalidade do gesto? No corpo próprio, portador, portanto, de um nível de linguagem que transporta emoções, instintos, raízes intuitivas... Então, apesar de se apresentar como uma “palavra segunda” o gesto não deixa de ter realidade, não deixa de ser expressão, não deixa de ser uma intimidade comunicativa, uma real capacidade de significar e atribuir significação. Essas significações são simultaneamente transcendentais e imanentes à mobilidade comportamental que lhes dá visibilidade. São transcendentais no sentido em que projectam para fora da sua expressividade um conteúdo visível que pode ser captado e entendido como tal. São imanentes porque, de certo modo, incarnam nos movimentos que lhes dão guarida. De qualquer dos modos, elas ‘significam’. *Os comportamentos criam significações que são transcendentais ao próprio dispositivo anatómico, mas contudo imanentes ao comportamento como tal pois ele transmite-se e compreende-se.*<sup>126</sup>

Assim, apesar de não ser o corpo que impõe o sentido, ele próprio é portador de sentido. Não é uma realidade anatómica inerte, passiva e mecânica. Pelo contrário, contribui à sua maneira para conjugar a sua participação no processo mais alargado e complexo da comunicabilidade. Se não a um nível tão criativo e explorador como o da linguagem, mas mesmo assim, a um nível de complementaridade essencial. Sendo estrutural e a esse nível já conter significação,

---

<sup>125</sup> P.P.,p.218“...les conventions sont un mode de relation tardif entre les hommes, elles supposent une communication préalable, et il faut replacer le langage dans ce courant communicatif. Si nous ne considérons que le sens conceptuel et terminal des mot, il est vrai que la forme verbale — exception faite des désinences — semble arbitraire. Il n'en serait plus ainsi si nous faisons entrer en compte le sens émotionnel du moi, ce que nous avons appelé plus haut son sens gestuel, qui est essentiel par exemple dans la poésie.”

<sup>126</sup> *Idem*, p.221 “ Les comportements créent des significations qui sont transcendants à l’égard du dispositif anatomique, et pourtant immanents au comportement comme tel puisqu’il s’enseigne et se comprend. On ne peut pas faire l’économie de cette puissance irrationnelle qui crée des significations et qui les communique. La parole n’en est qu’un cas particulier.”

o gesto também pode ser intencional na sua expressão e a este nível estabelecer relações. Por um lado, enquanto natural na sua dimensão comunicativa, o gesto estabelece relações com a percepção. Por outro lado, ao nível de uma intencionalidade de sentido, as suas relações fazem-se e dão-se num contexto cultural. Quer num plano quer noutro, é visível o seu empenho e objectivo o seu desempenho. *A percepção é, portanto, já expressão*<sup>127</sup>. Então, *só no mundo percebido podemos compreender que toda a corporeidade seja já simbolismo*.<sup>128</sup> É óbvio que o seja no plano cultural igualmente.

O corpo tem a sua própria voz, e a palavra do corpo contribui então para que a exterioridade não seja *um simples 'objecto' para uma 'consciência'(...)* *A natureza exterior e a vida são impensáveis sem referência à natureza percebida*<sup>129</sup>. O corpo enquanto portador de expressão própria motriz, simbolicamente projectada no gesto, estabelece, por acrescento, uma continuação entre um simbolismo de raiz natural e um outro simbolismo artificial ou convencional mais adstrito ao plano cultural. *Isto conduz à ideia do corpo humano como 'simbolismo natural', ideia que não é um ponto final, que, pelo contrário, anuncia uma continuação*. Qual poderá ser a relação entre este *simbolismo tácito ou de indivisão* e o *simbolismo artificial ou convencional*<sup>130</sup> que parece ter o privilégio de nos abrir à idealidade, à verdade? Ora, como a simbolização advém da particularidade humana de assentar numa racionalidade única, o primeiro simbolismo poderá ser entendido como *logos do mundo sensível*, no sentido do implícito, e o segundo como *logos explícito*<sup>131</sup>. O corpo será então esse lugar de partilha comum desses dois planos de significação e, com voz própria no processo. Um plano natural, sensorial e perceptivo, cruzando-se

---

<sup>127</sup> R.C., p.14

<sup>128</sup> *idem*, p.137

<sup>129</sup> *Idem*, p. 176

<sup>130</sup> *idem*, p.179/180

<sup>131</sup> R.C. p.180

em termos de simbolismo com um plano ‘artificial’, ‘convencional’ cultural que dele próprio emerge, mas dele se afasta, porque se projecta numa complexidade e especificidade infindas.

Assim se constitui o corpo como elo de ligação e espaço de permuta. Contudo, *não existem duas naturezas, uma subordinada à outra, há um ser de ‘dupla face’*<sup>132</sup>. Não há por um lado um corpo com um disco rígido cerebral, nem um corpo que auto-produziu uma capacidade cerebral. Há um corpo que é lugar-comum de uma reversibilidade palpável e visível na vivencialidade mundana. E é essa reversibilidade que se regista em dois planos: o plano da realidade física e o plano da realidade relacional. Pelo primeiro, o corpo sente; pelo segundo, o corpo fala. Mas a sua realidade mesmo é a da interconexão, o da partilha que dá e recebe, que recebe e dá. Os planos em que essa operatividade se desenrola é que são diferentes. O que confirma o seu estatuto que é diferente do de um simples objecto mundano, fixado numa dimensão física e sujeito como tal às limitações próprias de qualquer objecto mundano. Pelo contrário, o corpo é mais do que isso, é porta-voz de uma outra realidade, não visível, mas tão real como ‘palavra segunda’, afirmando o gesto como determinação essencial, gesto entendido como movimento expressivo de si no espaço. A palavra não opera sem o corpo, e o próprio gesto é palavra. Ambos traçam sulcos no devir mundano e são reveladores de uma identidade ao encontro e situada no mundo. A esse nível permitem-nos constatar que toda a *significação conceptual se forma como amostra sobre uma significação gestual, a qual, ela mesma, é imanente à palavra*<sup>133</sup>. Ambas cooperam para o carácter expressivo da nossa mundaneidade. E essa cooperação é estreita. *Temos, pois, que a palavra e os vocábulos comportam uma primeira camada de significação que lhe é aderente e que dá o pensamento como estilo, como valor afectivo, como mímica*

---

<sup>132</sup> R.C.,p. 177

<sup>133</sup> P.P. , p.208-209

*existencial, mais do que enunciado conceptual.*<sup>134</sup> E essa significação que a palavra revela não lhe advém só das palavras, mas *do acento, o tom, os gestos e a fisionomia e que este suplemento de sentido revela já não os pensamentos daquele que fala, mas a fonte dos seus pensamentos e a sua maneira de ser fundamental,* porque quer o gesto quer a palavra não se circunscrevem ao acto físico ou de exteriorização de um som, mas revelam como o corpo humano se apropria *numa série indefinida de actos descontínuos de nós de significações que ultrapassam e transfiguram os seus poderes naturais,* num autêntico *acto de transcendência*.<sup>135</sup> Só assim se completa toda a operatividade expressiva que realizamos nas nossas vivencialidades em que ela efectivamente se dá e permitem ao corpo abrir-se a condutas novas fazendo sobressair o modo como um *sistema de poderes definidos se descentra repentinamente, se quebra e se reorganiza segundo uma lei desconhecida do sujeito e do testemunho exterior que a eles se lhes revela nesse preciso momento*.<sup>136</sup> Assim se pode contar com uma certeza, a do *corpo como totalidade aberta*<sup>137</sup> à experiencialidade e ao sentir do mundo com as armas da percepção e da sua própria receptividade reactiva. Isso não significa que a corporeidade que possui induza a entender-se o corpo exclusivamente como algo mecânico, cujo contacto com o mundo se faz privilegiadamente pela visão, tem na faculdade perceptiva o seu suporte relacional e possui no movimento a certeza de uma complementaridade prática. Sem dúvida que o corpo, com essas armas eficazes de inserção dá igualmente acesso a uma primeira plataforma de contextualização mundana ao contribuir para expressar também o pensamento que desabrocha na vida, bem como a vida que desabrocha no pensamento. Dá, à sua maneira e dentro das suas

---

<sup>134</sup> P.P., p.212 “ C’est donc que la parole ou les mots portent une première couche de signification qui leur est adhérente et qui donne la pensée comme style, comme valeur affective comme mimique existentielle, plutôt que comme énoncé conceptuel”

<sup>135</sup> *Idem*, p. 225-226

<sup>136</sup> *Idem*, p.226

<sup>137</sup> L.N., p. 280

possibilidades, realidade ao invisível da consciência, uma vez que o expressa e projecta numa exterioridade testemunhada pelo mundo e pelos outros. Ao fazê-lo, eu próprio me descubro no reflexo desse testemunho. *Isso é não constituído pelo nosso pensamento, mas vivido como variante de nossa corporeidade*<sup>138</sup>.

É deste modo que o corpo, no gestualizado verbal do corpo que emerge da sua corporeidade, contribui para me revelar aos olhos das coordenadas mundanas. Seja no plano horizontal da minha inserção social, cultural e histórica, seja no plano vertical da minha história pessoal, enquanto ser presente. O corpo é o ponto de encontro dessa inserção e dessa minha presença. Se a percepção permite uma ligação à *aparição sensível* do real o qual, na sua singularidade, é *um segmento do 'logos' tácito do mundo*<sup>139</sup>, a 'palavra segunda' do corpo contribui para dar visibilidade e exposição à minha realidade interior, revelando-me ao mundo e permitindo-me, por um lado, situar-me nele, e, por outro lado, nele participar activamente. De tal modo esta conjugação e relacionamento mundano através do corpo têm sentido que é *necessário dizer: a animalidade e o homem não são dados ao mundo senão em conjunto, no interior de um todo do Ser que teria já sido legível no primeiro animal se houvesse aí alguém para o ler*<sup>140</sup>. Da corporeidade brota então a primeira leitura do meu próprio ser interior. E porquê?

Porque o corpo é manifestação, abertura, é essa possibilidade de ser gesto, de transportar palavra, de entender a palavra falada pela própria realidade sensível, já

---

<sup>138</sup> L.N. , p. 338

<sup>139</sup> BARBARAS, Renaud, *o.c.*, p.33 “...l'apparition sensible est, en sa singularité même, un principe d'équivalence et donc un segment du *logos* tacite du monde. On le voit, l'analyse du langage informe la description du monde perçu : de même que le sens naît de la différenciation des signes, comme l'axe invisible selon lequel elle s'effectue, la présence sensible n'est ni existence factuelle, ni signification positive mais une *dimension* selon laquelle peuvent se différencier, c'est-à-dire apparaître des événements du monde.”

<sup>140</sup> L.N., p.338



que o sensível *é a carne do mundo*<sup>141</sup>. Se enquanto conjunto corpóreo, o meu corpo é susceptível de quantificação, enquadrando-se na mensurabilidade perceptiva mundana e como tal é medida *de todas as dimensões do mundo*<sup>142</sup>, porém a sua objectividade contém subjectividade, uma subjectividade singular, uma subjectividade que radica num pensamento, numa consciência. E para tornar pregnante a sua exteriorização, é que existe o corpo como primeiro mensageiro. Um mensageiro que a transporta expressão, quer porque a leva, quer porque a traz.

Porque o corpo é posto de controlo do intercâmbio possível de uma consciência como o mundo e deste com aquela, cuja função não é só a de permitir o fluxo comunicativo como a de manter uma ligação permanente. E, simultaneamente, é algo mais. Amplia e reforça o sentido e a natureza dessa comunicabilidade pelo gesto. Nesse dar e receber, nesse ir e voltar origina como que um *pensamento circular*<sup>143</sup>, de facto *circular bastante mais do que sequencial ou paralelo*<sup>144</sup>, nessa transcendência de se projectar conjugadamente com um pensamento que se introjecta, um interior que se exterioriza e um exterior que se interioriza, cujo direccionamento é idêntico mas de sentidos opostos. Esse desempenho é revelador do modo como o corpo se situa na franja da linearidade que serve de fronteira entre o que o de mim é mundo e do que de mundo é meu.

Porque o corpo, ao viver a vida mundana e entender perceptivamente a sua linguagem, fá-la presente a uma consciência, a qual, tocada na sua própria corporeidade conceptual, responde a esse suscitar mundano e revela-se como

---

<sup>141</sup> L.N., p. 286

<sup>142</sup> V.I. p. 302

<sup>143</sup> *Idem*, p. 182

<sup>144</sup> O'NEILL, John, *o.c.*, p.41 "The relationship between the transcendental and natural attitudes is better described as circular rather than sequential or parallel. *There is a preparation for phenomenology in the natural attitude*, a "pretheoretical constitution" which is natural to incarnate consciousness."



racionalidade feita de sentido e intencionalidade. Assim se compreende como *a consciência é o ser para a coisa pelo intermediário corpo* <sup>145</sup>. Pelo corpo, privilegiadamente pela visão e pelo movimento como vimos, a consciência ganha contornos objectivos e faz-se mundo. Se pela visão tem acesso à realidade circunscrita no plano da inserção em que brota e que habita, pelo movimento é-lhe acessível uma prolífera e infinda experiencialidade. Tomemos *em consideração um olho morto no meio do mundo visível para explicar a visibilidade deste mundo. Como se admirar, depois, que a consciência, que é interioridade absoluta, recuse deixar-se ligar a este objecto?*<sup>146</sup>. Pela visão, as coisas e os seres mundanos tornam-se cúmplices da minha consciência e com ela conjugam o verbo existir. Pelo movimento, a minha consciência faz-se gesto corporal e percorre o mundo esbatendo a distância e a relação, e relativizando o vazio ela ganha concreticidade, já que *o movimento não é pensamento de um movimento e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado* <sup>147</sup>. Pelo corpo, essa *nossa ancoragem no mundo*<sup>148</sup>, a consciência tem acesso à vivência do mundo e não se limita a fixar-se em sínteses simbólicas agrilhoadas num processo de conceptualização interna. Pelo corpo a consciência é viva no mundo, é mundo vivo. Ganha abrangência sem fronteiras na fronteira de que o próprio mundo é portador. E porque há outras

---

<sup>145</sup> P.P.,p.161 “ La conscience est l'être à la chose par l'intermédiaire du corps. Un mouvement est appris lorsque le corps l'a compris, c'est-à-dire lorsqu'il l'a incorporé à son «monde» et mouvoir son corps c'est viser à travers lui les choses, c'est le laisser répondre à leur sollicitation qui s'exerce sur lui sans aucune représentation. La motricité n'est donc pas comme une servante de la conscience, qui transporte le corps au point de l'espace que nous nous sommes d'abord représenté. Pour que nous puissions mouvoir notre corps vers un objet, il faut d'abord que l'objet existe pour lui, il faut donc que notre corps n'appartienne pas à la région de l' « en soi ».”

<sup>146</sup> SARTRE, Jean-Paul, *L'être et le néant*, Paris, Gallimard, 1994,p.367

<sup>147</sup> P.P., p. 160

<sup>148</sup> *idem.*, p.169

consciências, aí o horizonte mundano torna-se na distância que não se alcança porque a amplitude da vida revela-o como inalcançável, sempre mais lá, sempre mais longe. Sem a possibilidade corporal que lhe dá acesso à objectividade mundana e a situa no mundo, a subjectividade da minha consciência nunca seria visível. Por acrescento se comprova como o mundo sem a subjectividade da consciência não era um verdadeiro mundo, porque na ausência de ser testemunhado, a sua identidade era inócua e a existência um devir rarefeito sempre ignorante de si e da temporalidade que possui, uma vez que *ter é reter e reter, é ter, mas à distância*<sup>149</sup>. De igual modo não seria visível a relação de sentido que o nascer de uma consciência transporta, dado que *nós somos presentes a nós-mesmos porque nós somos presentes ao mundo*.<sup>150</sup> Esta relação estreita e inevitável entre um sujeito corporal e o corpo do mundo, de uma subjectividade no entrecruzamento de intersubjectividades vai permitir à minha consciência o desabrochar da significância do mundo e da descoberta do seu sentido, de como eu sou sujeito que habita o mundo e de como se desenrola e destaca a minha presença nele como consciência perceptiva, que se afirma como um projecto no mundo. E essa manifestação, que é simultaneamente projecto e procura, vai ser impelida à expressão e a relação decorrente será esculpida como uma relação de expressividade na senda de um diálogo aberto e permanente, uma vez que *o mundo está todo dentro e eu estou todo fora de mim*<sup>151</sup>. Faz-se notado entre o corpo e o mundo um diálogo visível que parece indicar uma certa força de um destino que os empurra inevitavelmente um para o outro, de tão bem

---

<sup>149</sup> P.P., p.484

<sup>150</sup> *idem*, p. 485

<sup>151</sup> *Idem*, p. 467 “ Le monde est tout au dedans et je suis tout hors de moi (...) Nous ne disons pas que la notion du monde est inséparable de celle du sujet, que le sujet *se pense* inséparable de l’idée du corps et de l’idée du monde, car s’il ne s’agissait que d’une relation pensée, de ce fait même elle laisserait subsister l’indépendance absolue du sujet comme penseur et le sujet ne serait pas situé. Si le sujet est en situation, si même il n’est rien d’autre qu’une possibilité de situations, c’est qu’il ne réalise son ipséité qu’en étant effectivement corps et en entrant par ce corps dans le monde.”

posicionados se fixarem e de tão bem articulados se integrarem na dualidade exposta. Desse modo abrem caminho a uma frondosa e frutuosa expressão vindoura.

Porque o corpo se faz ele próprio comunicação, gestualiza, expressa e assim transporta uma consciência imbuída de racionalidade que descobre e projecta cargas de significação e sentido sobre as coisas, não sendo o corpo reconhecidamente ele mesmo e, ao mesmo tempo, uma simples parcela inerte da totalidade do bolo mundano, porque portador de uma transcendência impulsiva para o mundo que o determinam como algo mais do que simples objecto físico. Nesse labor, o corpo como que se desdobra numa dupla tarefa, a de ser e a de pensar, um pensar que é *entender, querer, imaginar, mas também sentir*<sup>152</sup>. Ao transportar uma consciência intencional e a sua seiva, *crenças, desejos, esperanças, temores, amor, ódio, prazer, desgosto, vergonha, orgulho, irritação, divertimento e todos aqueles estados mentais (quer conscientes quer inconscientes) que se referem a, ou são acerca do Mundo, diverso da mente*<sup>153</sup>, para a exterioridade mundana, mostra-se como o contra-forte onde se funda toda a abertura exterior, que permitirá atribuir e fecundar o mundo de sentido mediante toda uma reveladora operatividade apoiada numa confiança recíproca, num jogo *a dois*. Na ocorrência — a esfera das crenças primordiais —, o parceiro é a própria imagem do mundo.<sup>154</sup>

Concluindo, o corpo aí está para permitir que ganhe sedimentação existencial o que há a comunicar. Ao revelar-se comunicativo dá a ganhar uma

---

<sup>152</sup> DESCARTES, René, *Princípios da Filosofia*, Lisboa Editora, Lisboa, 2001, p.67

<sup>153</sup> SEARLE, John, *Mente, Cérebro e Ciência*, ed.70, Lisboa, 1984, p.21

<sup>154</sup> GIL, Fernando, *o.c.* p. 437 “Como a vida no-lo ensina, a confiança merece-se: o seu lugar cognitivo não é a proposição mas as acções que nela assentam. As imagens do mundo activam-se e confirmam-se mediante práticas. Tem-se confiança porque aquele ou aquilo em que se confia *responde* às perguntas que lhe fazemos: é o que dar provas quer dizer. A confiança supõe reciprocidade, é um jogo a dois. Na ocorrência — a esfera das crenças primordiais —, o parceiro é a própria imagem do mundo.”

primeira visibilidade e a história que ajudará a escrever nesse entrelaçar forja consistência e fará crescer *o jardim das coisas ditas*<sup>155</sup>, no ultrapassar de clivagens e na construção da memória do mundo. Pela expressividade gestual o desbravar desse território da minha transplantação e manifestação mundanas ganha mais exposição e dá um maior âmbito à minha expressão. O que é fundamental nesta não são os seus produtos, mas a possibilidade real de os criar, e isso passa pelo ‘*eu posso*’ do *corpo*<sup>156</sup>. Se anteciparmos a distinção pontyana entre linguagem falada e a linguagem falante, reconheceremos de bom grado como significativo o contributo falado do corpo. *Digamos que há duas linguagens: a linguagem dada, aquela que constitui um adquirido e se desvanece perante o sentido de que se fez portadora - e aquela que se consuma no momento da expressão, que precisamente me faz deslizar dos sinais ao sentido – a linguagem falada e a linguagem falante*<sup>157</sup>. A linguagem falada *é aquela que o leitor trazia consigo, é a massa das relações de sinais estabelecidos a significações disponíveis, sem a qual, com efeito, ele não poderia ter começado a ler, constituindo a língua e o conjunto de escritos dessa língua*<sup>158</sup>. A linguagem falante *é a interpelação que o livro dirige ao leitor desprevenido* ou, se preferirmos, *essa operação pela qual um certo arranjo dos sinais e das significações já disponíveis logra alterar, depois transfigurar e finalmente “segregar uma significação nova.”*<sup>159</sup> Torna-se então claramente evidente que o

---

<sup>155</sup> N.C.,p. 359

<sup>156</sup> S.,p. 118

<sup>157</sup> P.M.,p. 17“ Disons qu’il y a deux langages: le langage après coup, celui qui est acquis , et disparaît devant le sens dont il est devenue porteur, - et celui qui se fait dans le moment de l’expression, qui va justement me faire glisser des signes au sens, - le langage parlé et le langage parlant.”

<sup>158</sup> *Idem*, p. 20“ Le langage parlé, c’est celui que le lecteur apportait avec lui, c’est la masse des rapports de signes établis à significations disponibles, sans laquelle, en effet, il n’aurait pas pu commencer de lire, qui constitue la langue et l’ensemble des écrits de cette langue.”

<sup>159</sup> *Idem*, p. 20 “ ...le langage parlant, c’est l’interpellation que le livre adresse au lecteur non prévenu, c’est cette opération par laquelle un certain arrangement des signes et des significations déjà disponibles en vient à altérer, puis à transfigurer chacun d’eux et finalement á sécréter une signification neuve.”

corpo pode dar o seu contributo para expressar a primeira e encaminhar para a segunda. Embora portador de palavra e empreendedor mecânico dessa *corporeidade anímica*<sup>160</sup> que é a língua que eu partilho com outros, o corpo também contribui na sua gestualidade expressiva para a dimensão de novidade que pode ocorrer em todo o acto de comunicação. Dimensão que eu exprimo quando, ao utilizar todos estes instrumentos *já falantes*<sup>161</sup>, os faço dizer algo que eles jamais haviam dito, ou para sermos mais específicos, quando dão a *reconhecer a existência de significações que não são de ordem lógica*<sup>162</sup> esperada. É claro então que nessa transacção o corpo também é fonte de expressão e permite que uma realidade própria percorra, na sua legítima arrogância de subjectividade, toda a multiplicidade de manifestações de obras originais que eu posso criar e inovar, e que a ele também se deve. Ele introduz um factor de unidade entre elas remetendo-as para mim, seu criador.

Pela palavra do corpo se realça todo o seu cunho expresso nas múltiplas expressões que desenha na comunicabilidade mundana traçando, elas mesmas, um perfil que se pode reconhecer e fazer-se reconhecer. O modo como são doseadas as diferentes manifestações concretas que o corpo dimensiona permite verificar o quanto é expressivo e como ele prolonga uma coerência pessoal que permite exactamente a sua própria identificação. O gesto, qualquer gesto do corpo, possui uma homogeneidade que decorre de uma identidade que se faz ao e no mundo. E o nosso corpo que a visibiliza, graças à sua *potência geral de formulação motora*<sup>163</sup>,

---

<sup>160</sup> P.M. , p.195

<sup>161</sup> S., p.113 “Il s'agit, pour ce vœu muet qu'est l'intention significative, de réaliser un certain arrangement des instruments déjà signifiants ou des significations déjà parlantes (instruments morphologiques, syntaxiques, lexicaux, genres littéraires, types de récit, modes de présentation de l'événement, etc.) qui suscite chez l'auditeur le pressentiment d'une signification autre et neuve et inversement accomplisse chez celui qui parle ou qui écrit l'ancrage de la signification inédite dans les significations déjà disponibles.”

<sup>162</sup> S.C., p.135

<sup>163</sup> S. p. 82

permite que isso aconteça. E é nesse contexto que ele próprio é palavra e uma palavra tem a dar e a revelar. Ao fazê-lo potencia pois a própria corporeidade da palavra.

## Capítulo II

### O CORPO DA PALAVRA

*“ A expressão é a manifestação por signos (gestos, palavras, símbolos), do sentido que lhes é inerente...o sentido inscreve-se no movimento indefinido de diferenciação e de manifestação que caracteriza o pensamento pensante e a palavra falante.”<sup>164</sup>*

Isabel Renaud

#### II.1. A Palavra Espontânea

Como foi descrito, o corpo, para lá da estrutura física que o liga sensorial e organicamente à realidade física, também se circunscreve e projecta num plano de expressão, apesar desse seu legado natural de inscrição na animalidade. Ele solta-se para intermediar entre consciência e mundo inicialmente através da linguagem corporal. Mas a palavra que fará ouvir potenciará exponencialmente o salto. Assim,

---

<sup>164</sup> RENAUD, Isabel C.R., *o.c.*, p. 10 “ L’expression est la manifestation par des signes (gestes, paroles, symboles), du sens qui leur est inhérent... le sens s’inscrit dans le mouvement indéfini de différenciation et de manifestation qui caractérise la pensée pensante et la parole parlante.”



uma vez aberta a caixa pandórica do irresistível e tentacular som simbólico, a palavra liberta-se e outra dimensão se abre à expressão própria e é a palavra que toma o efectivo comando. E ganha corporeidade essa, e nessa, sua manifestação. Por isso, *de cada vez que abro a boca, de cada vez que falo ou escrevo, prometo(...). A promessa de que falo (...) agora adianto que ela promete o impossível, mas também a possibilidade de qualquer palavra.*<sup>165</sup> A palavra, uma vez projectada no mundo, é janela que se escancara definitivamente ao ver e ao sentir e não mais se fecha. Faz-se olhar e interrogação, descrição e interpretação, abertura infinda e espanto, afastamento voluntário para reflectir e regresso desejado para no mundo pernoitar. A palavra espontaneamente se dá e se revela, como se alguma vez escondida estivesse estado. E se no mundo se vislumbra o ser do mundo, na palavra se mostra o ser de uma consciência. À medida que cresce, a palavra engrossa o seu existir expressivo e ganha corpo a realidade pessoal que a faz transbordar. E ao encontrar outras realidades pessoais, a palavra faz-se partilha e parte definitivamente para uma mundaneidade ampla, sem restrições e sem limites, com passado e tendo no presente o seu futuro, feito de intersecções de palavras que se entrelaçam no tecido socio-cultural, para o fazerem efervescer de abundância e participação. E o mundo que era natural, ganha o passaporte cultural e pela palavra se perpetua o que se ganha, o que se perde, o que se imagina, o que se constrói, o que se idealiza, o que se adivinha, o que se quer, o que se quer e consegue, o que se quer e não consegue, o que se explora, o que se investiga. E a palavra traça sentidos e dá novos sentidos aos existentes. Porque ela é um corpo de sentido o qual *é menos uma coisa pensada do que um movimento do pensamento, menos um movimento do pensamento do que uma direcção*<sup>166</sup>.

Espontaneamente nascida no mundo é verbalização de uma consciência, de um pensamento, pensamento que é reino de silêncio, mas um silêncio povoado de palavras prontas a serem proferidas e traduzidas à luz da linguagem. A palavra vai

---

<sup>165</sup> DERRIDA, Jacques. *O Monolinguismo do Outro*, Porto, Campo das Letras, 2001, p 100-101

<sup>166</sup> BERGSON, Henri, *A Intuição Filosófica*, Lisboa, Ed.Colibri, 1994, p. 52

assumir o alento e dar voz a essa linguagem que habita assim esse silêncio interior de vida, que é sempre pensamento de algo, de alguma coisa, referido a algo, correspondente a algo. E se o pensamento possui esta natureza, isso significa que *faz ele próprio o seu caminho, se elabora, se desdobra num conteúdo manifesto e num conteúdo latente os quais permanecem apegados um ao outro sem que cada um consiga bastar-se a si mesmo*.<sup>167</sup> Mas *sendo* possuidor de conteúdo, de conteúdos, contém significações, arrasta significados. O que, por sua vez significa que não evitar cruzar-se com outros significados e outras significações, que já foram fomentados, já foram expressos, já se tornaram relevantes no tecido múltiplo, complexo e disperso e que já fazem parte da nossa herança cultural e civilizacional comum que demonstram como o homem é, a par da sua realidade biológica, *um ser evidentemente cultural, metabiológico, que vive num universo de linguagem, de ideias e de consciência*<sup>168</sup>. Nessa medida, todo o conteúdo do nosso pensamento já, de certo modo, viu a luz do dia e respirou mundaneidade. O que é verdadeiramente fantástico, é como é que significações já expressas e tornadas visíveis, se entrelaçam, se combinam e procriam novas significações, vestidas por relações neonatas e em cambiantes que fazem adivinhar uma inapalpável submissão a uma qualquer *lei desconhecida*<sup>169</sup>, originando irrompantemente novas produções culturais.

Parece existir uma lei desconhecida que estimula essa intersecção criativa e prodigia novas significações, dando lugar a verdadeiros novos seres culturais e, à distância, civilizacionais. Mas, assim como o pensamento não existe no vazio e

---

<sup>167</sup> HEIDSLECK, François, *L'Ontologie chez Merleau-Ponty*, Paris, PUF, 1971, p.21 “La pensée fait elle-même sa route, s'élabore, se dédouble en un contenu manifeste et un contenu latent qui demeurent accrochés l'un à l'autre sans que chacun parvienne à se suffire...”

<sup>168</sup> MORIN, Edgar, *Introdução ao Pensamento Complexo*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997, p.86

<sup>169</sup> P.P., p. 213

vazio, e está sempre na fronteira da palavra que o expressa, do mesmo modo o que é expresso remete para o pensamento. Quer isto dizer que se essa tal lei desconhecida permite a criação de novas expressões e significações, isso acontece porque o que se expressa é fruto de um pensamento, e como tal apela ao pensamento. Assim, o que se pensa, expressa-se, o que se expressa, pensa-se. *Há então, seja naquele que escuta ou lê, seja naquele que fala ou escreve, um pensamento na palavra* <sup>170</sup> proferida. A palavra encontra directamente na linguagem que o traz à vida e indirectamente no corpo que suporta fisicamente essa linguagem, a possibilidade de revelar a realidade de si, revelar um sentido que é a *sua magia ...a sua eficácia, o seu poder criador de denominação* <sup>171</sup>. E onde há sentido, há apelo à comunicação.

Mas a identidade da palavra, não é uma identidade específica e previsivelmente unária. É uma identidade de várias identidades. É uma identidade que apesar de identificável, pode assumir várias identidades consoante o contexto em que é lançada. A palavra não é identificada por uma representação específica que lhe é inerente: conforme o contexto, conforme o modo como a posso proferir, assim assume e sugere diferentes representações. O que parecia simples, torna-se complexo. A expressão espontânea do pensamento, exteriorizada na linguagem, parecia por si só já definir e esclarecer o percurso. Contudo, o processo de dar voz ao pensamento complexifica-se, dado que a palavra não é, ou pode não ser, restrita a um único sentido. E isto porque a palavra, e o sentido que a reveste, não é algo exterior aos processos intelectuais que a dão a exteriorizar e a conhecer, portanto.

Uma vez que *o sentido habita a palavra* <sup>172</sup>, o sentido preenche a palavra. E se a linguagem parte de dentro, se jorra de uma fonte interior, tal não significa que

---

<sup>170</sup> P.P., p. 209

<sup>171</sup> FONTAINE-DE VISSCHER, Luce *Phénomène ou Structure? Essai sur le langage de Merleau-Ponty*, Bruxelles, Publications Universitaires Saint-Louis, 1974, p.44 “Le sens du mot est ainsi sa magie, comme l’ont toujours su la religion et la poésie. Le sens du mot est son efficace, son pouvoir créateur de nomination, qui est au cœur de tout langage.”

<sup>172</sup> P.P., p. 225

essa fonte seja uma área de pensamento fechado sobre si, uma *consciência de si*<sup>173</sup>. Esse interior donde brota espontaneamente a palavra que lhe é anterior na emissão mas incompleto no sentido, só o completa quando confrontado com o mundo de significações da realidade do mundo cultural onde estas se encontram ao dispor e onde encontra semelhanças de natureza. E a palavra dirige-se assim sem opção ao mundo porque este é feito do possível e do impossível, de corpos e do meu corpo, de coisas, de outros. A palavra tudo vai conter e tudo vai permitir e albergar no seu seio simbólico. Espera encontrar no terreno da mundaneidade outras expressões para que haja lugar para o encontro ou o desencontro, mas seguramente lugar de partilha. Porque a palavra que é minha pretende ser de todos uma vez proferida, para encontrar num abraço comunicativo outras palavras que me provocam à comunicabilidade, tal como eu as provoquei. E esse lugar-comum que é simultaneamente meu e dos outros, dos outros e meu também, revelar-se-á como detentor de exclusividades sem que nenhuma o possua verdadeiramente. O domínio público da palavra é receptivo a conter o privado, ao passo que este se contém a si próprio mas dá-se naquele, alarga o seu horizonte e encontra outras palavras. Há aqui como que uma negação. A palavra que é minha e se dá a revelar, ao fazê-lo, embora revele a sua fonte originária que sou eu donde jorra, simultaneamente perde identidade, porque ao dar-se espontaneamente ao conhecimento mundano, inicia nesse preciso momento, pela partilha que fomenta com outras palavras, a pertença a

---

173 P.P., p. 225 “On est donc bien conduit à reconnaître une signification gestuelle ou existentielle de la parole, comme nous disions plus haut. Le langage a bien un intérieur, mais cet intérieur n'est pas une pensée fermée sur soi et consciente de soi. Qu'exprime donc le langage, s'il n'exprime pas des pensées? Il présente ou plutôt il *est* la prise de position du sujet dans le monde de ses significations. Le terme de « monde » n'est pas ici une manière de parler : il veut dire que la vie « mentale » ou culturelle emprunte à la vie naturelle ses structures et que le sujet pensant doit être fondé sur le sujet incarné. Le geste phonétique réalise, pour le sujet parlant et pour ceux qui l'écoutent, une certaine structuration de l'expérience, une certaine modulation de l'existence, exactement comme un comportement de mon corps investit pour moi et pour autrui les objets qui m'entourent d'une certaine signification.”

uma identidade de expressão comum. Mas esta negação, devidamente enquadrada numa análise ampla, não é de facto uma negação, é mais uma correlação, fomenta correlações, *co-originárias*<sup>174</sup>.

Isso traz naturalmente vantagens. Porque a palavra ao dar-se, dá-se ao encontro de outras, e a sua identidade ainda é possível porque o reconhecimento será assegurado. Já não será só a minha palavra a habitar a realidade da expressão mundana, mas outras palavras enriquecerão a minha expressão e valorizá-la-ão porque lhe darão certamente lugar, um lugar. Um reconhecimento mútuo será garantia para a minha palavra espontânea ganhar corporeidade. E embora pareça ficcionada porque simbólica, e portanto desarraigada de toda e qualquer concreticidade, a palavra não o é de facto. Ela tem nascimento em mim, tem realidade por isso em mim, mas torna-se visível apesar desse manto de invisibilidade interior que a veste. Recebida, compreendida na sua corporeidade fonética e simbólica num plano de equivalências apodíctico, a minha palavra exteriorizada exterioriza o seu significado permanente, impondo-se que seja considerada na sua realidade efectiva. A palavra está em mim, está dentro de mim, mas simultaneamente está fora de mim, uma vez manifesta. Quando espontaneamente se liberta e se dá à visibilidade significante, ela veicula uma efectiva identidade, que lhe assegura o tornar-se universal, em virtude do conteúdo eidético que contém. Pode assumir outras vogais, outras consoantes, outros fonemas, outros vocábulos. Mas a sua função de representar o concreto e de ser comum a sua posse, isso mantém-se em permanência. De certo modo, quase se esbate a fronteira entre o que a palavra representa e a própria representação do que se representa, no sentido em que a palavra circula nos mundos simbólicos da expressividade partilhada, referindo-se ao real, sem este permanentemente não estar presente. E ganha laivos de requinte abstracto se nos encaminhar para domínios puros do imaginário e da

---

<sup>174</sup> RICOEUR, Paul, *Histoire et vérité*, p.345 “ Autrui est le non-moi par excellence, comme l’universel est le non-*ceci* para excellence; ces deux négations sont corrélatives et, si l’on peut dire, co-originaires”.

criatividade, como a literatura, a ficção cinéfila, a programação informática, a arte, a música...Aí a palavra que se faz sinal de sinais, encaminha-nos para domínios do simbólico que parecem perder qualquer contacto com a realidade, embora referentes dela, embora nela se enquadrando. Mas mesmo aí, nesses contextos puros da expressão, a palavra possui corpo, porque a sua realidade não se perde e o seu sentido permanece. Ela é palavra que se dá e encontra sempre alguém que a escuta, a compreende, a recebe, a partilha. Porém, em verdade, a palavra, apesar da corporeidade que possui, não se possui. Ninguém é detentor, proprietário da palavra. Ela é minha, sou eu próprio, mas a sua história precede-me e o seu deambular sucede-me, sem eu poder patentear a sua posse ou controlar o seu discorrer. Ela expressa o meu mundo, o meu estar, o meu sentir e a sua espontaneidade jorra dessa descoberta de se fazer ouvir e entender. Já não é o meu corpo que fala, é ela que fala por ele e o dá a revelar ao mundo aonde habita.

A palavra não se dá a um mundo feito de palavras paralelas, mas de palavras que se cruzam, não de palavras que se justapõem, mas de palavras que se interpenetram, não de palavras singulares numa soma comum, mas de palavras que se dialectizam e se complementam. E isto porque faz parte de um corpo mais genérico de uma linguagem partilhada e que se lhe sobrepõe exactamente pelo género. Por ela, a palavra individual ganha contornos de todo, feito de sentidos e de relações, numa generalidade aberta, infinda e criativa. Nessa dinâmica de uma expressão que é sempre actual, já que *hoje é hoje e amanhã é amanhã* e *eu não posso olhar o meu presente do ponto de vista do futuro*<sup>175</sup>, que é simultaneamente individual e ao mesmo tempo é remetida para um plano comum, se joga a possibilidade de todos os possíveis verbais. A espontaneidade da minha palavra própria insere-se desse modo numa coabitação que remete para uma expressividade universalmente dimensionada. Ao tornar-se visível na sua expressão, não revela tudo

---

<sup>175</sup> S.N.S.,p.51

o que é, mas vai-se revelando o que é. E a sua totalidade só se dá por acabada quando ela própria deixa de ser palavra, de ser projectada, porque o corpo deixa de ser o seu substrato físico. Até esse ponto de clivagem total, a palavra é reflexo da própria vida que a anima e lhe dá brilho.

Mas até esse aspecto finito da palavra pode ser contestado e questionado. E isto porque a palavra que o é, pode ultrapassar a temporalidade do ciclo temporal que a faz radicar num corpo. Ela pode perpetuar-se nas próprias manifestações que a viram nascer e permanecer no mundo na faceta de sublimação em que se gerou. Como expressão individual ultrapassa desse modo a própria individualidade. Não perde o nome que lhe deu forma e a lançou para um sentido virtual reconhecido, mas ganha identidade própria. Já não é M. Merleau-Ponty autor de “A Fenomenologia da Percepção”, é “A Fenomenologia da Percepção” escrita por Merleau-Ponty. A palavra passa assim a ser mais do que um memorial de uma expressão personalizada e fecunda. É ela própria personagem e fecundidade. E desse modo vai mais longe do que aquilo que ela é, porque sugere, sussurra, estimula, abre caminho, lança ideias, despoleta sensibilidades, faz germinar outros desejos. Este mesmo sentido documenta como a palavra é sempre partilha, nunca é solitária, é solidária de outras palavras até ao horizonte inalcançável da expressão mundana. Isso acontece porque a palavra, espontaneamente proferida e dada à luz da comunicabilidade é reconhecida como tal. Mesmo que seja reflexo de uma aparente *solidão monacal*<sup>176</sup> ou radicada no gesto isolado do seu criador egocentrado, ela é atraída pela sua própria natureza: não é feita para não ter pólo de relação, ela existe porque há dois pólos comunicativos, presentes ou ausentes, mas sempre possíveis, sempre reais, por muito que não o pareçam. Quando um compositor se lança na epopeia da escrita musical, a espontaneidade que regista em pauta o seu ondular criativo não nasce para ficar por ali, no cenário do vazio, sem acústica e sem som. Virtualmente irá ter um ou todos os ouvintes, mas algum ou alguns desempenharão o papel de

---

<sup>176</sup> DERRIDA, Jacques, *o.c.*, p.14

correlativo e darão ouvidos à sua expressão. Se ela nasce, é para alguém a escutar, a decifrar, a entender. Está implícito na sua própria natureza: se é palavra, é partilha. A não haver vislumbre de relação comunicativa, então ela perder-se-ia porque efectivamente não se dá, não se solta, não se revela.

A par da sua natureza e da sua corporeidade simbólica, adivinha-se que a palavra é fronteira, porque há que separar, diferenciar, delimitar duas identidades distintas que se tocam e comunicam num jogo tornado presente. Se a palavra que eu profiro sai de mim, isso significa que sai da minha própria intimidade para ser projectada numa exterioridade alheia. Se isso acontece, é porque há por parte de mim um certo investimento nessa exterioridade, à procura de um reconhecimento que dê sentido à relação que se estabelece. Mas se a palavra sai da minha esfera de interioridade e se dá a revelar, isso também significa que se dá à possibilidade de se perder de mim e de vir a ser apropriada pela exterioridade correlativa. É um preço vital a pagar. A palavra não perde identidade pela sua expressão, mas na medida em que se exterioriza, deixa de ser minha a sua posse, para a ser do mundo que a escuta. E o que veicula a palavra que se exterioriza? O desejo da sua própria expressão. E de onde advém esse desejo? Da natureza de um ser e da expressão que se dá espontaneamente á espera de ser entendida de um modo efectivo e completo se houver mais do que a sua presença em presença. Descobre como só tem sentido se não se quedar no seu vazio e partir à procura de ser ouvida, mesmo que encontre moinhos de vento em vez de cavaleiros e fantasia em vez de realidade. Mas até aí, na periferia da mundaneidade encontra eco e vitalidade o seu irromper. Porque deseja que haja sempre alguém a escutar, que haja sempre alguém à espreita de a ouvir. Na espontaneidade da sua manifestação, a palavra assume não querer viver isolada, não se reconhece num viver solitária, não veio ao mundo para morrer solteira. Ao expressar identidade vai encontrar outras identidades, ao expressar a sua própria intimidade espera encontrar outras intimidades que se possam dar igualmente a revelar no mesmo plano. Dado que não é a soma dessas expressões que



define a totalidade do real mundano, não é preciso apostar numa expressão quantitativa para sentir mais segurança comunicativa. É preciso que a minha palavra veicule um sentido e que esse sentido seja captado. Não interessa se são muitos ou poucos que o captam. Importante e significativo é que ele seja captado, pois é a ausência dessa relação que criará o vazio e a solidão da palavra. O desejo de expressão não se tornará visível nessa circunstância e a sua concretização possível. A palavra espontânea, voz de um corpo e de uma consciência, precisa de outra palavra interlocutora que a reconheça na diferença personalizada. É assim que a palavra ganhará corpo, nesse lançar-se à expressividade mundana, transportando consigo a interioridade que lhe dá guarida. Essa interioridade não é neutra, é sua, é de um corpo que a mobiliza, é de uma consciência que a produz, é de uma identidade que justifica a sua razão de ser. Partindo dessa invisibilidade interior, ao espontaneamente se lançar no espaço da comunicabilidade e na redução da separação com as outras expressões que ocupam a mesma temporalidade cultural, a palavra personifica o seu papel de ser voz de uma consciência e de um pensamento e aventura-se por trilhos vindouros no papel de ser local de acolhimento da partilha consequente. Assim a sua fisionomia revelará uma lógica própria e uma organização idiossincrática. Ao inserir-se no mundo ganha um lugar próprio, que é seu, que lhe estava reservado, porque a comunicabilidade mundana é o espaço e o tempo de toda a expressão, de todo o debate, de toda a manifestação própria, de toda a intenção, de todo um diálogo cuja alma discursiva se encontra sitiada no critério do *noético*<sup>177</sup>.

Contudo, esse estatuto só por si, embora seja necessário não é suficiente. Ao dimensionar-se como plataforma de encontro, a palavra não deve descurar a sua identidade e não deixar de exigir o seu reconhecimento. Só nessa medida se efectiva verdadeiramente o seu genuíno sentido: é palavra sobre, e é palavra para, para ser escutada, ouvida, compreendida, reconhecida. Mas até este nível já mais composto de significação e propício à complementaridade, ainda não é terminus expressivo.

---

<sup>177</sup> RICOEUR, Paul, *o.c.*, p.33

Ganhar lugar de identidade e o consequente reconhecimento, não valorizam em definitivo a palavra espontânea. Há um plano mais englobante feito de conexões e contributos e é para esse plano de expressividade linguística e cultural que deve ter a pretensão de seguir. Eu recebo a herança de toda uma história que me precede, que inclui tudo o que de real e irreal foi projectado nessa tela socio-cultural. A minha palavra parte do meu interior, mas o meu interior já foi e é burilado por essa herança que se abriga nele como se de um ninho se tratasse. E se a palavra que emito é reflexo de um tratamento muito próprio dessa herança, ela já tem em si componentes gerais que são reconhecidos naturalmente pelos outros que escutam. Porém, a descentração que daí decorre não remete para a periferia a identidade da palavra pessoal, nem a apaga. Conto que o meu lugar está sempre assegurado, o meu contributo pode ser efectivo e que o plano geral de toda a expressividade é alimentado em permanência. Nas suas corporeidade e fisionomia simbólicas, a palavra adere ao mundo, e naturalmente este aderirá a si. Se a minha palavra reconhece outras palavras, espera que estas a reconheçam a si. Se se apropria do contributo que lhe fazem chegar, espera que elas se apropriem do seu. E quanto mais valor possuí, mais deve ser premente e geral a sua posse. Tratar-se-á de um investimento mútuo, onde todos sairão a ganhar: a minha expressividade ganha o mundo, este supostamente aquela.

Poder-se-á argumentar que a dimensionalidade da troca se adivinha desequilibrada. Não é verdade. É certo que a quantidade só interessa realmente quando a qualidade é avassaladora. Se se trata de um J.S.Bach, um Picasso, um Freud...então que a sua produção seja abundante. De outro modo, a quantidade é irrelevante. Todo o pequeno contributo de um contributo, toda a singela e espontânea expressão é expressão. Porque toda ela possui corpo, o corpo da palavra, ela mesmo. Mas se o corpo próprio já se tinha revelado como um enigma, a palavra é-o também uma vez que *tudo o enigma está no sensível, nesta tele-visão que nos*

*faz no mais privado da nossa vida simultâneos com os outros e com o mundo*<sup>178</sup>. É verdade que a palavra já contém no seu seio simbólico realidades infindas numa plataforma que *é nervura comum do significante e do significado, aderência e reversibilidade de um outro*.<sup>179</sup> Por isso mesmo, a palavra pretende inter-relacionar-se com outras palavras, ser abertura e complementaridade, intimidade e exposição e, simultaneamente, espontaneidade e lealdade.

É abertura e, apesar de reversível, aprende e evolui, não perde o seu lugar.

É complementaridade e, apesar de relacionada, não se esgota, não esgota a sua natureza.

É intimidade e, apesar de exigir clareza, é na intimidade que transporta que melhor revela esse seu carácter enigmático.

É exposição e, apesar de exposta, não se perde, não trai uma *perturbação de identidade*.<sup>180</sup>

É espontaneidade e, apesar de se inserir num corpo, não se despersonaliza, porque ela também é corpo.

É lealdade, porque, apesar da sua manifestação liberta, não deixa de manter o cordão umbilical com o silêncio de uma consciência que a projecta e com a singularidade de um corpo que a sustém.

Assim, a palavra, que se liberta e expõe, procura o encontro da partilha e da comunicabilidade que lhe permitem revelar-se e dar sentido à sua própria existência

---

<sup>178</sup> S. 24

<sup>179</sup> V.I. 158 “ Il n’y a plus d’essences au-dessus de nous ,objets positifs, offerts à un œil spirituel, mais il y a une essence au-dessous, nervure commune du signifiant et du signifié, adhérence et réversibilité de l’un à l’autre, comme les choses visibles sont les plis secrets de notre chair, et notre corps, pourtant, l’une des choses visibles.”

<sup>180</sup> DERRIDA, Jacques, *o.c.*, p.14

que, de outro modo, não o teria. E se essa abertura se dá, por força da natureza que a sustém, é porque a palavra habita o mundo da comunicação, nele se insere, nele vive e nele desenvolve uma linguagem. Uma linguagem que questiona, e encontra uma linguagem que responde. E na inversão dos papéis se desenvolve a sua expressividade e o seu mundano reconhecimento. É nessa medida que a palavra é singular e é código de acesso à minha interioridade. Se o corpo emite sinais e uma gestualidade promissora, já a palavra se dá à estrutura escondida da linguagem, apesar da sua espontaneidade não conjugar com o sistema da própria linguagem que, aliás, desconhece. A palavra fala, exerce esse poder de se expressar, mas não controla a dinâmica que dela decorre. Integrada nessa dinâmica interior da linguagem, desvela a minha subjectividade e realça na mensagem de que é portavoz significações que apesar de minhas, ganham contornos infínitos devido às interpretações que pode suscitar. E essas significações tanto veiculam conteúdos como silêncios, silêncios entre os conteúdos, silêncios para lá dos conteúdos.

Embora cada um de nós esteja limitado a um corpo em que participa, a nossa subjectividade carrega inesgotáveis potencialidades e a linguagem, que revela, *quebrando o silêncio o que o silêncio queria e não obtinha*<sup>181</sup>, é ela própria *um mundo, ela própria um ser no mundo e um ser à segunda potência, visto que ela não fala no vazio, que ela fala do 'ser' e do 'mundo', redobra portanto o seu enigma em vez de o fazer desaparecer*.<sup>182</sup> É por isso que cada palavra é na prática *uma palavra universal*<sup>183</sup> e a linguagem é na prática um meio de nos manter unidos entre nós, e entre nós e as coisas. Reconhece-se assim porque a palavra emitida deixa de nos pertencer, se é que alguma vez nos pertenceu. Tanto é minha como de todos, da minha subjectividade como de toda a mundaneidade, possuída por um autêntico

---

<sup>181</sup> V.I. 227

<sup>182</sup> *Idem*, p. 132

<sup>183</sup> *Idem*, p. 202

*milagre de reciprocidade*<sup>184</sup>. Das minhas vivências como que se repercute por semelhança nas vivências de todos. É daí que decorre a possibilidade de toda a comunicabilidade e a sua verdadeira razão de ser. Porque o que não é comum não pode ser partilhado e, portanto, não pode ser elo de ligação. Se a palavra se dirige impulsivamente ao mundo, estabelece um contacto, pede esse contacto. Se excede a sua própria dimensão nesse acto de se exteriorizar, espera por esse acto ter acesso a uma relação e à descoberta de um triplo sentido: do seu, do mundo, e desse enigma de se dar no mundo. Dito de outro modo, da descoberta da sua intimidade, do encontro com a exterioridade mundana, e do modo como se dá e se situa nessa mundaneidade. Nessas vertentes se situa a palavra na relação com o mundo e os outros e se constitui como corpo de sentido. A partir de uma interioridade, exterioriza-se pelo movimento corporal verbal no oceano da comunicabilidade mundana. A partir do centro de individualidade de onde brota, descentra-se nas coordenadas dessa comunicabilidade na medida em que ao mesmo tempo que chama sobre si as atenções, ao mesmo tempo, enquanto assume formas de expressividades comuns, a palavra dilui-se nessa mesma comunicabilidade, porque é de todos, e nessa medida não é propriedade de ninguém em particular.

Nesse sentido a palavra não se possui, é meio ao dispor de todos para todos. E se brotou de mim, a partir do momento em que dela me desapesei porque a soltei na tela comum, então deixa de ser minha porque nascida, porque expressa nos seus significados e nos contextos que lhe dão significado próprio. É um facto que a palavra vive matrimonialmente com o pensamento e *como puras diferenças elas são indiscerníveis*<sup>185</sup>, mas a sua natureza é bem discernível.

O pensamento não possui corporeidade, a palavra sim.

O pensamento não tem acesso directo à visibilidade, a palavra sim.

O pensamento pode esconder-se à mundaneidade, a palavra não.

---

<sup>184</sup> RICOEUR, Paul, *Lectures 1. Autour du politique*, Paris, Seuil, 1991, p. 258

<sup>185</sup> S., p. 26

O pensamento permanece único e personalizado, a palavra não.

O pensamento é fonte, a palavra meio.

O pensamento devaneio, a palavra concretização.

O pensamento é subjectividade, a palavra fenomenalidade.

O pensamento mais *textura carnal* que *nos apresenta a ausência de toda a carne*<sup>186</sup>, a palavra mais situada na carne do mundo.

Apesar de naturezas diferentes, pensamento e palavra confluem e suscitam o que os une para lá do que os diferencia: a própria expressão comum que germina numa racionalidade abrangente. *Todo o pensamento vem das palavras e aí regressa, toda a palavra nasceu nos pensamentos e termina neles*<sup>187</sup>. Daí a linguagem deslizar por palavras que não se expressam a si. Expressam. O seu movimento expressivo não é seu, é de um movimento de expressão. Por trás da sua comunicabilidade viva, está um pensamento sedento no desejo de revelar *uma tomada de posição do sujeito no mundo das suas significações*.<sup>188</sup> Então se compreende que *a palavra operante faz pensar e o pensamento vivo encontra de um modo mágico as suas palavras*<sup>189</sup> e que todo o acto expressivo se concretize pela comutação entre *palavra pensante e pensamento falante*<sup>190</sup>. De igual modo, toda a subjectividade, porque vivencial,

---

<sup>186</sup> V.I., p. 195

<sup>187</sup> S. 25“ Toute pensée vient des paroles et y retourne, toute parole est née dans les pensées et finit en elles. Il y a entre les hommes et en chacun une incroyable végétation de paroles dont les ‘ pensées ’ sont la nervure.”

<sup>188</sup> P.P., p. 225

<sup>189</sup> *idem*, p. 26 “ La parole opérante fait panser et la pensée vive trouve magiquement ses mots. Il n’y a pas ‘la’ pensée et ‘le’ langage, chacun des deux ordres à l’examen se dédouble et envole un rameau dans l’autre. Il y a la parole sensée, qu’on appelle pensée – et la parole manquée qu’on appelle langage.”

<sup>190</sup> *Ibidem*

apela a uma intersubjectividade, esse *regime de funcionamento do campo de toda a 'praxis'*<sup>191</sup>. A palavra assume o papel de dar voz, de vasar na comunicabilidade a vida que se vai gravando nos trilhos da história pessoal.

Por tudo isso, os caminhos próprios da linguagem são abertos, inesperados, imprevisíveis. São rios simbólicos mas sem margens fixas. A palavra decorre por eles mas não conhece a sua foz. Porque por trás da palavra, está verdadeiramente a vivencialidade mundana que lhe alimenta as raízes.

Por trás do dito, está o vivido.

---

191 BONAN, Ronald, *Le problème de l'intersubjectivité dans la philosophie de Merleau-Ponty*, p.279-280

## II. 2. O Dito e o Vivido

*A linguagem já não é o servo das significações, é o próprio acto de significar (...) Não há doravante outra maneira de compreender a linguagem se não instalar-se nela e exercê-la.*<sup>192</sup>

M. Merleau-Ponty

A vivencialidade é uma evidência da existência. Da existência individual, da existência que é abertura gradual ao inesperado mundano, por natureza irrepetível, que cada um detecta, exactamente porque é de ordem pessoal. Essa evidência só se revela porque há uma consciência que a vive e testemunha. É então por uma consciência que se descobre e se vai descobrindo que toda a vivencialidade, em cada um, ganha contornos de uma verdadeira presença e tem na palavra a sua expressão. É a presença da minha inserção no mundo, é a presença do mundo que se integra na minha existência. E se eu sou uma consciência num corpo que habita um mundo,

---

<sup>192</sup> S., p.353-354 “...A linguagem cessava pois de ser para o escritor (se e que alguma vez o foi) um simples instrumento ou meio para comunicar intenções dadas por outra via. Presentemente faz corpo com o escritor, é ele próprio. A linguagem já não é o servo das significações, é o próprio acto de significar (...) Não há doravante outra maneira de compreender a linguagem se não instalar-se nela e exercê-la. O escritor, como profissional da linguagem, é um profissional da insegurança. A sua operação expressiva é lançada de obra em obra, cada uma por si sendo, como se disse do pintor, um degrau construído por ele próprio sobre o qual ele se instala para construir com o mesmo risco um outro degrau, e o que chamamos *a obra*, sequência destas tentativas, interrompida sempre, quer seja pelo fim da vida ou pelo esgotamento da potência de falar.”



isso significa que o que vivo se reflecte na consciência que diz e esta projecta-se na realidade que se vive. Poder-se-á colocar então a questão de saber se a multiplicidade de vivências a que estou receptivo e propício a desfrutar, correspondente a uma dinâmica mundana permanente, insondável e inconsolável na sua própria essência de ser dinâmica e incompleta, não faz perigar a minha própria identidade, dessa mesma consciência que possuo. E descubro que essa dúvida não faz sentido. O corpo próprio contribui para que a minha identidade se mantenha íntegra, embora caiba à consciência a questão última da identidade pessoal. O que é múltiplo são as vivências mundanas e as explicações que teço em torno delas, bem como as reflexões das quais partem essas explicações. Daí a mundaneidade e o homem serem acessíveis a esses *dois tipos de pesquisa, umas explicativas, outras reflexivas*<sup>193</sup>. A aproximação que faço ao mundo é no sentido sempre de querer compreender, descobrir uma verdade, o fundamento de toda a existência. Mais do que a objectividade do mundo, já por si significativa da sua realidade, interessa-me a própria intimidade mundana, profunda, originária. Sou uma *incarnada consciência aberta a objectos sob a mesma luz e sombra captada*<sup>194</sup> pelo corpo próprio. Este está lá para permitir a ligação e servir de garantia à intencionalidade de uma

---

<sup>193</sup> P.P., p.490 “Ou bien enfin il s'agissait de savoir comment le monde et l'homme sont accessibles à deux sortes de recherches, les unes explicatives, les autres réflexives. Nous avons déjà, dans un autre travail, formulé ces problèmes classiques dans un autre langage qui les ramène à l'essentiel: la question est, en dernière analyse, de comprendre quel est, en nous et dans le monde, le rapport du sens et du non-sens. Ce qu'il y a de sens au monde est-il porté et produit par l'assemblage ou la rencontre de faits indépendants, ou bien, au contraire, n'est-il que l'expression d'une raison absolue?”

<sup>194</sup> O'NEILL, John, *o.c.*, p.41/42 “The philosopher is not a disembodied consciousness contemplating objects which exist only in the light of mind. The philosopher is an embodied consciousness open to objects through the same light and shadow cast by his own body. The world is given to us primordially not in the *cogito*, but in the incarnate subject (*Subjekt Leib*) as a *Possum* (I am able to). It is through the body that we discover a "subject" relationship which is the definitive articulation of an "irrelative" in perceptual experience that is the "statutory basis" (*Rechtsgrunda*) of all the constructions of the understanding. Through my body I experience a spiritualization of matter and a materialization of spirit, the enigma of sensible matter given to itself through a "sort of reflection"...”

consciência, é esta que se abre à janela da perceptividade e se debruça e desce pela palavra à concreticidade mundana.

Há, contudo, nesse processo uma certa ambiguidade, que é palpável entre uma consciência que partilha o corpo próprio, e este que partilha com aquela uma identidade e cumplicidade íntimas que extravasam para o gestual, o tátil, o dito, como vimos. É uma relação alicerçada numa unidade *sempre implícita e confusa*<sup>195</sup>, que só se experiencia vivendo-se. Neste contexto, a realidade do “eu sou” ganha todo o significado, uma vez que eu não sou um ser físico, eu não sou o que penso, eu não sou o que diz. Sou um todo, corpo visível e consciência expressa que se manifesta numa mundaneidade que é tanto física como humana, povoada de consciências, pois ela é efectivamente *pátria dos nossos pensamentos*<sup>196</sup>. A partir de uma existencialidade própria que se cruza e interpenetra no terreno mundano com as vivencialidades de outras existências, gera-se o mundo humano. Começa com o contributo de uma individualidade singular e desenvolve-se com as diversas e infindas inscrições plurais que ganham relevo e se realizam no mundo. A realidade humana parece povoar-se assim de ilhas singulares aglomeradas num complexo arquipélago existencial. O primeiro passo para uma natural comunicabilidade dá-se mediante o fantástico aparelho perceptivo. Este abre-nos ao exterior, aproxima o que é distante e relaciona o que é diferente, o mundo torna-se mais nosso, a existência

---

<sup>195</sup> P.P., p. 231 “Le corps n’est donc pas un objet. Pour la même raison, la conscience que j’en ai n’est pas une pensée, c’est-à-dire que je ne peux le décomposer et le recomposer pour en former une idée claire. Son unité est toujours implicite et confuse. Il est toujours autre chose que ce qu’il est, toujours sexualité en même temps que liberté, enraciné dans la nature au moment même ou il se transforme par la culture, jamais fermé sur lui-même et jamais dépassé. (...) Je suis donc mon corps, au moins dans toute la mesure ou j’ai un acquis et réciproquement mon corps est comme un sujet naturel, comme une esquisse provisoire de mon être total. Ainsi l’expérience du corps propre s’oppose au mouvement réflexif qui dégage l’objet du sujet et le sujet de l’objet, et qui ne nous donne que la pensée du corps ou le corps en idée et non pas l’expérience du corps ou le corps en réalité.”

<sup>196</sup> *idem*, p. 32

torna-se mais íntima, pois entra em acção um segundo plano: a consciência que nos habita e se dirige ao mundo para palpitar, quando confrontada sensorialmente com as coisas mundanas. Este sentir o mundo por parte da minha consciência veiculada pelo corpo à realidade exterior mundana, origina as minhas vivências próprias. E, ao fazê-lo, inscrevo a minha história no pergaminho do mundo e espero que outras consciências o façam igualmente, porque supostamente vivem o mesmo mundo que eu, partilham a mesma história que eu, semelhantes a mim, que *sou um campo, eu sou uma experiência*<sup>197</sup>. Assumo, pois, na minha individualidade de sujeito a universalidade e o mundo. Inserido neste enquadramento e enquadrado por esta virtualidade concreta, eu tenho a possibilidade de dizer e tornar comum o meu mundo, tornar exterior o que é interior, dando ao foro íntimo da minha consciência a possibilidade de fazer um investimento intencional que o projecta para fora de si.

E eu descubro-me nesse plano conscientemente como consciência.

E descubro que a corporeidade da minha existência se processa num discorrer contínuo que rasga a própria existência mundana para nela gravar e fazer notada a sua presença.

E descubro igualmente ser uma unidade individualizada na diversidade múltipla mundana. No trajecto de me inscrever nesse fluxo sinto as raízes da existência e apercebo-me de como são radicais essas minhas inserção e ligação mundanas. O que é dito torna-se vivido, o que é vivido, dito. Se foi preciso um mundo para eu nele me manifestar, fui preciso eu para ele se revelar de um modo consciente. Sem mim, o mundo não teria um interlocutor válido e o mundo não seria um objecto fenomenológico, ficando reduzido a um papel de menoridade cognitiva.

A minha existencialidade percorre o mundo e ao cruzar-se com a existencialidade deste, o choque que tal situação provoca lança-me numa dinâmica vital. Nele encontro coisas, seres, que natural e espontaneamente aparecem e reaparecem no cenário de uma actuação que se manifestam quer como uma presença

---

<sup>197</sup> P.P.,p. 465

fenoménica quer como uma ausência conceptual. Presença fenoménica, porque se revelam perceptivamente à minha consciência que as apreende. Ausência conceptual, porque a sua aparição em mim deixa marcas da sua identidade. Quando reaparecem e eu as identifico, tenho a prova de que uma actividade fenoménica se processou, uma conceptualização se deu e que a corporeidade da palavra dá voz ao processo. A minha consciência, pela porta da perceptividade e pela expressão da palavra, dimensiona uma presença mundana feita de parcelas sempre presentes, sempre diferentes, sucessivas, sempre iminentes. Essas parcelas de mundo despertam sensações que se revelam como o contacto iniciático com o ser do mundo e dão vivencialidade ao corpo. E se as sensações são múltiplas e diferenciadas, cabe ao corpo próprio dar-lhes unidade e guarida no espaço único corporal. Cabe à palavra ser porta-voz do corpo, esse *objecto ‘sensível’ a todos os outros, que ressoa por todos os sons, vibra por todas as cores e que fornece às palavras a sua significação primordial pela maneira como os acolhe*.<sup>198</sup>

A palavra possui essa natureza. E entre todos os meios de expressão, é o único capaz de ter consciência de si próprio, uma vez que o sentido que veicula não é roupa que a adorna, é a sua própria corporeidade, porque é *indissoluvelmente qualquer coisa que se diz, que se ouve e que se vê*.<sup>199</sup> O sentido da palavra nunca se separa dela, é a sua pele, o seu substrato. De tal modo que esse sentido não tem sentido fora da linguagem – uma frase dita noutra língua desconhecida para mim, para mim não tem nexos porque não faz sentido, não entendo o que pretende. E para o captar tenho de entender o corpo linguístico que o mundaniza. O sentido, esse nexos interno, sua coluna vertebral, não existe por si, isolado. Está inserido nela, nela

---

<sup>198</sup> P.P., p.273 “ En somme, mon corps n'est pas seulement un objet parmi tous les autres objets, un complexe de qualités sensibles parmi d'autres, il est un objet *sensible* à tous les autres, qui résonne pour tous les sons, vibre pour toutes les couleurs, et qui fournit aux mots leur signification primordiale par la manière dont il les accueille.”

<sup>199</sup> *Idem*, p. 273

inscrito e nela repousa. Mas como se processa esta tão íntima relação? Como decorre esta colagem tão próxima à sua própria pele? Existe exterior e depois em si se inscreve como que por empréstimo? O sentido do dito será propriedade dos sujeitos que se expressam? Ou será que a palavra pela sua própria natureza é sempre portadora de um sentido? Neste caso e se o sentido que possui é próprio dela, como o podemos captar nós que não somos seus senhores, apenas nos servimos dela como instrumento de comunicação? Ou, por outro lado, se a palavra tem uma identidade própria, que código possuirá para se abrir ao vivido e dele poder falar?

É claro, e já foi vincado, que toda a expressividade começa no e pelo corpo, lugar de percepção, bem como de sexualidade geradora. Mas é no complemento soberbo da palavra que se sedimenta no corpo de uma linguagem, que dá à expressividade o brilho e o realce de uma criatividade plena. A vida que se incarnou na linguagem que se incarnou na vida e *que define uma nova maneira de existir*<sup>200</sup>, é recriada na sua visibilidade para dar lugar a outras visibilidades. É a transformação que é operada por todo o acto criativo, seja qual for a área de acção em que burila, no sentido de abrir novos horizontes ao horizonte já conquistado da culturalidade. E de dar novas visões à visão que o mundo oferece. E de enriquecer culturalmente, se bem que não seja esse o objectivo directo e final de qualquer manifestação criativa, o próprio mundo. Nesse trajecto de criação e exposição, a consciência que o percorre naturalmente revelará, por um lado, um modo reflexivo de se situar na vida e, por outro lado, o modo circunscrito ao quanto de significativo possui essa correspondência entre o reflectido e o vivido, do quanto de autêntica é a sua expressividade. Entre o vivido e o reflectido estabelecer-se-á compulsivamente uma proximidade que será tanto mais concreta quanto mais identificados se mostrarem

---

<sup>200</sup> FONTAINE-DE VISSCHER, Luce, *o.c.*, p.19 “...le langage achève le caractère signifiant de l’expérience; il est à la fois un cas particulier et le cas éminent de la production et de la transmission du sens. Le langage est envisagé comme acte du, sujet parlant, qui définit une nouvelle manière d’exister.”

nessa exposição, assim *respondendo a qualquer pulsação da vida interindividual e toda a alteração no conhecimento do homem tem relação com uma nova maneira, nele, de exercer a sua existência.*<sup>201</sup>

A particularidade desse dom criativo está ao alcance do escritor, do designer, do poeta, do escultor, do arquitecto, do músico, do fotógrafo, do informático, do gestor...desde que consiga *traduzir em significações disponíveis um sentido inicial cativo na coisa e no próprio mundo*<sup>202</sup> e tenha, de alguma forma original, acesso aos segredos secretos escondidos por trás das cortinas do viver diário, desvendá-los e dá-los a revelar em *noções 'sem equivalente', como diz Proust, que só conduzem à vida do espírito a sua vida tenebrosa na medida em que foram adivinhadas nas ligações ao mundo visível.*<sup>203</sup> Desse modo, o que é vivido é pensado, porque *o homem é o ser que não se contenta em coincidir consigo, como uma coisa, mas que se representa a si mesmo, se vê, se imagina, se dá a si mesmo símbolos, rigorosos ou fantásticos.*<sup>204</sup> E o que é reflectido é dito. E o que não é vivido, porque ficcional, virtual ou imaginário, é dito. Mas o dito está sempre à espera do vivido. Sempre pronto, sempre testemunha, sempre disponível para fazer de intérprete. Sim, porque a mundaneidade pulula de coisas, de seres, de situações existenciais, de relações inter-pessoais, que encaminham a consciência mais atenta, mais propensa ou mais disponível para qualitativamente fazer a respectiva tradução. Fá-la em termos de uma expressividade que explora o que já foi criado em moldes forjados em novidade e faz a conjugação, por vezes extravagante mas sempre inesperada, do vivido com o dito, com a cumplicidade do pensado ou intuído. É esse o *momento humano por excelência, onde uma vida tecida em acasos se volta para si mesma, se recupera e*

---

<sup>201</sup> S., p. 366

<sup>202</sup> V.I. 58

<sup>203</sup> *Idem*, p. 200

<sup>204</sup> S., p. 366

*se exprime*<sup>205</sup>. È isso que justifica que o vivido não se cristalize num vivido monótono e seja arrebatado por um vivido que procura sempre novos sentidos, e onde se torna claro quanto de dialetizante é a relação de um mundo para uma consciência e de uma consciência para um mundo, e de quão enriquecedor se forma o dito que parte de um vivido reflectido. Toda a procura tem a sua razão de ser, inclusive esta mesma. Mas seria mais pobre e menos completa se não desabrochasse de um acto de criação que a despolete. Assim, o que era do domínio da experiência passa para o domínio da expressão. Esta, mediante um *logos* incarnado e comprometido numa mundaneidade, revê-se então como mola impulsionadora de um devir existencial pessoalmente assumido.

Mas consideremos outros ângulos. É-nos possível descobrir uma tridimensionalidade na dinâmica da palavra: num primeiro plano, ela é um processo de comunicação e de intercomunicação; num segundo plano, ganha razão de ser porque é comunicação interactiva que se realiza efectivamente; num terceiro plano, o seu sentido não se perde, não se esgota nesse processo comunicativo, porque ela própria nunca se esgota e *o seu sentido não é separável dela*.<sup>206</sup> A palavra só ganha nexos de existência a partir do momento em que eu me cruzo com os outros interlocutores, em que eles se cruzam comigo, em que a partilha se faz presente, pedida, compreendida, vivida. Até esse ponto de rotura com o isolamento, não faz sentido a palavra, porque esta realiza-se quando o espelho do meu existir não me reflecte a mim, mas faz-me apresentações de outros seres que comigo comungam da visibilidade e de uma existencialidade posta em comum. E se eu me dirijo a mim

---

<sup>205</sup> S., p. 305

<sup>206</sup> P.P, p. 219 “Le sens d'une phrase nous paraît intelligible départ en part, détachable de cette phrase même et défini dans un monde intelligible, parce que nous supposons données toutes les participations qu'elle doit à l'histoire de la langue et qui contribuent à en déterminer le sens. Au contraire dans la musique, aucun vocabulaire n'est présupposé, le sens apparaît lié à la présence empirique des sons, et c'est pourquoi la musique nous semble muette. Mais en réalité, comme nous l'avons dit, la clarté du langage s'établit sur un fond obscur, et si nous poussons la recherche assez loin, nous trouverons finalement que le langage, lui aussi, ne dit rien que lui-même, ou que son sens n'est pas séparable de lui.”

mesmo na pretensão de zelar pela minha própria identidade, dirijo-me aos outros com o objectivo de assegurar o reconhecimento dessa mesma identidade, e alargar o espectro da mundaneidade. Vai ser a palavra o elemento aglutinador para a viabilidade desse processo comunicativo. Se ao longe se descortina a finalidade última dessa reflexão, feita de verdade suportada por uma racionalidade, isso é possível porque a palavra cria as condições para se tornar efectiva. E essa primeira vez em que a palavra faz emergir do seu leito um sentido que lhe é intrínseco, ela torna-se *palavra falante* ou *palavra originária*, *palavra autêntica* e que a deslocará do albergue da *palavra falada* ou *palavra secundária*. A palavra primeira ou *falante* dará à luz o conteúdo de um pensamento germinado e dar-lhe-á voz e exposição, será a sua presença *no mundo sensível, não o seu vestuário, mas o seu emblema ou o seu corpo*<sup>207</sup>, será a expressão do seu sentido *implicado pelo edifício das palavras mais do que ser designado por elas*<sup>208</sup>, uma vez que é o seu entrelaçamento e não a sua simples manifestação que o revela verdadeiramente.

E o pensamento faz-se palavra. E a palavra dá-se em pensamento. Nesse panorama poderemos ser induzidos a considerar que a palavra tem identidade própria. Porém, a sua identidade em verdade decorre não da sua situação de ser única e isolada, mas porque se enquadra num conjunto mais alargado, feito corpo de uma linguagem que é intersecção e jogo expressivo. Aí, a palavra encara-se em contraposição às outras que são diferentes, apesar de todas elas habitarem esse domínio comum da linguagem, cujas portas *só se abrem do interior*<sup>209</sup>, e que é um sistema de signos na qual os sentidos só se obtém *relativamente uns aos outros e em que cada um se reconhece com um certo valor de emprego que lhe advém do todo*

---

<sup>207</sup> P.P., p. 212

<sup>208</sup> S., p. 103

<sup>209</sup> S., p. 51



*da língua...*<sup>210</sup>. Isso justifica o carácter comum integrador de toda a expressão, e não invalida que o sentido da palavra não lhe seja próprio, embora não o localizemos no seu próprio seio procriador e só o encontraremos através dela. É um sentido que se descobre, que se diz, que se reformula, que se inventa em permanentes e renovados contextos em que ela pode mergulhar, e a partir de infindas e desconhecidas lianas procladoras que potencia. Esses entrelaçamentos inovadores fazem-se com as palavras e não mediante essa tal imprecisa e ilusória interioridade do pensamento, pese embora seja impulsionada por um pensamento motivado para desenhar uma *intenção ainda muda*<sup>211</sup>, obter significação na palavra falante. Assim a linguagem pressupõe de facto uma consciência da linguagem, um silêncio da consciência que envolve o mundo falante e no qual as palavras primeiramente recebem configuração e sentido.<sup>212</sup> Esta simbiose pensamento /palavra estabelece um certo padrão de realização do pensamento na palavra, de manifestação visível na palavra do seu invisível consciente com o intuito teleológico da sua expressão. Desse modo *o pensamento se transcende na palavra*<sup>213</sup>. Mas este processo só ganha viabilidade porque há um suporte físico e uma motricidade corporais que lhe dão concreticidade. É um processo onde ficam todos a ganhar: o pensamento que ganha expressão, a palavra que ganha uma potencialidade de

---

<sup>210</sup> E.P., p. 88

<sup>211</sup> S., p. 111 “ Il y a une signification ‘langagière’ du langage qui accomplit la médiation entre mon intention encore muette et les mots, de telle sorte que mes paroles me surprennent moi-même et m’enseignent ma pensée.”

<sup>212</sup> P.P., p. 462

<sup>213</sup> *Idem*, p. 449 “En fait l’analyse montre, non pas qu’il y ait derrière le langage une pensée transcendante, mais que La pensée se transcende dans la parole, que la parole *fait* elle-même cette concordance de moi avec moi et de moi avec autrui sur laquelle on veut la fonder.”

significações infindas, o próprio corpo que se dimensiona para lá da plataforma do biológico e passa a revelar *um poder de expressão natural*<sup>214</sup>.

É um processo de uma transcendência que pelo caminho expande os níveis e ultrapassa os limites da efectividade da sua realização. Nesse itinerário conjuga a motricidade corporal, a perceptividade mundana, a expressividade muda do gesto, a linguagem simbólica da palavra, a sistematização de um pensamento presente. Entenda-se esta hierarquia no sentido vertical ou horizontal, mas não deixa de se evitar considerar a linguagem como o campo onde se dá a demonstração do saldo desse labor. E é desconcertante analisar a natureza da linguagem. Só é visível através da palavra de um sujeito, só é efectiva na presença de sujeitos de palavra. Mas, embora não sejam estes que a constituem como edifício global de toda a expressividade, são eles que dela se servem e a ela recorrem para comunicarem. Portanto, a linguagem está ao serviço do sujeito mas garante-se a si própria em corpo de autonomia. O que se compreende afinal, do mesmo modo como se compreende a própria cultura: o homem faz, projecta, vive a cultura, mas esta transcende-o; a cultura só existe porque há o homem que a realiza, mas uma vez liberta do limbo proclador ela deixa de lhe pertencer. Isto porque vivemos num mundo que só tem âmbito de culturalidade porque nele nos entrelaçamos como existentes que se encontram, socialmente se relacionam, se fazem seres de partilha, que fazem da vivência consciência e da consciência linguagem, que transmutam ignorância em saber, que *somos determinados a escrever*.<sup>215</sup>

---

<sup>214</sup> P.P., p. 211 “ Ces remarques nous permettent de rendre à l’acte de parler sa vraie physionomie. D’abord la parole n’est pas le « signe » de la pensée, si l’on entend par là un phénomène qui en annonce un autre comme La fumée annonce le feu. La parole et la pensée n’admettraient cette relation extérieure que si elles étalent l’une et l’autre thématiquement données; en réalité elles sont enveloppées l’une dans l’autre...”

<sup>215</sup> DELEUZE. Gilles, *Diferença e Repetição*, Lisboa, 2000, p.38 “ Só escrevemos na extremidade do nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa o nosso saber e a nossa ignorância *e que faz passar um no outro*. É apenas deste modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é transferir a

Sendo assim, a linguagem é de todos e de ninguém, é minha e de todos, concilia a minha subjectividade com a subjectividade alheia e, se nela eu nasci e dela eu me sirvo sem a possuir, é porque eu e os outros vivemos num mundo sociocultural feito de simbolização e simbolismo. E a intimidade que a linguagem parece revelar neste meu acto tão próximo de exprimir a interioridade do meu mundo próprio é puramente ilusória, porque essa mesma linguagem expressa igualmente a interioridade dos outros. Nessa medida, está longe de ser íntima. É mais uma exposição aparentada de singela individualidade que não o é de todo, porque escancarada ao visionamento de um *big brother* mundano. O que parecia ser o exercício pessoal da minha vida verbalizada não deixa de o ser, mas o cunho dessa expressão perde o carácter íntimo. E isso porque a linguagem está imersa numa universalidade absolutamente disponível, aberta e gratuita, embora esta gratuidade tenha um preço – só me é acessível o nível socio-cultural cujo código eu possuo. O que se circunscreve fora desse âmbito tem acesso condicionado. Há muitos códigos, muitas linguagens dentro da linguagem ela mesmo. Sendo pertença de todos, não o é efectivamente de nenhum; sendo uma aquisição pronta a servir qualquer idela, não permite uma posse; parecendo reflectir o presente actual, ela já o precedeu; parecendo brotar de uma subjectividade pessoal, ela já sofreu uma estratificação geral; parecendo ser fresca e original na sua manifestação espontânea e original, ela já sofreu a erosão de muitas subjectividades; aparentado ser minha, ela é conclusivamente de todos; mesmo aparentado estar plenamente sedimentada, ela renasce permanentemente e evolui numa aparente possibilidade estrutural de se deslocar para novos e inusitados sentidos, como se se tratasse de um organismo lógico ou de um *logos* cultural vivo.

---

escrita para depois ou, antes, torná-la impossível. Talvez tenhamos aí, entre a escrita e a ignorância, uma relação ainda mais ameaçadora que a relação geralmente apontada entre a escrita e a morte, entre a escrita e o silêncio.”

Porém, esta analogia revela-se aqui deslocada. *Por todo o lado há sentidos, dimensões, figuras para lá do que cada consciência pode produzir, mas são contudo nos homens que falam, pensam, vêem.*<sup>216</sup> Se a linguagem parece possuir uma motricidade interna que a faz evoluir e permanentemente reviver, isso acontece porque eu e todos nós, sujeitos falantes, assumimos a sua herança, a revitalizamos e procriamos novos sentidos, novas dimensões, novas figuras, a partir de *toda uma experiência dos outros e dos acontecimentos, todas as interrogações que ela deixou em mim, estas situações ainda abertas, não liquidadas e também aquelas das quais conheço em demasia o ordinário modo de resolução.*<sup>217</sup> A linguagem é assim como o limbo conciliador onde se aconchega toda a intersubjectividade que a palavra revela. *A palavra enquanto distinta da linguagem é esse momento em que a intenção significativa ainda muda e toda balançada se assevera capaz de se incorporar na cultura, a minha e a de outrém, de me formar e de o formar transformando o sentido dos instrumentos culturais*<sup>218</sup>. É neste plano que se inserem os contributos individuais. E se eles encontram receptividade na comunidade falante e esta os assume em pleno, então esses contributos passam a fazer parte das significações vigentes numa determinada cultura e vão permitir por sua vez outros contributos, vão permitir expandir os pontos de vista, vão impedir a sedimentação dessa cultura. Desse modo a individualidade enriquece o bem comum, a universalidade integradora. Procria o seu futuro e recria a tal ilusão da linguagem como organismo vivo. Compreende-se o carácter ilusório de tal ideia. Se a linguagem transcende o sujeito falante, ela não lhe é transcendente. É-lhe imanente à expressão. Só ganha existência, só e enquanto o sujeito falante lhe dá o vigor comunicativo, só e

---

<sup>216</sup> S., p.28

<sup>217</sup> P.M., p.18

<sup>218</sup> S.,p.115

enquanto ele a dá à luz na comunicabilidade partilhada, só e enquanto ele a realiza na palavra que lhe dá vida, que de volátil e inexistente nela se cristaliza.

Assim a palavra diz o que diz, diz o que não diz, diz o que está para lá do que diz, diz, não dizendo, diz sugerindo, mas tudo isso está sempre relacionado intimamente com o que diz, com o sentido que brota do que diz. E mesmo que remeta para outros sentidos, estarão sempre estes encaminhados ao que é referido. Mas de onde brota esse corpo da palavra que é a linguagem? Foi o homem que criou a linguagem, ou é a linguagem que cria o homem?<sup>219</sup> A linguagem cria a socio-cultura ou é esta que cria a linguagem? A linguagem é uma produção cultural ou é a portadora-mor do seu saber-saber e o seu saber-fazer?<sup>220</sup> A linguagem será uma história de signos convencionais condensada em palavras e que permite *a comunicação sem qualquer garantia, no meio de incríveis acasos linguísticos*<sup>221</sup>? A linguagem será esse *excesso da nossa existência sobre o ser natural*, conjunto albergador de toda a palavra falada que *desfruta das significações disponíveis como de uma fortuna adquirida*?<sup>222</sup>

As respostas aglutinam-se numa única que considere que a linguagem conjunto de sons comum a todas as espécies, se bem que no homem seja algo mais: uma organização formal desses sons e uma conceptualização interpretativa. Se aquela lhe fornece um suporte estrutural, esta permite-lhe uma dinâmica flexível, aberta, criativa e potenciadora. Quando o neo-nato emerge neste mundo socio-

<sup>219</sup> Morin, E., *O homem e a morte*, p.74 “...é mais sensato dizer que foi a linguagem que criou o homem e não o homem que criou a linguagem, desde que se acrescente que foi o homínídeo que criou a linguagem.”

<sup>220</sup> Ibidem, p. 74 “(a linguagem) torna-se também imprescindível portador cultural do conjunto dos seres e do saber-fazer da sociedade.”

<sup>221</sup> P.P., p. 219

<sup>222</sup> *idem*, p.229 “La parole est l'excès de notre existence sur l'être naturel. Mais l'acte d'expression constitue un monde linguistique et un monde culturel, il fait retomber à l'être ce qui tendait au-delà. De là la parole parlée qui jouit des significations disponibles comme d'une fortune acquise.”

cultural, emerge no fenómeno linguístico e terá dois anos para o absorver: sons, monossílabos, palavras, gestos, expressões, significações, simbolizações...vão permitir-lhe captar e manipular o dito que a comunicabilidade do vivido partilha. Quando ouve, não ouve palavras, sons. Ouve sentidos que eles apresentam ou sugerem. Quando fala, não fala palavras. Expressa sentidos, remete para o sentido dessas palavras. Estas projectam-se num mundo imaginário, conceptual, emocional, social. Carregam consigo intermináveis significações correspondentes aos infindos falantes que, na linearidade de um tempo que não se pretende *mesquinho*<sup>223</sup>, nela descarregam as suas vivências temporais, como se de um DNA da linguagem se inscrevesse na herança partilhada colectiva. A palavra abre-nos a um universo de significações, rasga estradas, *novas dimensões, novas paisagens ao pensamento...*<sup>224</sup>. Parece ter esse poder divino de dar ser ao que é expresso, de dar respiração ao que é dito, de dar existência simbólica ao que é vivido e de o fazer comunicar. Mas a palavra dita não é sinónimo de consciência, não é sinónimo do pensamento que nela ferve. É consciência manifesta, é expressão de um pensamento onde *eu faço, refaço e desfaço os meus conceitos a partir de um horizonte móvel, de um centro sempre descentrado, de uma periferia sempre deslocada que os repete e os diferencia*<sup>225</sup>. É igualmente exposição de termos, nomes, que só fazem sentido enquanto se coadunam e têm correspondência com a realidade exterior que se vive. Assim a palavra, seja *a palavra interior ou exterior*

---

<sup>223</sup> DA SILVA, Agostinho, *Textos e Ensaios Filosóficos II*, ed. Âncora, Lisboa, 1999, p. 371 “... o tempo que vivemos, se for mesquinho, amesquinha o eterno.”

<sup>224</sup> P.P., p. 460 “ La puissance qu’a le langage de faire exister l’exprimé, d’ouvrir des routes, de nouvelles dimensions, de nouveau paysages à la pensée, est, en dernière analyse, aussi obscure pour l’adulte que pour l’enfant. Dans toute œuvre réussie, le sens importe dans l’esprit du lecteur excède le langage et la pensée déjà constitués et s’exhibe magiquement pendant l’incantation linguistique, comme l’histoire sortait du livre de la grand’mère.”

<sup>225</sup> DELEUZE. Gilles, *o.c.*, 2000, p.38

<sup>226</sup>, que o corpo torna visível, traduz um pensamento mas o pensamento, que *vive fora de si e ao pé de si*<sup>227</sup>, só se realiza naquela. E isto porquê? Porque a palavra, ela própria, tem vida. É a vida da linguagem que lhe dá corpo. Assim sendo, reconhece-se como pensamentos ‘*puros*’ não existem<sup>228</sup> porque eles estão tecidos e povoados de palavra. É o vivido que lhes abre as portas da realidade mundana e dá sentido à sua realidade pois sempre que há pensamento, este bebe a sua seiva na seiva que corre nas palavras do mundo e, ao incorporar os seus significados, esculpe-os e fá-los seus, e por eles se vai entregar e devolver na palavra.

Mas a relação entre a palavra e o pensamento é bem mais complexa. Por um lado, uma palavra pressupõe um manancial de pensamentos. Por exemplo, um conceito como “taco de golfe” traz arreigado a si pensamentos de dimensão, peso, forma, cor, uso... Por outro lado, o pensamento nem sempre se consegue traduzir em palavra, numa palavra, por não ser possível fazer coincidir então um certo *excesso de significado sobre o significante*<sup>229</sup>, o que exige a tentativa de se usarem várias palavras para se lhe dar realidade. Há a acrescentar um outro aspecto. É que o

---

<sup>226</sup> P.P., p. 207”...nous donnons notre pensée par la parole intérieure ou extérieure. Elle progresse bien dans l’instant et comme par fulgurations, mais il nous reste ensuite à nous l’approprier et c’est par l’expression qu’elle devient nôtre. La dénomination des objets ne vient pas après la reconnaissance, elle est la reconnaissance même.”

<sup>227</sup> LEFORD, Claude, *Sur une Cologne Absente*, pp.124-125 “La pensée vive hors de soi et auprès de soi, nous ne le pouvons dire comme s’il s’agissait de deux propriétés contraires, dont l’alliance ne mettrait pas en question La division réaliste d’un *dedans* et d’un *dehors*.”

<sup>228</sup> P.P., p. 447 “Le langage nous dépasse, non seulement parce que l’usage de la parole suppose toujours un grand nombre de pensées qui ne sont pas actuelles et que chaque mot resume, mais encore pour une autre raison, plus profonde : a savoir que ces pensées, dans leur actualité, n’ont jamais été, elles non plus, de «pures » pensées, qu’en elles déjà il y avait excès du signifié sur le signifiant et le même effort de la pensée pour égaler la pensée pensante. La même provisoire jonction de l’une et de l’autre qui fait tout le mystère de l’expression. Ce qu’on appelle idée est nécessairement lié à un acte d’expression et lui doit son apparence d’autonomie.”

<sup>229</sup> *Idem*, p. 447

*tempo das ideias não se confunde com aquele onde os livros aparecem e desaparecem, onde as músicas são gravadas ou apagadas*<sup>230</sup>. Para a coloração do ‘*céu inteligível*’, é preciso contar com a distinção entre ideias e os meios técnicos da sua expressão, uma vez que a sua existência não é acoplativa. Tal como a palavra empiricamente não passa de um ‘*fenómeno sonoro*’ e ser mecanicamente (re)produzida sem que um pensamento lhe sirva de suporte, também pode ser entendida como gérmen da ideia e nessa medida tomada como ‘*transcendental ou autêntica*’<sup>231</sup>. E quando desse modo o pensamento passa a ganhar realidade, assim parece afastar-se na sua identidade dos meios objectivos – livro, partitura, tela...- que lhe dão visibilidade, uma vez que enquanto estes se mantêm concretos na sua realidade física, o pensamento tem um *timing* próprio de durabilidade seja porque é muito volátil, seja por, contraditoriamente, ‘*valer eternamente*’.<sup>232</sup> Apesar de tudo, a palavra no corpo da linguagem, procurará sempre dar expressão ao pensamento de uma consciência e pretenderá igualmente que a realidade que o pensamento ganha na palavra corresponda à sua própria realidade. Nessa tentativa individual da palavra se dar, esta procura a palavra de outrem, de outros e o dito mostra a carga de vivencialidades que transporta.

---

<sup>230</sup> P.P., p. 447-448 “Le temps des idées ne se confond pas avec celui où les livres paraissent et disparaissent, ou les musiques sont gravées ou s'effacent: un livre qui avait toujours été réimprimé cesse un jour d'être lu, une musique dont il ne restait que quelques exemplaires est soudain recherchée, l'existence de l'idée ne se confond pas avec l'existence empirique des moyens d'expression, mais les idées durent ou passent, le ciel intelligible vire vers une autre couleur.”

<sup>231</sup> *idem*, p. 448 “Nous avons déjà distingué la parole empirique, le mot comme phénomène sonore, le fait que tel mot est dit à tel moment par telle personne, qui peut se produire sans pensée, — et la parole transcendante ou authentique, celle par laquelle une idée commence d'exister.”

<sup>232</sup> *Ibidem*, “Ce qui est vrai encore, c'est que dans la parole, mieux que dans la musique ou la peinture, la pensée semble pouvoir se détacher de ses instruments matériels et valoir éternellement.”



Sob a plataforma do vivido, o dito reflecte o vivido, o vivido reflecte-se no dito. O dito *introduz o seu sentido no espírito do ouvinte*<sup>233</sup>, e a linguagem, ao veicular palavras, veicula os pensamentos que as habitam, porque a povoam e por ela se vêem como expressão. É assim que a palavra adquire um corpo, no corpo do pensamento que se fez consciência virada ao mundo, desse modo transportando uma significação que, para lá de uma conceptualização inerente, é reflexa de um *pensamento como estilo, como valor afectivo, como mímica existencial*<sup>234</sup>. A concreticidade da palavra, melhor, do seu sentido na manifestação do sensível exterior, quase parece indiciar uma objectivação real de coisa mundana, tal a dimensão existencial que o sentido das palavras incarna. Não a concreticidade de objecto sensorial, mas a concreticidade de objecto comunicativo que, apesar de parecer virtual, porque signo, é bem real, enquanto elemento objectivo de entendimento entre seres. Nessa medida, a palavra *é a relação que sustenta o sujeito e o mundo*.<sup>235</sup>

Por momentos, a palavra até parece precária porque lhe falta o suporte físico do corpo, mas, de facto, não deixa de ser bem corpórea a sua visibilidade de expressão. Revelando-se como conjugação perfeita de dois mundos, um linguístico e outro cultural, a partir de aquisições já garantidas, torna viáveis outras novas aquisições criativas, *outros actos de expressão autêntica*<sup>236</sup>. Ganha então corpo no

---

<sup>233</sup> P.P., p.209

<sup>234</sup> *Idem*, p. 212

<sup>235</sup> FONTAINE-DE VISSCHER, Luce, *o.c.*, p.50 “La parole, sommet du « corps propre », comme pur rapport à lui-même, a ainsi pour essence de ne pas être ce qu'elle est. Elle sécrète un sens, cela- veut dire qu'elle déploie un écart, et que ce sens qu'elle projette et communique à d'autres sujets parlants ne vient que d'elle même. La parole est le rapport qui porte le sujet et le Monde.”

<sup>236</sup> P.P., p. 229/230 “ A partir de ces acquisitions, d'autres actes d'expression authentique — ceux de l'écrivain, de l'artiste ou du |philosophe,- deviennent possibles. Cette ouverture toujours recrée dans la plénitude de l'être est ce qui conditionne la première parole de l'enfant comme la parole de l'écrivain, La construction du mot comme celle des concepts. Telle est cette fonction que l'on devine à travers le

corpo da linguagem, identidade própria e independente da consciência que a viu nascer e do corpo que a vê brotar. E permite conjugar o tempo enquanto verbo de existencialidade. O que é dito, escrito, gestualizado, pode percorrer o presente, fazer-se passado, antecipar o futuro. E o que era palavra de uma consciência, uma vez emitida, gestualizada, dita, proferida, , como que deixa de lhe pertencer e ganha autonomia própria. Porque a palavra, que não é o ‘signo’ do pensamento, se por tal se entender *um fenómeno que anuncia outro como o fumo anuncia o fogo*<sup>237</sup>, uma vez liberta do corpo que lhe deu guarida, ganha um corpo existencial. E ao contrário da consciência que parece percorrer e dar-se num fluxo volátil e ininterrupto, a palavra parece possuir um corpo objectal permanente.

Se bem que o que é dito não tenha regresso, porém, constitui-se enquanto tal como dito, sólido nessa corporeidade expressiva, que percorre as paisagens vividas da cultura e do mundo. Por outro lado, se bem que um pensamento da consciência possa sempre ser corrigido, alterado, revisto, o mesmo não acontece com a palavra, pois uma vez solta, não terá jamais essa possibilidade mesmo que nos possamos socorrer de outras palavras para expressar de outra forma o mesmo pensamento, mas em si, cada palavra proferida é-o plena e definitivamente. E ainda que o graal da consciência seja procurar sentidos, novos sentidos, o da palavra é brotar dela, consciência, e testemunhar a sua procura e os seus resultados, bem como traduzir na exterioridade mundana e relacional a unidade e coerência interna entre pensamento e palavra, de que esta é porta-voz. Em sentido inverso, na palavra dita reflecte-se a mundaneidade vivida, e aí se cruzam pensamentos próprios com pensamentos alheios, pensamentos do presente com pensamentos do passado, pensamentos reais

---

langage, qui se réitère, s’appuie sur elle-même, ou qui, comme une vague, se rassemble et se reprend pour se projeter au-delà d’elle-même.”

<sup>237</sup> P.P., p.211

com esboços de pensamento, e tudo isto numa interioridade ilusória, como já foi vincado.

Mas é necessário desconstruir esta ilusão: enquanto corpo de palavras instituídas onde cada palavra possui um determinado significado que se lhe cola à pele e lhe dá uma identidade formada, a linguagem quer fazer-nos crer que as palavras são bem reais, quais objectos concretos na virtualidade de uma expressão relacional. As palavras que reflectem um mundo próprio, e, simultaneamente, a exterioridade onde são colhidas, de tal modo se enraízam num enquadramento mundano que acabamos por ver desabrochar e constituírem-se mundos linguísticos, correspondentes a diferenciados e diferenciadores contextos mundanos. E a colagem de uma linguagem à realidade mundana que lhe dá sustento é tão próxima que, embora possamos falar várias línguas, apenas uma é aquela que reflecte a nossa identidade e melhor espelha as nossas vivencialidades. Pertencendo nós a uma realidade mundana e falando a língua que lhe corresponde, língua que podemos comparar *a uma sinfonia, cuja realidade é independente da forma como a executam; os erros que possam cometer os músicos que a tocam de modo nenhum comprometem essa realidade*<sup>238</sup>, podemos inclusive falar outras línguas e assumir diferentes mundaneidades com diferentes fundamentos. Até podemos correr o risco de estilhaçar uma identidade própria, pessoal e intransmissível, sedimentada numa lealdade presente no conceito de nacionalidade real ou adoptada como tal. Porque só se pode ter uma identidade e só se pode ser leal a uma língua uma vez que *para assimilar completamente uma língua, seria necessário assumir o mundo que ela exprime, e não se pertence nunca a dois mundos ao mesmo tempo*<sup>239</sup>. Mas a ilusão está presente. O dito não é o vivido. O dito é expressão do vivido.

---

<sup>238</sup> SAUSSURE, Ferdinand, *Curso de Linguística Geral*, Lisboa, Publicações D.Quixote, 1977, p.47

<sup>239</sup> P.P., p.218 “Nous pouvons parler plusieurs langues, mais l’une d’elle reste toujours celle dans laquelle nous vivons. Pour assimiler complètement une langue, il faudrait assumer le monde qu’elle exprime et l’on n’appartient jamais à deux mondes à la fois...”

Apesar de tudo, há uma constatação curiosa. Quando se fala de identidade de mundo, fala-se de uma realidade que tem um corpo perceptivamente presente e concreto. Porém, o corpo da palavra possui uma concreticidade que é simultaneamente uma ausência. O que é que isto significa? Significa que a palavra tanto tem realidade quando é dita, proferida, como quando não é pronunciada. Conjuga-se a presença com a ausência, o expresso e o silêncio dessa expressão. Quer o que é expresso quer o seu eco dão corpo à palavra. A palavra não se esgota ou perde no momento em que é dita. Deixa ressonâncias de si em ondas de choque na realidade mundana. E isto evidentemente porque ela é porta-voz de um pensamento, de uma consciência. Se a objectividade da palavra se parece resumir à sua concreticidade temporal, isso de facto não é verdade, porque não se esgota desse modo. É complementada pelo silêncio em que se guarda, em que se resguarda, tal como acontece na virtuosidade criativa da arte dos sons, onde a pausa do silêncio valoriza e realça a dinâmica da partitura. Nascida para ser instrumento de comunicação, insere-se na memória da língua e desse modo se perpetua. Cruzando-se com o meu vivido numa fronteira que não é fronteira porque não se sabe onde acaba o que é dito e começa o vivido, ou onde acaba o vivido e começa o que é dito, ou se é possível a palavra sem a vida e a vida sem a palavra. Mas sempre portadora de toda a expressão e de toda a vivencialidade, a palavra dimensiona-se e ganha cor como veículo de sentimentos e emoções já que *as palavras, as vogais, os fonemas são outras tantas maneiras de cantar o mundo*<sup>240</sup>. E como cada palavra se insere

---

<sup>240</sup> P.P., p.218 “On trouverait alors que les mots, les voyelles, les phonèmes sont autant de manières de chanter le monde et qu'ils sont destinés à représenter les objets, non pas, comme le croyait la théorie naïve des onomatopées, en raison d'une ressemblance objective, mais parce qu'ils en extraient et au sens propre du mot en expriment l'essence émotionnelle. Si l'on pouvait défalquer d'un vocabulaire ce qui est du aux lois mécaniques de la phonétique, aux contaminations des langues étrangères, à la rationalisation des grammairiens, à l'imitation de la langue par elle-même, on découvrirait sans doute à l'origine de chaque langue un système d'expression assez réduit mais tel par exemple qu'il ne soit pas arbitraire d'appeler lumière la lumière si l'on appelle nuit la nuit.”

num corpo linguístico diferente, isso demonstra que essa diferença não reside unicamente numa sintaxe formal, numa forma de corpo linguístico. Por exemplo, se há dificuldade numa tradução, isso demonstra que não são as palavras que correspondem a vivências que são difíceis de traduzir, mas que são as vivências a que correspondem essas palavras que inseridas num contexto mundano originador próprio revelam dificuldade em ser traduzidas por outras palavras que correspondem a um contexto diferente de mundaneidade. Traduzir palavras não revela propriamente dificuldade de maior, agora traduzir vivências em palavras de outro corpo linguístico é que já é mais mediato, uma vez que o corpo linguístico diz respeito a modos diferenciados de percorrer o mundo. O que é dito sobre o vivido ganha contornos variados, porque o que é vivido pode ser dito de diferentes modos, e o que é dito pode ser vivido de diferentes modos. Traduzir esta complexidade não é tarefa imediata e de fácil pendor.

Acrescente-se a estas considerações o facto de mesmo o que é dito na mesma língua tem ressonâncias diferentes em cada interlocutor, conforme o grau de vivido a que corresponde em cada um e os patamares da socio-culturalidade presentes. Nem as mesmas palavras têm uma correspondência directa com as mesmas vivências, nem estas são expressas numa forma standard em nenhuma circunstância. Como as vivências contêm na sua seiva emoções, isso quer dizer que a complexidade da sua verbalização tem todo a razão de ser. Se a transparência não é de imediato visível no processo comunicativo, é porque as palavras o não são igualmente ou não correspondem com fidelidade ao que se quer expressar, ou a expressão a que se reportam não é autêntica. Quanto mais fiel for o dito ao vivido, maior amplitude pode ganhar. Quanto mais autêntico o vivido for, mais profundidade poderá atingir a sua verbalização, se bem que não se deva descartar uma atitude de precaução, uma vez que a *clareza da linguagem estabelece-se sobre um fundo obscuro*<sup>241</sup>. O próprio pensamento é complexo na sua elaboração e a sua transparência nem sempre é límpida. Mas, quer o pensamento, quer a palavra, quer o corpo, radicam numa

---

<sup>241</sup> P.P., p. 219



estrutura que lhes dá unicidade e, portanto, a oportunidade de se conjugarem nessa sua identidade para esclarecerem o que potenciam enquanto vivem, enquanto pensam, enquanto falam.

A existência que se fez corpo, faz-se consciência e pensamento, e faz-se palavra. Se a palavra apela a ser dita, a existência a ser vivida. Brotando de um corpo que vive essa existencialidade, a palavra vai revelar o modo próprio como o que se vive ganha raízes diferentes e é diferente conforme *a própria maneira de acolher a situação e de a viver*<sup>242</sup>. Inseridos na mundaneidade humana, somos projectados para vivências que ultrapassam de longe automatismos necessários para a nossa sobrevivência. Impulsionados por uma consciência pensante, vivemos experiências mundanas culturalizadas. E somos impelidos a expressá-las. Se as experiências inventam palavras, estas inventam experiências. A ficção literária, o marketing, a publicidade e toda a criatividade em geral o demonstram. *Os sentimentos e as condutas passionais são inventadas como as palavras*<sup>243</sup>. Mesmo

---

<sup>242</sup> P.P., p.220 “On ne pourrait parler de ‘signes naturels’ que si, à des ‘états de conscience’ donnés, l’organisation anatomique de notre corps faisait correspondre des gestes définis. Or en fait la mimique de la colère ou celle de l’amour n’est pas la même chez un Japonais et chez un occidental. Plus précisément, la différence des mimiques recouvre une différence des émotions elles-mêmes. Ce n’est pas seulement le geste qui est contingent à l’égard de l’organisation corporelle, c’est la manière même d’accueillir la situation et de la vivre. Le Japonais en colère sourit, l’occidental rougit et frappe du pied ou bien pâlit et parle d’une voix sifflante. Il ne suffit pas que deux sujets conscients aient les mêmes organes et le même système nerveux pour que les mêmes émotions se donnent chez tous deux les mêmes signes. Ce qui importe c’est la manière dont ils font usage de leur corps, c’est la mise en forme simultanée de leur corps et de leur monde dans l’émotion.”

<sup>243</sup> *Idem*, p. 220-221 “Les sentiments et les conduites passionnelles sont inventes comme les mots. Même ceux qui, comme la paternité, paraissent inscrits dans le corps humain sont en réalité des institutions. Il est impossible de superposer chez l’homme une première couche de comportements que l’on appellerait « naturels » et un monde culturel ou spirituel fabriqué. Tout est fabriqué et tout est naturel chez l’homme, comme on voudra dire, en ce sens qu’il n’est pas un mot, pas une conduite qui ne doive quelque chose à l’être simplement biologique — et qui en même temps ne se dérobe à la simplicité de la vie animale, ne

assim sendo, a mundaneidade não poderá ser reduzida a essa expressão quantitativa de palavras. Há uma certa indiferenciação à mistura com uma certa transcendência que emerge desse potencial de subjectividade humana que nos caracteriza e se cristaliza à medida que brota na sua expressão. Cristaliza-se no sentido e uma vez revelada, a subjectividade faz-se passado, ganha um passado que a testemunha. É evidente que a palavra primeiramente ganha realidade num pensamento, na vida de uma consciência. Porque esta é intencionalidade para um mundo, para o outro, exterioriza-se enquanto subjectividade e nesse acto de se tornar visível pela linguagem, pela palavra, dá à imanência da sua natureza um carácter transcendente. Lança-se para o mundo, para a exterioridade mundana. E o tempo será testemunha dessa visibilidade. Mas essa transcendência da minha consciência que emerge num plano exterior de partilha, também é reveladora, por inerência, de uma possibilidade múltipla: a possibilidade de se dar a conhecer, de se dar a comunicar, de conhecer e viver o mundo. Fica aqui vincado o que já havia sido proposto: a palavra dita vem revelar um insubstituível intérprete, a consciência. Existindo para ser dita, na medida em que se expressa, a consciência permite que o mundo testemunhe e a memória do tempo o armazene. Mas o inverso também é verdadeiro e ganha aqui lugar. A partir do momento em que a consciência se faz palavra, ganha direito a fazer seus os conteúdos que o mundo vivencia, e nessa medida apodera-se deles igualmente, e os objectos mundanos e o próprio mundo passam a ganhar uma história pessoalizada. E se a consciência ganha ela mesmo uma história, história das suas manifestações, o mundo, bem como os seus conteúdos, igualmente. Se originariamente o mundo se temporaliza e dimensiona como *um fundo de natureza*<sup>244</sup>, a consciência neo-nata, na sua subjectividade espontânea, receptiva, conceptual e verbal, vai fazer transpor o plano do vivido para o plano do dito ao captar esse *originário*, um *pretendido pré-*

---

détourne de leur sens les conduites vitales, par une sorte *d'échappement* et par un génie de l'équivoque qui pourraient servir à définir l'homme."

<sup>244</sup> P.P., p. 399 "...Je suis porté dans l'existence personnelle par un temps que je ne constitue pas, toutes mes perceptions se profilent sur un fond de nature."

*dado que nunca se dá de novo*<sup>245</sup>, e desse modo culturalizá-lo numa plataforma representativa que comprova como *nos movemos em dois mundos: ‘o’ mundo pré-dado, que é o limite e o solo do outro, e ‘um’ mundo de símbolos e de regras*<sup>246</sup>.

Se o vivido se faz dito, o dito também se faz vivido. Se pela primeira condição se abrem as portas à realidade do passado, pela segunda abrem-se as portas à realidade do futuro. O viver permite que seja subtraída à realidade das coisas uma intimidade que, a partir do momento em que se torna presença consciente, não deixa de poder existir como tal. A palavra vai-se colar como lapa ao vivido e dele vai ser naturalmente porta-voz. Vai fazer da intimidade possibilidade, e da diferença comunicabilidade. O vivido vai ser fermento do dito, e este fermento do vivido. O que daí decorre naturalmente potencia vivências relacionais próximas com as coisas, com os outros, com o mundo. É uma proximidade que se descobre em alteridade.

---

<sup>245</sup> RICOEUR, Paul, *A L'Ecole de la Phénoménologie*, Paris, Vrin, 1986, p.172/173 “L'originare, faut-il dire, n'est pas objet de description. Ou, pour le dire autrement, le prétendu prédonné n'est jamais donné à nouveau. La philosophie n'est pas La répétition de l'originare.”

<sup>246</sup> *Idem*, p.177 “ Dés que nous commençons à penser, nous découvrons que nous vivons déjà dans et par le moyen de « mondes » de représentations, d'idéalités, de normes. En ce sens nous nous mouvons dans deux mondes : le monde prédonné, qui est La limite et le sol de l'autre, et un monde de symboles et de règles, dans la grille duquel le monde a déjà été interprète quand nous commençons à penser.”



### II. 3. A Descoberta da Alteridade

*Que posso eu saber de um ser  
que não aparecesse?*<sup>247</sup>

Michel HENRY

O mundo é ‘alter’ da consciência, receptivo à palavra de uma consciência, a fazer o apelo de um primeiro passo para a constituição de uma alteridade, na abrangência de uma circularidade envolvente e recheada de significação. A consciência devido à sua genuína natureza constitutiva, tem a possibilidade de se reconhecer a si mesmo enquanto tal, de reconhecer o mundo, de reconhecer uma intencionalidade que a orienta para o mundo, de reconhecer outras consciências no mundo. Ganha assim em dimensão a alteridade própria desta dialéctica significativa. Eu não vivo a mundaneidade de um modo isolado. A minha vivencialidade, de que a palavra é porta-voz personalizada, decorre no mundo. Se através do corpo, esse organismo estruturalmente operante como um todo constante, como *uma unidade de significação*<sup>248</sup>, eu me faço visível mediante os registos objectivos que a minha inserção e acção inscrevem e se dão a (re)conhecer no tecido mundano, através da

---

<sup>247</sup> HENRY, Michel, *Phénoménologie Matérielle*, Paris, PUF, 1990, p. 7 La vie n'est donc pas quelque chose, par exemple l'objet de La biologie, mais le principe de toute chose. *C'est une vie phénoménologique en ce sens radical que la vie définit l'essence de la phénoménalité pure et par suite de l'être* pour autant que l'être est coextensif au phénomène et se fonde sur lui. Car que puis-je savoir d'un être qui n'apparaîtrait pas ? Parce que la vie est au cœur de l'être sa phénoménalisation originelle et ainsi ce qui le fait être, il faut renverser la hiérarchie traditionnelle qui subordonne la première au second sous prétexte qu'il faut bien que la vie elle-même « soit », en sorte que le vivant ne délimiterait qu'une région de l'être, une ontologie régionale.”

<sup>248</sup> S.C., p. 172



palavra faço-me igualmente visível. Sou um todo significativo e auto-consciente e *não uma coisa que repousa em si*<sup>249</sup>. De um lado, a minha existência, do outro, a existência mundana. A relação entre ambos torna-os cúmplices numa envolvimento que, de certo modo, os condena ao diálogo e à inter-dependência. Mas exactamente porque o corpo é portador de consciência e esta se revela como criadora de palavra portadora, cabe a esta fazer desabrochar a descoberta e o sentido da *alteridade do outro*<sup>250</sup>, pois a mundaneidade revela a minha existência e a existência de outras existências *estranhas*<sup>251</sup>. São outros ‘eu’ que partilham o espaço mundano e interceptam únicos e diferentes modos de o vivenciarem. Tal como eu, vão expressar essa integração e fazer da palavra o meio de comunicação e partilha. São alteridades que se vão destacando do fundo vivo da complexidade existencial. Porém, a existência do outro altera o mundo, o meu mundo. Não sendo eu uma coisa, um objecto mundano, embora tenha corpo, e não sendo eu uma ideia, embora tenha consciência, encontro na alteridade a perturbação de uma privacidade mundana, entre *vividos egológicos*<sup>252</sup>, que supunha só minha. E essa privacidade vai ser destruída não por uma, mas por essas inúmeras alteridades que esquartejam o bolo mundano em vivências múltiplas. Como cada um tem voz e expressão, e como cada

---

<sup>249</sup> S.C., p. 172

<sup>250</sup> LYOTARD, Jean-François, *A Fenomenologia*, Lisboa, Ed.70, 2008, p.41/42 “A alteridade do outro distingue-se da transcendência simples da coisa pelo facto de o outro ser para si próprio um Eu e de a sua unidade não estar na minha percepção, mas nele próprio; por outras palavras, o outro é um Eu puro que de nada carece para existir, é uma existência absoluta e um ponto de partida radical para si mesmo, como eu o sou para mim.”

<sup>251</sup> S.C., p.137 “La supposition d'une *conscience étrangère* ramène aussitôt le monde qui m'est donné à la condition de spectacle privé, le monde se brise en une multiplicité de « représentations du monde » et ne peut plus être que le sens qu'elles ont en commun”

<sup>252</sup> LYOTARD, Jean-François, *o.c.*, p.44

expressão é expressão de uma representação mundana, daí resulta uma multiplicidade de representações do mundo. Sendo este uno e palco onde todas as alteridades actuam, não pode, por isso mesmo, deixar de manifestar e dar a conhecer essa dialéctica. A aparente desorganização dos múltiplos viver, esconde a intencionalidade que está presente em todas as alteridades que partilham comigo uma expressão própria. E essa intencionalidade pode apresentar-se em diferentes níveis: diluída, presente, ausente.

No primeiro caso, a presença do outro, dos outros, é uma presença que roça a indiferença e se ela se faz no espaço/tempo comum, de comum não possui mais nada. É provisória, está de passagem, vocacionada para ser leve e volátil.

No segundo caso, a presença ganha toda a realidade e não há vislumbres de superficialidade. Pelo contrário, há sempre a possibilidade de se escavar e procurar traços mais profundos para lá do visível. A presença efectiva torna essa presença, a existir, viável.

No terceiro caso, a ausência já é significativa de uma presença que, quer se deseje ou não, não erradica o que a torna única e dependente de uma memória que é comum e partilhada. A irrealidade da sua presença não desfaz a presença da sua realidade, embora esteja remetida para um domínio mnésico.

A existência dá-se e percorre a mundaneidade experienciando-a de um modo próprio e mediante uma natureza pessoal. Existir é criar esse laço tão próprio com o mundo que se entrecruzam a respiração de cada um, e onde a existência pessoal se cruza com a mundaneidade de outras existências. E o envolvimento consequente permite passar de um plano da individualidade para a pluralidade, fazendo presentes a percepção, a consciência, o conceito, a palavra. Eu sou simultaneamente percepcionante e percepcionado, possuo capacidades de conhecer o mundo e de a ele me dar a conhecer, bem como às outras identidades diferentes mundanas. E se esse conhecimento começa de um modo perceptivo, alarga-se à abrangência de uma consciência e amplia-se no horizonte intocável e irrestrito da palavra. Mesmo que com vislumbres de hesitação, a consciência lança-se tal ave que inicia o processo de

voo a partir do ninho seguro e acolhedor, para a vivencialidade exterior ainda estranha e para as relações alteras ainda desconhecidas, porque de teor imprevisível e inesperado. É a palavra que põe efectivamente a descoberto a realidade presencial e vivencial de toda a alteridade. Situadas no espaço/tempo objectivos, partilhando existências que percorrem e traçam sulcos no terreno de uma mundaneidade aberta, identidade e alteridades veiculam pela palavra própria diferentes modos de conceber e viver o mundo. Desse modo, enriquecendo-se conceptualmente nessa partilha e mediante a intersubjectividade resultante, transpõem-se para lá da mundaneidade dada. Essa intersubjectividade feita de vivências e significações, e realidades que o mundo vivencial dá a desvendar a cada um, encontra na palavra o meio de revelação e despoleta a consequente partilha. Tal como eu não posso perceptivamente ver, de um modo directo e natural, partes de mim, do meu corpo, como por exemplo a cor dos meus olhos que os outros vêem, do mesmo modo tenho na palavra deles a possibilidade de conhecer parcelas de mundo a que eu não teria acesso. A palavra desempenha assim o papel de uma *password*, mas partilhada, que me abre ao privilégio de obter conhecimento de vivencialidades alheias e diferentes. É que o mundo vivido é diferente do mundo conhecido<sup>253</sup>. Num primeiro plano, eu vivo no corpo e com o corpo a agitação e o inesperado da mundaneidade, mas um segundo plano é virtual<sup>254</sup>, é um domínio do conceito, da significação, do sentido. E se em ambos os casos eu uso o mesmo pronome pessoal – ‘eu’ vivo, ‘eu’ penso – a realidade contextual é bem diferente.

---

<sup>253</sup> S.C., p.232

<sup>254</sup> *Idem*, p. 234 “... je puis, à partir du spectacle actuel qui m'est donné, me représenter dans le mode du virtuel, c'est-à-dire comme pures significations, certains phénomènes rétinien et cérébraux que je localise dans une image virtuelle de mon corps. Le fait que le spectateur et moi-même sommes liés l'un et l'autre à notre corps revient en somme à ceci, que ce qui peut m'être donné dans le mode de l'actualité, comme une perspective concrète, ne lui est donné que dans le mode de la virtualité, comme une signification, et inversement.”

Com efeito, toda a identidade emerge no mundo mediante o corpo próprio, mas é no corpo da palavra que a comunicabilidade se dá, se revelam as alteridades, se desenrola o processo do *entrelaçamento de significações*<sup>255</sup>. Pela palavra é possível tornar comum o que é pessoal e tornar próximo o que é diferente. Essa fantástica mais valia possibilita que a alteridade ganhe expressão e a identidade amplie a consciência. Se a percepção pode documentar e emprestar o necessário *índice de existência real*<sup>256</sup> aos conteúdos da palavra comunicada, esta documenta e enraíza as relações intersubjectivas. Isto não é sinónimo, todavia, de que qualquer e toda a alteridade se dá a conhecer em absoluto. A palavra que estabelece a ligação é palavra de existência mas não é totalmente reveladora nem será capaz de espelhar integralmente a natureza e as *nuances* das vivências próprias, porque encontra limites na impossibilidade de eu conhecer o mundo e os outros por inteiro. Toda a alteridade contém dimensões próprias que são insondáveis ao conhecimento. Isso vale para os outros. E para mim mesmo. Isso vale para o mundo físico que se percebe, e vale para o mundo da consciência que atribui significado. Isso vale para a minha experiencialidade comunicada e vale para a experiencialidade dos outros que me a comunicam. O que significa que a palavra não diz tudo, não conta tudo, não revela tudo, não compreende tudo. Mas diz, conta, revela e compreende. Pode ser incompleta no complemento directo ou indirecto, mas predica, não deixa de o fazer e possibilitar, porque me permite o contacto de alteridades, a comunicabilidade incontornável e a troca de informações. A experiencialidade que cada um vive é assim posta em comum. E se há aspectos que possam nem sempre possuir portabilidade e desse modo ser impossibilitados de serem veiculados pela palavra, algo de comum se gere, algo de comum se partilha e algo se descobre. No outro, nos outros, nas vivencialidades alheias. Desdobra-se então a minha

---

<sup>255</sup> S.C., p. 234“ Mon être psycho-physique total (c'est-à-dire l'expérience que j'ai de moi-même, celle que les autres ont de moi et les connaissances scientifiques qu'ils appliquent et que j'applique à la connaissance de moi-même) est en somme un entrelacement de significations tel que, quand certaines d'entre elles sont perçues et passent à l'actualité, les autres ne sont que virtuellement visées.”

<sup>256</sup> *Idem*, p. 235



consciência do mundo abrindo-se a novas dimensões, explorando afectividades, balançando-se a novas perspectivas. Nesse contexto, compreendo-me melhor a mim mesmo, pela compreensão das alteridades em que esbarro e em cuja esfera me movo. E se a palavra me exprime então o que os outros vivem, eu pressuponho que por trás dessas vivências, ou decorrendo delas, há *uma certa maneira de pensar*<sup>257</sup>, tal como acontece comigo. E a minha existencialidade que se cruza assim com a dos outros, dá lugar a uma *coexistência*<sup>258</sup> que relaciona e une. Isso não significa que se elimina a diferença, por mais que ela se esbata ou aparentemente se esqueça. Também não significa que compreender seja sinónimo de viver. Não há uma colagem perfeita entre ambos. Mas, de facto, estou virado para fora de mim e situome, desse modo, num mundo, num tempo, num contexto histórico, numa dimensionalidade de vivências culturais alteres. E são as outras consciências que colaboram para que eu me torne no que sou. Pela palavra dão-se a conhecer a mim e eu a elas. E se é o corpo que solta a palavra, esta acaba por se constituir como corpo: corpo de expressão, corpo que veicula um pensamento e é porta-voz de vivências.

A palavra encontra na alteridade o pretexto para se manifestar e dar visibilidade ao pensamento. Mas essa sua exposição não é imediata, é discreta. *A maravilha da linguagem é que ela se faz esquecer.*<sup>259</sup> E se eu posso *falar assim*

---

<sup>257</sup> S.C., p. 239“...le comportement d'autrui exprime une certaine manière d'exister avant de signifier une certaine manière de penser. Et quand ce comportement s'adresse à moi, comme il arrive dans le dialogue, et se saisit de mes pensées pour y répondre, — ou plus simplement quand des « objets culturels » qui tombent sous mon regard s'ajustent soudain à mes pouvoirs, éveillent mes intentions et se font « comprendre » de moi, — je suis alors entraîné dans une *coexistence* dont je ne suis pas l'unique constituant et qui fonde le phénomène de la nature sociale comme l'expérience perceptive fonde celui de la nature physique.”

<sup>258</sup> *Idem*, p.239

<sup>259</sup> P.P., p. “La merveille du langage est qu'il se fait oublier : je suis des yeux Les lignes sur le palper, à partir du moment ou je suis pris par ce qu'elles signifient, je ne les vois plus. Le papier, les lettres sur le papier, mes yeux et mon corps ne sont là que comme le minimum de mise en scène nécessaire à quelque

*como a lampa eléctrica se pode tornar incandescente*<sup>260</sup>, o que ganha notoriedade não é o modo de expressão, é o que é exprimido. É aí que se revela o seu segredo, nessa capacidade que não é paisagem inóspita sem vislumbre de fonte de bem-vinda criatividade. Muito pelo contrário, dá lugar a novas possibilidades inusitadas, abre dimensões inesperadas, faz do dito mais que dito, introduz no esperado porque habitual o não óbvio e surpreendente. Mas não está sozinha nessa tarefa salomónica, tem um aliado: o outro, que dá sentido à comunicação, que completa a relação. Uma relação que se funde num corpo que *se levanta em direcção ao mundo*<sup>261</sup>, ao outro, que é espicaçada pelas solicitações do mundo, que radica na natureza de todo o ser como ser para o mundo, que permite a descoberta de insondáveis e múltiplas modulações que a existência orchestra.

Assim se dá a descoberta da alteridade. A partir do meu corpo próprio que me proporciona *uma experiência instantânea, singular, plena*<sup>262</sup>, eu lanço-me para o mundo, o meio que me integra na sua dimensionalidade. E apesar de, como já vimos, eu não ser uma coisa no mundo, *a minha própria substância foge de mim pelo interior e alguma intenção se desenha sempre*<sup>263</sup>, para o mundo eu canalizo a minha expressividade, projecto as minhas significações e interpreto as que ele me envia, pois é complemento exterior, alter, ao meu pensamento, à minha palavra.

---

opération invisible. L'expression s'efface devant l'exprimé, et c'est pourquoi son rôle médiateur peut passer inaperçu..."

<sup>260</sup> P.P., p. 204

<sup>261</sup> *Idem*, p. 90

<sup>262</sup> *Idem*, p. 98 "...il faut que mon corps soit saisi non seulement dans une expérience instantanée, singulière, pleine, mais encore sous un aspect de généralité et comme un être impersonnel."

<sup>263</sup> *Idem*, p.192/193 "Je ne deviens jamais tout à fait une chose dans le monde, il me manque toujours la plénitude de l'existence comme chose, ma propre substance s'enfuit de moi par l'intérieur et quelque intention se dessine toujours."

Sem expressão, pensamento e palavra esconder-se-iam do mundo e abortariam a descoberta de toda a alteridade. Eu não sou anónimo para o contexto mundano em que mergulho e me circunscreve, exactamente porque tenho a palavra para me fazer representar e servir de intermediário. É ela que dá consistência sólida a essa inserção e me faz (re)conhecer num palco mundano, sempre provisório e nunca definitivo. Apesar de eu ser autónomo não sou independente, porque incompleto e necessitado sempre do mundo, dos outros. É isso que me justifica como ser para o mundo, que me caracteriza como um ser singular que se compromete na mundaneidade, que se reconhece quando a realidade exterior é estável, e se procura quando é instável.

Porém, o mundo não é linear na sua apresentação, possui uma dupla face na sua estruturada natureza. Por um lado, parece sólido, e (a)parece-nos susceptível de quantificação rigorosa, matemática, científica. Por outro, surpreende-nos pelo seu borbulhar espontâneo e atormenta-nos com a hipótese de não termos à mão a segurança de uma bóia para nos socorrermos do seu acontecer imprevisível. Por um lado, traça-nos uma linha directa entre causas e seus efeitos esperados e previsíveis, e demonstra-nos na perfeição um princípio de causalidade rigoroso. Por outro, ignora esse processo e lança-nos borda fora da proa da certeza. É de uma natureza aparentemente inconciliável a que se nos depara neste jogo alter que me provoca, incita e me convida a nele participar. Porque reconheça-se, *o verdadeiro jogador não é o jogador, mas o jogo ele mesmo...É o jogo que mantém o jogador sob o charme, que o prende nas suas redes, que o retém no jogo.*<sup>264</sup>

Apesar disso, o mundo que me viu nascer, bem como aos outros, para o destino dessa relação, e com eles igualmente eu o vi nascer, ele já possui um nexo integrador natural e cabe-me ser portador da minha própria realidade pessoal que uma inserção vivencial irá revelar e fomentar. O mesmo acontece com toda a consciência que emerge, os outros são eles mesmos portadores de uma

---

<sup>264</sup> GADAMER, Hans-Georg, *Verité et Méthode*, Paris, Seuil, 1996, p. 124



existencialidade própria, o que confere à partilha múltiplos sentidos e desenvolver-se-á experiencialmente rica, decorrente de haver lugar a trocas e o mundo, que se constrói a partir daí, ser um mundo de mundos. Entre imanências que se transcendem e transcendências propícias a se tornarem imanescentes, a minha consciência intencional ganha acabamento, completa-se, enriquece-se no seu próprio fluir de natureza pensante, pois eu *sinto-me votado para um fluxo inesgotável de que eu não posso pensar nem o princípio nem o fim, visto que sou ainda eu vivo que o penso e que assim a minha vida se precede e se sobrevive sempre*<sup>265</sup>.

O mundo é movimento. Os outros presença. Um e outros constantes, mesmo que aparentemente ausentes, numa dimensão humana que decorre de toda esta dialéctica eu-outro, onde as vivencialidades ganham corpo de presença e se sedimentam no tempo. Nesse plano se desenvolvem as possibilidades relacionais com o mundo e os outros, bem como é nesse plano que se podem testemunhar as minhas opções, as minhas decisões, se situam as minhas determinações e eu ganho consistência nesse jogo de entrechoques com outras vivencialidades. Assim construo a minha própria história e alicerço o meu destino. Sem a palavra todo esse quadro se pintaria baço, ou melhor, nem seria quadro ilustrativo do meu ser, da minha consciência, do meu pensamento, nem o meu corpo teria oportunidade de se manifestar para lá do campo neurovegetativo e instintivo. Ela é possível porque eu existo no mundo, para o mundo, para as alteridades que o habitam e que existem para mim enquanto pólos exteriores de uma coexistência comum irrecusável.

---

<sup>265</sup> P.P., p. 418 “Installé dans la vie, adossé à ma nature pensante, fiché dans ce champ transcendantal qui s'est ouvert des ma première perception et dans lequel toute absence n'est que l'envers d'une présence, tout silence une modalité de l'être sonore, j'ai une sorte d'ubiquité et d'éternité de principe, je me sens voué à un flux de vie inépuisable dont je ne puis penser ni le commencement ni la fin, puisque c'est encore moi vivant qui les pense, et qu'ainsi ma vie se précède et se survit toujours.”

Enquanto inserida no tecido social mundano, a palavra expressa pensamento e faz germinar todo um processo que se desencadeia devido a essa sua mesma natureza.

Enquanto portadora de pensamento que questiona, a palavra nos outros origina pensamentos que questionam.

Enquanto portadora de modos pessoais de pensar e ver o mundo, assim o resultado se reflecte *em todos os meus pensamentos e cada palavra que se diz diante de mim faz então germinar questões, ideias, reagrupa e reorganiza o panorama mental e oferece-se com uma fisionomia precisa.*<sup>266</sup>

Desse modo visível a palavra conduz um pensamento à visibilidade mundana e, desse modo, a consciência projecta-se no mundo e aí realiza o seu destino. A palavra dá voz a essa incontornável necessidade e encontra outras vozes. A palavra não é um acto isolado. Não existe individualmente. Só tem realidade partilhada, o que implica a existência de interlocutor. De que adiantaria ser, se não reconhecida como tal? O reconhecimento existe no contributo de uma alter-existência, a realidade presencial do outro. A linguagem é pôr-em-comum algo gestualizado, dito, proferido. Sem interlocutor não será compreendida, não será comunicada, o gesto não será interpretado e toda a recuperação inexistente, porque não entendida. A palavra, lançada no mar da comunicação se não for tomada, fica a boiar numa expectativa instável, e eventualmente mergulha, afoga-se e perde-se na imensidão do incomunicável. Mas, na medida em que o interlocutor compreende o que é

---

<sup>266</sup> P.P., p. 151 “En fait notre acquis disponible exprime à chaque moment l’énergie de notre conscience présente. Tantôt elle s’affaiblit, comme dans la fatigue, et alors mon « monde » de pensée s’appauvrit et se réduit même à une ou deux idées obsédantes; tantôt au contraire je suis à toutes mes pensées, et chaque parole que l’on dit devant moi fait alors germer des questions, des idées, regroupe et réorganise le panorama mental et s’offre avec une physionomie précise.”

proferido, então entra no processo dialógico. Deste modo, à actividade da comunicação emitida junta-se a actividade da comunicabilidade entendida e ambas proliferam na partilha de sentido. E conforme o interlocutor, assim podem variar os cambiantes dessa comunicabilidade, o que condiciona a palavra emitida a não ser literalmente entendida e uniformemente (co)respondida. A palavra solta mergulha no mundo de significações que o receptor possui e, nessa medida, o diálogo nunca é algo de sentido único, fechado, enclausurado. É, pelo contrário, um jogo de combinações suscitadas pelo que vai sendo dito e a partilha comunicativa que daí resulta pode seguir uma direcção sempre diferente, despertar paisagens de significados inesperadas e seguir uma rota inusitada, dependente do interlocutor ou interlocutores em presença. Conforme contextos diferentes, assim poderá assumir significações divergentes e dar à comunicabilidade cambiantes diversos.

Seja como for entendida, a alteridade implica sempre alguém que justifica a concreticidade de toda a comunicabilidade. Mas essa relação só se estabelece se o código comunicativo for entendido, captado, nos seus significados, nas suas intenções. Exige-se que essa recuperação seja efectivamente realizada. É necessário que a palavra comunicada seja identificada e, portanto, seleccionada entre uma pluralidade disponível. Porque o que complica mais o processo é que a palavra, relembramos, tem sempre um suporte emocional. Não existe suspensão em vogais, consoantes, sons. Pelo contrário, radica nessa base emocional que lhe dá cor, mas simultaneamente menos nitidez, menos clareza, pois os sentidos de que se reveste vão mergulhar em sensibilidades particularizantes e confundir a racionalidade do que é exposto. Este exige ou acaba sempre por apelar a uma interpretação, já que o que é dito é para ser ouvido mas a sua leitura é sempre personalizada, tal como o que é dito não se pode descolar do modo como é dito. *A presença do texto, rasto da tradição, não vive na universalidade da sua apresentação externa; noutros termos, é o mesmo texto que é lido por todos, mas a sua compreensão implica sempre uma interpretação que pode dar origem a uma compreensão única e paradigmática.*<sup>267</sup>

---

<sup>267</sup> RENAUD, Michel, in *H.-G.Gadamer, Experiência, Linguagem e Verdade*, Lisboa, UCP, 2003, p.94

Conteúdo e processo em presença, nessa actividade a que o comunicar apela, exigem actividade quer ao que comunica quer ao receptor a quem é comunicado. Nesse sentido, captar a comunicabilidade da palavra é entrar numa relação comunicativa e, desse modo, é participar igualmente no processo. Pode ser passiva essa actividade de interlocução, mas está presente e faz-se presente no que é comunicativamente oferecido. E isto porque mesmo sendo passiva, é sempre activo o papel do receptor: as significações não são literais, e os sentidos das palavras e das emoções que delas transbordam não se enclausuram num sentido literal, apelam sempre a uma leitura personalizada.

E o que começou por ser espontâneo dá lugar ao hábito. O hábito dilata pela repetição no tempo, o tempo de revelar a nossa existencialidade a cada *novo nó significativo*<sup>268</sup>. O hábito, que *não reside nem no pensamento nem no corpo objectivo, mas no corpo como mediador de um mundo*<sup>269</sup> revela-se *como o nosso meio geral de ter um mundo*<sup>270</sup>, o próprio mundo interior de uma consciência em que germina uma necessidade estrutural de se fazer intencionalmente mundana. Mas ter na palavra a possibilidade de revelar essa sua natureza não é suficiente. É necessário

---

<sup>268</sup> P.P., p. 171 “L’habitude n’est qu’un mode de ce pouvoir fondamental. On dit que le corps a compris et l’habitude est acquise lorsqu’il s’est laissé pénétrer par une signification nouvelle, lorsqu’il s’est assimilé un nouveau noyau significatif.”

<sup>269</sup> *Idem*, p.169

<sup>270</sup> *Idem*, p.171 “Le corps est notre moyen général d’avoir un monde. Tantôt il se borne aux gestes nécessaires à la conservation de la vie et corrélativement il pose autour de nous un monde biologique; tantôt, jouant sur ces premiers gestes et passant de leur sens propre à un sens figure, il manifeste à travers eux un noyau de signification nouveau : c’est le cas des habitudes motrices comme la danse. Tantôt enfin La signification visée ne peut être rejointe par les moyens naturels du corps; il faut alors qu’il se construise un instrument, et il projette autour-de lui un monde culturel.”

um reconhecimento efectivo e esse reconhecimento de si só acontece se houver uma outra consciência, outras consciências que objectivam a sua realidade, a conhecem, a identificam e a reconhecem no jogo de alteridades de consciências pares. A descoberta dessa relação de alteridade é o fundamento que permite ao olhar de outra consciência reconhecer-me e nessa acção impedir o meu isolamento. A minha consciência faz-se mundana, porque há exactamente esse olhar de outras consciências alteres que a constituem assim mundana, porque se estabelece um vínculo complementar e passa a ser permitido uma manifestação visível e identificada. É evidente que a minha consciência já possui aquilo que é fundamental para que essa interacção se desenvolva: ela já em si mundana, porque humana e propensa a uma relação de alteridade. Desde que se constitui, ela é em si mesma humana, raiz do mundo humano, expressão na mundaneidade de uma natureza própria. E desenvolve-se naturalmente nesse domínio em coexistência com o mundo, em interacção com outras consciências, que a precederam, que lhe abrem o caminho, que a alimentam nessa sofreguidão de ser para o mundo e nele se manifestar, nele se expressar e, desse modo, revelar o que lhe dá sentido. A coexistência mundana que vinca os sulcos de toda a correlação, não me abandona a uma sorte pessoal instável, no sentido de negar essa intimidade vivencial. A existencialidade já por si, é razão de movimento para fora, para o situar-se no mundo, para ir ao encontro. E se eu nesta relação de alteridade constato o que o mundo é, sendo que o nada não faz parte desse conteúdo, também reconheço em mim conteúdo que posso direccionar para esse mesmo mundo.

O mundo dá, eu recebo. Eu dou, o mundo recebe. Daqui germinam múltiplos mundos, tantos quantas as consciências que o habitam, tantos quantos os mundos que as consciências criam, tantos quantos os mundos que eu posso abarcar, limitado que sou unicamente à temporalidade epocal e , por arrastamento, ao contexto socio-cultural. A palavra, esse potencial ilimitado de me fazer presente no mundo e de me tornar presente o mundo em mim, dá lugar a todas as possibilidades, é lugar de toda

a partilha, e a par da percepção, entendida como *iniciação ao mundo*<sup>271</sup>, o primeiro esboço e todos os esboços de mundo. Esta relação íntima de cumplicidade que se constrói desde que eu sou e me situo como um espaço mundano quando nele eu sou imerso e ele nele me engloba, evolui, devido à palavra que sai de mim, numa manifestação expressiva que encontra eco na mundaneidade e nos outros que nela de igual modo se situam. E esta relação assim tão próxima é *mais velha que o pensamento*<sup>272</sup>, é correlação viva e dialéctica, revela a minha própria existencialidade e a minha inserção no mundo. Se o meu destino é *com-viver* no espaço que é comum e se faz comum, cabe à consciência acrescentar-lhe essa mais-valia de tornar consciente essa situação, de dela me fazer consciente, de nela, pela palavra se manifestar. É que a consciência não existe para ser para si mesma. Existe para se revelar, dar-se ao exterior, manifestar-se no cenário da exterioridade. E aí encontrar outras consciências destinadas a encontrarem-se nesse enquadramento comum. Contudo, há que ser prudente. A visibilidade da consciência é tão visível como a própria vida: não é. Detectamo-la na concreticidade da palavra mas adivinhamo-la fora dela. É, não pelo facto de ser, mas pelo facto de ser para, de ser como, porque é desse modo que se dá ela a revelar, a conhecer na sua exteriorização. É, pela possibilidade de ser existencial, e pelo facto de na existência efectivamente radicar. É à superfície da sua manifestação verbal, à superfície onde todas as

---

<sup>271</sup> P.P., p. 297

<sup>272</sup> *Idem*, p. 294 “...c'est mon corps, non pas le corps momentané qui est l'instrument de mes choix personnels et se fixe sur tel ou tel monde, mais le système de « fonctions » anonymes qui enveloppent toute fixation particulière dans un projet général. Et cette adhésion aveugle au monde, ce parti-pris en faveur de l'être n'intervient pas seulement au début de ma vie. C'est lui qui donne son sens à toute perception ultérieure de l'espace, il est recommencé à chaque moment. L'espace et en général la perception marquent au cœur du sujet le fait de sa naissance, l'apport perpétuel de sa corporéité, une communication avec le monde plus vieille que la pensée. Voilà pourquoi ils engorgent la conscience et sont opaques à la réflexion.”

consciências se encontram e se definem. É na palavra, porque esta é veículo privilegiado para, depois de nos *alimentarmos e respirarmos podermos perceber e aceder à vida de relação, viver as cores e as luzes mediante a visão, os sons pelo ouvido, o corpo de outrem pela sexualidade* <sup>273</sup>, para que assim se efective o jogo das relações com o outro, que lhe dará então essa apodíctica visibilidade uma efectiva presença. E tem no horizonte infinito da mundaneidade terreno fértil para carregar o potencial que dela germina, ou pode germinar. O encontro das alteridades, que lhe dão o necessário reconhecimento, atribui à sua existência a razão real dessa coexistência. Uma coexistência que não está maquilhada de inexpressão. Pelo contrário, uma coexistência que tem na palavra a certeza de um pensamento manifesto pleno de existência e que está sedenta de mundo. Uma coexistência que tem nos outros uma garantia de receptividade, de ser escutada.

Há que reconhecer, todavia, que a liberdade que a expressão na mundaneidade parece encontrar, é uma liberdade limitada. É circunscrita pelos contextos mundanos, é condicionada por esses mesmos outros que nela se tornam visíveis e dão possibilidades à minha visibilidade fundeada pois num corpo. Mas se eu não me reduzo a um corpo, também não me reduzo a uma existência. Se ter corpo não implica ser existente (ex. morto) e ser existente não implica ter corpo (ex. amibas), isto acontece porque não é o corpo que fundamenta a existência, assim como não é a existência que fundamenta o corpo. *A relação da expressão ao expresso ou do sinal à significação não é uma relação para sentido único, como a que existe entre o texto original e a tradução. Nem o corpo nem a existência podem passar por representante original do ser humano, visto que cada um deles pressupõe o outro e que o corpo é a existência congelada ou generalizada e a*

---

<sup>273</sup> P.P., p. 187“... nous devons nous nourrir et respirer avant de percevoir et d'accéder à la vie de relation, être aux couleurs et aux lumières par la vision, aux sons par l'ouïe, au corps d'autrui par la sexualité, avant d'accéder à la vie de relations humaines.”

*existência uma incarnação perpétua*<sup>274</sup>. Se o meu corpo existente expressa uma existência corporal que é minha e com os outros existentes o mesmo se dá, é na palavra posta em comum, que se dá uma vivencialidade comunicativa. Mas, em rigor, se dissermos que a palavra expressa o pensamento, e este é resultado de uma consciência, tal não é inteiramente verdade, não é verdade completa. Acrescente-se que há uma circularidade que não termina na consciência, ou não se inicia na consciência. É uma circularidade decorrente do nosso próprio modo de existir, de co-existir, que engloba o corpo, a palavra, a consciência, e nos remete para um plano superior, um degrau acima na espiral do existir. Esse plano superior, superior no sentido de mais englobante ou mais integrador, é o plano de uma identidade que se forja, é o plano de um estilo que, sempre necessário, é *sintaxe de um escritor, os modos e os ritmos de um músico, os traços e as cores de um pintor - para apesar das percepções vividas ao percepto, das afecções vividas ao afecto*<sup>275</sup>.

Identidade de conduta, estilo de comportamento, identidade que revela um interior, estilo que conjuga o interior com o exterior, o meu mundo subjectivo com o meu mundo objectivo e relacional. Existir como homem é eu ter a possibilidade de projectar no mundo real da visibilidade a minha subjectividade invisível mas real e, igualmente, captar as projecções alheias. É nesse jogo de alteridades que se sente a presença de identidades e se revelam os estilos. Sou eu a conversar com o mundo, é o meu próprio corpo que conversa com o mundo enquanto tem por trás a minha consciência em que eu me revejo. É um diálogo entre mim sujeito e o objecto mundano, em que eu capto a sua realidade dispersa e o mundo capta as minhas intenções. É um diálogo em que uma *percepção fisionómica, dispõe à volta do*

---

<sup>274</sup> P.P., p. 194 “...le rapport de l'expression à l'exprimé ou du signe à la signification n'est pas un rapport à sens unique comme celui qui existe entre le texte original et la traduction. Ni le corps ni l'existence ne peuvent passer pour l'original de l'être humain, puisque chacun présuppose l'autre et que le corps est l'existence figée ou généralisée et l'existence une incarnation perpétuelle.”

<sup>275</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, *Qu'est-ce que la Philosophie?*, Paris, Minuit, p.160



*sujeito um mundo que lhe fala dele mesmo e instala no mundo os seus próprios pensamentos.*<sup>276</sup>

É a relação de alteridade plenamente assumida.

Mas essa relação nunca deixará de ser pessoal, e o modo de ela se efectivar e ser vivida na mundaneidade revelará obrigatoriamente uma identidade e um estilo.

---

<sup>276</sup> P.P., p. 154 “ Ce dialogue du sujet avec l’objet, cette reprise par le sujet du sens éparé dans l’objet et par l’objet des intentions du sujet qui est la perception physiionomique, dispose autour du sujet un monde qui lui parle de lui-même et installe dans le monde ses propres pensées.”

## Capítulo III

### IDENTIDADE E ESTILO

*“ Eu sou uma estrutura psicológica e histórica. Eu recebi com a existência uma maneira de existir, um estilo. Todas as minhas acções e os meus pensamentos estão relacionados com esta estrutura (...) Porque esta vida significativa, esta certa significação da natureza e da história que eu sou, não limita o meu acesso ao mundo, pelo contrário ela é o meu meio de comunicar com ele.”<sup>277</sup>*

M. Merleau-Ponty

#### III.1. Percepção e Desvelamento

Desvela-se o mundo à medida que as cortinas da minha percepção a ele se vão abrindo. Mas esse processo é bem complexo. Percepcionar o mundo não significa obter o seu desvelamento automático. Desvelar o mundo exige bem mais do que percepcioná-lo. O mundo é-me *evidentemente dado*, entendendo-se por «*evidentemente dado*» tudo o que é percebido, representado, fingido, representado

---

<sup>277</sup> P.P., p. 519 “ Je suis une structure psychologique et historique. J’ai reçu avec l’existence une manière d’exister, un style. Toutes mes actions et mes pensées sont en rapport avec cette structure (...) Car cette vie signifiante, cette certaine signification de la nature et de l’histoire que je suis, ne limite pas mon accès au monde, elle est au contraire mon moyen de communiquer avec lui.”

*fingido, representado simbolicamente, tudo o que é fictício e absurdo*<sup>278</sup>. É-me então oferecido e eu tenho uma apetência natural para o enquadrar nos meus espaços mentais, nas minhas experiências existenciais. A racionalização dos dados que obtenho na recepção sensorial e perceptiva que vem anexada como possibilidade da minha existencialidade corpórea, pode fornecer-me um tipo de conhecimento. Contudo esse conhecimento enferma na sua própria limitação e não se me dá gratuitamente. O mundo não me é revelado de facto, não se me revela, se eu não o procurar, se eu não procurar o que ele tem para desvendar. Sem isso, fico-me por um conhecimento que apenas capta o que à superfície me é trazido pelo fulgor das ondas diárias. Ora acontece que ‘o’ conhecimento é bem mais amplo, de uma imensidão incontável pois povoa os oceanos profundos do saber.

Evidentemente eu posso assumir uma abordagem rigorosa nessa vontade determinada de o procurar, de lhe dar um cariz científico, de o enquadrar na certeza de uma certa objectividade que me garanta um creditado estatuto de universalidade. Universal, porque ser universal é selo de garantia vitalícia para a certeza de o ter encontrado, de ter encontrado o que de seu está escondido no mundo. Posso servir-me de instrumentos que sejam da mesma natureza, universal, que é como quem diz, quantificados e susceptíveis de atribuir quantificação. E da quantificação obtenho assim informações positivas e inquestionáveis. Porém, tropeço de imediato nesta confiança apressada. A realidade mundana prega-me uma partida. Nem tudo o que nele se encontra pode ser perspectivado e estudado por filtros e instrumentos quantitativos e quantificadores. O mundo revela-se muito mais complexo do que à partida a sua singeleza parecia indiciar. *A patologia da razão é a racionalização que encerra o real num sistema de ideias coerente, mas parcial e unilateral, e que não sabe nem que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade se encarrega de dialogar com o irracionalizável.*<sup>279</sup> E, agora, inseguro, poderei cair na tentação de me esforçar por segurar na peneira da investigação esse conhecimento já

---

<sup>278</sup> HUSSERL, Edmund, *A Ideia de Fenomenologia*, Lisboa, Ed.70, 2008,p.102

<sup>279</sup> MORIN, Edgar, *Introdução ao Pensamento Complexo*, Instituto Plaget, Lisboa, p.14

obtido, com medo de que a flutuação do real mundano arraste dela todo o seu conteúdo restante e inutilize todo o meu esforço que, à partida, como todo o esforço, já é *condenação*<sup>280</sup>. E, como uma desgraça nunca vem só, agarro-me a esses quadros racionais que, estruturando o real mundano, simultaneamente o reduzem a sínteses e, nessa medida, o falseiam. Sem dúvida que esse *modus operandi* pode desembocar num resultado enclausurador e inexoravelmente revisível. Mas nada está perdido. Podemos voltar sempre à fonte. Aliás, a ela temos sempre de voltar.

E a fonte é o mundo. A fonte também sou eu. Eu não me limito à circunstância de ser um ‘ser vivo’, ou um ‘homem’ ou mesmo ‘uma consciência’, *sou a fonte absoluta*<sup>281</sup>. Na totalidade do mundo que me é oferecida, eu assumo-me igualmente como totalidade: um ser vivo, num corpo mundano, com consciência. Encontramos aqui uma genuína correlação. É-me oferecido um contacto directo, permanente, com a mundaneidade circundante. É-me oferecido uma experiência de mundo. A partir desta relação que se estabelece, eu passo a contar com uma experiencialidade que vai criar em mim uma visibilidade do mundo, que tem em mim o seu centro nevrálgico. É-me oferecido uma intimidade com as coisas mundanas. A partir da minha percepção, qual farol que se orienta para o horizonte circular mundano, a realidade oferece-se-me a um descortinar e solicita a minha interpretação. Os conteúdos mundanos não me são indiferentes. Alguns serão

---

<sup>280</sup> LEVINAS, Emmanuel, *De l’existence à l’existant*, Paris, Vrin, 2002, p. 49

<sup>281</sup> P.P., p. III “Je suis non pas un être vivant ou même un « homme » ou même une conscience, avec tous les caractères que la zoologie, l’anatomie sociale ou la psychologie inductive reconnaissent à ces produits de la nature ou de l’histoire, — je suis la source absolue, mon existence ne vient pas de mes antécédents, de mon entourage physique et social, elle va vers eux et les soutient, car c’est moi qui fais être pour moi (et donc être au seul sens que le mot puisse avoir pour moi) cette tradition que je choisis de reprendre ou cet horizon dont la distance à moi s’effondrerait, puisqu’elle ne lui appartient pas comme une propriété, si je n’étais là pour la parcourir du regard.”

eventualmente menos presentes, mas, automática ou deliberadamente, uma hierarquia se estabelecerá, escalonando os graus entre a indiferença e a diferença.

Se a percepção desta mundaneidade promete o seu desvelamento, é necessário que este conhecimento que me é prometido radique efectivamente no ser da realidade. Para isso é preciso *regressar às próprias coisas, é regressar a esse mundo anterior ao conhecimento de que o conhecimento sempre fala* <sup>282</sup>, é regressar às coisas fenoménicas originadoras do conhecimento, prévias a uma consciência que por elas se orienta. O mundo que eu recebo, a parcela de mundo que me é dado à minha percepção e, conseqüentemente, a um conhecer, vai possibilitar-me ter uma visão muito própria, em função de circunstâncias simples e concretas que vivencio na elementaridade do plano mundano. Isso não significará que o mundo esteja aí só para mim, só para a minha consciência. O mundo é palco para muitos actores que por ele passam, nele convivem e nele coabitam... não sendo, contudo, de nenhum. Esta natureza própria do mundo é uma fonte que origina circunstâncias e se abre a um certo grau de descoberta múltipla. Daí, a minha visão da natureza mundana pode não assegurar-se como segura e definitiva. Mas contarei sempre com a sólida realidade como juiz, que exigirá garantidamente prova das minhas próprias conclusões sobre si. Supostamente eu terei conhecimento efectivo dessa exterioridade, se os meus juízos que dela faço lhe corresponderem inteiramente. Caso contrário, o que é realçado é a dicotomia sempre presente entre consciência que conhece um mundo e um mundo que se dá a conhecer a uma consciência. Se o ideal do conhecimento é esbater essa dicotomia, então a acontecer esse esbatimento, tenho a prova concreta de que o que eu penso sobre o mundo e o que ele de facto é se colam numa unidade de sentido. O conhecimento, nessa circunstância será válido

---

<sup>282</sup> P.P., p. III “Revenir aux choses mêmes, c'est revenir à ce monde avant la connaissance dont la connaissance parle toujours, et à l'égard duquel toute détermination scientifique est abstraite, signitive et dépendante, comme la géographie à l'égard du paysage ou nous avons d'abord appris ce que c'est qu'une forêt, une prairie ou une rivière.”

e o seu conteúdo verdadeiro. Assim sendo, estaria diluída a situação inicial que afirma a consciência de um lado e o mundo do outro e, de certo modo, superada. Diluída, porque não se pode negar essa separação, uma vez que é da sua própria natureza estar constituída desse modo e assim permanecer para continuar digna de tal natureza. Superada, porque nos dará a ilusão de uma colagem cognitiva, existencial e co-existencial.

Porém há dificuldades em presença. O mundo do ‘cogito’ não é verdadeiro mundo. O mundo percebido também o não é, seguramente, porque é filtrado mediante coordenadas cognitivas que estruturam a minha consciência, e sendo esta feita de razão não é ela mesmo corpo, esse corpo que percebe. Considerar a minha consciência como ‘cogitatio’ separada do corpo, como a cartesiana *absoluta certeza de mim por mim, como a condição sem a qual não haveria absolutamente nada*<sup>283</sup>, é assumir um certo orgulho cognitivo sem fundamento. É um facto que eu não posso legitimamente dimensionar o que capto de mundo a uma visão pessoal espalhada. Não posso reduzi-lo a uma qualquer síntese estrutural, que acabará por se revelar, mais cedo ou mais tarde, como inapropriada para reflectir seja qual for o pedaço de mundo. Igualmente o que percebo do mundo não me concede uma licença que me autorize a fazer dele uma abordagem definitiva. *Talvez a coisa que se torna mais indispensável fazermos no nosso dia-a-dia, enquanto seres humanos, seja a de recordar a nós próprios e aos outros a complexidade, fragilidade, finitude e singularidade que nos caracterizam. É claro que esta não é uma tarefa fácil: mudar o espírito do seu pedestal num algures inlocalizável para um lugar bem mais exacto, preservando ao mesmo tempo a sua dignidade e a sua importância; reconhecer a sua origem humilde e a sua vulnerabilidade é ainda assim continuar a recorrer à sua orientação e conselho.*<sup>284</sup> Assim, por mais clara e bem apoiada

---

<sup>283</sup> P.P., p. III

<sup>284</sup> DAMÁSIO, António, *O Erro de Descartes*, Lisboa, Pub.Europa-América, 1995, p.257

teoricamente que seja uma qualquer (des)construção do real mundano, este daí sairá sempre descaracterizado. Porque o mundo onde me integro vivencialmente não é, de facto, *somente um meio(umwelt), mas ainda um mundo (welt)* <sup>285</sup>. Não é somente um aglomerado complexo de circunstâncias, é uma realidade constituída por traços múltiplos que o homem nela cria e desenha. Para lá da percepção da visão, do gosto, do tacto, do cheiro do mundo, há a constatação de que este é manifestação e possibilidade, sempre pronta e incontornável, da inspiração criativa do homem. E se se insiste em dualidades subsequentes, em que de um lado há a reflexão e do outro o reflectido, de um lado a intenção, do outro o acto, de um lado a forma, do outro o conteúdo, então mais se agudiza o argumento de que a mundaneidade não se reduz nem desaparece na sua percepção, no seu parcelar e contínuo desvelamento.

Há que retroceder e corrigir o seguinte. De facto, não há consciência de um lado e mundo do outro, pois *todo o estado de consciência em geral é, em si mesmo, consciência ‘de’, consciência ‘de’ qualquer coisa, seja qual for a existência real deste objecto e qualquer que seja a abstenção que eu faça na atitude transcendental que é minha da posição desta existência e de todos os actos da atitude natural* <sup>286</sup>. Igualmente não há consciência de um lado e corpo do outro. Indubitavelmente o conhecimento verdadeiro tem que se colar ao real e este tem de confirmar que essa roupagem é feita à medida e se adequa, na perfeição, à sua constituição. Daí que intelectualizar o mundo seja fomentar ilusão. A consistência do conhecimento tem de ser consistente com a consistência do mundo conhecido. Embora o mundo pareça espelhar simplicidade, como tudo o que é e como todo o todo, essa simplicidade que se observa à superfície não parece querer sugerir que há uma profundidade feita de vitalidade e complexidade. Não. Trata-se mais de uma espécie de vidro espelhado fumado onde o que se espelha é o que não é e não o que é. Tal como a superfície do mar reflecte o céu e não seu interior. Há assim uma complexidade

---

<sup>285</sup> P.P., p. 102

<sup>286</sup> HUSSERL, Edmund, *Meditações Cartesianas*, Lisboa, Res, s/d, p.48

incomensuravelmente ajustada que constitui o seio e se constitui no seio do mundo, agravada pelo facto de, contraditoriamente, albergar, a par de uma mecânica rigorosa, a possibilidade de inesperado, de mudança. Algo que nada faria prever que uma estrutura forte, sólida e rígida pudesse conter em si condições que seriam gérmes garantido da sua própria alteração, de contestação da sua solidez, e eventualmente da sua destruição. O mesmo seria constatar que essa rigidez, solidez e rigor do tecido mundano seriam ilusórias porque incompreensivelmente provisórios. Estranho e um pouco bizarro, uma vez que não é próprio do que rígido, sólido, rigoroso sê-lo, contra-natura, não definitiva mas provisoriamente. Parece contradição pura: ser, e ao mesmo tempo poder vir a mudar, o que seria negação de si, mesmo que parcial, no limite total, o que implicaria assumir outra identidade e, consequentemente, negação de si, não-ser. Como é possível a consistência de uma tal realidade? Consistente e ao mesmo tempo inconsistente? Sólida e ao mesmo tempo mutável? Definitiva e ao mesmo tempo inesperada?

Compreende-se como as nossas tentativas de querermos desvelar uma realidade de tal natureza exigente e vital, onde *toda a coisa bascula na vida e só em si própria possui ser, tudo é vida*<sup>287</sup>, se tornam curtas, devido aos nossos meios perceptivos de compreensão limitados. Se acrescentarmos a isso a tendência, apesar de originalmente construtiva, de nos impulsionarmos à descoberta para escamotearmos uma insegurança e incapacidade que sentimos e nos precipitarmos num deslumbramento primário elaborando sínteses explicativas redutoras, então

---

<sup>287</sup> HENRY, Michel, *Phénoménologie Matérielle*, Paris, PUF, 1990, p. 11 “ Les choses diffèrent totalement selon qu'elles sont immergées dans le pathos de la vie, ne se voyant jamais elles-mêmes, ou qu'elles se tiennent au contraire --devant un regard. Ce ne sont, semble-t-il, pas les mêmes. A la première catégorie appartiennent la pulsion, la force, l'affect, tout ce que nous sommes au fond de nous-mêmes, tout ce qui importe. Elles n'appartiennent pas à l'immanence parce que se trouvant placées là par hasard, mais parce que c'est là seulement qu'elles sont possibles. Il en est de même toutefois du regard, du voir, lequel ne se voit jamais — de la connaissance par conséquent et de la science elle-même : toute chose bascule dans la vie et n'a d'être qu'en elle, tout est vivant.”



essa nossa tarefa estará parcialmente fadada ao insucesso. Quer isto dizer que é impossível conhecermos a realidade? Quer isto dizer que a realidade mundana é para ser vivenciada e não pensada? O que não podemos negar é que a realidade é uma referência consistente, apesar do seu grau de inesperado. O que não podemos negar é que é sólida, apesar de surpreendente. O que não podemos negar é que é fenoménica, apesar de indiferente à nossa presença. O que não podemos negar é que é juiz das nossas criações imaginárias apesar de dar lugar quer ao verosímil, quer ao inverosímil. E vendo bem as coisas, a realidade mundana não tem que ser por nós construída, já o está. Não tem que ser constituída no que é, porque já o é. Está aí como um real *para descrever, e não de modo algum a construir ou a constituir*<sup>288</sup>. A mundaneidade já existe prévia ao meu quinhão de mundaneidade. Antes de a minha reflexão se ter feito presente, já se encontrava lá o mundo para originar os conteúdos sobre os quais ela se iria debruçar. Se é assim o campo implícito de todas as percepções que capto, é-o porque, para mim, é o *lugar natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas*<sup>289</sup>. É nele que se expande o horizonte ilimitado e fonte das minhas percepções, do meu conhecimento. Curiosamente, a percepção já tem em si o perfil que indica a atitude certa de me situar no mundo: a percepção retrata, capta. Não avalisa, não ajuíza o que é percebido, o que é vivido. Revela-me um mundo fenomenal já constituído. É igualmente espontânea e não científica, objectiva e não necessariamente mensurável, e o *fundo sobre o qual todos os actos se destacam e por eles pressuposta*<sup>290</sup>. Mas é claro que a percepção é para uma consciência. *Na medida em que eu sou*

---

<sup>288</sup> P.P., p. IV

<sup>289</sup> *Idem*, p. V

<sup>290</sup> *Ibidem*

*consciência, isto é, na medida em que qualquer coisa tem sentido para mim*<sup>291</sup>, então, obrigatoriamente, a consciência vai atribuir um sentido às coisas, a tudo, aos outros, ao mundo. Se a minha presença no mundo é imediata, e a consciência mediata, é porque o apelo do mundo é único ao dar-se a conhecer, é porque o mundo apela ao reconhecimento por si dos conteúdos subjectivos que dele elaboro.

Efectivamente, eu possuo uma subjectividade cognoscitivamente activa. Essa subjectividade debruça-se reflexivamente sobre o que fenomenicamente me é dado. As explicações que formulo do mundo têm que se abrir a esse mesmo mundo e não podem remeter-se para o isolamento do pensado. Têm que confrontar o seu sentido com o sentido do mundo, esse plano de realidade anterior e uno. É nele que reside, e não na consciência. Mas para que esta se relacione com aquele é preciso meios interlocutores: o corpo e a palavra. Convenhamos que a consciência é sempre consciência corporal, e, enquanto tal, tem por *intermediário* o corpo<sup>292</sup>. Sem este, a consciência não se relaciona com o mundo distinto de si. Nem idealista, nem transcendental, o mundo é a certeza que encontro sempre que abro a porta à realidade fenoménica, *é a certeza absoluta do mundo em geral*<sup>293</sup>. Relaciono-me com o mundo em permanência mediante um corpo que se assume como fenomenal porque nele vive, porque o vive, com as coisas vive, com os outros vive. Estabeleço uma efectiva relação natural com o mundo devido a essa mais-valia da palavra que traduz em comunicabilidade o que é pensado e vivido na concreticidade mundana.

---

<sup>291</sup> P.P., p. VI “ En tant que je suis conscience, c’est-à-dire en tant que quelque chose a sens pour moi, je ne suis ni ici, ni à, ni Pierre, ni Paul, je ne me distingue en rien d’une ‘autre’ conscience, puisque nous sommes tous des présences immédiates au monde et que ce monde est par définition unique, étant le système des vérités.”

<sup>292</sup> *Idem*, p. 161

<sup>293</sup> *Idem*, p. 344

Então, se pelo corpo *que efectua a síntese*<sup>294</sup>, o que é conceptualizado ganha efectiva realidade e eu, como sujeito reflexivo, sou autenticado como verdadeiro ser-no-mundo, permitindo-me habitar qualquer meio mundano mediante uma *operação corporal*,<sup>295</sup> e albergando numa unidade de sentido os sentidos que resultam da minha vivencialidade, pela palavra dou visibilidade expressa ao que é despoletado pela mundaneidade. Se o corpo é um *arco intencional que une sentidos e inteligência, sensibilidade e motricidade*<sup>296</sup>, a palavra é porta-voz. A partir, assim, do plano corporal, é-me possível uma primeira aproximação ao mundo pelo desempenho perceptivo e, daí decorrente, uma posterior operatividade intelectual. E assim se origina um intercâmbio efectivo com o mundo, vislumbrando-se o contexto em que nele nos situamos, sendo ele espectador assíduo e irrecusável do nosso passado, presente e futuro, da nossa cultura, das nossas ideias, da nossa moralidade..., num autêntico jogo de relações.

Enquanto ser perceptivo, ser de desejo intencional e ser de conhecimento, assumo-me como uma consciência que é sustentada, por esse *arco intencional*, a quem o mundo é oferecido pela via do corpo. A propensão do corpo, de habitar e

---

<sup>294</sup> P.P., p. 269 “Ce n'est pas le sujet épistémologique qui effectue la synthèse, c'est le corps quand il s'arrache à sa dispersion, se rassemble, se porte par tous les moyens vers un terme unique de son mouvement, et quand une intention unique se conçoit en lui par le phénomène de synergie tous ne retirons la synthèse au corps objectif que pour la donner au corps phénoménal, c'est-à-dire au corps en tant qu'il projette autour de lui un certain « milieu » (...) en tant que ses « parties » se connaissent dynamiquement l'une l'autre et que ses récepteurs se disposent de manière à rendre possible par leur synergie la perception de l'objet.”

<sup>295</sup> *Idem*, p. 359 “Notre installation dans un certain milieu coloré avec la transposition qu'elle entraîne de tous les rapports de couleurs est une opération corporelle, je ne puis l'accomplir qu'en *entrant* dans l'atmosphère nouvelle...”

<sup>296</sup> *Idem*, p. 158 “La vie de la conscience — vie connaissant, vie du désir ou vie perceptive — est soutenue par un « arc intentionnel » qui projette autour de nous notre passé, notre avenir, notre milieu humain, notre situation physique, notre situation idéologique, notre situation morale, ou plutôt qui fait que nous soyons situés sous tous ces rapports. C'est cet arc intentionnel qui fait l'unité des sens, celle des sens et de l'intelligence, celle de la sensibilité et de la motricité. “

viver o mundo, arrasta-me para esse cenário relacional e dinâmico que a própria mundaneidade apresenta e pela expressividade da palavra manifesto nele a minha própria identidade, reflectindo ele em mim a sua própria identidade.

É evidente que o corpo não precisa da autorização da consciência para viver a relação mundana, tem precedência em relação à consciência nesse contacto e adesão ao mundo, e nesse plano, se identifica *como existência anónima geral*<sup>297</sup>. Mas uma intencionalidade pujante, feita de corpo e de consciência, transportará e dará a revelar uma identidade, feita realidade temporal, realidade física e cultural, axiológica e social. Essa identidade é integradora e, enquanto tal, universalizante, para fazer a unidade entre o corpo a o contexto das coisas e realidades mundanas em que essa identidade se dá e se revelará como estilo pessoal. Não deixa de ser evidente que todo o contexto mundano é indicador de uma unidade do mundo que não pediu autorização nem ajuda à consciência para se constituir como tal. As facetas que o mundo nos dá a perceber estão integradas por si próprio, uma vez que *o mundo tem a sua própria unidade sem que o espírito seja chamado a relacionar entre si as suas facetas*<sup>298</sup>. A ordem do mundo, noção que permite *não recortar a realidade em estados diferentes ou em reinos, mas indicar somente 'planos de significação'*<sup>299</sup> que eu capto espontânea e sensorialmente, é uma síntese ela própria anterior à minha percepção, antecedente de uma qualquer análise minha.

---

<sup>297</sup> P.P., p. 99

<sup>298</sup> *Idem*, p. 378 “Le monde a son propre unité sans que l'esprit soit parvenu à relier entre elles ses facettes et les intégrer dans la conception d'un géométral Il est comparable à celle d'un individu que je reconnais dans une évidence irrécusable avant d'avoir réussi à donner la formule de son caractère, parce qu'il conserve le même style dans tous ses propos et dans toute sa conduite, même s'il change de milieu ou d'idées.”

<sup>299</sup> ROBINET, André, *Merleau-Ponty*, Paris, PUF, 1963, p.11 “ L'avantage de La notion d'ordre est de ne pas découper La réalité en états différents ou en règnes, mais d'indiquer seulement des « plans de signification .”

As informações que chegam às minhas fontes sensoriais, já se apresentam constituídas e prontas a serem conhecidas. A sua unidade é pré-temática. Para a sua revelação conto com a percepção que tal como *uma luz os ilumina na noite*<sup>300</sup>. A partir desse desvelar perceptivo que fornece realidades fenoménicas, vai-me ser permitido o encaminhamento intencional e activo da consciência para a exterioridade. Eu possuo esse possante desejo de ir ao encontro do mundo, de o enquadrar nas minhas avaliações, de lhe atribuir um nexo coerente e claro que, embora não lhe seja apodíctico, é fundamental para eu o poder enquadrar na minha realidade cognoscitiva e, como tal, o entender, o que será sinónimo de conhecer.

A partir de uma ‘*intencionalidade operante*’, intencionalidade esta *que faz a unidade natural e antepredicativa do mundo e da nossa vida, que aparece nos nossos desejos, nas nossas avaliações, na nossa paisagem...*<sup>301</sup>, é possível assim constatar a existência de, *sob a intencionalidade de acto ou tética, e como condição sua de possibilidade, uma intencionalidade operante*, tal como uma *arte escondida nas profundezas da alma humana*<sup>302</sup>, que revela um sentido dinâmico que encaminha ao mundo, mediante o contributo do corpo. A atitude de abertura, que está subjacente e presente na percepção e apela ao desvelamento dos conteúdos carregados de mundo, é espontaneamente direccionada para o estabelecimento de uma relação entre um sujeito que percepção e de um percebido que se dá a conhecer. E nessa descoberta auto-geradora do conhecimento do mundo, e na compreensão de que o mundo está verdadeiramente aí para eu o conhecer e que

---

300 P.P., p. 279

301 *Idem*, p. XIII “...l'intentionnalité opérante (...), celle qui fait l'unité naturelle et antéprédicative du monde et de notre vie, qui paraît dans nos désirs, nos évaluations, notre paysage, plus clairement que dans la connaissance objective, et qui fournit le texte dont nos connaissances cherchent à être la traduction en langage exact. Le rapport au monde, tel qu'il se prononce infatigablement en nous, n'est rien qui puisse être rendu plus clair par une analyse ; la philosophie ne peut que le déplacer sous notre regard, l'offrir à notre constatation.”

<sup>302</sup> *Idem*, p. 490-491

posso a capacidade de efectivamente o conhecer, arrisco, como já foi vincado, a ilusão perigosa de confundir a luxúria fenoménica com a certeza falível de que capto, como sendo assim constituído e exactamente como eu o capto, o próprio mundo. Arrisco confundir a exaltação que brota da minha actividade cognoscitiva com uma reflexão, sistematizadora, que só dá lugar à existência do mundo que existe, se e porque, enquadrado nessa mesma reflexão, como se o mundo não existisse já *lá antes de toda a análise* <sup>303</sup>. Fora dessa análise, o mundo não teria existência, não existiria de todo, e a minha subjectividade pareceria absolutamente invulnerável. O mundo ficaria reduzido ao mundo percepcionado, ao mundo apreendido, ao mundo compreendido na minha realidade perceptiva. Esse risco está lactente e a precipitação é tentadora.

Isso implicaria esquecer que o mundo me foi dado a conhecer, que é pré-constituído ao meu conhecimento, e que *o mundo é dado ao sujeito porque o sujeito lhe foi dado a ele* <sup>304</sup>.

Isso seria esquecer que o mundo nunca poderá ser reduzido à dimensão da minha visão intelectualista, porque ele, é originador, é fonte abastecedora sensorial.

Isso seria esquecer que o mundo é de uma dimensionalidade que ultrapassará sempre qualquer panorama relativista de ordem subjectiva.

---

<sup>303</sup> P.P., p. IV “Le monde est là avant toute analyse que je puisse en faire et il serait artificiel de le faire dériver d'une série de synthèses qui railleraient les sensations, puis les aspects perspectifs de l'objet, alors que les unes et les autres sont justement des produits de l'analyse et ne doivent pas être réalisés avant elle.”

<sup>304</sup> *Idem*, p. IV “J'ai commencé de réfléchir, ma réflexion est réflexion sur un irréfléchi, elle ne peut pas s'ignorer elle-même comme événement, des lors elle s'apparaît comme une véritable création, comme un changement de structure de la conscience, et il lui appartient de reconnaître en déçu de ses propres opérations le monde qui est donné au sujet parce que le sujet est donné à lui-même.”

Isso seria esquecer que o mundo é de uma complexidade de tal modo elaborada que estará sempre para lá de uma traiçoeira e aparente capa de simplicidade próxima, que eu pretendo ilusoriamente ignorar.

Isso seria não reconhecer que o real mundano que me precedeu e convive comigo no presente, permanecerá lá mesmo depois de eu não puder mais assegurar o meu papel de sujeito cognitivo.

Perante isto, é claro que a minha pretensão de encaixotar conceptualmente o mundo nos limites de mundo que eu apreendo, é, no mínimo, revelar nessa intenção, notada ou velada, vulnerabilidade e insegurança ou até uma certa dose de ingratidão cognoscitiva. Afinal de contas, a mundaneidade é-me acessível porque existem no meu corpo e no corpo do mundo condições que me permitem esse acesso. O próprio corpo não pode estar dependente de um qualquer poder de uma consciência que descobre o seu significativo potencial e, na maravilha dessa virtualidade, se vê como onisciente e apressada a tudo conjugar no seu foro iluminadamente conceptual. Com efeito, é preciso assumir modestamente que o mundo que eu reduzo a conceitos e estruturas conceptuais é um mundo desvitalizado. A lei da gravidade que eu concebo como estruturante da própria realidade, partindo do princípio evidente que ela existe e sem a questionação de que ela possa não passar de uma interpretação lógica, a lei em si é inócua. A maçã que caiu na cabeça de Newton não pediu, nem pede jamais, autorização para cair. Um objecto que cai, preenche um espaço em movimento. Eu posso descrever o movimento, atribuir-lhe uma força, monitorizar a velocidade, prever a sequência. Mas esse trabalho de rigor é sempre desvitalizado: não possui o movimento, nem a força, nem a velocidade, nem o impacto, nem sofre as consequências estruturais que a massa de um qualquer objecto sofre com esse impacto, nem a erosão, nem provoca som na deslocação.

Todavia, há que reconhecer que, desde que se tenha em consideração e se esteja prevenido para as limitações de um tal desempenho, compreender o real mundano, em termos de conceptualização, é um artifício extremamente profícuo: permite-me albergar em quadros interpretativos os conceitos e paradigmas que uma

racionalidade exigente obtém no seu trabalho racional de interpretação. E a isso acrescenta-se a mais-valia de o resultado desse meu intercâmbio com a parcela particular de realidade em observação poder, através de um outro trabalho de mediatização processual e quantitativa, transpor o plano da particularidade para o reconhecimento da sua efectiva e viável universalidade. Assim, já não falarei daquela maçã que caiu, mas falo de uma maçã qualquer, em qualquer lugar ou tempo, verde ou amarela ou vermelha, de qualquer tipo. Portanto, esse esforço de simbolização é exponencial deste modo considerado. A conceptualização, se bem que afastada do real e desprovida do seu conteúdo, permite a uma consciência apoderar-se de uma dimensão universal absolutamente ímpar.

Trata-se de um fenómeno de mediatização fabuloso: o mundo está-me acessível por inteiro sem estar presente; o tempo e o espaço tornam-se cúmplices do meu controle. Já não preciso de mostrar objectos reais para falar e apelar á sua realidade. Tudo está potencialmente presente, estando ausente. Mais do que afirmar *o que é racional é real e o que é real é racional*<sup>305</sup>, o real torna-se virtual e o virtual real. Este esforço de uma subjectividade atenta e devoradora tudo conjuga: as minhas vivências particulares, o corpo próprio, o eu empírico, os objectos do mundo, a mundaneidade em geral. Nessa tarefa de desvelamento, tudo é integrado numa consciência constituinte ilimitada e absoluta que não nega o mundo, mas o conjuga na sua própria interpretação, o estrutura em modelos inteligíveis e o armazena numa memória que se faz genética e procriadora. Uma memória que é soma quantitativa de saberes e conjunto de sínteses universalizantes transmissíveis. O conhecimento de um saber assim constituído, avoluma-se e desperta, contínua e progressivamente, as potencialidades cognitivas, experiencia-as e faz frutificar a

---

<sup>305</sup> HEGEL, Georg W. Friedrich, *Principes da la philosophie du droit*, Paris, Gallimard, 1940, p.30



história da ciência, das ciências, dos saberes...e da própria filosofia, entendida assim como *pensamento de horizonte*<sup>306</sup>.

Mas o que eu capto da realidade, as sínteses que elaboro a partir desse desvelar contínuo, são patenteadas por quem? Pela minha consciência? Pela minha percepção? Pela minha consciência que recebe o mundo filtrado pela minha percepção? Pela minha percepção com o aval da minha consciência? Ou já preexistem na realidade tendo eu a capacidade de as captar? Será que há *um trabalho já feito, de uma síntese geral constituída de uma vez por todas*<sup>307</sup> anterior ao meu corpo, à minha percepção? Será que é ingénua a consciência em pretender então considerar-se a autora dessa síntese? E o sentido que decorre do mundo... fui eu a dar-lho? A estruturação complexa e múltipla que possuí, fui eu pela minha consciência a efectuá-la? Ou estava de facto o mundo à minha espera, integral, estruturado, com o seu próprio sentido interno de mundo?

Convenhamos que esta dinâmica de desvelamento do real decorre de uma possibilidade e assenta numa condição: a possibilidade de me ser possível, mediante uma perceptividade corpórea, captar cognitivamente o real; a condição de manter ou ser obrigado a manter em aberto uma dialéctica cognitiva. Ora a consideração destes

---

<sup>306</sup> TAMINAUX, Jacques, *o. c.*, pp. 82-83 “Ainsi, avant d’être projet d’une absolue coïncidence, La philosophale est pensée d’horizon. C’est comme telle seulement qu’elle est interrogation radicale, ne coïncidant jamais avec elle-même, et requérant de ceux qui veulent l’interpréter une approche qui évite les dilemmes de l’objectivisme et du subjectivisme, ou de l’infinie distance et de l’infinie proximité... En un sens donc toute philosophie est interrogation pour autant que les questions qu’elle pose, au lieu d’être l’absence temporaire d’une solution positive, restent ouvertes et appartiennent à l’horizon même, qu’on l’appelle Etre ou monde. Par essence un tel horizon ne peut être donné dans une adéquation intellectuelle, il recule lorsque l’on veut s’en approcher, et empiète sur ceux qui lui sont ouverts, de même qu’ils empiètent sur-lui. De cet horizon la perception est témoignage privilégié.”

<sup>307</sup> P.P., p. 275 “ Mon acte de perception, pris dans sa naïveté, n’effectue pas lui-même cette synthèse, il profite d’un travail déjà fait, d’une synthèse générale constituée une fois pour toutes, c’est ce que j’exprime en disant que je perçois avec mon corps ou avec mes sens, mon corps, mes sens étant justement ce savoir habituel du monde, cette science implicite ou sédimentée.”

factores vai fazer com que, em vez de simplificar, se complique mais esta abordagem.

Efectivamente, se o mundo se me dá espontaneamente numa primeira aproximação, eu entendo-o como sendo constituído tal como ele se me dá. Parto desse pressuposto para fundear os pilares de toda a minha reflexão. Se é evidente que o mundo me é dado a conhecer, é porque a minha percepção lhe franqueia a passagem. E esta minha percepção ao permitir o estabelecimento de um nexó relacional inicia e permite o conhecimento numa dimensão primária, a empírica. Como raiz de todo o conhecimento, a percepção possibilita-nos o ser afectados pela imediatez do contacto mundano. Tudo isso é verdade e tem sentido. Contudo, já não é tão evidente que a particularidade da existência das informações sensoriais das coisas mundanas seja condição de possibilidade dessas mesmas coisas, tal como elas se nos dão à nossa representação perceptiva. Assim sendo, mais acautelados, poderemos ponderar a hipótese de que a verdadeira natureza do real pode não estar disponível e visível a um primeiro contacto sensorial. E avançar outra hipótese de que a verdadeira natureza intrínseca da realidade fenoménica poderá não corresponder inteiramente a essa primeira abordagem pela percepção suscitada. E descobriremos então que, de facto, assim é.

No jogo dos papéis cognitivos, a percepção é fundamental para nos facultar sensações, nos relacionar desse modo com o mundo e ser fermento para a génese do conhecimento. Mas por mais que seja acessível o real mundano, por mais que seja efectivo o conhecimento que dele se possua, o mundo estará sempre lá fora, exterior na sua exterioridade, exterior na sua constituição por muito que eu interfira e o altere, exterior na sua essência de mundo. O que eu capto do mundo, a partir do meu trabalho de cognição, é um mundo de certo modo deformado, no sentido que poderá, honestamente, não corresponder à sua essência verdadeira e natural, visto que o que nele está à vista é sempre um resultado casual e não um resultado causal. Este só o obterei numa fase posterior de inserção experimental. Mas é uma realidade a

realidade de que as totalidades de mundo que a minha percepção me dá a desvelar me induzem à criação de uma visão de mundo muito própria. E, se bem que em si comportem elementos de concreticidade mundana, qualquer visão de mundo é uma totalidade em si mesma redutora na sua própria especificidade conceptual. E isto porque as totalidades fenoménicas induzem essa espécie de deformação conceptual, mas que me é necessária para compreender a realidade exterior que já se encontra previamente estruturada, já se encontra *prenhe de um sentido irreduzível: não sensações lacunares*.<sup>308</sup> Então o meu conhecimento não pode ser pois um somatório residual de estímulos e de qualidades empíricas organizadas artificialmente de um qualquer modo interpretativo. O sentido das informações externas, que já se encontra embutido nos contextos reais donde emergem, exige correspondência analítica para ser efectivamente captado. Embora as informações exteriores me cheguem à minha percepção de um modo espontâneo e aparentemente difuso, isso não significa que me é legítimo afastar do meu desvelamento o rigor. Enquadrar a questão de um modo empírico é cair numa certa cegueira processual que não pode *nunca ser equivalente a um conhecimento*<sup>309</sup>.

Por outro lado, é-nos necessário redescobrir esse mundo natural, e reencontrar uma objectividade que não seja filtrada pela visão da objectividade científica, uma vez que o mundo natural e o seu modo de existência *não se confunde*

---

<sup>308</sup> P.P., p. 29 “En revenant aux phénomènes on trouve comme couche fondamentale un ensemble déjà prégnant d’un sens irréductible: non pas des sensations lacunaires, entre lesquelles des souvenirs devraient s’enchâsser, mais La physionomie, la structure du paysage ou du mot, spontanément conforme aux intentions du moment comme aux expériences antérieures.”

<sup>309</sup> *Idem*, p. 29 “On construit la perception avec des états de conscience comme on construit une maison avec des pierres et l’on imagine une chimie mentale qui fasse fusionner ces matériaux en un tout compact. Comme toute théorie empiriste, celle-ci ne décrit que d’aveugles processus qui ne peuvent jamais être l’équivalent d’une connaissance, parce qu’il n’y a, dans cet amas de sensations et de souvenirs, personne qui vole, qui puisse éprouver l’accord du donné et de l’évoqué et corrélativement aucun objet ferme défendu par un sens contre le pullulement des souvenirs. Il faut donc rejeter le postulat qui obscurcit tout. Le clivage du donné et de l’évoqué d’après les causes objectives est arbitraire.”

*com o do objecto científico*<sup>310</sup>. É uma evidência que todo o fenómeno natural possui constitutiva e naturalmente um sentido estrutural, esteja ou não a ciência presente para lhe reconhecer esse sentido e essa sua natureza. Por acrescento, os objectos culturais também se enquadram nesta evidência. Ora, quer pertença ao mundo natural ou ao mundo cultural os objectos da nossa percepção não podem se reduzidos a uma psico-fisiologia, a uma bioquímica, a uma tecno-ciência, porque toda a abordagem parcelar é empobrecedora. A nossa percepção não se constitui então por construções aglomeradas de estados de consciência tal *como se constrói uma casa com pedras e imagina-se uma química mental que faça fundir estas matérias num todo compacto*.<sup>311</sup> O que nos é dado a descobrir perceptivamente pode eventualmente ter perdas, devido aos nossos próprios mecanismos sensoriais que diferem, por exemplo, dos mecanismos sensoriais das abelhas, dos cães, das moscas... Mas dever-se-á assegurar na medida do possível o carácter puro e absoluto da realidade objectal que captamos com estes mecanismos que possuímos. Do mesmo modo, devemos assegurar-nos que a sua reprodução respeite a qualidade de uma caracterização objectiva.

Sem dúvida que estará sempre imbuído este enquadramento de uma componente subjectiva que não se pode evitar, e apesar de uma consciência científica tentar a todo o custo dar-lhe lugar. Porém, eu não recebo unicamente informações do exterior mundano. Quando este se dá a captar novas variáveis se inscrevem no processo. Ao despertar os meus sentidos pelos estímulos exteriores, eu venho a despoletar também sensações, a acordar a minha atenção, a levantar a tampa de onde fervilham motivações e desejos. Se eu presto atenção, tenho interesse, se estou motivado para, ou pelo contrário, me situo de um modo indiferente e ignorante, é consequente que a minha captação perceptiva ganhe índices diferentes

---

<sup>310</sup> P.P., p. 33

<sup>311</sup> *Idem*, p. 29

de recepção sensorial. Essas mesmas componentes de ordem subjectiva e emocional poderão dinamitar o processo conceptual que pretendia compreender, assimilar e estruturar racionalmente o que é sensorialmente manipulado. Não só uma *inspecção do espírito* está presente na recepção sensorial dos conteúdos do mundo, como está presente na leitura do ‘puzzle’ fenoménico que me chega nas suas qualidades primárias intrínsecas, por mais que a visão científica, para quem *a subjectividade das qualidades segundas parecem ter contra-partida na realidade das qualidades primárias* <sup>312</sup>, queira menosprezar e rejeitar de todo.

No limite, poder-se-á questionar se a consciência tem legitimidade para elaborar a constituição do próprio real. As coisas mundanas não correspondem na nossa consciência a ‘coisas’ mentais. Se as sensações que delas emanam já estão constituídas quando chegam à nossa consciência e já trazem consigo um nexos integrador e uma significação vital, anteriores a todo e qualquer juízo, que pertencem ao domínio da coisa e não a uma consciência que lho atribui, porque *pertence ao domínio do constituído e não ao espírito constituinte* <sup>313</sup>, então só tenho de concluir que o que é mundano pertence ao mundo, não pertence à nossa consciência. Se o que é real já está aí pronto no seu próprio sentido inerente anterior a toda a análise, seria inócuo, abusador e despropositado atribuir-lhe uma constituição que brotasse e fosse fruto do jogo relacional que intelectualmente eu faço, a partir de informações que ele próprio dá. Daqui se compreende agora como

---

<sup>312</sup> S.C.,p. 232 Dans le développement de la connaissance méthodique, c'est-à-dire de la science, la première constatation semble d'abord se confirmer : la subjectivité des qualités secondes semble avoir pour contrepartie la réalité des qualités premières. Mais une réflexion plus approfondie sur les objets de la science et sur la causalité physique trouve en eux des relations qui ne peuvent se poser en soi et n'ont de sens que devant une inspection de l'esprit.”

<sup>313</sup> P.P.,p. 47/48 “Nous arrivons à la sensation lorsque, réfléchissant sur nos perceptions, nous voulons exprimer qu'elles ne sont pas notre œuvre absolument. La pure sensation, définie par l'action des stimuli sur notre corps, est l' « effet dernier » de la connaissance, en particulier de la connaissance scientifique, et c'est par une illusion, d'ailleurs naturelle, que nous la mettons au début et la croyons antérieure à la connaissance. Elle est la manière nécessaire et nécessairement trompeuse dont un esprit se représente sa propre histoire (...). Elle appartient au domaine du constitué et non pas à l'esprit constituant.”

seria *artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que relacionariam as sensações*.<sup>314</sup>

Ora, o mundo é um *tecido sólido*<sup>315</sup>, lugar privilegiado da ocorrência, do acidente, do inesperado, cuja *lei de constituição*<sup>316</sup> eu não possuo. Ele é o pólo oposto, exterior e apodíctico da minha consciência, no diálogo que ela estabelece preferencialmente com ele. O meu pensamento volta-se espontaneamente para o mundo, é atraído pelo seu complexo tecido fenoménico e quando se fecha sobre si fá-lo porque primeiro nele foi beber informação. Isso é tão claro que qualquer dogmatismo, seja do senso comum seja da ciência, acaba sempre por revelar um sujeito que não é *um núcleo de verdade intrínseca, mas um sujeito devotado ao mundo*<sup>317</sup>. É verdade que é sempre prioritariamente na percepção que o mundo se dá e não posso esquecer que ele me pré-existe, que já está constituído, construído, quando a minha consciência é confrontada com a sua identidade. Então, qualquer atitude ou teoria que eu elabore relativamente a essa exterioridade, que me serve de pólo dialéctico, vê indeferida essa pretensão. Seja na tentação de acreditar ingenuamente de que ele é tal como se apresenta nos quadros perceptivos, seja na tentação desconfiada de elaborar quadros conceptuais rigorosos, apoiados em padrões de objectividade, mensurabilidade e quantificação.

Sendo assim, não tem lugar uma visão empirista que assume a consciência como uma câmara de vídeo permanentemente registadora dos percursos

---

<sup>314</sup> P.P., p. IV

<sup>315</sup> *Idem*, p. V

<sup>316</sup> *Idem*, p. V

<sup>317</sup> *Idem*, p. V “La vérité n’ «habite» pas seulement l’ ‘homme intérieur’ (...), ou plutôt il n’y a pas d’homme intérieur, l’homme est au monde, c’est dans le monde qu’il se connaît. Quand je reviens à moi à partir du, dogmatisme de sens commun ou du dogmatisme de la science, je trouve non pas un foyer de vérité intrinsèque, mais un sujet voué au monde.”

fenoménicos. Assim como também não tem lugar uma visão intelectualista que fervilhando no fervor racional pretendesse angariar a vã glória da constituição mundana, esquecendo, imodesta e duvidosamente, que o desenvolvimento evolutivo que no mundo se gera mediante as nossas construções racionais, acontecem porque o próprio mundo o propicia, e não o contrário. Enfermam estas atitudes de um vírus controlado: o dogmatismo.

Afinal a questão até parece simples: trata-se de um sujeito no mundo, envolto no mundo, dado ao mundo, o qual, mediante o contributo de armas corporais, tem a possibilidade de ver o mundo ser-lhe acessível e nele desvendar uma certa verdade intrínseca. Para que isso aconteça verdadeiramente é necessário que não se guarde *distância em relação à percepção em vez de a ela aderir*<sup>318</sup>. Não deixa de se reconhecer o valor inestimável, valioso, útil e eficaz, da produção do paradigma científico. Aliada a um saber de rigor positivo, permite controlo sobre o real, de facto. Mas o reverso da medalha vai-se tornando visível: parece que a todo esse esforço secular se escapa o próprio real, que mesmo condicionado e sofrendo na pele as consequências, ameaça revelar-se não domesticável, revisível, a desafiar-nos numa cruzada sem fim na demanda do seu efectivo controle, do seu intemporal mistério, da sua dinâmica de verdade. E se na área da saúde isso é bem visível, por exemplo, quando dominamos um quadro médico, outros surgem ou se mantêm sem solução terapêutica: cancro, vírus, sida..., em outras áreas a situação é confrangedora, levantando-se actualmente, e decorrendo em parte das possibilidades e impossibilidades das novas tecnologias, uma ondulação forte de problemas bioéticos, ecológicos, de privacidade, de identidade... A par do esforço da ciência em explicar, analisar, descobrir, atribuir nexos causais ao real, este mesmo real

---

<sup>318</sup> P.P., p. 34 “La discussion des préjugés classiques a été jusqu'ici menée contre l'empirisme. En réalité, ce n'est pas l'empirisme seul que nous visions. Il faut maintenant faire voir que son antithèse intellectualiste se place sur le même terrain que lui. L'un et l'autre prennent pour objet d'analyse, le monde objectif qui n'est premier ni selon le temps ni selon son sens, l'un et l'autre sont incapables d'exprimer la manière particulière dont la conscience perceptive constitue son objet. Tous deux gardent leur distance à l'égard de la perception au lieu d'y adhérer.”

mundano, que não encomendou esse esforço, parece querer sempre escapar-se-lhe. *E é certo que, admitindo que existe uma filosofia, nós roubamos algo ao cientista, roubamos-lhe a exclusividade do verdadeiro; mas não é de outro modo que limito o papel da ciência*<sup>319</sup>. Mas será sempre o real experimental e experiencial permanentemente a origem e a fonte, referência primeira e juiz último de todo o nosso conhecimento pois *a verdade da eidética está no empírico*<sup>320</sup>. É evidente que a ciência está lúcida neste ponto, persegue esse objectivo e está sistemicamente alerta para evitar paradigmas enclausuradores. O mesmo se passa na vivencialidade comum. *Eu não posso integrar a percepção em sínteses que são da ordem do juízo, dos actos ou da percepção.*<sup>321</sup>

Antes de qualquer síntese, há o desafio do mundo. Sempre lá, sempre presente, sempre a emitir informações, sempre um oceano inesgotável em marés de sensações e correntes fenoménicas. Nele mergulhados, é-nos dado o privilégio de o sentirmos, o percepcionarmos, o descobrirmos. Mas claramente me apercebo agora que o mundo é muito mais do que o nosso mundo e a percepção muito mais do que o espectro geofísico visível, dado que *a cada momento o meu campo perceptivo é preenchido por reflexos, ruídos, impressões tácteis fugazes...*<sup>322</sup>. E o facto de se integrar num todo contextual percebido, isso não reduz em nada a sua realidade, nem esta se compadece com eventuais divagações que possa suscitar em mim. Mesmo

---

<sup>319</sup> P.P.C.F.,p.80

<sup>320</sup> LYOTARD, Jean-François, *o.c.*, p.21

<sup>321</sup> P.P.,p. IV

<sup>322</sup> *Idem*, p. IV “A chaque moment mon champ perceptif est rempli de reflets, de craquements, d'impressions tactiles fugaces que je suis hors d'état de relier précisément au contexte perçu et que cependant je place d'emblée dans le monde, sans les confondre jamais avec mes rêveries, A chaque instant aussi je rêve autour des choses, j'imagine des objets ou des personnes dont la présence ici n'est pas incompatible avec le contexte, et pourtant ils ne se mêlent pas au monde, ils sont en avant du monde, sur le théâtre de l'imaginaire. “



que sejam fugazes em mim as impressões mundanas, o seu conteúdo não deixa de pertencer ao mundo e em nada esmorece a sua natureza. Daí não terem nele cabimento conjecturas racionais, a não ser que ele mesmo as confirme como tendo em si próprio correspondência efectiva.

Compreende-se assim que possa estar fadada ao insucesso qualquer tentativa de projectar no mundo as minhas próprias divagações, uma vez que ele é auto-constituente, não está dependente da minha percepção e do valor intrínseco das minhas abordagens. Não depende igualmente de análises extrínsecas para estabelecer as conexões mais inesperadas e rejeitar as mais surpreendentes. Eu é que devo confrontar as minhas fabulações teóricas com o real fenoménico e esperar a sua decisão. Devo *a cada momento desfazer as sínteses ilusórias e reintegrar no real fenoménico os fenómenos aberrantes que terei inicialmente excluído*<sup>323</sup>. E isto porque o que percepciono é feito de um modo emocionalmente condicionado como vimos: direcciono a minha percepção de acordo com um critério de atenção, interesse, motivação, querer, pertinência do momento...que me diz respeito.

De certo modo, o mundo fenoménico que capto dá-se-me filtrado, por mim próprio filtrado, consciente ou inconscientemente. Uns dias dou importância a uns aspectos, noutros dias a outros; umas vezes vejo o que quero ver, outras vezes o que querem que eu veja. Mas nunca o capto na sua totalidade abrangente, apenas em realidades particulares. Há sempre aspectos, ângulos, perspectivas a considerar que extrapolam a minha percepção e alargam o âmbito do meu debruçar e da minha acessibilidade ao mundo. A minha percepção nunca se constitui num corpo de conhecimentos com entrosamento e constituição definitivos, porque os *conhecimentos nunca derivam exclusivamente da sensação ou da percepção, mas também de esquemas de acção ou de esquemas operatórios de diversos níveis, que*

---

<sup>323</sup> P.P., p. IV “Si la réalité de ma perception n’était fondée que sur la cohérence intrinsèque des ‘représentations’, elle devrait être toujours hésitante, et, livrée à mes conjectures probables, je devrais à chaque moment défaire des synthèses illusoires et réintégrer au réel des phénomènes aberrants que j’en aurais d’abord exclus.”

*são uns e outros irreduzíveis à percepção por si só. Por outro lado, a própria percepção não consiste numa simples leitura de dados sensoriais, mas comporta uma organização activa, na qual intervêm decisões e as pré-influências e que é devida à influência sobre a percepção como tal desse esquematismo das acções ou das operações*<sup>324</sup>. É sabido como a consciência ingénua entende o percebido *de uma maneira indivisível, como um ‘em si’, isto é como dotado de um interior que eu não terminarei jamais de explorar, e como ‘para mim’ isto é como dado fisicamente através dos seus aspectos momentâneos*<sup>325</sup>. Posso estar mais precavido para o vivido da percepção mas o seu papel apesar de fundamental, não deixa de ser discreto: não tenho consciência da sua presença, mas sem ela o mundo não se me revela.

Reconheço contudo que a percepção, e só ela, permite o desvelamento do mundo, é o ponto de partida do e para o conhecimento sensorial e os dados empíricos. Ela fornece-me os seus conteúdos, mas não me facilita a tarefa: terei inevitavelmente de ser eu a construir um todo integrador. A percepção abre-nos á visão do mundo, mas não nos dá nem garante uma visão adequada e integradora do mesmo. O que é percebido é o conteúdo da própria percepção. E se esta é neutra no sentido de ser um veículo, o nosso olhar aberto à visibilidade exterior não o é. O acto perceptivo já é previamente preparado, consciente ou inconscientemente, espontânea ou intencionalmente, pelo sujeito. A hierarquia sensorial que estabeleço faz prova dessa intencionalidade prévia. Se uma neutralidade até parece bem-vinda,

---

<sup>324</sup> PIAGET, Jean, *Psicologia e Epistemologia*, Lisboa, Pub.Dom Quixote, 1991, p.105

<sup>325</sup> S.C.,p. 201“...la conscience naïve ne confonde jamais La chose avec La manière qu'elle a de nous apparaître, et justement parce qu'elle ne fait pas cette confusion, c'est La chose même qu'elle pense atteindre, et non quelque double interne, quelque reproduction subjective. Elle n' imagine pas que le corps ou que des « représentations » mentales fassent comme un écran entre elle-même et La réalité. Le perçu est saisi d'une manière indivisible comme « en soi », c'est-à-dire comme doué d'un intérieur que je n'aurai jamais fini d'explorer, et comme « pour moi » c'est-à-dire comme donné en personne à travers ses aspects momentanés.”

a sua acção de me fornecer informações exteriores e objectos mundanos exige-me um duro trabalho conceptual. Se a percepção me permite o mundo, o contacto próprio com ele, e a ele me abre comunicativamente, tenho de ser eu a fundar a minha própria ideia, a minha própria concepção de mundo, que não posso evitar.

É esse o preço a pagar, quando pareceria ser muito mais fácil que o conhecimento do real fosse automaticamente assumido, directo, adequado, definido e definitivo, tal como acontece para qualquer outra espécie. Mas não é assim. O acto perceptivo exige-me que seja posteriormente analisado: é necessário elaborar uma interpretação a partir dos conteúdos perceptivos, e a subjectividade em que está imbuído é de tal modo presente que não é estranho essas interpretações não coincidirem com outras de outros sujeitos, perante as mesmas informações. Reconhece-se aqui o carácter neutro e mediático da percepção e o carácter analítico e intencional do sujeito da percepção. A acrescentar ainda os riscos que corro, quando estabeleço um reflectido construído que pode não corresponder, mesmo que parcialmente corresponda, ao próprio real, reduzindo-o a uma visão parcelar que se afasta do caminho que devia ter como meta encontrar a realidade fenoménica mesma, na sua verdade explicitada. E aquilo que seria um privilégio inicial, o de me ser possível ir ao encontro do primordial do real e da sua consciencialização, transforma-se numa impossibilidade efectiva de atingir *uma adesão global ao mundo*<sup>326</sup>. Mas teremos que encarar a positividade que decorre deste risco: sem percepção não coabitaremos com as coisas, não nos relacionaríamos desse modo tão surpreendentemente originário com a presença do mundo, não efectivaríamos o contacto e não teríamos a oportunidade de reconhecer e fundamentar a sua intencionalidade operante dirigida às coisas mundanas. A percepção revela o mundo

---

<sup>326</sup> P.P., p. 279 “La tache d'une réflexion radicale, c'est-à-dire de celle qui veut se comprendre elle-même, consiste, d'une manière paradoxale, à retrouver l'expérience irréfléchie du monde, pour replacer en elle l'attitude de vérification et les opérations réflexives, et pour faire apparaître la réflexion comme une des possibilités de mon être. Qu'avons-nous donc au commencement ? Non pas un, multiple donné avec une aperception synthétique qui le parcourt et le traverse de part en part, mais un certain champ perceptif sur fond de monde. Rien ici n'est thématisé. Ni l'objet ni le sujet ne sont *poses*.”

sem lentes de correcção e a sua natureza é única: está dentro e fora das coisas, é de uma e de todas, dirige-se ao individual sem esquecer o total, está provisoriamente num geo-quadrante, para a seguir se situar num outro. Portanto, será sempre nela, na experiencialidade, *na experiência da coisa que se fundará o ideal reflexivo do pensamento tético*<sup>327</sup>.

É definitivo que a percepção é sempre um instrumento essencial nesse processo de tornar consciente a um sujeito a experiência de mundo. Radica no corpo para se dirigir à consciência. Permitindo a comunicabilidade com o mundo, a percepção revela por um lado o papel de intermediário de segundo plano, mas não de menor importância. Por outro lado, é o lugar de destaque que cabe à relação efectiva entre um sujeito que perscruta o mundo e o mundo que se lhe revela. E se este não se dá a conhecer de um modo imediato e directo, não é a percepção responsável pela falta de evidência e clareza do percebido. A percepção não é juíza dos contextos sensoriais que fornece. Não é esse o seu papel. Ela permite que o desvelamento se faça, se dê. Não o cria, não o ajuíza, não o desmonta. O que é percebido dirige-se ao sujeito e dele é seu objecto. Mas a percepção não origina igualmente essa distinção, ela permite o encontro entre uma consciência cognoscente e um objecto a conhecer. Dá lugar ao acto de conhecer, mas não é senhora dessa relação. É apenas, e já nisso é fundamental, a condição apodíctica desse acto em que o percebido não se pode separar do sujeito que percebe, sendo o inverso de igual modo verdadeiro. Há uma colagem absolutamente intrínseca entre ambos, de modo que entre si parece existir uma cumplicidade inquebrável, em que *a percepção*

---

<sup>327</sup> P.P., p. 279-280 “C’est dans l’expérience de la chose que se fondera l’idéal réflexif de la pensée thétique. La réflexion ne saisit donc elle-même son sens plein que si elle mentionne le fonds irréfléchi qu’elle présuppose, dont elle profite, et qui constitue pour elle comme un passé originel, un passé qui n’a jamais été présent.”

*e o percebido têm a mesma modalidade existencial.*<sup>328</sup> É neutra a percepção no seu papel intermediário que abre as portas à possibilidade cognitiva. É neutra, porque o que revela não tem cor de verdade ou falsidade. Se há ilusão perceptiva, não é da sua responsabilidade, não pertence à sua natureza, pertence à natureza dos actores em presença: de quem percebe, de quem é percebido. Mergulhados permanentemente nesse contexto de mundo fenoménico, recebemos espontaneamente o que cada contexto oferece, não cabendo à percepção orientar ou direccionar essa integração. As coisas aparecem, ou são procuradas e tornam-se presentes, no ecrã da visibilidade perceptiva. Do mesmo modo, a percepção não se vê ao espelho, não inverte o seu sentido, não se dirige para a interioridade dos conteúdos da consciência. O seu papel é claro. Dirige-se à exterioridade do visível, dos seres mundanos, objectos, qualidades primárias dos objectos, a partir dos instrumentos sensoriais de que dispõe: o olho, o ouvido, a mão... Ao fazê-lo, permite que se revele a finalidade do acto, permite que desabroche a interpretação já *que ele conhece escolhendo ou olhando, que o seu acto será inteiramente dado a si mesmo*<sup>329</sup>. Enraizamos no mundo a nossa perceptividade e assumimos a nossa própria natureza de ser-no-mundo, que se enquadra na lógica do mundo. E a lógica do visível mundano dá-se sempre em termos de totalidades perceptivas, já que o que

---

<sup>328</sup> P.P., p. 429 “La perception est justement ce genre d'acte ou il ne saurait être question de mettre à part l'acte lui-même et le terme sur lequel il porte. La perception et le perçu ont nécessairement la même modalité existentielle, puisqu'on ne saurait séparer de la perception la conscience qu'elle a ou plutôt qu'elle est d'atteindre la chose même. Il ne peut être de maintenir la certitude de la perception en récusant celle de la chose perçue.”

<sup>329</sup> *Idem*, p. 274 “Or, pour que l'objet puisse exister au regard du sujet, il ne suffit pas que ce « sujet » l'embrasse du regard ou le saisisse comme ma main saisit ce morceau de bois, il faut encore qu'il sache qu'il le saisit ou le regarde, qu'il se connaisse saisissant ou regardant, que son acte soit entièrement donné à soi-même et qu'enfin ce sujet ne soit rien que ce qu'il a conscience d'être, sans quoi nous aurions bien une saisie de l'objet ou un regard sur l'objet pour un tiers témoin, mais le prétendu sujet, faute d'avoir conscience de soi, se disperserait dans son acte et n'aurait conscience de rien. Pour qu'il y ait vision de l'objet ou perception tactile de l'objet, il manquera toujours aux sens cette dimension d'absence, cette irréalité par laquelle le sujet peut être savoir de soi et l'objet exister pour lui.”

percepcionamos não nos chega parcelarmente, visto que *não há no campo originário um mosaico de qualidades, mas uma configuração total que distribui os valores funcionais segundo a exigência do conjunto*<sup>330</sup>. Tudo é manifesto em termos de respeito integral pela exigência do estruturalmente preceptivo. Um objecto que se dá a conhecer é estruturalmente reconhecido como tal em qualquer situação. Embora se lhe possam atribuir diferentes nuances de valor conforme os contextos, ele possui uma forma, um conteúdo material, uma lógica constitutiva. Essa identidade que se lhe reconhece e lhe pertence é a sua configuração identificadora mundana, o seu sentido objectal.

Neste processo de desvelamento mundano, nota-se aqui a presença de um outro sentido na relação que opõe um sujeito cognoscente a um objecto a conhecer. Entre a minha visão do mundo e o próprio mundo, em que eu filtro o que este se me oferece mediante o reconhecimento que encontro nos objectos percebidos e o seu enquadramento consequente nessa visão de mundo por mim constituída, sou condicionado a procurar no mundo o que nele condiz com ela, selecciono entre a multiplicidade infinda de informações mundanas aquelas que a ela se coadunam, integram e sedimentam a sua unidade interna.

O que está aqui em causa já não é saber se percepciono o mundo, é se o mundo é o que eu percepciono, que *mundo é esse que nós percebemos*<sup>331</sup>, porque efectivamente *ver é por princípio ver mais do que se vê, é aceder a um ser de*

---

<sup>330</sup> P.P., p. 279

<sup>331</sup> *Idem*, p. XI “Il ne faut donc pas se demander si nous percevons vraiment un monde, il faut dire au contraire : le monde est cela que nous percevons. Plus généralement, il ne faut pas se demander si nos évidences sont bien des vérités, ou si, par un vice de notre esprit, ce qui est évident pour nous ne serait pas illusoire à l'égard de quelque vérité en soi : car si nous parlons d'illusion, c'est que nous avons reconnu des illusions, et nous n'avons pu le faire qu'au nom de quelque perception qui, dans le même moment, s'attestât comme vraie, de sorte que le doute, ou la crainte de se tromper affirme en même temps notre pouvoir de dévoiler l'erreur et ne saurait donc nous déraciner de la vérité.”

*latência, é aceder a um invisível que é o relevo e a profundidade do visível*<sup>332</sup>. Então, para lá de um sentido de abertura de um sujeito perceptivo que recebe um objecto mundano, há pois um outro sentido posterior. O de esse sujeito já não ser só perceptivo mas intencional ao procurar no objecto aquilo que lhe interessa procurar. A relação cognoscitiva inicial altera-se na sua natureza para fazer brotar uma outra intensidade. Se inicialmente, numa situação primeira e natural um sujeito é passivamente conduzido à mundaneidade que se lhe abre e a ele se dá sem restrições, numa segunda situação, o sujeito vai deliberadamente à procura na mundaneidade daquilo que vai ao encontro da sua pretensão. Neste segundo momento, o ser perceptivo projecta-se para a realidade do ser existencial. Já não se trata apenas de um sujeito receptivo à realidade mundana, mas um sujeito que vive essa e nessa realidade. Essa vivencialidade, porque intencionalmente procura o que se quer percepcionar, exige uma acção, não só cognitiva mas também vivida, que radica na própria linguagem e no fluir mundanos. E intercepta-se então o percepcionado com o vivido. Reconhecerei consequentemente que pensar o mundo e viver o mundo são afinal coisas diferentes. E se o pensar, que resulta de uma exigência de interpretação e desconstrução dos dados exteriores que espontaneamente me chegam, não era suficiente para me apoderar do mundo, será que o viver é mais significativo e atinge esse objectivo?

O mundo é uma fonte inesgotável de informações, mas desconfio que se deixe possuir. Eu encontro-me *aberto ao mundo, comunico indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável*<sup>333</sup>, seguramente. E reconheço que afinal o desvelar mundano é bem mais complexo e mais amplo do que era suposto. Por uma última razão, aquilo que parecia uma potencialidade incomensurável, a de me ser possível fazer corresponder a minha abertura perceptiva ao conhecimento efectivo desse mesmo mundo, revela ainda uma outra face: eu não me livro do mundo, por mais que possa assumir uma atitude reducionista de avestruz em perigo. E se a

---

<sup>332</sup> S., p.29

<sup>333</sup> P.P., p. XI-XII

imagem de mundo que em mim construo pode não corresponder a esse mesmo mundo, ainda mais movediço se torna o terreno.

Que *há um mundo, ou melhor, há o mundo*<sup>334</sup>, isso é certo, mas que o meu mundo seja o mundo, isso já não é tão certo. Pelo contrário, desafiadoramente parece ser o *lugar de todos os temas e de todos os estilos possíveis*<sup>335</sup>.

Que a realidade mundana pareça ser de uma incontestável certeza na sua permanência objectal, que nunca desaparece e logo reencontro sempre que abro os olhos fechados, isso é certo. Agora, que seja acessível à minha consciência a possibilidade de abraçar e possuir o mundo, isso já não é tão certo.

Que o mundo parece ser uma unidade imperiosa que *prescreve ao conhecimento o seu fim*<sup>336</sup>, e nele mergulhamos permanentemente, *situamo-nos sempre no pleno, no ser*<sup>337</sup> do mundo, vivendo-o pelo corpo, com este coexistindo naquele, isso é certo. Agora que fique definido que esta minha coexistência com o mundo que me seduz perceptivamente me garante um seu desvelamento efectivo, isso já não é tão certo.

---

<sup>334</sup> P.P., p. XII

<sup>335</sup> *Idem*, p. 514

<sup>336</sup> *Idem*, p. XII-XIII “Il s'agit de reconnaître la conscience elle-même comme projet du monde, destinée à un monde qu'elle n'embrasse ni ne possède, mais vers lequel elle ne cesse de se diriger, — et le monde comme cet individu pré objectif dont l'unité impérieuse prescrit à la connaissance son but.”

<sup>337</sup> *Idem*, p. 516 “Nous sommes toujours dans le plein, dans l'être, comme un visage, même au repos, même mort, est toujours condamné à exprimer quelque chose (il y a des morts étonnés, paisibles, discrets), et combine le silence est encore une modalité du monde sonore. Je peux briser toute forme, je peux rire de tout, il n'y a pas de cas où je sois entièrement pris : ce n'est pas que je me retire alors dans ma liberté, c'est que je m'engage ailleurs. Au lieu de penser à mon deuil, je regarde mes ongles, ou je déjeune, ou je m'occupe de politique. Loin que ma liberté soit toujours seule, elle n'est jamais sans complice, et son pouvoir d'arrachement perpétuel prend appui sur mon engagement universel dans le monde. MA liberté effective n'est pas en deçà de mon être, mais devant moi, dans les choses.”



Mas uma bóia de salvação me é lançada. Algo de estável se cria entre mim e o mundo, uma correlação impossível de desfazer que revela, por um lado, a acção cognitiva de um sujeito que sai de si e regressa, volta a sair e retorna, e, por outro lado, um mundo que atrai e satisfaz, embora não satisfaça plenamente, e apela de novo. E aqui um compromisso se revela como definitivo entre um sujeito e o próprio mundo. Este aí está. Desconcertante, dá e tira. E mais, o mundo nunca perde a pose: o compromisso é comigo, mas, sem exclusividade, não é só comigo, também é com todos os sujeitos cognitivos. Relativiza-me a relação, minimiza a minha importância. Se me permite apoderar-me subjectivamente dele, isso em nada elimina a sua objectividade. Se eu estou objectivamente no mundo pelo corpo, e desse modo sou um projecto do mundo, simultaneamente eu projecto-me no mundo e desse modo sou um projecto não corporal de uma intencionalidade operante. Se enquanto corpo posso ganhar raízes na terra da existência mediante uma ‘chair’, entendida como *tecido da diferença, regresso contínuo a si*<sup>338</sup>, ao mesmo tempo movo-me para o exterior e sinto o odor da volubilidade existencial, assumindo uma consciência vivida do mundo. *Sem a ‘chair’ nós não saberíamos tornar-nos cúmplices do mundo e dos outros.*<sup>339</sup> É ela que *denota uma pertença do corpo ao mundo, que determina em seguida a nossa existência ou a nossa condição, até nas nossas idealizações*<sup>340</sup>.

---

<sup>338</sup> LEFORT, Claude, *o.c.*, p.130 “Chair, « masse intérieurement travaillée », écrit-il; non pas substance, mais « élément»; non pas être positif, mais « latence », « dimensionnalité ». Tissu de La différence, avènement continue à soi, aimerions-nous dire, dans une « déhiscence », une scission telles que le soi, comme l'originaire, est « toujours ailleurs », telles que l'advenu est toujours marque de son expulsion, de son rejet, de son amputation, rivé ici et maintenant, à distance d'une autre rive, tourné vers quelque chose par l'effet d'un retournement qui fait sa propre absence, ouvert lui-même en deux par le mouvement qui l'ouvre au dehors...”

<sup>339</sup> HEIDSLECK, François, *L'Ontologie chez Merleau-Ponty*, Paris, PUF, 1971,p.33

<sup>340</sup> DA SILVA-CHARRAK, Clara, *Merleau-Ponty – Le Corps et le Sens*, Paris, PUF, 2005,p.110 “... La notion de chair dénote une appartenance primordiale du corps au monde, qui détermine par La suite notre existence ou notre condition, jusque dans nos idéalizations, de telle façon que La partition de ce qui revient à La matière et de ce qui revient à l'esprit n'a plus un sens définitif.”

É então real a possibilidade de eu usufruir do espaço mundano, tendo no meu corpo *eminente um espaço expressivo*<sup>341</sup>. O corpo permite-me a relação com o mundo: as faculdades perceptivas, a sensibilidade aos estímulos, a complexidade neuronal, os arcos reflexos, os compostos bioquímicos, as cronaxias, as sinapses, as dendrites, as teledendrites, a colinesterase, a acetilcolina, os axónios, as produções endócrinas, os sistemas nervosos central e periférico... Mas *nem o corpo nem o cérebro podem ser pensados como um 'teclado', um 'escritório telefónico', segundo as expressões de 'Matière et Mémoire' (Bergson) nem mesmo um piano, o corpo será mais como um pianista impondo a unidade do seu estilo.*<sup>342</sup>

O corpo já não é só o pretexto orgânico e físico para a concreticidade da minha inserção existencial. É o lugar privilegiado da minha acção sobre o mundo dos objectos, a minha expressão no ser do mundo, nesse plano que é sempre da minha expressão, mesmo em repouso, no vazio de comunicabilidade, no silêncio. Pelo corpo, verdadeiro *instrumento geral da minha 'compreensão'*<sup>343</sup> assumo-me como verdadeiro ser-no-mundo. Da percepção que nele brota e do desvelamento, seja qual for o nível, que daí decorre, eu descubro e construo a minha própria racionalidade. Com esta poderosa arma lanço-me na demanda da cognoscibilidade do mundo, e nesse desvelar reconheço que, nos limites do determinismo e da escolha absoluta, *eu nunca sou uma coisa e nunca consciência nua*<sup>344</sup>.

---

<sup>341</sup> P.P., p. 171 “ Or le corps est éminemment un espace expressif. Je veux prendre un objet et déjà, en un point de l'espace auquel je ne pensais pas, cette puissance de préhension qu'est ma main se lève vers l'objet. Je meus mes jambes non pas en tant qu'elles sont dans l'espace à quatre-vingts centimètres de ma tête, mais en tant que leur puissance ambulatoire prolonge vers le bas mon intention motrice. Les régions principales de mon corps sont consacrées à des actions, elles participent à leur valeur...”

<sup>342</sup> HEIDSLECK, François, *L'Ontologie chez Merleau-Ponty*, Paris, PUF, 1971, p.36

<sup>343</sup> P.P., p. 272

<sup>344</sup> *Idem*, p. 517 “ Le monde est déjà constitué, mais aussi jamais complètement constitué. Sous le premier rapport, nous sommes sollicités, sous le second nous sommes ouverts à une infinité de possibles. Mais

Eu sou, pelo corpo, abertura ao mundo e aos seus possíveis e, pela consciência, possibilidade de dar sentido às solicitações fenoménicas, dado *nascer do mundo e nascer no mundo*<sup>345</sup>, ser fruto e dar fruto, perceber o mundo e desvelar uma verdade e um sentido.

---

cette analyse est encore abstraite, car nous existons sous les deux rapports à la fois. Il n'y a donc jamais déterminisme et jamais choix absolu, jamais je ne suis chose et jamais conscience nue.”

<sup>345</sup> P.P., p. 517

### III. 2. A Verdade e o Sentido

*“...a filosofia não é o reflexo de uma verdade preliminar, mas tal como a arte a realização de uma verdade.»<sup>346</sup>*

M. Merleau-Ponty

A verdade é tradicionalmente entendida como a adequação ajustada e coincidente entre a expressão e o expresso, entre o pensamento e a sua visibilidade na linguagem, e a própria realidade. Na essência deveria *conformar-se com a essência das coisas (a coisalidade)*. *A partir da essência da verdade como conformidade, torna-se necessário que a estrutura da verdade seja um reflexo da estrutura da coisa*<sup>347</sup>.

---

<sup>346</sup> P.P., p. XV “...la philosophie n'est pas le reflet d'une vérité préalable, mais comme l'art la réalisation d'une vérité.»

<sup>347</sup> HEIDEGGER, Martin, *Que é uma Coisa?* Lisboa, E.70,2002,p.42 “ Verdade: que quer isto dizer? É verdadeiro aquilo que tem validade. Vale aquilo que concorda com os factos. Qualquer coisa concorda quando se dirige aos factos, quer dizer, quando «toma a medida» (*anmisst*) tendo por base o que as coisas são. A verdade é, portanto, conformidade com as coisas. Certamente, não são apenas as verdades particulares que se devem conformar com as coisas particulares, mas a própria essência da verdade. Quando a verdade é conformidade, dirigir-se para..., isto, sem dúvida, deve, em primeiro lugar, valer para a determinação essencial da verdade: ela deve conformar-se com a essência das coisas (a coisalidade). A partir da essência da verdade como conformidade, torna-se necessário que a estrutura da verdade seja um reflexo da estrutura da coisa.”

Essa ideia da conformidade às coisas parece ser o suporte possível para a reconhecer e a considerar como inerente à realidade mundana e às múltiplas expressões que nesta ganham sentido e objectividade. Mas a verdade pontyana é um tipo de verdade que embora *não se assemelhe às coisas, que não possua modelo exterior, sem instrumentos de expressão predeterminados e que é contudo verdade*<sup>348</sup>. Explicitemos. É evidente que toda a expressão é expressão de um homem cuja palavra, essa *profunda convivência do tempo consigo mesmo*,<sup>349</sup> manifesta um mundo interior e um sentido que o habita. E isto com a cumplicidade do corpo. Mas se a expressão é de um sujeito, isso não significa que seja este o objectivo dessa expressão. Quer isto dizer que, apesar de ela ser feita por um sujeito e revelar uma iniciativa de um sujeito e um esforço deste para a relembrar, ela está para lá desse plano. Ela é de um sujeito mas não é sobre o sujeito, é sobre o que é veiculado no que é expresso. Não é prioritariamente quem diz, é o que diz. E da confluência relativamente constante dessa colagem entre ‘o quê’ e ‘quem’ é que resulta uma identidade conhecida, porque portadora de um sentido pessoal reconhecido. Portanto, o sentido não está direccionado para a fonte donde emana a expressão, mas sim para o conteúdo dessa mesma expressão e só, retrospectivamente, para essa mesma fonte. Desse modo, o que se diz, o que se revela, igualmente não se fixa naquele que recebe e o capta. Só por si, embora precise de intermediários e o que é expresso circule entre quem o emite e quem o recebe, toda a expressão possui um sentido próprio, porque lhe está subjacente uma identidade e a expressão dessa identidade é verdadeiramente expressão do silêncio, da voz e do sentido do ser pessoal.

Mas o acesso à nossa própria identidade não se faz de um modo directo. É preciso sempre o corpo para dela nos aproximarmos e a palavra para ela se revelar. O corpo e a palavra transportam uma simbolização que lhes abre as portas a uma existencialidade verdadeiramente assumida. Sou eu, enquanto ser de palavra

---

<sup>348</sup> S. p.72

<sup>349</sup> P.M., p.200



experienciada, enquanto ser de experiência comunicada, que estabeleço a relação entre ambas. Pelo corpo exerço pois esse papel intermediário. E a palavra que dele brota, que brota por esses ‘*meios de expressão*’ *que existem empiricamente* que são as linguagens<sup>350</sup>, emite um sentido que ganha consistência visível e, ao ganhar essa consistência assume verdadeiramente o sentido de que é portadora, já que até aí era incompleto. A inserção da palavra na existencialidade mundana é isso que a torna mais completa, menos simbólica, mais real. Uma vez inserida na realidade, deve dar a dimensionalidade de uma verdade pessoal. Corpo, palavra e mundo completam-se assim. A simbolização daqueles ganha realidade, a realidade mundana ganha voz e o seu borbulhar permanente e inesperado pode ser comunicado. E o que é comunicado inscreve-se na riqueza múltipla do que é herdado, vivenciado, potenciado, conjugado na verbalização que se espraie de um passado, por um presente e para um futuro. E as palavras despertam *l’ échapement*, uma *productivité*<sup>351</sup>, atijam pensamentos, que por uma categorização mnésica ganham novas significações, dão à luz novas ideias *que vêm sem terem sido chamadas, de uma maneira imediata ou não... se convertem em sons, retinem, sussurram, tumultam, até, por fim, se fixarem em notas...*<sup>352</sup>,

---

<sup>350</sup> P.P., p. 229 “ On pourrait dire, en reprenant une célèbre distinction que, les langages, c’est-à-dire les systèmes de vocabulaire et de syntaxe constitués les « moyens d’expression » qui existent empiriquement, sont le dépôt et la sédimentation des actes de parole dans lesquels le sens informulé non seulement trouve le moyen de se traduire au dehors, mais encore l’existence pour soi –même, et est véritablement créé comme sens.”

<sup>351</sup> *Idem*, p.229

<sup>352</sup> VAN BEETHOVEN, Ludwig, citado por Romain Rolland em *Beethoven, les Grandes Epoques Créatrices (Les Derniers Quatuors)* Ed. du Seil, Paris, 1943, pp. 85-86. “Perguntais-me donde me vêm as ideias? Não posso responder com precisão. Vêm sem terem sido chamadas, de uma maneira imediata ou não...no poeta, se exprimem em palavras, e, em mim, se convertem em sons, retinem, sussurram, tumultam, até, por fim, se fixarem em notas, na minha frente.”

parecendo indiciar *uma ordem entre o homem e o tempo*<sup>353</sup>, remodelam eventualmente outras já existentes num *esforço constante de pensamentos, de numerosas experiências prudentes para desenvolver a eficácia das formas puras, de as viver na sua abstracção, de mergulhar cada vez mais profundamente nessas incalculáveis profundezas*<sup>354</sup>, reiniciam *‘um pensamento novo’*<sup>355</sup>. Mas é fundamentalmente a palavra, sediada numa linguagem comum que por nós é compreendida e desse modo nos pode trazer a multiplicidade de informação que faz parte de toda uma bagagem portadora de infinitas significações e prenes significados, que nos permite compreender uma verdade pessoal. Pela palavra compreendemos, pela língua que partilhamos, temos acesso à comunicabilidade relacional de pessoas, culturas, passado histórico, devir geracional, partilha de saber e modos de estar e viver o mundo. Na medida em que essa comunicabilidade é possível pela língua que é comum, é relativamente fácil compreender que o ser que

---

<sup>353</sup> STRAVINSKY, *Extrait d'Erinnerungen*, in *Panorama das Ideias Contemporâneas*, Lisboa, 1958, p.403 “O fenómeno da música foi-nos dado com o único fim de instituir uma ordem nas coisas, incluindo - e principalmente — uma ordem entre *o homem e o tempo*. Para ser realizado, exige, pois, necessariamente e unicamente, uma construção.”

<sup>354</sup> KANDINSKY, *Regards sur le Passé*, Munique, 1913, in *Panorama das Ideias Contemporâneas*, Lisboa, 1958, p.390, “ Só depois de muitos anos dum trabalho paciente, dum esforço constante de pensamentos, de numerosas experiências prudentes para desenvolver a eficácia das formas puras, de as viver na sua abstracção, de mergulhar cada vez mais profundamente nessas incalculáveis profundezas, é que cheguei às formas de pintura com as quais trabalho hoje...”

<sup>355</sup> P.P., p.208 “ Le fait est que nous avons le pouvoir de comprendre au delà de ce que nous pensions spontanément. On ne peut nous parler qu'un langage que nous comprenons déjà, chaque mot d'un texte difficile éveille en nous des pensées qui nous appartenaient auparavant, mais ces significations se nouent parfois en une pensée nouvelle qui les remanie toutes, nous sommes transportés au centre du livre, nous rejoignons la source. Il n'y a là rien de comparable à la résolution d'un problème, où l'on découvre un terme inconnu par son rapport avec des termes connus.”

essa língua veicula é o ser de si próprio, de uma identidade reflectida e que se reflecte ela própria em estilo.

É natural que a identidade de cada um se insira num contexto mundano que é vivenciado histórica e epocalmente por uma comunidade de falantes, que iniciou, perpetua e o inova permanentemente. O seu desenvolvimento é feito de hábito e inovação, mas o que ela tem de essencial permite-lhe a si própria assumir-se como uma identidade que se mantém viva, com acrescentos de inovações neologistas que em vez de a confundirem a enriquecem. Uma identidade viva, como se de um organismo vivo se tratasse. Flexível, mutável, adaptável, sem perder o que de essencial a define como tal. Tal como a identidade pessoal. A sua força discorre da presença impulsionadora do pensamento que borbulhando em riqueza interior, a projecta para o plano da expressão, da palavra, portanto. E se a linguagem é rica de expressões é porque tem como fonte o pensamento e como foz o pensamento. Como fonte o pensamento próprio. Como foz o pensamento de quem ouve e partilha o que é expresso. A reflexão interior infindável, múltipla, valiosa e rica, torna-se assim exterior e o seu instrumento de comunicação ganha dessa natureza reflexiva um carácter infindável, múltiplo, valioso e rico. Comunicar pela palavra é comunicar ao mundo mundos de significações pessoais. E há significações que podem exigir timings próprios de assimilação, podem não ser compreendidas de imediato na significação proposta, como acontece ciclicamente em certas produções culturais. Mas se elas têm algo a comunicar, seguramente acabam por encontrar o seu *público*<sup>356</sup>, que adere a essa *poder de expressão*<sup>357</sup> a sua existencialidade ganha

---

<sup>356</sup> P.P., p. 209 “ Une musique ou une peinture qui n'est d'abord pas comprise finit par se créer elle-même son public, si vraiment elle dit quelque chose, c'est-à-dire par sécréter elle-même sa signification. Dans le cas de la prose ou de la poésie, la puissance de la parole est moins visible, parce que nous avons l'illusion de posséder déjà en nous, avec le sens commun des mots, ce qu'il faut pour comprendre n'importe quel texte, au lieu que, de toute évidence, les couleurs de la palette ou les sons bruts des instruments, tels que la perception naturelle nous les donne, ne suffisent pas à former le sens musical d'une musique, le sens pictural d'une peinture.”



corpo então. Se se trata de algo a comunicar, o sentido aderente que transporta *efectiva a significação e não se limita a traduzi-la*<sup>357</sup>. Em que consiste? Em fazer reconhecer que o que é expresso se funda numa verdade e realça as vestes do seu sentido. As palavras são habitadas por significações que a elas estão anexadas e que, ao serem traduzidas as levam consigo, não ficam delas despidas. Estão coladas á sua identidade e dela fazem parte. A palavra não se limita a ser um código linguístico para expressar o que o pensamento sugere; a palavra comunica igualmente a própria existencialidade do ser e uma expressividade que ultrapassa a representação mental, que revela uma significação que indica o que se sente, o que se vive, o que se deseja, o que se imagina, o que motiva... Esse sentido é o sentido próprio. O que isso significa é que por trás de toda a expressão há a vontade de realizar e partilhar essa expressão. É essa a sua finalidade intrínseca. Esse comunicar é um comunicar entre pessoas, é, logicamente, um meio e não o fim. Daí se compreenda porque conforme as pessoas, a comunicabilidade divirja e seja recebida e interpretada de modo diverso.

A verdade é que há verdade pessoal por trás das palavras, por trás das representações. É isso que é a essência da partilha comunicativa. É o reflexo desse viver o mundo personalizado que é comunicado, o que nenhum computador sofisticado ou objecto robótico terá capacidade de desenvolver para lá do reflexo originador e da eficácia da cópia. Esse viver o mundo, essa revelação de ser no

---

<sup>357</sup> P.P., p. 213 “Cette puissance de l’expression est bien connue dans l’art et par exemple dans la musique. La signification musicale de la sonate est inséparable des sons qui la portent : avant que nous l’ayons entendue, aucune analyse ne nous permet de la deviner; une fois terminée l’exécution, nous ne pourrons plus, dans nos analyses intellectuelles de la musique, que nous repórter au moment de l’expérience; pendant l’exécution, les sons ne sont pas seulement les « signes » de la sonate, mais elle est lá à travers eux...”

<sup>358</sup> *Idem*, p. 213“ La signification dévore les signes (...). L’expression esthétique confèrera ce qu’elle exprime l’existence en soi, l’installe dans la nature comme une chose perçue accessible à tous, ou inversement arrache les signes eux-mêmes — la personne du comédien, les couleurs et la toile du peintre — à leur existence empirique et les ravit dans un autre monde. Personne ne contestera qu’ici l’opération expressive réalise ou effectue la signification et ne se borne pas à la traduire.”

mundo que esculpe todo o ser de qualquer ser que se situe como tal na mundaneidade, é isso que, de um modo invisível, cada um carrega consigo próprio. Esse sentido escondido é revelado mediante a expressão de que o corpo é intermediário, cabendo à palavra dá-lo a (re)conhecer. Conhecer, porque se trata de manifestação exteriorizada de um mundo subjectivo. Reconhecer, porque a subjectivação expressa fá-lo mediante códigos que são entendidos e partilhados intersubjectivamente. A tal ponto que, o mundo linguístico e intersubjectivo se fundem com, e na, exterioridade do próprio mundo. O que é interior faz-se exterior, o que é exterior faz-se interior, denotando como esses dois planos se interceptam e se misturam. A reflexão que era interior projecta-se na exterioridade, passa a fazer-se nessa mesma exterioridade, passando para o interior do próprio mundo exterior, *‘falado e falante’* <sup>359</sup> e é agora nele que se vai realizar essa reflexão. A complexidade acumulada no decorrer do tempo e resultante de toda a produção intelectual aí originada, vai exigindo uma expressão cada vez mais original e uma linguagem cada vez mais complexa. O gesto neste plano já não é só um acto mimético. A palavra já não é só expressão de apelo. Aquele tornou-se uma projecção rica de sentidos. Esta, um meio infinitamente expressivo dos múltiplos e fecundos cambiantes do vivenciado. Porque, de facto, a palavra não é só expressividade, não se pode reduzir exclusivamente á expressão. A palavra, como vimos, veicula um sentido e esse sentido, embora lhe esteja acoplado, está para além de significante. Daí haver palavras sinónimas para a mesma ideia, a mesma significação. Daí haver modos distintos de dizer e falar, sobre a mesma temática. Daí haver discursos formalmente bem distintos e por caminhos materialmente bem personalizados para corresponderem a contextos diferentes, embora sobre o mesmo lema.

---

<sup>359</sup> P.P., p. 214“...le langage et la compréhension du langage paraissent aller de soi. Le monde linguistique et intersubjectif ne nous étonne plus, nous ne le distinguons plus du monde même, et c’est à l’intérieur d’un monde déjà parlé et parlant que nous réfléchissons.”

E *como o homem descobriu um novo caminho para estabilizar e propagar as suas obras e não pode viver a sua vida sem a exprimir*<sup>360</sup>, a própria cultura transformou-se em mundo, num mundo com existência própria, fomentado em actividades múltiplas, auto-geradores e procriadores, seja qual for o domínio cultural, na complexidade organizacional da estruturação social assente em universos coexistentes e paralelos, feitos de classes e organismos. Com essa projecção pessoal na culturalidade o mundo ganha calor humano, as coisas mundanas ganham tons de familiaridade, e o viver relacional e a expressão cultural foros de intimidade. *O mundo cultural é então ambíguo, mas ele está já presente.*<sup>361</sup> Essa ambiguidade é um handicap de uma subjectividade projectada e derivada de diferentes verdades pessoais, mas é esta mesma subjectividade que encaminha à riqueza da sua expressividade e permite que esta se constitua como um corpo feito de comunicabilidade inesgotável através da sua particularização na palavra. E esta vai revelar todos os anonimatos presentes nas coisas e nos objectos mundanos. Porque esses anonimatos pertencem a outros seres de subjectividade, que realizam determinadas vivências, que as transportaram para o plano da palavra e ao darem-lhe visibilidade permitiram que lhes fosse atribuída uma identidade a armazenar como conteúdo mnésico no disco rígido do tempo.

O presente assim faz-se passado, mas o presente assim também se faz futuro na medida em que o que é identidade é reconhecido porque transporta no seu interior um apelo de futuro, dado que neste se projecta. E assim, aquilo que era verdade

---

<sup>360</sup> CASSIRER, Ernest, *Antropologia Filosófica*, s/ed., México, 1963, pp. 325-334

<sup>361</sup> P.P., p. 400 “Le monde culturel est alors ambigu, mais il est déjà présent. Il y a la une société à connaître. Un Esprit Objectif habite le vestiges et les paysages. Comment cela est-il possible ? Dans l’objet culturel, j’éprouve la présence prochaine d’autrui sous un voile d’anonymat. On se sert de la pipe pour fumer, de La cuiller pour manger, de la sonnette pour appeler, et c’est par la perception d’un acte humain et d’un autre homme que celle du monde culturel pourrait se vérifier. Comment une action ou une pensée humaine peut-elle être saisie dans le mode du « on », puisque, par principe, elle est une opération en première personne, inséparable d’un Je ? Il est facile de répondre que le pronom indéfini n’est ici qu’une formule vague pour désigner une multiplicité de Je ou encore un Je en général.”

peçoal e se situava num plano imanente a uma individualidade sem possibilidade de ganhar expressão, vem à superfície de sentido mediante a consciência. E até as próprias coisas mundanas ganham essa possibilidade. Quer o sentido que decorre da sua forma e função, quer o sentido simbólico que lhes deu nascença e se alimenta de projecções de significados. E tudo isto porque uma consciência se encontra presente e vivencia a mundaneidade. E o que é curioso, é que as realizações da consciência, porque expressam um sentido, este não se perde e é revivido sempre que o apelo do objecto criado se faz presente e é fenómeno para qualquer consciência. Mas a concretização de uma verdade pessoal é naturalmente objectivada no seu conteúdo mediante o contributo do corpo. Faz parte do seu papel: trazer para o plano concreto um sentido de uma vivencialidade interior. E essa expressão passa igualmente pela palavra, a qual, revelando as intersecções de significados simbólicos que se conjugam num contexto global e único de uma identidade que transporta a expressividade que de ambos decorre, é que dá a reconhecer o estatuto de uma verdade pessoal. É, novamente, o corpo próprio que permite que uma consciência se lance para uma vivencialidade concreta. E esta não se faz rogada. A coexistência de expressões de múltiplas consciências que comigo partilham a mundaneidade dada e em pleno assumida, permite que nada desse legado se perca e seja possível conservar, e a todo o momento revelar, mostrar, dar a conhecer o que era pensamento, o que era consciência, o que era intencionalidade.

É assim que a existência ganha o sentido não só do que é dado, naturalmente dado, mas o do que é criado, inventado, sublimado, do que é culturalmente assumido num campo coexistencial que permite que eu seja, pois, um *campo intersubjectivo*<sup>362</sup>. A coexistência feita de intersubjectividades, que se projectam no

---

<sup>362</sup> P.P., p. 515 “... ce qui est donné, ce n’est pas un fragment de temps puis un autre, un flux individuel, puis un autre, c’est la reprise de chaque subjectivité par elle même et des subjectivités l’une par l’autre dans la généralité d’une nature, la cohésion d’une vile intersubjectif et d’un monde. Le présent effectue la médiation du Pour Soi et du Pour Autrui, de l’individualité et de la généralité. La vraie réflexion me donne à moi-même non subjectivité oisive et inaccessible, mais comme identique à ma présence au monde

espaço de culturalidade comum dando exterioridade e transformando em anonimato de partilha o que era pessoal e subjectivo, decorre naturalmente de um número *indefinido de consciências*<sup>363</sup>. Se essa mesma indefinição é sinónimo, por arrastamento, de anonimato, ela não deixa de ser suportada por identidades que se dão nesse espaço comum anónimo onde cada um coloca o seu selo existencial, partilha a sua mundaneidade, revela a sua natureza própria pela projecção do que define a particularização da sua existência e o teor da sua verdade. É a manifestação comum dessas infindas manifestações individuais que contribuem então para uma intersubjectividade, que pode ser localizada nesta ou naquela identidade particular, mas é por essência mais uma tecelagem rica e sempre inacabada do que um artefacto pronto. Daí, não ser possível definir com rigor o mundo pessoal, de que o corpo e a palavra dão expressão. Uma identidade é um resultado, um todo, uma soma dos contributos existenciais que a constituem, revelada como complemento subsequente de uma verdade própria que brota no fluir de uma consciência. Essa verdade pessoal, uma vez existente e revelada ganha o seu próprio lugar na mundaneidade porque nele ela se assume como identidade. Agora, a dinâmica que decorre dessa sua manifestação, as consciências que toca, os movimentos que pode gerar, as opiniões que pode suscitar, as ideias que vai despoletar noutras consciências, as sensações pessoais que pode despertar, isso faz-se de um modo anónimo, indefinido, incontrolável.

Mas se uma verdade pessoal ela própria se transformou em mundo, mundo que o próprio mundo teve de albergar, nessa sua mundaneidade não se revela

---

et à autrui, telle que je la réalise maintenant : je suis tout ce que je vois, je suis un champ intersubjectif, non pas en dépit de mon corps et de ma situation historique, mais au contraire en étant ce corps et cette situation et tout le reste à travers eux.”

<sup>363</sup> P.P., p. 401 “La constitution d'autrui n'éclaire pas entièrement la constitution de la société, qui n'est pas une existence à deux ou même à trois, mais la coexistence avec un nombre indéfini de consciences. Cependant l'analyse de la perception d'autrui rencontre la difficulté de principe que soulève le monde culturel, puis qu'elle doit résoudre le paradoxe d'une conscience vue par le dehors, d'une pensée qui réside dans l'extérieur, et qui, donc, au regard de la mienne, est déjà sans sujet et anonyme.”

linearmente. O próprio mundo se tornou complexo com exigências cada vez mais subtis de intercomunicação; é a própria intercomunicação que se torna mais densa. Não é só a necessidade individual que exige comunicação; é esta, nessa comunicação, que tem de corresponder às necessidades de *indivíduos mais complexos*<sup>364</sup>. Antecipar-se-á a questão de saber se essa situação não implicará diminuição de identidade. Aparentemente não, pois o estatuto mundano continua como um cenário propício à fecundidade de todo e qualquer identidade, com todo o material que é preciso, com todo o espaço/tempo exigido a dar lugar a toda a expressão que nele tem sempre lugar. A sua identidade não se perderá com isso. Pelo contrário, enriquecer-se-á seguramente.

O mundo serve de espécie de memória digital a todas as verdades pessoais de que a palavra é porta-voz privilegiada, serve para dar lugar a todas as linguagens que cada um vai soltando, permite o enraizar de todas as sementes de mundo individualmente lançada pela expressividade numa intersubjectividade. É o próprio mundo que fala e é falante e é no interior do seu seio que nos reflectimos, uma vez que a simbiose que se gera entre o que é expresso e o que está já expresso à disposição é total neste *mundo onde a palavra está 'instituída'*<sup>365</sup>. O mundo não é assim um simples receptáculo que se vai empiricamente enchendo e progressivamente valorizando com os conteúdos infindos dos sentidos individuais que para ele portabilizou. Ele próprio é um manancial de palavras, livro a folhear á *nossa disposição, como o horizonte permanente das nossas possibilidades*<sup>366</sup>. É desse modo que não só não perde identidade como se constrói numa unidade intrínseca mais valorizada. Não só não perde o seu próprio modo de ser, como ganha mais uma autonomia verdadeira. É o ninho, o *habitat*, onde eu me sinto

---

<sup>364</sup> MORIN, Edgar, *O Paradigma Perdido: a Natureza Humana.*, p.72

<sup>365</sup> P.P., p. 214

<sup>366</sup> DE WAELENS, Alphonse, *La philosophie et les expériences naturelles*, p. 154

naturalmente bem, onde eu me dou e me revelo. Eu possuo a chave que também me dá o seu acesso: a expressividade. Por acrescento, a expressividade de um sentido pessoal. Mas essa expressividade não se situa ao nível do representado, situa-se ao nível do experienciado, porque só assim ganha sentido fora da sua própria esfera. Não é o representado que é entendível, é o vivenciado. E se o representado se faz entendível, é porque ganha alicerces no nível concreto e se revela num estilo personalizado, circunscrito à temporalidade do seu portador. O que é dito, ou escrito, é uma palavra, uma palavra que alguém pronuncia num certo grau de civilização, numa determinada cultura, nos cambiantes duma temporalidade localizada e vai influenciar e abrir *um novo campo ou uma nova dimensão à nossa experiência* <sup>367</sup>. Forma-se então uma biblioteca super apetrechada de significações aberta a uma utilização muito particular de cada existente. Essas significações de sentido estão ao dispor e é permitido, naturalmente e em função da oportunidade, aproveitar-me delas para me expressar, para entender as outras expressões, para me fazer compreender e compreender, para me informar e informar. Se bem que os seus diferentes modos de expressão, em cambiantes culturais múltiplos, diferentes e identificáveis, são a razão de uma língua, na sua expressão de sentido, não ser total e cabalmente traduzível numa outra, devido aos ‘*équívocos*’ e às ‘*nuances de sentido*’ <sup>368</sup>. Apreende-se a proximidade de sentido, mas não o seu sentido integral, dado decorrer do modo como cada um se situa no mundo, o que não se vislumbra à superfície literal do real. Se toda a expressão é mais ou menos objectivável, mais ou menos expressável do que outras, mais ou menos palpável, mais ou menos sensível, e se um sistema de expressão mundana não se relaciona de um modo uniforme com um padrão único de pensamento, então é fácil entender que a coexistência das nossas diferentes expressões corresponde a diferentes e direnciados modos de viver o mundo, o pensar

---

<sup>367</sup> DE WAELHENS, Alphonse., *o. c.*, p. 155

<sup>368</sup> P.P., p. 218 S'il y a une pensée universelle, on l'obtient en reprenant l'effort d'expression et de communication tel qu'il a été tenté par *une* langue, en assumant tous les équivoques, tous les glissements de sens dont une tradition linguistique est faite et qui mesurent exactement sa puissance d'expression.”

e o sentir. Mediante vogais e consoantes o corpo encontrará o lugar e a guarida para a identidade que transporta. É que, embora natural na sua manifestação comunicativa, a estrutura de uma verdade pessoal não se estabelece por uma arbitrariedade casual. Não é aleatório o jogo da sua constituição. Ela corresponde em maior ou menor grau à natureza da identidade que a expressa, à natureza do corpo que a vive. E se ela varia, é porque variam na sua expressão as naturezas do pensamento e do corpo, ou se quisermos, a um nível mais geral, é porque corresponde a naturezas de viver o mundo em tempos e modos... diferentes.

Pode-se falar de muitas verdades, mas só se vive uma verdade, essa *profunda convivência do tempo com ele-mesmo*<sup>369</sup>. Assim, *é precisamente porque a verdade não se conforma com mais nada a não ser com ela mesma, e fora de toda a referência a um modelo, que ela não é então um resultado, mas um 'movimento': ela nunca está pois acabada.*<sup>370</sup> Do mesmo modo só se habita um sentido, porque ambos correspondem a uma identidade. O mundo pode cativar-me para infindáveis miríades identificadoras das realidades cultural, religiosa, civilizacional, histórica, biogenética... que cimentam e constroem modos muito próprios de nos situarmos no mundo, mas a constituição da minha identidade não se realiza de um modo directo, automático, simples e muito menos previsível. Há aspectos imperceptíveis e paralelos à expressão ela própria. Há como que linguagens paralelas do gesto, da mímica, do sentir, do intuir, que se situam para lá do que é dito, do que é experienciado. Experienciar será então, mais do que fazer corresponder verdades e sentidos a verdades e sentidos, assumir uma postura existencial. Essa postura

---

<sup>369</sup> P.M. , p.200

<sup>370</sup> DA SILVA-CHARRAK, Clara, *Merleau-Ponty – Le Corps et le Sens*, Paris, PUF, 2005, p.144/145 C'est précisément parce que la vérité ne se conforme plus qu'à elle-même, et hors de toute référence à un modèle, qu'elle n'est plus un résultat, mais un *mouvement*: elle n'est des lors jamais achevée."



existencial de quem se expressa e, por arrastamento, expressa tudo o que é e o que não é. O que é e o que se revela indirectamente como seu *background* pessoal, cultural, social, civilizacional.

É de uma naturalidade como a do respirar que a minha expressão decorre e a palavra que a difunde surge sem esforço e torna a expressão proveitosa. Mas a riqueza da expressividade que colhe nas palavras quotidianas e disponíveis um primeiro patamar comunicativo, advém de um nível mais elaborado. É o nível de um uso criador e criativo das suas próprias significações. É a intersecção de miríades de intersecções e pluviosidade de sentido que parecem jorrar das significações aparentemente banais e que ganha uma expressão maior no ficcionista, no romancista, no criador temático. Estes parecem infiltrar-se nas linhas de expressividade quotidiana, roubam sentidos às palavras que aparentemente não tinham mais sentido do que o visível, e retocam-nas de modo a delas extraírem sentidos novos e significações inesperadas e surpreendentes. O mundo exterior torna-se testemunha de toda esta azáfama criativa e vê abrir-se a comporta de uma albufeira de subjectividade que encontra nas margens outras subjectividades que lhe reconhecem significação. É a subjectividade individual a tornar-se cúmplice da subjectividade geral. Essa intersubjectividade não é visível mas torna-se presente através do código linguístico e a ele só se tem acesso mediante a experiência mundana que reconhece os padrões e as linhas de força dessa mesma vivencialidade que o corpo permite e a palavra conjuga.

Mas como se afere a verdade no corpo expressivo e na palavra? De onde decorre o seu sentido? Das próprias palavras? Do pensamento que as gere? Da língua que as comunica? Dos sujeitos que as captam? Da tal cumplicidade intersubjectiva que se liberta? Da natureza da comunicação partilhada?

A verdade não parece mergulhar nas representações que povoam o pensamento. Não parece que a comunicação seja feita entre pensamentos comunicados. Parece ultrapassar um plano que uma linguagem informatizada de 0 e 1 seria capaz de expressar. Parece mais decorrer de uma comunicação entre

comunicantes, entre seres que partilham a palavra para expressarem mundos interiores que vivenciam a experiencialidade mundana. Parece discorrer entre seres que manifestam um certo estilo diferente de viverem um mesmo mundo comum<sup>371</sup>, entre seres que se entrelaçam nesse fenómeno do comunicar, do pôr em comum. A expressividade que vai nascer desse e nesse processo vai revelar, porém, não uma linearidade previsível em função dessa partilha dada à luz, mas uma ambiguidade a que a própria palavra não é imune, bem como a própria linguagem, cuja eficácia para exprimir essas subjectividades que se cruzam não enjeita uma certa ambivalência. Mas se ela existe é porque radica numa necessidade de relacionar o que está separado, de unir o que está afastado e encontra na linguagem um enlace concretizador da sua realização, embora a linguagem não se reduza a ser uma simples depositária das significações que veicula ou simples intermediária desligada dos conteúdos de que é portadora. Assim sendo, e apesar então de uma certa ambivalência presente perderia, havendo lugar para essa necessidade de comunicar esbater-se-iam assim as fronteiras entre o impulso e o meio instrumental. E assim é, porque a palavra parece ganhar uma certa consciência, uma consciência silenciosa, é certo, por trás do som em que se exprime, que é um invólucro que configura todas as palavras e todos os sentidos das palavras num todo, num *mundo falante*<sup>372</sup>. E se a consciência se faz linguagem e a linguagem se identifica com o pensamento, então temos presentes duas realidades: uma, a realidade do pensamento, outra, a realidade exterior do pensamento. Uma, a realidade interior da palavra, outra, a realidade exterior da palavra. O pensamento dá-se antes da palavra, dá-se durante a palavra, dá-se depois da palavra. O reversível faz igualmente sentido: fala-se antes de pensar, fala-se enquanto se pensa, fala-se depois de pensar.

---

<sup>371</sup> P.P., p.214“ Ce n'est pas avec des 'représentations' ou avec un pensée que je communiqué d'abord, mais avec un certain style d'être et avec le 'monde' qu'il vise.”

<sup>372</sup> *Idem*, p. 462

Trata-se de duas faces da mesma realidade: uma interior, outra exterior, porque conjugam da mesma identidade – o pensamento diz-se como tal e o que se diz pensa-se como tal. O pensamento exterioriza-se pela palavra, esta contém o seu interior naquele. Pela palavra o pensamento faz-se então ao mundo, faz-se mundo, vive a mundaneidade. Uma vez existencial, o seu sentido enraíza-se nos sulcos dessa objectividade adquirida. E o sentido da palavra não é só o simples reflexo físico desse corpo que toda a palavra possui. É mais uma fisionomia de traços humanos desenhados pela palavra. Porque, então, a palavra não é só a soma das particularidades elementares que a compõem: letras e sons. Não são só esses caracteres físicos que lhe dão identidade. Melhor, dão-lhe identidade mas não um sentido próximo da *experiência humana*<sup>373</sup>. Já foi referido como a mesma palavra ganha significações diferentes consoante os contextos, porque há um sentido para lá de toda a expressão. E ele radica na experiencialidade de cada um e, no limite, de todos. É o que é humanamente vivido que se armazena, que armazena e permite a sua partilha dita. Assim enquadrada, a palavra não é um simples instrumento de comunicação transcendente aos sujeitos de que dela se servem. Não, é um código cultural que dá acesso, mediante símbolos e palavras, à comunicação e ao plano existencial. É, naturalmente, uma subjectividade que se quer relacional e mundana, uma espécie de *comércio com o mundo e com os outros homens que o habitam*<sup>374</sup>, em que o mundo se torna local de trocas e de diferentes dizeres entre homens comunicantes.

Porém, nem sempre o meio serve uma correspondência efectiva. Por vezes a própria natureza do meio parece incapaz de transmitir com sentido e verdade a natureza do sentido da identidade pessoal que se quer tornar visível. A visibilidade desta identidade pessoal, bem como o estilo que a reveste, não é então imediata e clara. Pelo contrário, é mediata a interpretação que decorre da observação do seu

---

<sup>373</sup> P.P., p. 462 “ Le sens du mot n’est pas fait d’un certain nombre de caractères physiques de l’object, c’est avant tout l’ aspect qu’il prend dans une expérience humaine.”

<sup>374</sup> *Idem*, p. 462

reflexo visível, espelho das duas manifestações exteriores. De certo modo compreende-se que assim seja, pois a abertura pessoal à vivencialidade que decorre nos planos do mundo permite que a verdade aconteça e se conheça, uma vez que a verdade é pessoal e é ela própria um caminho, uma via de acesso ao sentido da própria identidade. E assim pode ser reconhecida pelo próprio que nela se revê, também o pode ser pelo outro que a testemunha. E nada como a sua objectivação numa exterioridade para se revelar, exteriorização de que é portadora e que reivindica para si essa possibilidade, dado que é abertura e expressão e realça os traços com que desenha a sua própria inserção mundana. Contudo, não podemos descurar aqui a atenção e ignorar uma certa reversibilidade que se torna presente. A verdade e o sentido pessoais não são unicamente direccionados de um quadrante interior para a sua expressão exterior. O reverso também é verdade. A mundaneidade igualmente influencia a identidade pessoal e condiciona o estilo. Eu não sou um ser isolado, descontextualizado de um todo em que me insiro. Com efeito, eu vivo o contexto mundano e sofro todo um processo de imersão osmótica. Eu insiro-me no mundo e ele em mim. Eu projecto-me no mundo e ele em mim. Eu vivencio o mundo e ele vivencia-me a mim, porque me alberga.

A minha identidade molda-se nessa reversibilidade e o meu estilo vai mostrar o modo como a conjugo, como trago à superfície *as próprias coisas, do fundo do seu silêncio*<sup>375</sup>. O todo é essa identidade que possui e faz toda a transitividade consertar uma homogeneidade. E o estilo simbolizará o modo de essa homogeneidade se efectivar em termos de coerência e permitirá que para lá de uma variabilidade infinita de expressões possíveis que se cruzam, dimensionam, entrecruzam e influenciam, nós revelamos aquelas que se coadunam com a integridade que nos é própria e nos destaca individualmente no meio de multiplicidade existenciais dispersas, diversas, paralelas, diferenciadas. A partir

---

<sup>375</sup> V.I., p.18

daqui, eu posso traçar o meu próprio perfil e revelar esse meu estilo pessoal. Assim, a verdade do meu próprio ser, única e determinante para permitir uma identificação, referencia o seu sentido nesse cunho existencial de um modo muito particular de eu ser. Subjacente às manifestações existenciais que eu como ser concreto expresse, o estilo permite-me reconhecer-me entre os outros. Isto é necessário e fundamental porque vivemos num espaço comum que é feito de comunicabilidade e expressividade. *Uma autonomia solitária é impossível. Ser autónomo é assumir o seu comportamento diante dos outros, é testemunhar de si*<sup>376</sup>. E temos o corpo e a palavra para garantir essa apodicticidade e um adequado desempenho, porque ele é *capaz de transposições que fazem a constância do estilo*<sup>377</sup>. É ele que *torna possível toda a significação*<sup>378</sup>, uma vez que é condição de todo o acto expressivo. Os gestos do corpo, sejam eles conscientes ou inconscientes como a *fragmentação, projecção, dispersão no espaço, esfoliação, apagamento num turbilhão, retraimento, caotização...*<sup>379</sup>, todos eles são expressivos, contribuem para garantir que o modo de vivermos o mundo é feito por uma identidade própria que realça aquilo que a toca, o modo como se projecta na tela da mobilidade mundana. E conto com a palavra para esse papel bem patente no privilegiado domínio da linguagem que *toda o sujeito desposa antes de se dar conta disso*<sup>380</sup>, domínio esse sempre renovado sempre renovável, onde o estilo se revela como *uma nova e muito pessoal ordenação de palavras*<sup>381</sup>.

É notório que, em toda a identidade, a palavra ao emergir arrasta consigo toda uma poeira de significações comuns que lhe estão culturalmente agregadas, mas, por

---

<sup>376</sup> HEIDSLECK, François, *o.c.*, p.85

<sup>377</sup> S., p. 82

<sup>378</sup> P.M., p. 81

<sup>379</sup> GIL, José, *Movimento Total.-O corpo e a dança*, Relógio d'Água, Lisboa, 2001, p.177

<sup>380</sup> S.NS., p.155

<sup>381</sup> S., p. 297-298

outro lado, o seu próprio emergir radica, de cada vez que é solta, numa dimensão pessoal e única do expresso. Essa individualização da palavra abre a sua expressão ao que é e ao modo do expresso, e este revela-se como diferente em cada um, o que se compreende dado a experiência de mundo que transporta traduzir um modo absolutamente pessoal de ela se assumir. A palavra tem em si mesma o gérmen da possibilidade de se ampliar na sua própria significação, porque a raiz que lhe dá sentido, para lá de uma partilha comum no espaço comunicável socio-cultural, cresce nesse modo muito particular de ser vivida. Daí brotar como verdade pessoal e o seu sentido permanentemente a actualiza. A realidade de suporte da palavra efectiva-se no percurso mundano que cada um faz, diz mais do que diz, indica-nos no seu *élan* expressivo uma identidade, revela um estilo, predispõe-nos para irmos ao encontro, para decifrar, para reconhecer e investir. Daí ser importante que *o sentido das palavras seja finalmente induzido pelas próprias palavras, ou mais exactamente que a sua significação se forme prioritariamente sobre uma ‘significação gestual’, que, é imanente à palavra* <sup>382</sup>.

Mas a novidade da verdade de um estilo traz sempre riscos inerentes. Apesar do seu furor, a novidade para se impor e ganhar espaço, tem de algo afastar. E o que é novidade hoje não o será amanhã. Assim, sempre algo fica por se dar, a comunicabilidade de uma verdade sempre fica por concluir, a expressividade de um estilo sempre fica por se esgotar, apesar de todo o tipo de *tentativas vagabundas* <sup>383</sup>, e o sentido de toda a história pessoal sempre fica por encerrar. O próprio sentido da palavra, das palavras, não é um todo absoluto, estático. É errante, tem a sua própria

---

<sup>382</sup> P.P., p. 208-209 “...je commence a comprendre le sens des mots par leur place dans un contexte d'action et en participant à la vie commune, — de même un texte philosophique encore mal compris me révèle au moins un certain « style », — soit un style spinoziste, criticiste ou phénoménologique, — qui est la première esquisse de son sens, je commence à comprendre une philosophie en me glissant dans la manière d'exister de cette pensée, en reproduisant le ton, l'accent du philosophe.”

<sup>383</sup> O.E., p. 8

história, e evolui como tal. O que se compreende porque, se a palavra expõe um pensamento e este é realidade de uma consciência, então indirectamente manifesta o sentido de uma consciência viva. E o mundo reconhece a minha verdade pessoal, a verdade do ser que eu sou e me dá identidade, verdade que não reside no corpo objectivo mas no corpo fenomenal. E isto porquê? Porque não é o corpo objectivo que me lança para a existencialidade, é o corpo fenomenal que vivencia prioritariamente pela palavra, enquanto expressão, a intencionalidade da minha consciência, intencionalidade que *é um objectivo, mas é igualmente uma doação de sentido. A análise intencional apodera-se do objecto constituído como sentido e revela essa constituição*<sup>384</sup>, seja referida a um perfil perceptivo cognoscente, ou de desejo. Uma vez colocado em *situação*, o tal ‘arco intencional’<sup>385</sup> que sustenta a nossa consciência, projecta-a nos contextos temporais (de passado e futuro), espaciais (do meio físico humano e realidade física pessoal), culturais, ideológicos, morais... e cria, na vivencialidade que aloja no seu seio, a unidade dos sentidos e da inteligência, a unidade da sensibilidade e da motricidade. E assim a nossa consciência fica depositária de um sentido que me afirma. De facto, se eu, ou qualquer outro ser deixa de se *definir pelo acto de significar, cai numa condição de coisa, sendo a coisa precisamente aquilo que não conhece, aquilo que repousa numa ignorância absoluta de si e do mundo, aquilo que por conseguinte não é um ‘em si’ verdadeiro, isto é, um ‘para si’ e não tem senão a individuação espaço-temporal, a existência em si*<sup>386</sup>, esse algo inerte que não tem capacidade consciente e auto-consciente, estática numa ignorância de si e do envolvimento mundano, incapaz de a ele se direccionar intencionalmente.

Desse modo se minimiza a minha acção humana enquanto sujeita à simples causalidade. Se se trata de uma causalidade se-lo-á mais vincadamente não na sua componente de precedência, mas na de produtividade, porque de facto a minha

---

<sup>384</sup> LYOTARD, Jean-François, *o.c.*, p.39

<sup>385</sup> P.P, p.158

<sup>386</sup> *Idem*, p. 141

inserção e actuação mundanas são portadoras de uma unidade de sentido enraizada em mim e não casuística. A palavra cria, fecunda, desperta. Pela palavra, fiel a uma consciência integrada, não estou sujeito ao balbuciar de qualquer corrente de ar casual. Se tal ocorrer, é porque essa causalidade foi por mim assumida implícita ou explicitamente. Mas é sempre a consciência que assume o risco. Portanto, a causalidade a aplicar-se à minha consciência inserida no mundo sê-lo-á unicamente na sua faceta produtora porque sou sempre eu que decido, que valorizo, que defino o caminhar. Posso ser influenciado pelo contexto mundano e por aquilo que as suas manifestações sugerem ou fazem valer, mas passa sempre por mim a decisão, clara ou menos nítida, de assumir seja o que for, já que *é a minha decisão secreta que faz aparecer os motivos*<sup>387</sup>, que faz revelar a minha verdade. Essa verdade é ela mesma que se descobre, é dela que partimos à descoberta. Com efeito não cabe à palavra, nem ela a isso se circunscreve, suscitar representações. Representações que forneceriam a ‘*representação*’ em mim daquele que fala. Porque *não é com’ representações’ ou com um pensamento que eu comunico em primeiro lugar, mas com um sujeito que fala, com um certo estilo de ser e com o ‘mundo’ que ele visa*<sup>388</sup>. Eu não compreendo os outros e eles a mim porque encetamos representações intermediárias das nossas próprias identidades, por mais que não seja de todo explícita a *intenção significativa que pôs em movimento a palavra de outrem*, porque o que exige de mim *não é um pensamento explícito, mas uma modulação*

---

<sup>387</sup> P.P., p.498“ ...la délibération suit la décision, c’est ma décision secrète qui fait paraitre les motifs et l’on ne concevrait pas même ce que peut être la force d’un motif sans une décision qu’il confirme ou contrarie.”

<sup>388</sup> *Idem*, 214“Ce n’est pas avec des ‘représentations’- ou avec une pensée que je communique d’abord, mais avec un sujet parlant, avec un certain style d’être et avec le ‘monde’ qu’il vise. De même que l’intention significative qui a mis en mouvement la parole d’autrui n’est pas une pensée explicite, mais un certain manque qui cherche à se combler, de même la reprise par moi de cette intention n’est pas une opération de ma pensée, mais une modulation synchronique de ma propre existence, une transformation de mon être.”



*sincrónica da minha própria existência, uma transformação do meu ser*<sup>389</sup>. Eu comunico com os outros e fazemo-nos entender porque são *sujeitos que percebem o mundo, — esse mesmo mundo que eu percebo - e que têm por isso experiência de mim, como eu tenho a experiência do mundo e, nele, dos «outros»*.<sup>390</sup>

Somos seres de palavra. *Para eu compreender as palavras de outrem, é necessário evidentemente que o seu vocabulário e a sua sintaxe sejam já por mim conhecidas.*

<sup>391</sup> Mas as palavras que concretizam, que se dão e se trocam, porque transportam em si, sinais de significação, são reflexo de um pensamento feito de experiência vivencial, de diálogo entrecruzado, de leitura. Esses sinais são, evidentemente, palpáveis neste processo. Assim sendo, compreende-se que desponte no transporte dessa comunicabilidade o modo de cada um se revelar, uma atitude muito própria e identificadora de se manifestar, essa ‘linguagem indirecta’ de revelação do modo peculiar de ser no mundo. O estilo, o modo indirecto de eu dizer, de eu falar, é obviamente indicador de um certo modo de eu mesmo estruturar a minha própria experiência mundana, a minha vivencialidade existencial, os meus pensamentos, a fonte desses pensamentos, e até a própria *poesia, se ela é por acaso narrativa e*

---

<sup>389</sup> P.P., p. 214

<sup>390</sup> HUSSERL, Edmund, *Meditações Cartesianas*, Lisboa, Res, s/d, p.48 “...percebo os outros — e percebo-os como existindo realmente — em séries de experiências simultaneamente variáveis e concordantes; e, por um lado, percebo-os como objectos do mundo. Não como simples «coisas» da natureza, ainda que eles o sejam de certo modo «também». Os «outros» dão-se igualmente na experiência como regendo psiquicamente os corpos fisiológicos que lhes pertencem. Ligados assim aos corpos de maneira singular, «objectos psico-físicos», eles estão «no» mundo. Por outro lado, percebo-os ao mesmo tempo como sujeitos para esse mesmo mundo: sujeitos que percebem o mundo, — esse mesmo mundo que eu percebo - e que têm por isso experiência de mim, como eu tenho a experiência do mundo e, nele, dos «outros».”

<sup>391</sup> P.P., p. 214 “Pour que je comprenne les paroles d'autrui, il faut évidemment que son vocabulaire et sa syntaxe soient ‘déjà connus’ de moi. Mais cela ne veut pas dire que les paroles agissent en suscitant chez moi des ‘représentations’ qui leur seraient associées et dont l’assemblage finirait par reproduire en moi la ‘représentation’ originale de celui qui parle.”

*significante, é essencialmente uma modulação da existência* <sup>392</sup>. A existência é múltipla de cambiantes e de contextos existências variados, e o que se vive e o modo como se vive são representativos da reactividade do sentir as contingências, de lhes sugar o vivido e de o revelar como verdade pessoal e de um modo ajustado a essa significação pessoal de ser e de estar no mundo.

Em síntese, para lá de uma comunicação gestual, o sentido que decorre da identidade individual fundeia-se na palavra para se efectivar. E se a expressão gestual é curta nesse propósito, a palavra é complemento claramente importante e significativa de toda a expressão, para fazer realçar o que está subjacente em todas as formas expressivas. A palavra naturalmente dá-se, vai e vem, apaga-se, regista-se. A dimensão existencial que se incorpora numa realidade particular encontra na comunicabilidade a possibilidade de partilha. A palavra, como base aglutinadora que fundeia essa expressão, não vive isolada, vive numa tela de sinais, tela que é a sua própria expressividade. E esta, qualquer que seja o seu conteúdo, tem no seu íntimo um fermento de equivocidade<sup>393</sup>, e não é pura e simples enunciação descritiva de acontecimentos, objectos, coisas, em que o que se enuncia coincide com o enunciado. A partir daí, o fenómeno expressivo lança-se fecundo na procura de outros horizontes para abrir amplitude e se projectar na literatura, essa *linguagem consistente, profunda, plena de segredos, entendida quer como sonho quer como ameaça*<sup>394</sup>, nas artes e em todos os domínios da criatividade simbólica que não se esgotam na simples transposição para a realidade da sua concretização formal. E assim reconhecemos como o mundo é uma realidade portadora de um íntimo

---

<sup>392</sup> P.P., p. 176 “De même que la parole signifie non seulement par les mots mais encore par l’accent, le ton, les gestes et la physionomie, et que ce supplément de sens révèle non plus les pensées de celui qui parle, mais la source de ses pensées et sa manière d’être fondamentale, de même la poésie, si elle est par accident narrative et signifiante, est essentiellement une modulation de l’existence.”

<sup>393</sup> P.M., p. 7

<sup>394</sup> BARTHES, Roland, *Le degré zéro de l’écriture*, Paris, Seuil, 1964, p. 11

invisível, que conjuga primorosamente clareza e ambiguidade, rigor e indeterminação, segurança e temor. Portanto, é bem natural que a verdade e o sentido pessoais que são erigidos por cada um de modo a revelarem uma identidade na forma de um estilo definidor, não deixam também de revelar uma certa invisibilidade e por vezes seja justificável que a sua expressão possa não coincidir com o que é expresso e visível.

Está em presença todo um *jogo das palavras, a confiança, a promessa, a oração, a eloquência, a literatura, enfim essa linguagem à segunda potência em que não se fala de coisas nem de ideias a não ser para tocar alguém, em que as palavras evocam palavras e que se arrebatam a si mesma, que constrói por si acima da natureza um reino sussurrante e febril, tratamo-la como simples variedade das formas que anunciam ‘qualquer coisa’*<sup>395</sup>. Está em jogo a possibilidade de a linguagem, de um modo objectivo, *exprimir um número indefinido de pensamentos, ou coisas e um número finito de sinais.*<sup>396</sup> Adventícia em toda a expressão, é nesta que ela se faz germinar. E se bem que a verdade não se possa possuir e privatizar, não deixa de apelar a que cada um a viva de modo a encontrar a sua e revelá-la numa expressão que lhe dê identidade pessoal na experiência aberta do mundo. Inserido na textura mundana, com o passaporte de uma identidade pessoal e na realidade de um estilo, descubro que a própria existência, mesmo possuindo uma estrutura fundamental indeterminada *é a operação própria pela qual o que não tinha sentido toma um sentido.*<sup>397</sup> É aí que entra então a minha consciência e, com a cumplicidade do corpo, fielmente se balança numa cruzada pela existência e na partilha de uma co-existência. Cumplicidade do corpo, porque este possui os meios perceptivos e motores de a realizar, particularmente através do mecanismo da visão, pois *ver significa, mais do que ver alguma coisa, frequentar o invisível, estar aberto*

---

<sup>395</sup> P.M., p. 8

<sup>396</sup> *Idem*, p. 8

<sup>397</sup> P.P., p. 197

*às dimensões, aos horizontes do percebido...*<sup>398</sup> No plano de uma mundaneidade concreta onde se encontram intenções e possibilidades, incrementa-se uma diálise que permite a evolução da consciência, pela sua manifestação e realização, pela conjugação efectiva da essência e da existência.

Até onde o corpo possa permitir o seu papel de intermediário mundano, a visibilidade da consciência está assegurada e a existência própria tem todos os meios de realizar o potencial de que é portadora.

Até onde o corpo possa realizar adequadamente as suas funções mundanas, a realidade da consciência que o habita tem existência.

Até onde o corpo possa ser capaz de possuir uma fisionomia mundana, a identidade da consciência que o habita está segura, bem como ser identificado pelos outros, outras identidades, outros pretensos *analogon*<sup>399</sup>.

Até onde a palavra puder ser expressão visível da consciência que germina, a transcendência da consciência pode ser activada e manifesta.

Até onde a palavra puder dar realidade às modulações próprias do nosso pensar e ser, então o estilo próprio estará presente. O estilo de uma existência que ganha as suas raízes na transferência para o mundo de uma consciência que pelo corpo e pela palavra revela a sua transcendência activa na mundaneidade exterior.

Até onde uma consciência se fizer mundo, faz o mundo seu.

---

<sup>398</sup> LEFORD, Claude, *o.c.*, p. 126“...la vision n'est pas retranchée dans une enceinte, que voir signifie, beaucoup plus qu'avoir vue de quelque chose, fréquenter l'invisible, être ouvert suivant les dimensions, les horizons du perçu — lesquels ne sont nulle part, ni dans le visible, ni dans le voyant, font la trame de l'idéalité, la texture ou la matrice du penser.”

<sup>399</sup> HUSSERL, Edmund, *o.c.*, p.48

Até onde o mundo parecer apropriar-se de si e ela do mundo, alimenta-se uma ilusão que tem todos os indícios de real, embora realmente não o sendo, uma vez que o facto de a consciência se revelar ao mundo, isso não significa que este a coisifique e portanto a possua, sendo o inverso também válido.

Se bem que seja verdade que a transcendência da consciência permite dar definição e possibilidade de sentido à identidade que veicula, não é a ambiguidade da própria existência, palpável na sua indeterminação que dá lugar ao acaso, e na conjugação da *necessidade* e da *contingência*<sup>400</sup>, que o impedirá. Mas o problema dessa equivocidade passa a ser um problema menor porque *o equívoco é essencial à existência humana, e tudo o que nós vivemos ou pensamos tem sempre vários sentidos*<sup>401</sup>. Mas para uma definição mais visível de uma verdade e sentido pessoais, com a certeza absoluta que *tudo será verdade na consciência*<sup>402</sup>, há que contarmos sempre com uma efectiva liberdade, essa *condição do viver-em-conjunto*<sup>403</sup>, na correspondente exposição flutuante mundana.

---

<sup>400</sup> P.P., p.198/199 “Tout est nécessité dans l’homme, et, par exemple, ce n’est pas par une simple coïncidence que l’être raisonnable est aussi celui qui se tient debout ou possède un pouce opposable aux autres doigts, la même manière d’exister se manifeste ici et là (...). Tout est contingence dans l’homme en ce sens que cette manière humaine d’exister n’est pas garantie à tout enfant humain par quelque essence qu’il aurait reçue à sa naissance et qu’elle doit constamment se refaire en lui à travers les hasards du corps objectif. L’homme est une idée historique et non pas une espèce naturelle. En d’autres termes, il n’y a dans l’existence humaine aucune possession inconditionnée et pourtant aucun attribut fortuit. L’existence humaine nous obligera à réviser notre notion usuelle de la nécessité et de la contingence, parce qu’elle est le changement de la contingence en nécessité par l’acte de reprise. Tout ce que nous sommes, nous le sommes sur la base d’une situation de fait que nous faisons nôtre et que nous transformons sans cesse par une sorte d’échappement qui n’est jamais une liberté inconditionnée.”

<sup>401</sup> *Idem*, p.197

<sup>402</sup> *Idem*, p. 433

<sup>403</sup> CANTISTA, Maria José, *Desenvolvimentos da Fenomenologia na Contemporaneidade*, Porto, Campo das Letras, 2007, p. 17

### III. 3. A ‘Experiência Aberta’

*Todo o enigma está no sensível, nesta  
téle-visão que nos faz no mais privado da nossa  
vida simultâneos com os outros e com o  
mundo.*<sup>404</sup>

M. Merleau-Ponty

*Não estamos sós no mundo, nunca o estivemos*<sup>405</sup>. É preciso que toda a existência se conjugue na mundaneidade para aí se transformar em partilha e em experiencialidade.. Todo o contacto revelará uma modalidade da condição humana que não se limita ao domínio da consciência ou da vontade. Tal como os *sono, despertar, doença, saúde, eles supõem um ‘passo existencial’*<sup>406</sup>, um impulso direccionado para contextos relacionais físicos e socioculturais. Tal como a ave neonata prestes a enfrentar o destino de mobilidade da espécie resolve o temer do voar pelo próprio voar inaugural e definitivo. Para lá da consciência e da vontade, há que contar com o corpo e a palavra. Em relação ao primeiro, se *ele se pode fechar ao mundo, o meu corpo é também quem me abre ao mundo e nele me situa*<sup>407</sup>. Situar-

---

<sup>404</sup> S., p. 31 “Toute l’énigme est dans le sensible, dans cette télé-vision qui nous fait au plus privé de notre vie simultanés avec les autres et avec le monde.”

<sup>405</sup> LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2007, p.51

<sup>406</sup> P.P., p. 191 “Sommeil, réveil, maladie, santé ne sont pas des modalités de la conscience ou de la volonté, ils supposent un «pas existentiel » (...) L’aphonie ne représente pas seulement un refus de parler, l’anorexie un refus de vivre, elles sont ce refus d’autrui ou ce refus de l’avenir arrachés à la nature transitive des « phénomènes intérieurs », généralisés, consommés, devenus situation de fait.”

<sup>407</sup> *Idem*, p. 192

me no mundo é permitir-me experienciar o próprio mundo. Em relação à segunda, o seu lugar é irrecusável. Se, curiosamente, o ‘*passo existencial*’ que me é exigido se inicia por um acto consciente, empenhado de vontade, termina aí o papel de uma e de outra, porque dão lugar a *funções impessoais: os órgãos dos sentidos, a linguagem*.<sup>408</sup> O exercício de contacto humano é garantido assim, mediante o corpo, mediante a palavra, para a realidade do nosso compromisso com um existir experiencial aberto e livre, aliás inscrito na natureza da nossa natureza.

De facto, a nossa abertura ao mundo radica num exercício de concreticidade nesse mesmo mundo que lhe dá guarida e nas situações mundanas que lhe dão consistência. Apesar das contingências que a mundaneidade traz para o palco da nossa vivencialidade, não deixa de ser pelo facto de nos ser acessível o contacto com a realidade que esta ganha sentido. A nossa ‘experiência aberta’ encaminha-nos no mundo, neste nos coloca em situação e reveste a nossa participação com o exercício de liberdade, qual brasão de herança testamentada. Assim a *nossa liberdade apoia-se no nosso ser em situação, e ela é ela mesmo uma situação*<sup>409</sup>. Essa abertura exige o desempenho de um papel: o papel de actor existencial, do faz-de-conta. É suposto desempenharmos um papel, vivermos esse papel. Nesse jogo de suposição concretiza-se a nossa existência. O que pressupõe sempre um interlocutor válido, o corpo, como garantia de que a passagem entre o suposto e o concretizado se efectiva realmente. É ele que assegura *esta metamorfose. Ele transforma as ideias em coisas, a minha mímica do sono em sono efectivo. Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque ele a realiza e porque a actualiza*.<sup>410</sup> Porque possuir um corpo é ser

---

<sup>408</sup> P.P., p. 191 “...le malade n’est jamais absolument coupé du monde intersubjectif, jamais tout à fait malade. Mais ce qui en eux rend possible le retour au monde vrai, ce ne sont encore que des fonctions impersonnelles : les organes des sens, le langage. Nous restons libres à l’égard du sommeil et de la maladie dans l’exacte mesure où nous restons toujours engagés dans l’état de veille et de santé...”

<sup>409</sup> *Idem*, p. 191

<sup>410</sup> *Idem*, p.191-192 “Le rôle du corps est d’assurer cette métamorphose. Il transforme les idées en choses, ma mimique du sommeil en sommeil effectif. Si le corps peut symboliser l’existence, c’est qu’il la réalise et qu’il en est actualité.”

possuidor de existência, é ter garantia dessa mesma existência, é dar à existência um futuro.

O corpo é reflexo de uma certa existência anónima e passiva que o habita e sustenta a vida pessoal. Composto de complexos mecanismos, autónomos e voluntários, de sistemas de uma eficácia aturdidamente presente, o corpo sustenta anonimamente essa complexidade interna para servir de plataforma orgânica e física à nossa imersão permanente no mundo. Desse modo, é ele que nos visibiliza ao mundo fazendo nossa a sua própria apresentação, compromete-nos com a vida desde o nascer e empurra-nos para o relacionar da coexistência. Através dele, a nossa existência ganha uma actividade de compromisso implícito direccionado *para o outro, para o futuro, para o mundo*<sup>411</sup>. Mas a minha experiencia mundana, que resulta dessa abertura, até pode assumir um sentido contrário e de recusa de uma coexistência para a qual me sinto projectado. Posso até fechar-me à dinâmica da vida e esquecer que *é no coração do meu presente que encontro o sentido daqueles que o precederam*<sup>412</sup>, encerrar-me em mim mesmo, enclausurar-me no desinteresse por qualquer inserção mundana. Posso, no limite, não me querer comprometer com a vida quotidiana do mundo físico, social e cultural que estão no meu círculo relacional. Mas o corpo está sempre presente, por muito que eu me ausente do mundo humano e relegue para um plano posterior a coexistência pessoal. O corpo está sempre presente, mesmo sem nome próprio, e por ele *estou condenado a ser*<sup>413</sup>. Através do corpo, e sem que ele peça autorização para tal, sem que ele apele à nossa

---

<sup>411</sup> P.P., p. 192

<sup>412</sup> S., p. 158

<sup>413</sup> *Idem*, p. 193 “ L'existence corporelle qui fuse à travers moi sans ma complicité n'est que l'esquisse d'une véritable présence au monde. Elle en fonde du moins la possibilité, elle établit notre premier pacte avec lui. Je peux bien m'absenter du monde humain et quitter l'existence personnelle, mais ce n'est que pour retrouver dans mon corps la même puissance, cette fois sans nom, par laquelle je suis condamné à l'être.”



cumplicidade, revela-se a minha existência corporal então como *esboço duma verdadeira presença no mundo*.<sup>414</sup> É uma existência que é sempre portadora de visibilidade, é existência a actualizar, é coexistência a realizar. O corpo é sempre o meio intermediário para que esse apelo conjunto se concretize. Existência corporal que permite que a minha experiência pessoal de ser desenhe permanentemente intenções minhas na tela de existência comum, onde a minha própria existencialidade se dimensiona pois eu sinto *continuamente a proposta de viver*<sup>415</sup>.

Assim, eu vivo o mundo, vivo no mundo, ajo, relaciono-me, comprometo-me com os *meus projectos, as minhas ocupações, os meus amigos, as minhas lembranças, eu posso fechar os olhos, estender-me, escutar o meu sangue que bate...*<sup>416</sup> O corpo mantém vivo esse outro cordão umbilical que me retém refém da vida, que me liga para sempre à realidade do mundo, referindo-me permanentemente a ele, situando-me teimosamente e, sem apelo, nele. E por muito que eu pretenda inverter o sentido direccionado para uma ‘experiência aberta’, e me isole e alheie do existir, o meu corpo fica sempre como garantia de uma identidade e garantia de que essa suspensão é provisória e a todo o momento pode retomar o fluir existencial, o realizar co-existencial. *É verdade que nós somos livres de aceitar e de recusar a vida; aceitando-a nós assumimos as situações de facto, -o nosso corpo, o nosso rosto, as nossas maneiras de ser – nós tomamos as nossa responsabilidades, nós*

---

<sup>414</sup> S., p. 193

<sup>415</sup> *Idem*, p.193 “ En tant qu’elle porte des « organes des sens », l’existence corporelle ne repose jamais en elle-même, elle est toujours travaillée par un néant actif, elle me fait continuellement la proposition de vivre, et le temps naturel, dans chaque instant qui advient, dessine sans cesse la forme vide du véritable événement. ”

<sup>416</sup> *Idem*, p. 192 “Même normal, et même engagé dans des situations interhumaines, le sujet, en tant qu’il a un corps, garde à chaque instant le pouvoir de s’y dérober. A l’instant même ou je vis dans le monde, ou je suis à mes projets, à mes occupations, à mes amis, à mes souvenirs, je peux fermer les yeux, m’étendre, écouter mon sang qui bat à mes oreilles, me fondre dans un plaisir ou une douleur, me renfermer dans cette vie anonyme qui soutient ma vie personnelle.”

*assinamos um contrato com o mundo e com os outros.*<sup>417</sup> Então, mesmo que eu inverta o sentido natural do meu direccionamento para o mundo e me concentre no interior referencial do meu corpo, *mesmo se eu me absorvo na prova do meu corpo e na solidão das sensações*<sup>418</sup>, estas testemunhariam sempre que a origem do seu brotar radicaria nos objectos que me cercam e nos momentos que alimentam o passado com a fugacidade do presente. Mas reconheçamos que o corpo não é o oásis da vivencialidade própria, cabe ao mundo esse papel, seja pela sua afirmação, seja pela sua negação. Se o corpo se isolasse inteiramente e se fechasse em si completamente, deixaria de existir para a realidade mundana. Mas isso implicaria um desajustamento irreversível e um corte sem regresso, o que é de todo impossível numa situação de regularidade. No caso de uma tal situação ocorrer, perder-se-ia a conexão definitiva com o mundo, o que desvirtuaria por completo a natureza do papel do corpo próprio: o de permitir a mundaneidade, o de ser ponte para a exteriorização existencial e motor vivencial.

Contudo, naturalmente esta possibilidade teórica é uma impossibilidade efectiva, a não ser numa situação-limite em que o corpo perca realmente o seu desempenho e seja impedido de facto de realizar o seu papel. Em circunstâncias normais da vida, há sempre o apelo do mundo, um apelo que pode soletrar uma fragilidade ténue de uma chama existencial. Mas mesmo aí, há a presença de um chamamento. Há o chamamento à relação com o exterior, à ligação com as referências externas, ao contacto com a humanidade disponível, nunca apagado por mais que esteja esbatido ou aparentemente suprimido, à abertura a experiências

---

<sup>417</sup> SNS., p.49

<sup>418</sup> P.P., p. 192“... même coupé du circuit de l’existence, le corps ne retombe jamais tout à fait sur lui-même. Même si je m’absorbe dans l’épreuve de mon corps et dans la solitude des sensations, je n’arrive pas à supprimer toute référence de ma vie à un monde, à chaque instant quelque intention jaillit à nouveau de moi, ne serait-ce que vers les objets qui m’entourent et tombent sous mes yeux ou vers les instants qui adviennent et repoussent au passé ce que je viens de vivre.”

infindas no reino do inesperado mundano. E se se dá a situação em que esta dinâmica se possa refrear e o mundo interior ganhe um desmesurado peso, desequilibrando abruptamente a balança da relação dialógica, então é porque o modo de essa relação se estabelecer se alterou, o sentido do meu relacionamento com o mundo mudou, ou de um outro sentido lhe tomou o lugar, implicando uma nova maneira de se situar nele. Mas o que isso revela, é que não foi a relação eu/mundo que perdeu o seu nexos, mas que a sua realidade se modificou, não a eliminando, apenas lhe alterando a forma. Isso não implica que o mundo tenha perdido o sentido em parte ou na sua totalidade, nem que o horizonte mundano se tenha definitivamente apagado. O que se constata é que, nessa situação, a fisionomia da relação ganhou outros contornos. E se ganhou outros contornos, isso não significa que tenha deixado de existir, apenas que mudou de figura. Porque o corpo será sempre expressão da *existência total*, *não que ele seja um seu acompanhamento exterior, mas porque ela se realiza nele* <sup>419</sup>. É ele que é sensível e dá voz ao seu apelo e é lugar de sensações, sejam elas interiores, próximas ou enterradas em recordações, sejam elas exteriores provindo das coisas. A simples realidade da existência dos órgãos sensoriais no corpo, já é a garantia fecunda e ilimitada de que a existência corporal não se feche em si mesma e esteja apta a responder a vontades e intenções. Estar permanentemente receptivo alimenta o sentido de alteridade que o existir desenha, é uma permanente proposta ao viver e revela uma permanente fisionomia de acção que impele a esse viver.

Note-se que esta existência corporal por onde passa a minha existência efectiva, não foi escolhida por mim, bem como o não foi este corpo próprio que transporta a minha identidade física. Mas este corpo que me suporta, que me sustenta e sustenta o edifício físico da minha existência pessoal é o lugar onde se dá o ‘*circuito da existência*’ <sup>420</sup>, que não desaparece mesmo que aquele deste fosse retirado. A minha experiência aberta ao mundo começará pela existência corporal,

---

<sup>419</sup> P.P., p. 193

<sup>420</sup> *Idem*, p. 192

esse plano orgânico que vai servir de contraforte ao edifício físico do meu existir, suportando os planos da afectividade e do relacionamento, provenientes da minha envolvimento no circuito mundano. A minha presença que nele vai emergindo é uma presença de uma particularidade muito própria: não uma presença de objecto inerte, mas uma presença de conexão, de diálise, que a acuidade sensorial do corpo permite. Eu posso sobrevalorizar um dos pólos deste diálogo e, desenhar a traço grosso uma esfera narcísica. Porém, mesmo aí, ao desvirtuar a natureza da relação primordial, que consiste nessa orientação natural para o mundo mediante os mecanismos corporais que lhe dão vigor, é notória a incompletude e carência desse desvirtuar. A existência corporal faz-se no exterior e como tal deve ser considerada. Ela estabelece a primeira possibilidade do co-existir, faz as apresentações, responde à atracção mundana, alimenta essa atracção, e, embora não tenha partido de mim a iniciativa de a criar, a sua efectiva realidade indica-me que me encontro na realidade do mundo. A concreticidade da existência advém dessa possibilidade objectiva de se assumir uma realidade do corpo, este considerado como manifestação visível do facto desse mesmo existir que me toca, como testemunha sólida da minha presença no mundo. Se o corpo exprime a existência e ambos se entrelaçam numa espacialidade comum, é porque ele não se limita a ser apenas um meio de expressão objectiva da existência própria. O corpo e a existência fundem-se, de modo que se o corpo habita a existência, esta habita aquele e daí germina uma existência corporal.

A existência do corpo exige o ser da existência. Nenhum de ambos tem qualquer prioridade numa hipotética hierarquia analítica. *Cada um pressupõe o outro e o corpo é a existência condensada ou generalizada e a existência uma incarnação perpétua* <sup>421</sup>. Nem um nem outra poderão exigir para si o estatuto de único identificador da originalidade do ser humano. Em ambos esta reside, que se solidifica na relação os mantém interdependentes: a generalidade da existência no

---

<sup>421</sup> P.P., p. 194

corpo, a inscrição do corpo na existência. Mas não cabe só ao corpo mostrar o *B.I.*<sup>422</sup> da minha existência. O seu estar é-o de um modo velado de exprimir a minha existência, ela manifesta o meu ser numa situação absolutamente específica e própria nas linhas de força da minha experiencialidade aberta ao mundo: aqui, agora, deste modo, como *um campo de experiência onde se desenham somente a família das coisas materiais e outras famílias, e o mundo como o seu estilo comum; a família das coisas ditas e o mundo da palavra como o seu estilo comum e, enfim, o estilo abstracto e descarnado do qualquer coisa em geral.*<sup>423</sup> Apesar da diferenciação, *eu comprometo-me com o meu corpo entre as coisas...*<sup>424</sup>. Mas se as coisas não fazem parte do meu mundo subjectivo, antes pelo contrário, são alheias, diferentes e exteriores a ele, bem como os outros que comigo se cruzam e transportam consigo distintos sentidos de viver, e se as coisas não são o resultado de uma qualquer interpretação minha, então fomentam com a sua presença uma atribuição de sentido que possam ter para mim, assim como os gestos e as palavras dos outros que comungam e comunicam a existência. E aí emerge o complemento do corpo, a palavra.

Se o corpo é o porta-voz da existência, a palavra é-o do pensamento. Se em cada momento o corpo *exprime a existência, é no sentido em que a palavra exprime o pensamento*<sup>425</sup>. Assim, a abertura ao mundo dá-se não só pelo corpo, mas

---

<sup>422</sup> *B.I.* = Bilhete de Identidade (N.A.)

<sup>423</sup> V.I., p. 149 «...un champ d'expérience ou se dessinent seulement la famille des choses matérielles et d'autres familles, et le monde comme leur style commun; la famille des choses dites et le monde de La parole comme leur style commun, et enfin le style abstrait et décharné du quelque chose en général»

<sup>424</sup> P.P., p. 216

<sup>425</sup> *Idem*, p.193“Si donc nous disons que le corps à chaque moment exprime l'existence, c'est au sens où la parole exprime la pensée. En deçà des moyens d'expression conventionnels, qui ne manifestent à autrui ma pensée que parce que déjà chez moi comme chez lui sont données, pour chaque signe, des significations, et qui en ce sens ne réalisent pas une communication véritable, il faut bien, verrons-nous, reconnaître une opération primordiale de signification ou l'exprimé n'existe pas à part l'expression et ou les signes eux-mêmes induisent du dehors leurs sens.”

igualmente pela palavra. De facto, a palavra é a realidade manifesta dos conteúdos invisíveis do pensamento. É a sua expressão que se abre à expressão dos outros. A palavra funciona como veículo que transporta a carga que se armazena no pensamento. Todavia, assim como o corpo não é simples intermediário para a mundaneidade de um ser, do mesmo modo a palavra não é um simples meio para dar voz ao pensamento. É ela própria pensamento, porque a palavra dá-se no pensamento e o pensamento dá-se na palavra. Tal como o que se vive não se vive exteriormente, vive-se no interior do empenho, o mesmo se passa com a palavra. A palavra não é simples intérprete presencial dos conteúdos do pensamento. É muito mais do que isso. É intermediário oficial, pertence aos órgãos de decisão, tem direito às honras oficiais e assume os compromissos. A palavra que fala não fala no vazio, é pensamento expresso. Pensamento que se formula não se formula sem a palavra silenciosa das imagens, das ideias, dos seus conteúdos simbólicos. E donde provém essa complexidade? Do facto de que eu não comunico com as palavras, as palavras não são o fim último da minha comunicação. Eu não comunico com as palavras de outrem, as suas palavras não são o objectivo da minha comunicação. As minhas palavras não encontram as palavras do outro e, desse modo, se ficam nesse estado intermediário. Pelo contrário, quando eu comunico com o outro eu estou por trás das minhas próprias palavras, e o outro está por trás das palavras que escuta. Do mesmo modo, o inverso também é válido. As palavras de um e de outro não são uma plataforma com identidade própria de comunicabilidade comum. Partilhamos a mesma plataforma linguística, mas as palavras, como não são um fim em si mesmas, fazem sobressair a sua natureza de serem fundamentalmente um meio de comunicabilidade relacional. E assim se cria um mundo artificial, feito de cultura, e culturas, cuja *diversidade não é um mostruário inerte ou um catálogo*

*empedernido*<sup>426</sup>, que não nasceu de raízes naturais, mas ganhou âmbito tamanho e uma natureza tão própria, que se transformou em casulo onde o homem habita, vive, cria a sua existencialidade de um modo tão natural como sempre tivesse existido como tal.

A partir do plano da realidade natural, o homem cria então o plano de uma realidade cultural e dele faz a sua casa. *A humanidade, tal como o jogador, não deixa de especular. Sem sempre o querer, e sem nunca exactamente disso dar conta, ela «monta negócios» culturais, lança-se em «operações de civilização»*<sup>427</sup>. E por essa plataforma de viver ele passeia o seu existir, concretiza a sua acção, recria a sua interacção existencial, partilha a sua capacidade inata de comunicar. Uma realidade “construída” que se tornou “natural” porque o homem a sobrepôs à realidade herdada, sendo que esta realidade natural, com a sua acção, agora lhe parece inusitadamente artificial. A linguagem, que melhor identifica a racionalidade criadora, ela própria cria um certo comportamento de mundo tornando pública uma experiência privada. Nessa medida, a linguagem adquire uma configuração que me integra e compromete numa exteriorização e numa comunicabilidade que *são uma só e mesma coisa, porque nada mais são do que a elevação de uma parte da nossa vida ao logos do discurso. De qualquer modo, a solidão da vida é aí iluminada por*

---

<sup>426</sup> LÉVY-STRAUSS, Claude, *Raça e História*, Lisboa, Vega, 2009, p.12 “...a noção de diversidade das culturas humanas não deve ser concebida de uma maneira estática. Esta diversidade não é um mostruário inerte ou um catálogo empedernido. Não há dúvida de que os homens elaboraram culturas diferentes em função da distância geográfica, das propriedades particulares do meio ambiente e da ignorância que mantinham acerca do resto da humanidade...”

<sup>427</sup> *Idem*, p.67

*um momento pela luz comum do discurso.*<sup>428</sup> Tanto é assim que a palavra se revê no pensamento que expressa, e este naquela. Na palavra, o pensamento instala-se, corrige-se e amplia-se. Se a coexistência implica comunicação e partilha, o pensamento implica expressão e palavra. Assim, o que se exprime não está divorciado da própria expressão que o exterioriza e o seu resultado é visível no próprio espaço de significação que lhe dá guarida. A experiência de mundo que eu revelo, ao partilhá-la pela palavra, faço-a presente aos outros, que por ela revelam e partilham igualmente a sua experiência de mundo. Por gestos, sons ou grafismos, o mundo dos outros *enriquece os nossos próprios pensamentos*<sup>429</sup>, contribui para o enriquecimento da minha própria mundaneidade. E a palavra que é pensamento que é palavra, encontra outras palavras, originárias de outras subjectividades de uma comunidade intersubjectiva espacializada no horizonte cultural e na dimensionalidade social. Desse modo se revela o *‘mistério da expressão’*<sup>430</sup>, fruto de um pensamento cujo sentido é transmitido ao mundo mediante a palavra. Por esta nele se projecta e por ela, possuidora de um *‘poder de significação’*<sup>431</sup> ganha existência exterior. A expressão de todos os sentidos no contexto do vivido permite

---

<sup>428</sup> RICOEUR, Paul, *Teoria da Interpretação*, Lisboa, Ed.70, 2009, p.34 “...a própria linguagem é o processo pelo qual a experiência privada se faz pública. A linguagem é a exteriorização graças à qual uma impressão é transcendida e se torna uma expressão ou, por outras palavras, a transformação do psíquico em noético. A exteriorização e a comunicabilidade são uma só e mesma coisa, porque nada mais são do que a elevação de uma parte da nossa vida ao *logos* do discurso. De qualquer modo, a solidão da vida é aí iluminada por um momento pela luz comum do discurso.”

<sup>429</sup> P.P., p. 208

<sup>430</sup> *Idem*, p. 447

<sup>431</sup> *Idem*, p. 212 “Les mots ne peuvent être les «forteresses de la pensée», et la pensée ne peut chercher l’expression que si les paroles sont par elles-mêmes un texte compréhensible et si la parole possède une puissance de signification qui lui soit propre. Il faut que, d’une manière ou de l’autre, le mot et la parole cessent d’être une manière de désigner l’objet ou la pensée, pour devenir la présence de cette pensée dans le monde sensible, et, non pas son vêtement, mais son emblème ou son corps.”



a realidade intersubjectiva da linguagem, realidade inesgotável, permanente e acolhedora de todos os sentidos, de todas as palavras, de todos os estilos, de todas as consciências, que assim vêm a luz do dia num ventre de coexistência mundano. As palavras que se libertam cruzam-se e entrecruzam-se, revelando subjectividades que se cruzam e entrecruzam formando uma tela relacional de existencialidades que falam de vida e reflectem vida. A mundaneidade que daí transborda apodera-se de uma intersubjectividade onde *Ego et alter ego têm um nascimento comum, uma mesma essência, e é por isso que eles comunicam*<sup>432</sup>. É nesse entrelaçar que se desenrola a comunicabilidade, e faz realçar nessa intersubjectividade aquilo que ela tem de significativo: a sua intencionalidade.

A palavra é palavra do meu pensamento, mas é palavra para o outro.

A palavra é expressão de uma ideia minha, mas uma ideia a ser ouvida por outro.

Assim, a minha intencionalidade torna-se presente no outro, a sua presente a mim. A linguagem que as unifica numa relação comunicativa é constituída por sentidos a serem apreendidos, compreendidos. O horizonte que, estruturalmente, *é sempre o de um sujeito e o mundo que me aparece sob a forma de dado horizonte, sob o ângulo de dada perspectiva, é válido para os outros eus. A minha perspectiva articula--se com as perspectivas dos outros sujeitos. Demais, este horizonte que se dilata ou contrai, é temporal, desenrola-se num tempo unidimensional, o tempo da vida humana, o tempo histórico.*<sup>433</sup> Receptivo a uma mundaneidade correlativa, as

---

<sup>432</sup> HENRY, Michel, *o.c.*, p. 9 “ C'est paradoxalement la vie qui en soi ne se réfère à rien d'autre qu'à elle-même, qui fournit le milieu ou s'accomplit toute intersubjectivité possible. Et le paradoxe est moins grand qu'il n'y paraît si c'est dans l'épreuve d'une subjectivité radicalement immanente que la vie parvient en soi, s'empare de son être propre. Ce par quoi un Soi est un Soi, la façon dont il se gonfle et s'accroît de lui-même, c'est aussi la façon dont vient originellement en lui tout ce qui peut l'affecter, l'« être » de l'autre notamment. Ego et alter ego ont une naissance commune, une même essence, et c'est par elle qu'ils « communiquent... ”

<sup>433</sup> MORUJÃO, Alexandre, *Estudos Filosóficos*, vol.II, Lisboa, INCM, 2004, p.28

vivencialidades próprias ganham expressão e confrontam-se com outras, ampliando a sua visibilidade, originando horizontes de visibilidade. Habitando o mesmo mundo, eu e o(s) outro(s) partilhamos a corporeidade do vivido e alargamos o nosso espectro mundano. Esse processo pode parecer estável pois *a palavra é capaz de se sedimentar e de constituir um adquirido intersubjectivo* <sup>434</sup>. mas, de facto, é dinâmico, parece permanente mas é evolutivo. Tal ocorrência dá-se pelo facto de a comunicação se realizar mediante essa mesma palavra, *‘palavra falante’* <sup>435</sup>, que se transformou em código linguístico e como tal pode ser entendida, compreendida, projectada, sempre que ela se cruza e surge no radar da comunicação dos que a entendem bem como no contexto que lhe dá guarida. A palavra identificada pode ser testemunhada e posta em comum. Sempre que a palavra, qualquer palavra, toda a palavra, atravessa o campo comum da comunicabilidade, ela é reconhecida e, como tal, partilhada. Mergulha na complexidade habitada pela língua a que pertence e mantém a fisionomia que a identifica e documenta este modo único de nos sentirmos unidos pela comunicabilidade entre uns e outros. É a mundaneidade na sua faceta humana que é comunicada, embora ela não possa ser entendida literalmente como a súpula de todas as participações de cada um, o resultado final do conjunto de relações que ganham voz na partilha vivencial.

---

<sup>434</sup> P.P., p. 221 “Ce qui est vrai seulement — et justifie la situation particulière que l'on fait d'ordinaire au langage — c'est que seule de toutes les opérations expressives, la parole est capable de se sédimer et de constituer un acquis intersubjectif. On n'explique pas ce fait en remarquant que la parole peut s'enregistrer sur le papier, tandis que les gestes ou les comportements ne se transmettent que par l'imitation directe.”

<sup>435</sup> *Idem*, p. 229 “Ou encore on pourrait distinguer une parole parlante et une parole parlée. La première est celle dans laquelle l'intention significative se trouve à l'état naissant. Ici l'existence se polarise dans un certain «sens» qui ne peut être défini par aucun objet naturel, c'est au-delà de l'être qu'elle cherche à se rejoindre et c'est pourquoi elle crée la parole comme appui empirique de son propre non- être.”

O mundo de que eu falo é o mundo em que eu vivo, o mundo que vivo. E se nele vivo, nele assento a minha presença, a minha identidade. De modo que se o mundo faz parte do cenário da minha vivencialidade, eu faço parte do cenário da sua realidade e nele me insiro com um certo estilo de ser e de viver. Eu não me encontro hermetizado num casulo egocêntrico. Isso não seria sinónimo de viver, não corresponderia à natureza do viver. Viver é não só existir, é *co-existir*, é expressar essa natureza pela expressão, é comunicar, é atrair e ser atraído pelos outros viveres. Só quem vive tem a potencialidade de comunicar e para comunicar é preciso viver, conviver. Tudo isso se processa no plano de uma experiencialidade aberta a múltiplas realidades que emanam da linearidade do quotidiano e da circularidade do fluxo comunicativo. É desse modo que a palavra expressa um mundo, expressa o mundo, essa realidade vivencial mergulhada num *confusão inextricável* <sup>436</sup>, tal como um inconsciente colectivo que a habita, os seus sentidos explícitos e implícitos, as significações disponíveis, as equivalências possíveis. Tudo isso constitui como que um *'fundo obscuro'* <sup>437</sup> realçado no carácter dúbio de certas expressões características, nos neologismos que vêm à tona, nas interpretações simbólicas, nessa motivação permanente e inesgotável de a manter viva, lúcida e procriadora.

O que é dito, se é entendido pode ser partilhado. Se partilhado é porque é comum e encontra ressonâncias nos outros que escutam. Palavra proferida, enraizada na vivencialidade, encontra ecos diversificados e os mais inesperados nos

---

<sup>436</sup> SNS.,p.46 “Chacun est totalement responsable, puisque, s'il avait agi autrement, les autres, à leur tour, l'auraient traité autrement, et chacun peut se sentir innocent puisque La liberté des autres était invisible pour lui et qu'ils lui présentaient un visage figé comme le destin. Il est impossible de faire le compte de ce qui revient à chacun dans le drame, d'évaluer les responsabilités, de donner une version vraie de l'histoire, de mettre en perspective les événements. Il n'y a pas de Jugement Dernier. Non seulement nous ne connaissons pas La vérité du drame, mais encore il n'y en a pas, pas d'envers des choses ou le vrai et le faux, le juste et l'injuste soient départagé Nous sommes mêlés au monde et aux autres dans une confusion inextricable.”

<sup>437</sup> P.P., p.272

interlocutores, exactamente porque as vivencialidades pessoais são igualmente diversificadas e abertas ao inesperado. Então, apesar das ressonâncias tão díspares que a palavra pode encontrar, é possível um entendimento, que ela procura, cria, fecunda, desperta. Ancorada no mundo<sup>438</sup> pelo corpo, a minha experiência aberta surge-me aparentemente como definitiva, o que se virá a revelar como ilusória. E embora seja verdade que *eu não estou diante do meu corpo, eu estou no meu corpo, ou antes eu sou o meu corpo*<sup>439</sup>, o corpo tem um tempo, a palavra tem o tempo do corpo, bem como o pensamento e a consciência originadora. Porém, até isso é muito relativo. O tempo do corpo pode não ser o tempo da palavra, como no caso de um estado de coma, por exemplo. Quanto ao pensamento e à consciência nada sabemos nesse caso. O tempo da consciência pode não ser o do corpo, nem o da palavra, como no caso de doenças tipo Alzheimer, Parkinson...

Assim sendo, a nossa inserção relacional mundana que parece definitivamente livre, mas pode ser condicionada. Parece íntima mas poder-se-á revelar constrangedora. Mas é sempre a minha inserção mundana que me dá a oportunidade soberana de vivencializar o '*movimento da existência*'<sup>440</sup> e manifestar

---

<sup>438</sup> P.P., p. 169

<sup>439</sup> *Idem*, p. 175 "En tant qu'il est devant moi et offre à l'observation ses variations systématiques, l'objet extérieur se prête à un parcours mental de ses éléments et il peut, au moins en première approximation, être défini comme La loi de leurs variations. Mais je ne suis pas devant mon corps, je suis dans mon corps, ou plutôt je suis mon corps. Ni ses variations ni leur invariant ne peuvent donc être expressément poses. Nous ne contemplons pas seulement les rapports des segments de notre corps et les corrélations du corps visuel et du corps tactile : nous sommes nous-mêmes celui qui tient ensemble ces bras et ces jambes, celui qui à la fois les voit et les touche."

<sup>440</sup> *Idem*, 160 "La vision et le mouvement sont des manières spécifiques de nous rapporter à des objets et si, à travers toutes ces expériences, une fonction unique s'exprime c'est le mouvement d'existence, qui ne supprime pas la diversité radicale des contenus, parce qu'il les relie non pas en les plaçant tous sous la domination d'un « je pense », mais en les orientant vers l'unité intersensorielle d'un « monde ». Le

a minha consciência *enquanto se projecta num mundo físico e tem um corpo, como se projecta num mundo cultural e tem hábitos* <sup>441</sup>. Situado num contexto de coisas, de mundo receptivo, eu encontro nele o campo que a existência me solicita. E se cabe ao corpo desenhar um estilo que é um modo próprio de viver a existencialidade, cabe à palavra, de uma forma estruturada, desenhar a minha existência, traçar a cor dos meus sulcos existenciais na tela do espaço mundano, e criar uma *modulação de existência* <sup>442</sup>. É a palavra que permite, de um modo mais ou menos expressivamente rico, mais ou menos literariamente sofisticado, direccionar-nos para a vivencialidade humana – natural, social, cultural, e, igualmente, orientar-nos numa ‘*experiência aberta*’ <sup>443</sup> de partilha do ser e de fuga ao vazio existencial. *A exclusiva fatalidade, o único defeito que pode afligir um grupo humano e impedi-lo de realizar plenamente a sua natureza, é estar só.* <sup>444</sup>

Contudo, há que recordar a não linearidade do existir e referir um aspecto complementar. É que *a existência não é uma ordem de factos (...) que pudéssemos reduzir a outros ou aos quais a pudéssemos reduzir, mas o meio equívoco da sua comunicação.* <sup>445</sup> De facto, afirmar que um determinado facto ou fenómeno tem uma

---

mouvement n'est pas la pensée d'un mouvement et l'espace corporel n'est pas un espace pensé ou représenté.”

<sup>441</sup> P.P., p. 160 “La conscience se projette dans un monde physique et a un corps, comme elle se projette dans un monde culturel et a des habitus : parce qu'elle ne peut être conscience qu'en jouant sur des significations données dans le passé absolu de la nature ou dans son passé personnel, et parce que toute forme vécue tend vers une certaine généralité, que ce soit celle de nos habitus ou bien celle de nos « fonctions corporelles »

<sup>442</sup> *Idem*, p. 225

<sup>443</sup> *Idem*, p. 229

<sup>444</sup> LÉVY-STRAUSS, *Claude, Raça e História*, Lisboa, Vega, 2009, p.69

<sup>445</sup> P.P., p. 194“ ...l'existence n'est pas un ordre de faits (comme les « faits psychiques ») que l'on puisse réduire à d'autres ou auquel ils puissent se réduire, mais le milieu équivoque de leur communication, le point où leurs limites se brouillent, ou encore leur trame commune. Il n'est pas question de faire marcher l'existence humaine « sur la tête ». Il faut sans aucun doute reconnaître que la pudeur, le désir, l'amour en

significação existencial não é sinónimo de o delimitar ao contexto participativo. Toda a existência veicula simultaneamente uma infinidade de múltiplos outros factos, porque ela é uma possibilidade infinitamente alargada enquanto meio que permite a sua manifestação numa liberdade que *permanece inteira, em mim como no outro, depois de cada falta, e faz de nós seres novos a cada instante*<sup>446</sup>. Mas isso também não invalida que cada um deles não possua uma natureza própria, que é essencialmente o modo como a própria existência ganha realidade parcelar. A existência é pois o meio onde decorre o jogo dos múltiplos existentes e das infindas possibilidades, a cuja abertura a experiencialidade de cada um se entrega. É que o mundo parece não existir só para mim. Apercebo-me de que eu não sou uma consciência isolada e que a mundaneidade não dá sinais de se esgotar em mim dado manifestar uma multiplicidade de consciências. Todas elas assentam a existência num corpo próprio, veículo privilegiado de uma consciência que se faz no mundo, que ganha consciência no mundo, que reconhece outras consciências, que vive o mundo e que o diz. O mundo assim enquadrado já não é um simples mundo fenoménico. Já é um mundo humano. E a minha existência já não o é de todo. É uma coexistência, tecida numa tela de relações e inter-relações.

Nessa totalidade englobante se revê a totalidade das coexistências que percorrem a mundaneidade. Coexistências de consciências que arrastam com elas *os seus próprios pensamentos*<sup>447</sup> para o mundo percebido e acrescentam mundos conceptualmente construídos. E essa intencionalidade originária da minha consciência revela-me como um ser para o mundo, para os mundos que a mim se

---

général ont une signification métaphysique, c'est-à-dire qu'ils sont incompréhensibles si l'on traite l'homme comme une machine gouvernée par des lois naturelles, ou même comme un « faisceau d'instincts », et qu'ils concernent l'homme comme conscience et comme liberté.”

<sup>446</sup> SNS., p.49

<sup>447</sup> P.P., p. 154

direccionam e em mim confluem. E tudo isso mediante a presença e contributo do corpo e a expressividade da palavra, ambos a revelarem o desejo, a liberdade, a própria consciência... Apesar de a minha realidade corporal pode sugerir que *eu posso ser visto como um objecto e que eu procuro ser visto como sujeito* <sup>448</sup> e nessa revelação de corpo material, orgânico, físico, poder der encarado como um objecto perceptivo para o olhar de outrem e desse modo ser assim entendido, a verdade é que a existência do corpo não se resume a esse plano físico. A existência corporal não vive num isolamento objectal porque se trata de *um corpo animado por uma consciência* <sup>449</sup>, faz-se presença porque emana por todos os poros o ser de uma realidade pessoal, é habitada por uma identidade, revestida por um estilo. A existência corporal testemunha que estamos intencionalmente orientados e abertos à mundaneidade e á dialéctica que desse compromisso resulta, fazendo este sobressair essa *tensão de uma existência para uma outra existência que a nega mas que sem a qual contudo ela não se sustenta.* <sup>450</sup> Daí a suspeita de que a nossa abertura à experiencialidade não é linear, clara e sempre sustentável. Pelo contrário, está inscrita na declarada atmosfera de ambiguidade já que *todo o compromisso é ambíguo, pois ele é simultaneamente a afirmação e a negação de uma liberdade: eu comprometo-me a fazer este serviço, o que quer dizer simultaneamente que eu poderia não o realizar e que decido excluir esta possibilidade.* <sup>451</sup> Este carácter nem a própria palavra elimina, complementada pelo facto de que, no terreno da existencialidade humana, a vida é alheia à univocidade, uma vez que tudo o que vivencializamos desabrocha sempre em pulverizados sentidos e direcções.

---

<sup>448</sup> *Idem*, p.195“ Dire que j'ai un corps est donc une manière de dire que je peux être vu comme un objet et que je cherche à être vu comme sujet, qu'autrui peut être mon maitre ou mon esclave, de sorte que la pudeur et l'impudeur expriment la dialectique de la pluralité des consciences et qu'elles ont bien une signification métaphysique.”

<sup>449</sup> P.P., p. 195

<sup>450</sup> *Idem*, p. 195

<sup>451</sup> SNS.,p.89

Constatamos que esse grau de indeterminação de que a existência é portadora vinca a sua disponibilidade e abertura ao inesperado e faz valer, por outro lado, o contraponto de originar, devido a essa sua natureza, uma proliferação de identidades, uma descontinuidade feita de realizações culturais, uma infinidade de estilos. Neste contexto simultaneamente tenso e rico, a abertura à mundaneidade vai-me permitir revelar a minha identidade ao livremente escolher, nos catálogos de realidades existências possíveis e imagináveis, um estilo de vida, portador de *entrelacements*, comportamentos, hábitos, motivações, realizações... completamente seduzido por uma *volubildade infatigável*.<sup>452</sup> *A existência no sentido moderno, é o movimento pelo qual o homem está no mundo, compromete-se numa situação física e social que se torna o seu ponto de vista sobre o mundo*<sup>453</sup>.

Enquadrado na tela do real, vivencio os meus gostos, dou lugar às minhas opções, revelo as minhas atitudes e os enquadramentos que lhe dão sentido, integro-me na atmosfera que a mundaneidade permanentemente cria e recria, projecto no seu domínio o domínio da minha consciência. Consciência dessa minha identidade, consciência da minha liberdade, consciência do meu querer numa *esfera de certeza absoluta onde a verdade não nos pode escapar. Tudo será verdade na consciência*.<sup>454</sup>

---

<sup>452</sup> S. p.341

<sup>453</sup> SNS.,p.89

<sup>454</sup> P.P., p. 433“...vouloir et savoir qu'on veut, aimer et savoir qu'on aime ne sont qu'un seul acte, l'amour est consciente d'aimer, la volonté conscience de vouloir. Un amour ou une volonté qui n'aurait pas conscience de soi serait un amour qui n'aime pas, une volonté qui ne veut pas, comme une pensée inconsciente serait une pensée qui ne pense pas. La volonté ou l'amour seraient les mêmes que leur objet soit factice ou réel et, considérés sans référence à l'objet sur lequel ils portent en fait, ils constitueraient une sphère de certitude absolue où la vérité ne peut pas nous échapper. Tout serait vérité dans la conscience.”



Inserido na textura mundana, *eu sou 'dado', isto é encontro-me já situado e comprometido num mundo físico e social* <sup>455</sup>, sinto na pele o ar da liberdade, esse poder fundamental que possuo de ser o sujeito de todas as minhas experiências <sup>456</sup>, vejo à minha frente opções de percursos por onde a corrente da existência em que mergulho me lança num devir constante, sou o representante absoluto de todas as minhas vivencialidades *a partir do momento em que o meu campo transcendental foi aberto, em que nasci como visão e saber, em que fui lançado ao mundo.* <sup>457</sup>

Emergindo numa iliadidade, a uma abertura *'neste fundo de existência dado'*, neste *'campo previamente aberto'* <sup>458</sup> e que pré-existe a esse meu emergir, eu posso nele fundamentar a minha experiência originária, decorrente das vivências que ocorrem na minha liberdade de acção. Este mundo que me é prévio, que já existe quando a vida nele me faz presente, está carregado de significações. Significações, quer de ordem individual, quer de ordem colectiva. E a minha liberdade, condição de ser que me é oferecida porque faz parte da natureza que me afirma como possuidor de racionalidade, é uma liberdade inserida mas condicionada. Este

---

<sup>455</sup> P.P., p. 413 “ *Je suis donné*, c'est-à-dire que je me trouve déjà situé et engagé dans un monde physique et social— *je suis donné à moi-même*, c'est-à-dire que cette situation ne m'est jamais dissimulée, elle n'est jamais autour de moi comme une nécessité étrangère, et je n'y suis jamais effectivement enfermé comme un objet dans une boîte.”

<sup>456</sup> *Idem*, p. 413 “ Ma liberté, le pouvoir fondamental que j'ai d'être le sujet de toutes mes expériences, n'est pas distincte de mon insertion dans le monde. .”

<sup>457</sup> *Idem*, p.413 “ C'est pour moi une destinée d'être libre, de ne pouvoir me réduire à rien de ce que je vis, de garder à l'égard de toute situation de fait une faculté de recul, et cette destinée a été scellée à l'instant ou mon champ transcendental a été ouvert, ou je suis né comme vision et savoir, ou j'ai été jeté au monde.”

<sup>458</sup> *Idem*, p.410-411 “ En tant que je suis né, que j'ai un corps et un monde naturel, je peux trouver dans ce monde d'autres comportements avec lesquels le mien s'entrelace (...). Mais aussi en tant que je suis né, que mon existence se trouve déjà à l'œuvre, se sait donnée à elle-même, elle demeure toujours en deçà des actes ou elle veut s'engager, qui ne sont pour toujours que des modalités siennes, des cas particuliers de son insurmontable généralité. C'est ce fond d'existence donnée que constate le *cogito*: toute affirmation, tout engagement, et même toute négation, tout doute prend place dans un champ préalablement ouvert...”

condicionamento não a nega, porém, embora exija compromisso, entre o querer e o poder, entre o contingente e o possível. A escolha a que a liberdade me remete, é uma escolha decorrente do âmbito de mundaneidade em que me insiro, mas dentro desse contexto, a minha liberdade assume-se, ou pode assumir-se, plenamente. Não perde legitimidade porque restrita a um contexto dado e pode assumir sempre a diferença, apenas a sua realização se faz num horizonte pré-estabelecido. E isso, porque apesar de a realidade parecer mostrar-se em tons deterministas, contraditoriamente a esse cenário primário ela casa-se permanentemente com o inesperado. Se esta minha liberdade é uma liberdade relativa, sinónima de contingência, também é criadora, emergente num plasma mundano, que parecendo fixo, é mutável e carente de movimento.

Mas a mundaneidade não é uma soma quantitativa de modos existenciais de percorrer o mundo. É mais um modo muito particular e muito finito, feito de vivencialidades irrepetíveis, de nele se inserir e no mundo se posicionar. Pode ser desconcertante esta aparente singularidade do nosso existir, mas, de facto, é-o de uma forma rica e complexa na forma como conjuga constância e imprevisibilidade. Contamos com a realidade sólida do corpo para lhe dar raízes. Contamos com o luxo simbólico da palavra para lhe dar voz, para expressar o que se vive, para estimular o que se quer viver. Contamos, neste gesto fonético, com os outros, sejam eles ‘*dois*’ ou ‘*três*’<sup>459</sup>, que escutam para dimensionar a realidade e a razão de ser desse mesmo processo. O corpo veicula então, para além da palavra, uma realidade existencial que me habita e habita por inerência a própria realidade que emito. E a palavra vai ser porta-voz não só de uma realidade interior, mas igualmente da realidade exterior que

---

<sup>459</sup> HEIDSLECK, François, *o.c.*, p.85/86 “*Deux signifie le combat mortel ou l'amour fou (...).Trois symbolise l'échec de La communion unitive, nous rejette vers La courageuse assumption du compromis. Au fond (...) c'est lorsqu'on est trois que chacun est le plus seul, devant les autres. Mais précisément La condition des hommes, c'est cette « situation triangulaire », dont il est malaisé, impossible peut-être, de s'évader.*”

é agora vivenciada. O que se pensa é falado, o que se vive é falado e, desse modo, eu, como ser de palavra experienciada, enquanto ser de experiência comunicada, sou o elo de ligação entre linguagem e realidade, entre pensamento e mundo, e socorro-me do corpo para realizar essa tarefa. Estabeleço essa função intermediária para dar existência à palavra que sem a realidade ela não possui. Assumo esse papel para dar voz à realidade existencial que, sem a palavra é muda, instintiva, não cultural. É deste modo que uma consciência se torna visível no plano mundano mediante a plataforma física do corpo e a realidade comunicativa da palavra.

Assim, eu sou, não *esta pessoa, este rosto, este ser finito, mas um puro testemunho, sem lugar e sem idade, que pode igualar em poder a infinidade do mundo.*<sup>460</sup> Sou situado enquanto portador de uma realidade corporal com a qual mantenho a minha integridade na integridade constante do meu relacionamento com esse mesmo mundo. Esse relacionamento traz-me por contraposição, e não necessariamente por oposição, a existencialidade de outros seres que comigo partilham este estar no mundo. É obrigatório, embora não se trate de nenhuma obrigatoriedade, que entre nós se estabeleça uma dialéctica natural decorrente quer do posicionamento que cada um possui como presença mundana, quer de uma racionalidade vigorosa, expressa numa consciência permanente e atenta a este fenómeno da existência, ou mais propriamente, ao fenómeno do co-existir na dita relação eu-outro, e a sua natureza espai-se pela indefinição e o inesperado. Se falar de racionalidade é remeter para a interioridade de um domínio, o domínio da subjectividade, contudo, é imperioso não perder de vista a mundaneidade, o outro que lá fora se situa, se mantém e espera naturalmente que a relação não se perca e não perca o seu sentido. *Se eu me reduzo à percepção de uma interioridade*

---

<sup>460</sup> SNS.,p.51“ Je suis donc une conscience, une présence immédiate au monde, et il n'est rien qui puisse prétendre à être sans être pris de quelque façon dans le tissu de mon expérience. Je ne suis pas cette personne, ce visage, cet être fini, mais un pur témoin, sans lieu et sans âge, qui peut égaler en puissance l'infinité du monde.”

*absolutamente presente a ela mesma, o alter ego torna-se inconcebível*<sup>461</sup>. Assim, essa correlação é imprescindível para que as significações próprias sejam sempre profícuas no seu germinar mundano, e para que as significações alteres alarguem o espectro relacional com a presença das diferenças. Contudo esta questão não se pode quedar pela constatação dessa incontornável co-relação eu-outro. Com efeito, a sua simples constatação já levanta problemas significativos.

Em primeiro lugar, se o outro está à distância de mim, da minha consciência, como é que a sua presença se me torna presente?

Em segundo lugar, como posso eu conhecê-lo na exterioridade da diferença?

Em terceiro lugar, como posso eu reconhecer o universo da sua subjectividade?

*Como a palavra “Je” se pode pôr no plural, como se pode formar uma ideia geral de um “Je”, como posso eu falar de um outro “Je” que não o meu, como saber que há outros “Je”, como é que a consciência que, por princípio, e como conhecimento dela mesmo, está no modo do “Je”, pode assumir o modo do “Toi” e através dele o modo do “On” ?*<sup>462</sup>

Explicitemos. O mundo é-me dado perceptivamente como algo exterior a mim, à minha interioridade, e como tal um mundo de coisas e seres povoando o plano circundante que me envolve. Relativamente às coisas, a sua natureza de coisa não me levanta problemas. Quanto aos outros, seres como eu de consciência, quase que os tenho de considerar como objectos exteriores a mim, na medida em que se situam fora da minha privacidade racional. Supondo que eles entendem do mesmo modo que eu e vivem o mesmo problema, terei eu de me assumir como

---

<sup>461</sup> DE WAELEHENS, Alphonse, *La philosophie et les expériences naturelles*, La Haye, Martinus Nijhoff, 1961, p 122

<sup>462</sup> P.P., p. 400-401

exterioridade para poder ser enquadrado na sua perceptividade objectal. O que se torna para mim paradoxal: não posso ser uma interioridade e uma exterioridade ubiquamente, um eu e um outro, em simultâneo. Porém, talvez se possa entender este desdobramento se se considerar que não é dissociativo, porque não perde ou altera identidade, nem nexos identificadores. E a perspectiva pontyana trará luz à questão. Entende o filósofo que *há dois modos de ser e dois somente: o ser em si, que é dos objectos situados no espaço, e o ser para si, que é o da consciência*.<sup>463</sup> Traz-nos isto a esperança de ultrapassarmos a contradição? Evidentemente, se considerarmos que *o sujeito que se sente constituído no momento em que ele funciona como constituinte, é o meu corpo*<sup>464</sup>. É então o corpo o lugar de encontro da dicotomia, do em-si e do para-si, do plano da objectividade e o da subjectividade. É então o corpo *que percebe o corpo de outrem e nele encontra como que um prolongamento miraculoso das suas próprias intenções*<sup>465</sup>. E há algo mais se perfila e que me diz respeito, ao qual eu não me posso furtar nem recusar: o outro já é presença prévia à minha constatação da sua presença, já aí está situado no plano mundano em que eu igualmente me encontro, já era um existente antes da sua existência na minha consciência perceptiva. Apesar disso, continua a manter-se inalterado o facto de que o outro não deixa de me aparecer, tendo em conta que *ser é aparecer, numa reciprocidade entre ser percepcionante e ser percebido*<sup>466</sup> na geo-

---

<sup>463</sup> P.P., p. 401-402

<sup>464</sup> S., p. 117

<sup>465</sup> P.P., p. 406 “...l'autre corps n'est plus un simple fragment du monde, mais le lieu d'une certaine élaboration et comme d'une certaine « vue » du monde. Il se fait là-bas un certain traitement des choses jusque-là miennes. Quelqu'un se sert de mes objets familiers. Mais qui? Je dis que c'est un autre, un second moi-même et je le sais d'abord parce que ce corps vivant a même structure que le mien. J'éprouve mon corps comme puissance de certaines conduites et d'un certain monde, je ne suis donné à moi-même que comme une certaine prise sur le monde; or, c'est justement mon corps qui perçoit le corps d'autrui et il y trouve comme un prolongement miraculeux de ses propres intentions, une manière familière de traiter le monde.”

<sup>466</sup> CANTISTA, Maria José, *o.c.*, p. 16 “... ser é aparecer, numa reciprocidade entre ser percepcionante e ser percebido. Eu percepciono na medida em que sou percepcionado, do mesmo modo que, no âmbito

espacialidade dada. Trata-se mais de alguém que partilha um tempo e um espaço comum, tem consciência desse contexto e nele se projecta com intencionalidade.

A partir dessa plataforma comum, e imbuído de natureza semelhante, parto ao seu encontro com a possibilidade na bagagem de um efectivo relacionamento, uma vez que nos encontramos imersos no mesmo volume mundano. Mais próximo se tornará o mundo e a minha existencialidade ganhará as cores de uma envolvimento universalizante. A ligação dinâmica às coisas alarga-se a uma acção relacional com os outros e o *pour-soi* estende-se a um *pour-autrui*, contando sempre com cumplicidade da paisagem mundana feita pano de fundo que se entrelaça entre nós e permite que a articulação das nossas vivencialidades ocorra numa expressividade sempre presente e sempre possível. Porque *sustentar com efeito que antes do reconhecimento do outro, o “Je” está só, é já situá-lo em relação a um outro, é conceber um meio onde outros poderiam tomar lugar. A verdadeira solidão não é isso, mas ela se produziria se o outro não fosse concebível. Para estar absolutamente só, seria necessário nunca o saber, tal seria a condição da nossa solidão total. É mesmo esta ignorância que será a nossa solidão.*<sup>467</sup> O horizonte mundano serve então de cenário onde se desenha a minha subjectividade, onde se cruza com a subjectividade dos outros e nessa projecção comum se recorta uma intersubjectividade anónima e visível. E essa intercomunicabilidade em nada dilui a minha própria presença no mundo. *É claro que Merleau-Ponty concebe a subjectividade como fundada sobre um horizonte, um ‘campo permanente’, onde a dimensão de existência pessoal, nó de uma historicidade pessoal e de uma generalidade universal do ‘cogito’ que é sempre troca e diálogo com o mundo, a*

---

ontológico de *O visível e o invisível*, eu vejo, na medida em que sou visto, eu toco, na medida em que sou tocado.”

<sup>467</sup> RENAUD, Isabel.C.R., *o.c.*, p. 56

*coisa e o outro, não perde nunca a presença própria.*<sup>468</sup> Essa troca e esse diálogo são irrecusáveis e deles não nos podemos evadir.

A linguagem aí está para a expressividade de um *cogito falado* revelador de um *cogito tácito*<sup>469</sup>, provida de licença para se fazer verdadeira na sua singeleza complexa de, por sinais, símbolos, metáforas, dar a revelar a força que se projecta de nós para penetrar essas mesmas trocas e diálogos com o mundo, as coisas, o outro. Ela vai tornar visível as ressonâncias nos trilhos de uma consciência que percepção e experiencia o mundo, que percepção e expressa, que experiencia e expressa. Com estes dois correlatos, contando com a cumplicidade do corpo próprio, se escreve o capítulo de uma existência, permitindo que a visibilidade ganhe dicibilidade e a dicibilidade visibilidade, mesmo não compreendendo de todo como pode *haver uma comunicação antes da comunicação e enfim uma razão antes da razão.*<sup>470</sup> Por mais que se revele nas formulações teóricas ou conceptuais, na arte, na literatura... não abre as cortinas do segredo que a alimenta, nem sequer a revelação de um esboço desse segredo se deve procurar no sentido que a habita, seja ele um sentido diluído, escondido, porventura mais vedado, mas sempre lactente por mais que pareça claro. Porque mesmo quando ele é claro na significação, não o é ou pode não o ser, na intenção, na motivação, na modulação.

É que entre o que sou e o que é o mundo experienciado, a correspondência não é obrigatória, por mais que lhe seja necessária. Há sempre uma plataforma de ser, por trás da linguagem, pois *é o ser que fala em nós e não nós que falamos do ser.*<sup>471</sup>, ser que habita o silêncio. Mas, por isso mesmo, *caminhar juntos, tal é por*

---

<sup>468</sup> RENAUD, Isabel.C.R., *o.c.*, p. 58

<sup>469</sup> P.P., p.462 “ Par delà le *cogito* parlé, celui qui est converti en énoncé et en vérité d’essence, il y a bien un ‘cogito’ tacite, une épreuve de moi pour moi (...) Le *cogito* tacite, la présence de soi à soi, étant l’existence même, est antérieur à toute philosophie, mais il ne se connaît que dans les situations limites où il est menacé: par exemple dans l’angoisse de la mort ou dans celle du regard d’autrui sur moi.”

<sup>470</sup> P.M., p. 79

<sup>471</sup> V.I., p. 247

*assim dizer o destino comum da palavra e do silêncio, porque o silêncio precede a palavra, a acompanha e a habita no próprio momento em que ela se exhibe, e a envolve mesmo quando ele se revela*<sup>472</sup>. Exposição obrigatória mas não forçada, pois *o silêncio não é de modo algum prisioneiro da linguagem constituída, porque como mediação, ela não pode apropriar-se do que mediatiza*.<sup>473</sup> Clara e apodíctica é a necessidade de contar com ambos para que o encontro com os outros ganhe para ser compreendida, testemunhada. Até aí está remetida ao bunker de um pensamento fervilhante, também ele povoado de silêncio, mas de um silêncio que é um fundo onde se podem perfilar todas e quaisquer subtilezas de reflexão. O silêncio expressivo é um intervalo possuidor de sentido, complemento imprescindível para dar peso, tensão e fulgor ao expresso. É componente da linguagem, é linguagem dentro da linguagem. Todavia, se o pensamento postula a linguagem, esta estimula o pensamento e ambos fazem crepitar o fogo da interrogação assegurando a correlação mundana fundeada no cruzamento do real e do simbólico, de concreticidade e simbolização, da expressividade e da reflexão, do exterior e do interior, faces reversíveis do mesmo compromisso: o de mergulhar e partilhar o mundo, um mundo que se transforma ao fazer-se cultura.

Mas a realidade sensível é tesouro vivo mas não explícito nem a descoberto. A fronteira que permite a coincidência entre mim e os outros conduz à partilha comunicativa é à palavra. E é nesta partilha que se desenrola plenamente o fenómeno da comunicabilidade humana. A partir do momento em que a palavra se diz, ela dá acesso ao compreender e quando este se realiza, então aquilo que era particular passa ao domínio da generalidade e o que era pessoal ganha foros de impessoalidade. A palavra não é posse de ninguém e a sua corporeidade na linguagem também o não é. A palavra está ao dispor de todos, todos os dias em que

---

<sup>472</sup> RENAUD, Isabel C.R., *o.c.*, p. 79

<sup>473</sup> *Idem*, p.79



o sol nasce para o dia, em todo o lado. As palavras que parecem vir com o vento da comunicabilidade assentam arraiais na expressividade de cada um para a seguir se voltarem a libertar e a continuar a sua trajectória infinda, sempre mais ampla, mais enriquecida, mais complexa. Evidentemente não é a plástica formal da linguagem das palavras que está aqui em evidência, mas o que elas veiculam, o significado que lhes está agregado, esse sentido que se espraia pelos ouvidos de quem o escuta, de quem o capta, de quem o merece. É o sentido de um pensamento que se veste e reveste de palavras para poder pernoitar na intersubjectividade. E a intersubjectividade tem esse dom de permitir a identificação, uma espécie de reflexo no espelho da partilha comunicativa. Esta vai-se constituindo num bolo de significações que se relacionam e inter-relacionam como se se tratasse de vasos comunicantes. Daí a palavra ser *de todas as funções do corpo a mais estreitamente ligada à existência em comum, ou, como dizemos, à coexistência*<sup>474</sup>.

Porém, a palavra não possui uma lógica clara no seu conteúdo, não é linear o seu sentido, não é deliberadamente lógica no seu significado. Embora tenha uma correspondência de sentido que lhe dá identidade e impede que se perca por mais que habite e seja propensa a contextos de uso diferentes, porém, essa correspondência não é suficiente para definir com rigor o seu significado e a sua indeterminação. E há a acrescentar a tudo isto, o facto de a própria palavra sofrer a erosão das vezes que é dita, que é pronunciada, que é escrita, até não ser mais lembrada, até ser esquecida. Porque a palavra também morre, faz parte do organismo vivo que é uma língua, o *código ou o conjunto de códigos - sobre cuja base falante o particular produz a parole como uma mensagem particular*<sup>475</sup>, corpo simbólico em contínua transformação porque os seus agentes são seres igualmente em transformação, porque os contextos que habita estão em igualmente em transformação. Daí a dificuldade em definir com precisão e rigor as significações que brotam da palavra, porque a essas que possamos encontrar ou que estejam

---

<sup>474</sup> P.P., p. 187

<sup>475</sup> RICOEUR, Paul, *Teoria da Interpretação*, Lisboa, Ed.70, 2009, p.13

standardizadas como lhe pertencendo, há sempre a probabilidade próxima de outras lhe serem acrescentadas. E isso não é propriamente previsível nem previamente definido. O seu valor de emprego está então relativamente determinado e pode ser sempre alterado quando os contextos a isso apelam. Compreende-se assim que a linguagem acabe por espelhar nessa mobilidade quase orgânica de significações, a própria intersubjectividade, ela mesma organicamente móvel, determinada por uma intenção de comunicar e pela realização dessa expressão.

Acaba por ser o tempo da cultura a evidenciar esse desenrolar que não é localizado, nem gratuito. Não é localizado porque não é possível procriar às claras a existência de um qualquer neologismo ou a decomposição histórica de uma língua, por exemplo. Não é gratuito, porque por trás de toda a expressividade está o desejo sério de comunicar, e isso tem um preço psico-linguístico. Assim, a palavra que fomenta o meu contacto com os outros *longe de ser o simples signo dos objectos e das significações, habita as coisas e veicula as significações*<sup>476</sup>. As significações que por ela transitam não se confinam à esfera da sua exterioridade, elas extravasam o que está já constituído, nesse contributo comum de veicular um sentido e darem lugar a um *encantamento*.<sup>477</sup> Por trás da aparência de uma verbalização, despoletada pela necessidade impulsionadora de comunicar que se faz permanente e acessível no seu desenrolar diário na mundaneidade trepidante concreta, existe o transporte de um sentido vertido pelas palavras forjado na realidade de uma partilha que não é propriedade de empréstimo e não definitiva. Ser, simultaneamente, meio e lugar não é propriamente uma matriz de identidade a mais indicada para a palavra. Dois papéis para uma só identidade cria problemas, despoleta uma certa falta de clareza. Enraíza em si estruturalmente o carácter expressivo de toda a comunicabilidade, mas projecta para fora de si, porque lhe escapa o controle total do sentido, aquilo que

---

<sup>476</sup> P.P. 207

<sup>477</sup> *Idem*, p. 209 “La fin du discours ou du texte sera la fin d’un enchantement.”

comunica. Dito de outro modo, a experiencialidade encontra sempre na linguagem terra fértil para dar lugar ao encontro, mas o comunicar é simultaneamente palpável e ambíguo. Quer os contextos, quer os sujeitos, vão captar e dar nuances diversas ao captado, adaptadas à vivência de mundo que lhes é adstrita. Portanto, palavra que é lançada ao vento da significação é formalmente comum, mas enigmática na sua realização.

Pode, contudo, evitar o colapso da incomunicabilidade e dar expansão, notoriedade e utilidade à dimensão da exterioridade mundana fomentando a descoberta da alteridade na realidade da troca. A palavra deve falar ao mundo, ser do mundo, passear-se no mundo, revelar ao mundo o que se passa na virtualidade íntima do pensar. E a sua tarefa é subtil, a de lidar com duas realidades desmesuradas: a da consciência que é terreno movediço, virtual, criador, invisível, inspirado, inesperado; a do mundo que é terreno movediço, de um concreto possível, aberto, visível mas mutável e igualmente inesperado. Incontornavelmente, apesar de modular nesse *teclado de significações adquiridas*<sup>478</sup> que é o mundo linguístico, ela tem que radicar no corpo para se dar ao mundo concreto e assim viabilizar uma presença reveladora de uma identidade que será proposta a toda uma alteridade mundana, contraponto essencial para que seja palavra de, e palavra para. Só na medida em que é *palavra para* é que se revela *palavra de*. Num deserto de comunicabilidade essa matriz não teria viabilidade. É na medida em que permite a concreticidade de uma correlação efectiva é que a palavra demonstra todo o seu potencial transformador.

Fazendo do mundo natural um mundo cultural, e do cultural, história, a palavra interpela, informa, revela, sugere, questiona, sussurra, altera. Contará com o corpo para essa tarefa, o qual, além de a creditar verdadeiramente no mundo, é ao mesmo tempo intermediário não mudo que viabiliza o que ela quer dar a conhecer levando uma consciência fermentada a irromper pelos mares da possibilidade real. E onde há comunicabilidade, há encontro fundeado no que se faz comum. A sua

---

<sup>478</sup> P.P., p. 217

manifestação servirá como gérmen de um fruto virtual, lançado ao ar na planície mundana e colhido no cesto de uma existencial partilha. Esta não pode ser ignorada porque ela é projectada na tela sonora que envolve os que lhe são presentes. Pode não ser entendida, mas não pode ser ignorada, porque o seu sentido é susceptível de ser sempre recuperado, porque exposto. Esse sentido advém exactamente de uma consciência a qual, pela porta da perceptividade, tem a possibilidade de aceder e ter também um mundo. Se este apela à sua atenção, ela interroga-o. Não está definido quem começa essa relação, se a consciência sob a mola da intencionalidade, se o mundo sob o pretexto do reconhecimento. Porque o mundo só é promessa se for prometido a alguém, e a consciência só é projecto se houver uma dimensionalidade que corresponda à sua demanda. Mas respeitemos as diferenças: o mundo existiria independentemente de haver ou não uma consciência, mas convenhamos que este não seria o mesmo mundo, faltar-lhe-ia esse elemento narcísico no pretexto de uma consciência.

Sendo assim, temos uma consciência, um corpo que lhe dá guarida, o mundo que dá guarida ao corpo, corpo que justamente com a consciência coloca um sujeito no mundo, sujeito de mundo que encontra outros sujeitos de mundo que com ele partilham e coabitam esse mesmo mundo. Forjam-se então dialécticas reveladoras de circularidades.

Uma primeira circularidade estabelece-se nas lianas que envolvem a minha consciência com o meu corpo.

Uma segunda justifica-se porque eu sou um sujeito envolvido no mundo numa relação estreita e dependente.

Uma última tem lugar dado a minha situação no mundo contemplar o encontro com outros sujeitos que igualmente nele se situam.

Analisemos a primeira circularidade. Há uma consciência que, mediante o contributo perceptivo corporal atinge a esfera do mundo. E o que é que a consciência

percebe? Como se estabelece esse perceber intermediário? Como nasce toda a conceptualização daí resultante? Como se constitui a partir daí um sujeito perceptivo? Como ganha ele consciência dos conteúdos mundanos? Uma visão empirista salientará a existência de uma relação de causalidade que se esbate sobre o sujeito perceptivo na medida em que, como ele próprio é objecto mundano, sofre sobre si essa acção. Do outro lado, uma posição intelectualista estabelecerá uma dicotomia entre um sujeito/pensante e um sujeito/corpo mundano inserido e dependente da mecânica do mundo. Com essa divisão coloca o sujeito perceptivo dissociado do segundo e simultaneamente senhor de uma consciência associada a esse corpo, que radica fisicamente no mundo, mas no qual se sente deslocada porque de diferente natureza. Destas duas abordagens decorrem dois modos diferentes de considerar o enquadramento da consciência neste âmbito: a primeira perspectiva considerará uma passividade óbvia, a segunda uma actividade questionadora e operante que, como que, sobrevoa o mundo. A par destas diferenças identificadoras, estas duas visões possuem na raiz algo de comum: consideram o corpo próprio como um objecto na espacialidade mundana e, como tal, situado entre outros objectos que, como ele e com ele se destacam no radar da visibilidade. E salienta-se então a sua natureza redutora e bipolar. O corpo é algo mais do que um corpo físico, fisiológico. É o terreno onde radica a minha existencialidade. Como vimos, ele não é um objecto, não é um objecto entre outros objectos. É portador de consciência e vive em situação mundana, vive uma realidade contextual que transpira mundaneidade. O corpo próprio vivencia a sua radicalidade no mundo, experienciada por exemplo na situação de perda de um membro, um braço ou uma perna. Pessoas que vivem essa limitação falam em termos que indiciam continuar a contar com esse membro já inexistente, na medida em que dizem continuar a “senti-lo”. Não poderemos legitimamente considerar como verdadeiramente esclarecedoras e correctas explicações de ordem fisiológica ou psicológica que se fundam numa neuro-reflexividade, no primeiro caso, e num condicionamento mnésico no segundo. Há algo mais para lá dessas explicações parcelares. O corpo próprio não é só sentido, é vivido e é nessa medida que armazena em si toda uma história pessoal: esse membro

em falta partilhou momentos de infância em que foi naturalmente usado, muitos jogos transpirados, muitos movimentos executados, muita cumplicidade psicomotriz assumida. O corpo deve ser pois perspectivado como o modo privado de um sujeito se inserir na exterioridade, de nela se manifestar, de nela mergulhar a sua presença e projectar o seu ser. É desse modo que ele se apresenta como consciência ao mundo e como consciente do mundo. Nessa medida, não faz sentido falar de uma consciência por um lado e de corpo, por outro. A consciência é corporal, o corpo é consciente de si como tal. A consciência estende-se pelo corpo na praia mundana, e no mundo o corpo se manifesta conjugando, a par de uma mecânica realidade psicofisiologia complexa, uma realidade pessoal portadora de consciência vivencialmente inserida e expriencializada. Portanto, é parcelar a explicação que se limita a dimensionar uma causalidade restrita ao ter em conta um enquadramento que faz do corpo uma realidade física de uma organicidade interna que se adapta a uma realidade física externa, e não o considerar como uma realidade que vive e se vive na mundaneidade a que está exposto. Só deste último modo é que é possível compreender efectiva e globalmente a nossa existência corporal na viagem pela nossa existência pessoal. É o nosso corpo que realiza a psicomotricidade que gerimos nos diferentes enquadramentos espaciais a que somos sujeitos e todo o tipo de acções são possíveis porque o campo prático mundano a isso apela e isso exige para que se efective a nossa inserção e adaptabilidade na realidade física. Assim, um membro-fantasma cuja vivência ainda se repercute na vivencialidade quotidiana e encontra eco na realidade corporal faz prova de que afinal o corpo é reflexo de um sujeito intimamente ligado ao espectro mundano e que, pelo corpo, realiza a intencionalidade permanente que transporta. Revela simultaneamente como uma expressividade englobante conta com o corpo como corpo fenomenal, como o modo muito particular de eu me afirmar presencialmente no mundo. E nele tudo contribui para se efectivar essa presença, mediante uma realização objectivada e relacionadora.

Compreendemos como a consciência é corporal e o corpo é consciente de si. A perceptividade que o corpo permite à consciência desloca-a de uma interioridade a que estaria condenada e fá-la presente ao, e no, mundo. É a consciência ampliando a dimensionalidade objectal do corpo, impulsionando-o, por sua vez, para uma realização que implica o corpo todo e que a mola da subjectividade condiciona. Estreita-se desse modo uma intimidade que relaciona corpo e consciência, uma intimidade única e identificadora na figura de um sujeito que tem um corpo, mas um corpo que tem uma consciência. Não faz sentido entender de outro modo esta relação porque a seiva da sua existencialidade passa não pela racionalização pensada do seu estatuto mas por um enraizamento mundano. E isso justifica-se pelo facto de que considerar o corpo separado da consciência é remetê-lo, embora não declaradamente, para o plano objectal, quando deveria não ser entendido como mais um bio-mecanismo complexo na complexa habitabilidade mundana. Nesse contexto, possui, por exemplo, um significado diferente a foto de uma pessoa em pose individualizada, da foto dessa mesma pessoa num enquadramento plural de Spencer Tunick onde, sem deixar de ser pessoa, é menos pessoa, sem deixar de ter expressão é um elemento com expressão menor, contribuindo em escala reduzida para um todo ele sim de expressão simbólica maior. É individualmente despersonalizante e essencialmente empobrecedor mas compensado por um apelo conceptual globalizador. Por seu lado, uma foto de corpos mortos caídos em valas comuns despoleta uma visibilidade chocante, arrepiando pela miséria que reporta nesse decadente aglomerado perceptivo. O que prova que, se o corpo objectal é um corpo anónimo, é de todos, não é de nenhum, não é de ninguém, já o corpo próprio está inserido no mundo habitando-o e vivendo-o. Mediante o corpo assim fenomenal, uma consciência percepçiona o mundo de uma forma cognoscitiva dando-se a revelar como *originariamente não um 'eu penso' mas um 'eu posso'*<sup>479</sup>. E essa potencialidade advém-lhe exactamente do facto de eu ser um sujeito num corpo humano que me potencia então os meios necessários de adaptabilidade e realização

---

<sup>479</sup> P.P., p. 160

que me permitem vivê-lo, isto é, *retomar por minha conta e risco o drama que o atravessa e de me confundir com ele*<sup>480</sup>, embora se reconheça que *o corpo humano desespecializa-se cada vez mais, à medida que a ciência e a técnica se aperfeiçoam*<sup>481</sup>.

Seja como for, o meu corpo não pode ser dimensionado pela labuta parcelar de supostas partes constituintes que não possuem a auto-espacialidade da distância entre si, além de que não está, igualmente longe de uma consciência e esta divorciada dele. Pelo contrário, estão implicados mutuamente e só a partir daí se compreende e ganha sentido afirmar que *eu sou pois o meu corpo, pelo menos na justa medida em que eu tenho um adquirido e reciprocamente o meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório do meu ser total*<sup>482</sup>. Nesse processo de viver o meu corpo e, ao vivê-lo no mundo, o mundo se me revelar, conjugo o labor de uma reversibilidade que decorre do facto de eu ser simultaneamente um sujeito, um *para si*, votado ao mundo, e um objecto, um *em si*, inscrito no mundo. O corpo consegue conciliar esse duplo papel de poder tocar e ser tocado, de ser actor e espectador, assumindo a dualidade. Mas a raiz de uma identidade não se encontra lá, porque se trata de um sujeito perceptivo dividido dentro de si entre duas realidades - corpo/consciência, e dividido fora de si entre duas dimensões – a interna e a externa, preso naquela e seduzido por esta. Sem dúvida que poderemos considerar essa dualidade de planos como se tratando de uma única presença no mundo, e assim encontraríamos o refúgio confortável de uma coincidência. Porém, está-nos vedada essa tranquilidade. Uma coisa é perceber, *colocar cada detalhe nos horizontes*

---

<sup>480</sup> P.P., p. 231

<sup>481</sup> MORIN, Edgar, *O Homem e a Morte*, Lisboa, Pub. Europa-América, s/d, p.84

<sup>482</sup> P.P., p. 231 “ Je suis donc mon corps, au moins dans toute La mesure où j'ai un acquis et réciproquement mon corps est comme un sujet naturel, comme une esquisse provisoire de mon être total.”



*perceptivos que lhe convenha*<sup>483</sup>, o que é natural e acessível. Outra coisa é perceber conscientemente e aí despoleta-se todo um encadear de intencionalidades, o que é próprio de todos os sujeitos e de nenhum em particular, porque se trata de um processo geral comum a sujeitos perceptivos. Outra coisa ainda é esse processo radicar já não numa generalidade processual mas num pensamento próprio. *Eis então o sujeito que percebe. É por assim dizer um sujeito qualquer, um 'moi naturel'. Não é um 'cogito', é um corpo-conhecedor.(...) O sujeito da percepção é o corpo fenomenal, a consciência perceptiva é a existência corporal.*<sup>484</sup> Por essa razão o corpo é um 'moi naturel', uma corrente de existência dada, de modo que nós nunca sabemos se as forças que nos movem são as suas ou as nossas.<sup>485</sup>

Uma segunda circularidade se forja a par dessa que remete um corpo para uma consciência e uma consciência para um corpo: a de uma relação entre um sujeito perceptivo, consciência incarnada no mundo, e de um mundo votado a um sujeito. O mundo que está aí dirige-se a um sujeito, tem pressuposta essa relação que não tem outro sentido senão o de se efectivar. Se não tivesse inscrito em si esse destino não era verdadeiramente um mundo para um sujeito, uma vez que este *se sincroniza com ele*<sup>486</sup>. Este que a ele se dirige e percebe a presença mundana, nunca

---

<sup>483</sup> P.P.C.F., pp. 92.93 “Perceber é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha. Mas tais fórmulas são enigmas a menos que as aproximemos dos desenvolvimentos concretos que elas resumem.”

<sup>484</sup> MADISON, Gary Brent., *La phénoménologie de Merleau-Ponty*, p.46-47

<sup>485</sup> P.P., p. 199 “Pourquoi notre corps est-il pour nous le miroir de notre être, sinon parce qu'il est un *moi naturel*, un courant d'existence donnée, de sorte que nous ne savons jamais si les forces qui nous portent sont les siennes ou les nôtres — ou plutôt qu'elles ne sont jamais ni siennes ni nôtres entièrement.”

<sup>486</sup> *Idem*, p. 245 “Le sujet de la sensation n'est ni un penseur qui note une qualité, ni un milieu inerte qui serait affecté ou modifié par elle, il est une puissance qui connaît à un certain milieu d'existence ou se synchronise avec lui. Les rapports du sentant et du sensible sont comparables à ceux du dormeur et de son sommeil: le sommeil vient quand une certaine attitude volontaire reçoit soudain du dehors la confirmation qu'elle attendait. Je respirais lentement et profondément pour appeler le sommeil et soudain on dirait que ma bouche communique avec quelque immense poumon extérieur qui appelle et refoule mon souffle, un

teria essa possibilidade se o mundo não contasse com a sua acção. É evidente que a própria percepção corporal por parte do sujeito já é em si percepção mundana, porque o corpo radica originariamente no mundo e, portanto, perceber é já de certo modo antecipar a percepção do outro. E uma vez a relação estabelecida, definir-se-ão claramente os pólos. De um lado, um sujeito que percepção o mundo, do outro um mundo que se dá a percepção. De um lado um sujeito que capta o mundo, do outro um mundo que se dá a captar. De um lado um sujeito que reflecte o mundo, do outro um mundo que alimenta essa reflexão. Aqui se começa a desenhar o carácter circular da correlação, entre o corpo próprio e o mundo percebido, entre mim e as coisas mundanas com as quais coexistir. Se coexistir, estou em *communion* com elas e entre o meu corpo e as coisas realiza-se uma *vie en commun*. Mas é necessário definir de que tipo de convivência se trata. As coisas que circundam o meu corpo já estão previamente constituídas, de modo que não são simples impressões físicas ou projecções conceptuais da minha consciência. Mas se elas são portadoras de um sentido, trata-se de um sentido que eu lhes atribuo de acordo com a presença e a contextualização mundana que vivencio. Ao fornecerem sensações despoletam a expressividade do corpo o qual, apesar de radicar essa experiência de exterioridade na interioridade das suas faculdades, o revela como o exacto lugar que relaciona uma consciência e as coisas, um sujeito perceptivo e um objecto percebido. Percepção entendida não como conhecimento efectivo mas como forma efectiva de se chegar a um conhecimento possível, e com a garantia de que a estruturação cognitiva de mundo que daí resulte depende do tipo de conhecimento realizado. É natural que assim seja, uma vez que se a percepção nos sugere uma construção do mundo, nós próprios elaboramos uma construção do próprio mundo, porque nos orientamos para e por informações exteriores mediante uma intencionalidade que em

---

certain rythme respiratoire, tout à l'heure voulu par moi, devient mon être même, et le sommeil, vise jusque-là comme signification, se fait soudain situation.”

si já possui uma adjudicação. Nesse sentido, muitas vezes vemos o que queremos ver, captamos da realidade do mundo aquilo que especificamente nos interessa captar, não vemos o que não queremos ver, e evitamos o que entendemos dever ser evitado.

Filtramos o que se ajusta ao esboço de mundo que de algum modo pretendemos desenhar. Assim, o que o corpo percebe e dá a perceber da parcela de mundo em que imerge está intimamente relacionado com uma projecção pessoal que resulta da sua dimensionalidade corporal e das possibilidades que essa dimensionalidade permite à sua própria acção, uma vez que cada sujeito se corporiza num perfil diferente, em termos de aptidões, capacidades, potencialidades e a espacialidade corporal que conjuga postura, verticalidade, volume, vigor energético. A propulsão dessa minha acção encontra no corpo limites físicos, bio-químicos e psicológicos. Mas mesmo considerando esse real handicap, é notório como o corpo, aparentemente um objecto físico num fundo objectal, deles se destaca ao apresentar-se como uma espécie de íman que molda de uma forma concêntrica a disposição, utilidade e valor dos objectos mundanos que lhe servem de companhia e que o referenciam como *um corpo virtual cujo 'lugar' fenomenal é dirigido pela sua tarefa e pela sua situação*<sup>487</sup>. É isso que permite o estabelecimento de um circuito entre mim e o mundo, porque a dimensionalidade do mundo inclui a dimensionalidade externa do meu corpo e a dimensionalidade interna do corpo conjuga-se com a dimensionalidade interna do mundo, uma certa visibilidade com uma invisibilidade. Essa coexistência sela um compromisso impossível de se desfazer, entre um sujeito cognoscente e um objecto mundano cognoscível, a qual gere permanentemente a semente que alimenta o ciclo dialéctico da *implicação real*

---

<sup>487</sup> P.P., p. 289“ Ce qui importe pour l'orientation du spectacle, ce n'est pas mon corps tel qu'il est en fait, comme chose dans l'espace objectif, mais mon corps comme système d'actions possibles, un corps virtuel dont le « lieu » phénoménal est défini par sa tâche et par sa situation. Mon corps est là ou il a quelque chose à faire.”

<sup>488</sup> mútua que os sustenta e tornando claro que o mundo que o sujeito percebe é o mundo que o sujeito quer ou pode perceber porque, *para que nós percebamos as coisas, é preciso que nós as vivamos*<sup>489</sup>. É em função disso também que as coisas não são propriamente neutras na perceptividade do universo mundano. Não são neutras porque elas possuem algo que não lhes pertence, possuem algo que o próprio

---

<sup>488</sup> P.P., p. 402 “ Mon corps et le monde ne sont plus des objets coordonnés l'un à l'autre par des relations fonctionnelles du genre de celles que la physique établit. Le système de l'expérience dans lequel ils communiquent n'est plus étalé devant moi et parcouru par une conscience constituante. *J'ai le monde comme individu inachevé à travers mon corps comme puissance de ce monde, et j'ai la position des objets par celle de mon corps ou inversement la position de mon corps par celle des objets, non pas dans une implication logique, et comme on détermine une grandeur inconnue par ses relations objectives avec des grandeurs données, mais dans une implication réelle, et parce que mon corps est mouvement vers le monde, le monde, point d'appui de mon corps.*”

<sup>489</sup> *Idem.*, p. 376 “ Ce qui est donné, ce n'est pas la chose seule, mais l'expérience de la chose, une transcendance dans un sillage de subjectivité, une nature qui transparaît à travers une histoire. Si l'on voulait avec le réalisme faire de la perception une coïncidence avec la chose, on ne comprendrait même plus ce que c'est que l'événement perceptif, comment le sujet peut s'assimiler la chose, comment après avoir coïncider avec elle il peut la porter dans son histoire, puisque par hypothèse il ne posséderait rien d'elle. Pour que nous percevions les choses, il faut que nous les vivions. Cependant nous rejetons l'idéalisme de la synthèse parce qu'il déforme lui aussi notre relation vécue avec les choses. Si le sujet percevant fait La synthèse du perçu, il faut qu'il domine et pense une matière de la perception, qu'il organise et réelle lui-même de l'intérieur tous les aspects de la chose, c'est-à-dire que la perception perd son inhérence à un sujet individuel et à un point de vue, la chose sa transcendance et son opacité. Vivre une chose, ce n'est ni coïncider avec elle, ni la penser de part en part. On voit donc notre problème. Il faut que le sujet percevant, sans quitter sa place et son point de vue, dans l'opacité du sentir, se tende vers des choses dont il n'a pas d'avance La clé et dont cependant il porte en lui-même le projet, s'ouvre à un Autre absolu qu'il prépare du plus profond de lui-même. La chose n'est pas un bloc, les aspects perspectifs, le flux des apparences, s'ils ne sont pas explicitement posés, sont du moins prêts à être perçus et donnés en conscience non-thétique, juste autant qu'il faut pour que je puisse les fuir dans La chose... C'est en quoi il est vrai de dire que la chose se constitue dans un flux d'apparences subjectives. Et pourtant je ne La constituais pas actuellement, c'est-à-dire que je ne posais pas activement et par une inspection de l'esprit les relations de tous les profils sensoriels entre eux et avec mes appareils sensoriels. C'est ce que nous avons exprimé en disant que je perçois avec mon corps.”

sujeito nelas deposita, possuem uma simbolização que não é sua mas encaixa na perfeição uma projecção de entendimento comum. Consideremos o reverso também como palpável. Nós, sujeito perceptivo, acabamos por sofrer o reflexo dessa nossa acção descrutinadora, porque nos é revelado pelas próprias coisas o que somos pelo que projectamos. O que se revela, revela-nos. O que eu vejo ou quero ver reflecte o que eu sou, e o que eu sou num plano alargado de existência, não só como sujeito do conhecimento, mas como existente. *As coisas são para nós ‘signos’ que nos ensinam o que nós somos – justamente porque somos nós que fazemos que elas sejam o que são*<sup>490</sup>. E assim, se havia um compromisso que se adivinhava entre um sujeito e o mundo, agora efectiva-se essa suposição na impossibilidade reconhecida de que entre eles não pode haver separação, não pode deixar de haver diálogo, com o contributo mediador do corpo e tendo por meta um projecto existencial. Tal não significa que se obtenha uma coincidência entre elas, algo que ocorreu na primeira circularidade entre corpo e consciência. Nunca deixa de haver uma dualidade, decorrente da correlação indestrutível que se estabelece, não havendo lugar para uma identidade conclusiva. Mas é de realçar, contudo, que é de todo impossível deixar de relacionar um sujeito a um mundo, e um mundo a um sujeito, porque o *mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é nada a não ser um projecto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele próprio projecta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo torna-se ‘subjectivo’(...)porque a sua textura e as suas articulações são desenhadas pelo movimento transcendente do sujeito.*<sup>491</sup> Se o mundo é transcendente à uma

---

<sup>490</sup> MADISON, Gary Brent *o.c.*, p.50

<sup>491</sup> P.P., p. 491/492 “ Le monde est inséparable du sujet, mais d'un sujet qui n'est rien que Project du monde, et le sujet est inséparable du monde, mais d'un monde qu'il projette lui-même. Le sujet est être-au-monde et le monde reste « subjectif » (*cit. Heidegger*) puisque sa texture et ses articulations sont dessinées par le mouvement de transcendance du sujet. Nous découvrons donc avec le monde comme berceau des significations, sens de tous les sens, et sol de toutes les pensées, le moyen de dépasser l'alternative du réalisme et de l'idéalisme, du hasard et de La raison absolue, du non-sens et du sens.”

subjectividade de uma consciência, trata-se de uma transcendência para uma subjectividade que lhe capta o sentido existencial que o percorre, mediante uma corporeidade que coloca essa subjectividade no plano correlativo mundano. Então só faz sentido dizer que eu vivo o mundo se este for esse campo da minha acção existencial. Se eu dependo da sua existência para nela eu exercitar a minha, o mundo também ele precisa da minha acção para ele próprio se fazer igualmente existencial. É assim que parto à descoberta do entendimento do mundo, dos enquadramentos complexos e múltiplos que o constituem, garantindo que *seria a nossa presença corporal no seio deste pré-mundo que faria aparecer o espaço, o movimento as coisas e finalmente o mundo ele-mesmo no sentido próprio do termo como a contextualidade de todas as coisas, o horizonte de todos os horizontes*.<sup>492</sup> A partir daqui, a minha intencionalidade de sujeito virado ao mundo é que ganha consistência e é então que descobre a realidade de outras subjectividades em igual plano no plano da partilha mundana.

E uma terceira circularidade se torna visível, embora não de um modo imediato. Possuindo eu claramente uma natureza subjectiva, tal que quer dizer que a minha interioridade é habitada por uma *cogitatio* de mim e por mim. Questões de imediato se me colocam: se num plano de partilha mundano encontro outras subjectividades, como é que as (re)conheço, se a única imediatez que me ocorre parece ser naturalmente a minha? Por outro lado, se eu estou direccionado activamente ao mundo, qual o lugar e a relação comigo dessas outras subjectividades? Farão elas parte integrante dessa minha actividade consciente e porventura estarão confinadas à interioridade da minha consciência, não se tratando na verdade de ‘outras’ subjectividades? Ou serei eu, pelo contrário e no limite, parte

---

<sup>492</sup> MADISON, Gary Brent, *o.c.*, p.54/55

integrante de outra subjectividade mais abrangente, perdendo nesse caso qualquer direito a ser uma subjectividade própria?

Para responder a estas questões precisamos da solução que parece residir mais uma vez no corpo. Por ele, uma vez que não é um objecto mundano e não é um objecto para a minha consciência que nele habita como consciência corporal, eu encontro no palco mundano outras existências que se reconhecem não como corpos mundanos mas exactamente como existências corporais semelhantes e igualmente votadas ao mundo. O corpo revelar-se-á assim como *um modo de ser que não é o do ser em si nem o do ser para si, mas como uma síntese dialéctica dos dois. Como consciência perceptiva eu não sou um puro sujeito, eu não sou uma consciência do meu corpo maciço e opaco que ‘se conhece’.*(...) *É o corpo próprio como estrutura circular, efectuando a síntese do em si e do para si, que faz com que o meu campo de existência corporal se entrelace com o do outro.*<sup>493</sup> Eis-me então situado no mundo pelo meu corpo próprio e tendo nele a possibilidade alargada de uma coexistência com os outros que tal como eu se encontram presentes no mundo. *Como as partes do meu corpo formam em conjunto um sistema, o corpo de outrem e o meu são um só todo, o inverso e a face de um só fenómeno e a existência anónima que o meu corpo a cada momento traça habita então estes dois corpos simultaneamente.*<sup>494</sup> É neste plano de exterioridade comum que se dá a intersecção da minha participação dos outros comigo nessa espécie de sistema único e abrangente que nos integra. *Entre a minha consciência e o meu corpo tal como eu o*

---

<sup>493</sup> MADISON, Gary Brent, *o.c.*, p.58

<sup>494</sup> P.P., p. 406“...comme les parties de mon corps forment ensemble un système, le corps d'autrui et le mien sont un seul tout, l'envers et l'endroit d'un seul phénomène et l'existence anonyme dont mon corps est à chaque moment la trace habite désormais ces deux corps à la fois (...) Ceci ne fait qu'un autre vivant et pas encore un autre homme. Mais cette vie étrangère, comme la mienne avec laquelle elle communique, est une vie ouverte. Elle ne s'épuise pas dans un certain nombre de fonctions biologiques ou sensorielles.”

*vivo, entre este corpo fenomenal e o do outro tal como eu o vejo de fora, existe uma relação interna que faz aparecer o outro como acabamento do sistema.*<sup>495</sup>

Completa-se desse modo a minha integração enquanto ser intrinsecamente aberto à realidade própria do mundo, depois de reconhecer os seus diferentes planos estruturados: o plano da relação consciência/corpo, o plano da relação sujeito/mundo percebido e um último, eu/outro (s), planos estes correspondentes às circularidades evidenciadas.

Mas chegado aqui reconheço como a minha individualidade e a dos outros perdem significado pessoal para um enquadramento bem mais abrangente, integrador e participado, o da própria existência. *É preciso então conceber, - não certamente uma alma do mundo ou do grupo ou do casal, de que seríamos os instrumentos, - mas um ‘On’ primordial... em que cada percepção renova em nós a experiência.*<sup>496</sup> O que se pode observar é que a partir do (re)conhecimento desta relação última eu/outro, ganha outra dimensão a generalidade de *uma comunal vida prática* que alberga todas as participações, toda uma *subjectividade anónima*<sup>497</sup>,

---

<sup>495</sup> P.P., p. 405 “ Entre ma conscience et mon corps tel que je le vis, entre ce corps phénoménal et celui d'autrui tel que je le vois du dehors, il existe une relation interne qui fait apparaître autrui comme l'achèvement du système. L'évidence d'autrui est possible parce que je ne suis pas transparent pour moi-même et que ma subjectivité traîne après elle son corps. Nous disions tout à l'heure: en tant qu'autrui réside dans le monde, qu'il y est visible et qu'il fait partie de mon champ, il n'est jamais un Ego au sens où je le suis pour moi-même. Pour le penser comme un véritable Je, je devrais me penser comme simple objet pour lui, ce qui m'est interdit par le savoir que j'ai de moi-même.”

<sup>496</sup> S., p. 221

<sup>497</sup> RICOEUR, Paul, *A L'Ecole de la Phénoménologie*, Paris, Vrin, Paris, p.172 “ La dimension culturelle et communale de la vie pratique dans le monde fait de celle-ci une « subjectivité anonyme », non seulement, semble-t-il, parce que sa source, son sol ont été oubliés en tant que *Leistung*, mais parce que la *Leistung* elle-même est anonyme, au niveau de la téléologie qui oriente la vie vers des configurations discernables...”



numa escala global de cruzamento de intersubjectividades, bem como a inserção de uma individuação na intersubjectividade anónima e abrangente, como se de *o esplendor do 'Se'* <sup>498</sup> ('On') se tratasse...

De facto, *a subjectividade transcendental é uma subjectividade revelada, saber para ela mesma e para outrem, e a este título ela é uma intersubjectividade* <sup>499</sup> impessoal. Eu tomo consciência dessa sua exterioridade e se me toca é porque em mim se reflecte algo de igual natureza. Dir-se-ia que o semelhante atrai o semelhante, que eu sou simultaneamente *naturant et nature* <sup>500</sup>, pois a transcendência intempestiva da minha consciência só decorre devido ao facto de haver um fundo mundano natural a par de um fundo mundano social, este considerado como um *campo permanente ou dimensão de existência* <sup>501</sup>, que permite com que seja natural o exercício dessa minha transcendência. Nessa medida a minha consciência assume o papel de reflectir sobre a experiência mundana e, por acréscimo significativamente valorizador, sobre a experiência de encontrar o outro, de cruzar *a tensão da minha experiência direccionada a um outro cuja existência é incontestada no horizonte da minha vida, mesmo quando o conhecimento que eu tenho dele é imperfeito.* <sup>502</sup> Assim, apesar de finita, a finitude da minha consciência é uma finitude de presença mas isso não significa que seja sinónimo de limitação, porque onde há consciência há ser e nessa coincidência ela se potencia. Se pela consciência sentimos o palpitar do mundo e com ele comunicamos, *é comunicando*

---

<sup>498</sup> DELEUZE. Gilles, *Diferença e Repetição*, Lisboa, 2000, p.38 “Acreditamos num mundo em que as individuações são impessoais e em que as singularidades são pré-individuais: o esplendor do «SE»”.

<sup>499</sup> P.P., p. 415

<sup>500</sup> *Idem*, p. 419

<sup>501</sup> *Idem*, p. 415

<sup>502</sup> *Idem*, p. 413 “Ce qui est donné et vrai initialement, c'est une réflexion ouverte sur l'irréfléchi, la reprise réflexive de l'irréfléchi, — et de même c'est la tension de mon expérience vers un autre dont l'existence est incontesté à l'horizon de ma vie, même quand la connaissance que j'ai de lui est imparfaite.”

*com o mundo que nós comunicamos indubitavelmente connosco mesmos. Nós temos o tempo todo inteiro e nós somos presentes a nós mesmos porque nós somos presentes ao mundo.*<sup>503</sup> A consciência pode ser uma realidade subjectiva finita, mas o sentido que veicula não se restringe a essa finitude, e o próprio mundo, palco desse desenrolar existencial, ganha asas de manifestação nessa concreticidade. Receptivo ao mundo e ao seu deambular, eu sou dimensionado e oriento-me por ele, e ele é dimensionado interiormente por mim. Desse modo eu me faço projecto de mundo e carrego comigo todo um conjunto inapalpável de possibilidades. E se me revelo como um projecto pouco definido, e muito menos definitivo, e se a minha consciência parece revelar uma *fraqueza interna que nos impede de obter sempre a densidade de um indivíduo absoluto*<sup>504</sup>, isso não impede que o ser que revela se projecte de uma realidade próxima de um horizonte para um horizonte longínquo. Significa isso que a consciência é uma subjectividade que, ao fazer-se mundo, carrega consigo um conjunto infindo de possibilidades que só são circunscritas pela temporalidade espacial da sua contextualização mundana, a qual, sendo permanente, permite dar corpo à concreticidade efectiva das suas possibilidades lactentes. Torna-se então premente a questão de saber *se a nossa vida, em última análise, se passa*

---

<sup>503</sup> P.P., p. 485 “Dans le présent, dans La perception, mon être et ma conscience ne font qu'un, non que mon être se réduise à la connaissance que j'en ai et soit clairement étalé devant moi, — tout au contraire la perception est opaque, elle met en cause, au-dessous de ce que je connais, mes champs sensoriels, mes complicités primitives avec le monde (...) C'est en communiquant avec le monde que nous communiquons indubitavelmente avec nous-mêmes. Nous tenons le temps tout entier et nous sommes présents à nous-mêmes parce que nous sommes présents au monde.”

<sup>504</sup> *Idem*, p. 492 “Le monde tel que nous avons essayé de le montrer, comme unité primordiale de toutes nos expériences à l'horizon de notre vie et terme unique de tous nos projets, ce n'est plus le déploiement visible d'une Pensée constituante, ni un assemblage fortuit de parties, ni, bien entendu, l'opération d'une pensée directrice sur une matière indifférente, mais la patrie de toute rationalité.”

*entre um nada absolutamente individual e absolutamente universal atrás de nós, e um ser absolutamente individual e absolutamente universal diante de nós*<sup>505</sup>.

A consciência é a nossa subjectividade que se abre deslumbrada ao mundo, que é mundo para ela se realizar, como interlocutora que o capta, que descobre activamente esse sensível que brota da terra mundana. E nesse papel extractor, ela como que se desdobra, na medida em que a par dessa tarefa de fazer nascer o sentido do mundo, capta-o na sua realidade e efectiva a descoberta. Desse modo, é consciência *para* e consciência *de*. Consciência para o mundo, consciência do mundo. Nesse labor intenso e penetrante, rasga as entranhas da existencialidade mundana para nelas perscrutar o invisível que o visível da superfície não fazia prever nem adivinhar. Sem a consciência, o mundo não faria sentido, porque este só o tem na medida em que é captado e assim se evita perder-se como que ignorante de si, entregue a uma mecânica evolutiva complexa e intemporal sem voz e sem fervor, porque abandonado a uma programação fechada, tal obra de arte valiosíssima fechada em sala de museu que, apesar de bem iluminada, não fosse disponibilizada a olhares estetas de visitantes para a observar, interrogar e compreender. Ora, a consciência está aí, nasce no mundo, é filha do mundo e vai, como forma reveladora de gratidão, esclarecer não a paternidade mas a natureza dessa paternidade mundana que pode não ser encontrada de imediato, mas que se procura e em esboços de tentativa e erro floresce em abertura. Irrompendo como subjectividade nessa presença de objectividade mundana, a consciência nele se vai situar para de algum modo captar o que de mundo se reflecte como simbólico e na guarida desse entrecruzamento compreender a racionalidade que preside a toda a culturalidade rica de perenidade. No entanto, como reside num corpo, prontamente se descobrirá como ficará irremediavelmente condicionada ao estatuto mundano que ele possui, e à finitude que o circunscreve. Essa situação é deveras embaraçante para uma

---

<sup>505</sup> V.I., p. 114

consciência feita de uma natureza moldada na *imensidão do ser*<sup>506</sup>, numa infinitude que alberga. Mas o correlato vivencial mundano permite-lhe situá-la numa ilimitada abrangência onde se dão a projecção de concreticidades díspares, incontornáveis, fortuitas, inesperadas, infindas. É essa realidade que faz apelo à consciência e a cujo convite ela não se vai nem pode furtar. Se o mundo permitiu o advento da consciência, fornece simultânea e conseqüentemente o acesso a toda a manifestação do foro íntimo do ser, e o *envolvimento de um actual inacessível no actual acessível*<sup>507</sup>. Compreende-se então como ganha contornos manifestos essa emergência da consciência no mundo, revelando uma *coesão que está sempre atrás da minha mudança, a minha unidade atrás da minha multiplicidade, um horizonte, sem que se possa imaginar sobre mim nenhuma vista mais próxima que aquela vista que é a minha. Ser si mesmo, não é portanto coincidir, nem mesmo com a não coincidência; eu não tenho luzes senão diante de mim, eu não vejo senão de um certo lugar, de uma certa espécie de vida e de conhecimento...*<sup>508</sup>. Desse modo, *a consciência não está na imanência, mas na vida*<sup>509</sup>. É para esta que dirige o seu interior feito de conteúdos, fragmentos, insights de um pensamento sempre em processamento contínuo num suporte de identidade dessa mesma consciência e que permite pela sua manifestação o *'chiasma' do visível e do invisível*<sup>510</sup>.

Nesse encontro da consciência com o mundo, o meu pensamento ganha actualidade. E ao frenesim da movimentação mundana eu acrescento o frenesim da movimentação do meu pensamento num cruzamento duradouro. O invisível da

---

<sup>506</sup> RENAUD, Isabel C.R. *o.c.*, p.225 “ Dans la philosophie de Merleau-Ponty , il n’est pas question de fin, il n’est pas question d’origine, que d’ *un seul éclatement de l’être qui est à jamais*”

<sup>507</sup> N.C., p.167

<sup>508</sup> *Idem*, p. 365

<sup>509</sup> *Idem*, p. 167

<sup>510</sup> S., p. 30

minha consciência torna-se assim visível no mundo, se bem que, e não podemos ignorá-lo, nessa potencialidade de concretização, o próprio mundo não pode evitar que seja, ele próprio, simultaneamente, sinónimo de limitação. Os seus contextos físico, social, cultural, epocal...condicionam as possibilidades de toda a inserção. E se é numa infinitude de ser que a consciência banha a sua seiva, é numa temporalidade mundana que ela ganha as raízes de sua expressividade. Nessa acção de exteriorização expressiva ela manifesta uma propensão cujo destino era ser canalizada para contornos objectivos. Com efeito, apesar de os meus próprios pensamentos serem bem reais para mim, a sua realidade não assume o peso e a dimensão de que as coisas e a própria realidade elas mesmas se revestem. Vai ser necessário à consciência portabilizar os seus conteúdos para esse plano de partilha comum onde irrompem todas as expressões e se dá lugar a toda a expressividade, onde se entrelaçam a minha subjectividade com a objectividade do mundo, a minha consciência com a vivência do mundo.

E algo de comum se detecta: se a minha subjectividade é frágil na sua realidade volátil, veloz, saltitante, imaginativa, repentina, repetitiva...a vivencialidade mundana também apresenta esse cunho de fragilidade para lá da sua carapaça de solidez. Se a fragilidade de uma é feita de subtilidade irreal no brotar fervilhante de uma racionalidade interiormente povoada, a fragilidade do mundo provém do carácter imprevisto e irrompante do seu inesperado, que conjuga improbabilidade com razoabilidade segundo uma qualquer lei perfeitamente desconhecida na sua superfície borbulhante. Para lá da diferença das suas naturezas complementares detecta-se um inapalpável pendor de imprevisibilidade comum a par da semelhança de condicionamentos limitadores: a consciência porque habita a carne do corpo, o mundo porque habita a carne da tridimensionalidade dos contextos físicos, temporais, espaciais e socioculturais. Mas o mundo é paragem obrigatória da consciência e do qual ela não pode esquivar-se, porque é um *visível irrecusável que eu não sei bem o que ele é, mas que eu sei que ele está lá*<sup>511</sup>. A minha consciência

---

<sup>511</sup> N.C., p. 366

sente esse apelo do mundo e este tem-lhe reservado um abraço acolhedor. E aquilo que era abstracto passa a concreto, o que era racional passa a sensorial, aquilo que era intenção passa a acção. Esse jogo dual de uma consciência que se dirige activamente a um mundo e um mundo que passivamente se lhe dá a revelar, ganha a coreografia de uma dança vivencial num plano cultural para o qual progrediu.

Desse modo, a *Natureza e a Palavra, o visível e o escrito, de outra maneira e do mesmo modo, recriam a cada instante uma simultaneidade universal* <sup>512</sup>, um mundo cultural onde radica a efectivação da própria existência, a existência de um ser que é ser para o mundo. Mundo que simultaneamente é o lugar físico, definido, onde a minha vivencialidade decorre, e o lugar simbólico, indefinido, de partilha da natureza e cultura humanas, onde se cruzam as coordenadas do espaço e as dimensões do tempo, onde a coexistência humana tem um espaço epocal e, nessa medida, um tempo próprio. E assim se faz o presente, se reconhece o passado e se projecta o futuro.

É deste modo que a cultura humana, de consciências lançadas para o mundo, se faz história, se constitui realidade própria composta por um legado feito de *todas as operações expressivas e de todas as aquisições que constituem o mundo cultural*.  
<sup>513</sup> A realidade humana será então o ‘*terreno comum*’ <sup>514</sup> para a partilha comum, de

---

<sup>512</sup> N.C., p. 375

<sup>513</sup> P.P., p. 445 “ Notre corps en tant qu’il se meut lui-même, c’est-à-dire en tant qu’il est inséparable d’une vue du monde et qu’il est cette vue même réalisée, est la condition de possibilité, non seulement de la synthèse géométrique, mais encore de toutes les opérations expressives et de toutes les acquisitions qui constituent le monde culturel. Quand on dit que la pensée est spontanée, cela ne veut pas dire qu’elle coïncide avec elle-même, cela veut dire au contraire qu’elle se dépasse, et la parole est justement l’acte par lequel elle s’éternise en vérité.”

<sup>514</sup> *Idem*, p. 407 “ Dans l’expérience du dialogue, il se constitue entre autrui et moi un terrain commun, ma pensée et la sienne ne font qu’un seul tissu, mes propos et ceux de l’interlocuteur sont appelés par l’état de la discussion, ils s’insèrent dans une opération commune dont aucun de nous n’est le créateur. Il y a là un être à deux, et autrui n’est plus ici pour moi un simple comportement dans mon champ transcendantal,

mim, do outro, dos outros. A palavra será o meio privilegiado para nessa partilha efectivar o pensamento, a consciência, dar lugar a novos horizontes vivenciais, revelar esse mundo de partilha como ‘*modalidade existencial*’<sup>515</sup>, como reveladoramente presente enquanto visibilidade de um ‘*campo permanente ou dimensão de existência*’<sup>516</sup>. Esta dimensão não se reduz aos objectos culturais que a povoam e nela germinam. Também não é o conjunto plural de consciências que a habitam permanentemente, apesar da finitude individual. É uma dimensão de relação. De relação entre presenças, de mim, do outro, dos outros. De identidades, de pontos de vista, de estilos, de uma natureza *mais profunda que toda a percepção expressa ou eu todo o julgamento*<sup>517</sup>. Construída sobre os planos corporal e da palavra, a dimensão expressiva humana remete-nos para uma consciencialização dos tais *fenómenos que me ultrapassam*<sup>518</sup> – é o vivido em forma de existência, de amor,

---

ni d'ailleurs moi dans le sien, nous sommes l'un pour l'autre collaborateurs dans une réciprocité parfaite, nos perspectives glissent l'une dans l'autre, nous coexistons à travers un même monde.”

<sup>515</sup> P.P., p. 417 “ Le problème de la modalité existentielle du social rejoint ici tous les problèmes de transcendance. Qu'il s'agisse de mon corps, du monde naturel, du passé, de la naissance ou de la mort, la question est toujours de savoir comment je peux être ouvert à des phénomènes qui me dépassent et qui, cependant, n' existent que dans la mesure ou je les reprends et les vis...”

<sup>516</sup> *Idem*, p. 415 “Il nous faut donc redécouvrir, après le monde naturel, le monde social, non comme objet ou comme d'objets, mais comme champ permanent ou dimension d'existence: je peux bien 'en détourner, mais on pas cesser d'être situé par rapport à lui. Notre rapport au social est, comme notre rapport au monde, plus profond que toute perception expresse ou que tout jugement. Il est aussi faux de nous placer dans la société comme un objet au milieu d'autres objets, que de mettre la société en nous comme objet de pensée, et des deux cotés l'erreur consiste à traiter le social comme un objet. Il nous faut revenir au social avec lequel nous sommes en contact du seul fait que nous existons, et que nous portons attaché à nous avant toute objectivation.”

<sup>517</sup> *Idem*, p.415 “ Dans sa retraite réflexive, le philosophe ne peut manquer d'entraîner les autres, parce que, dans l'obscurité du monde, il a appris pour toujours à les traiter comme *consortes* et que toute sa science est bâtie sur cette donnée de l'opinion. La subjectivité transcendantale est une subjectivité révélée, savoir à elle-même et à autrui, et à ce titre elle est une intersubjectivité.”

<sup>518</sup> *Idem*, p. 417

de morte, de saudade, de isolamento... É o vivido a fazer-nos ganhar consciência de realidades mundanas, que era eventualmente mais fácil e mais conveniente ignorarmos.

Argumentar que estamos condenados a uma existencialidade de procura sem nunca encontrar, seja a verdade, o sentido, o ser do mundo ou o ser próprio, é uma forma periférica de admitir que talvez aí resida, nessa aparente incapacidade, a nossa própria mais-valia. Não encontrar, mas viver essa procura, envolver-me como uma identidade e estilo identificadores nessa procura, apesar das contradições que possam surgir e a que não possa dar resposta. Projectar do mais profundo de mim mesmo o meu próprio *mundo' único'* <sup>519</sup> e dar voz à vivencialidade que daí decorre, talvez seja o significado da existência, num âmbito mais amplo de coexistência, porque *o ser sem nenhum testemunho é inconcebível* <sup>520</sup>, porque só assim se traça numa história comum a minha própria história.

A minha história que, exposta ao mundo, se enraíza num passado e não é definitiva, é a história de alguém que admite que não pode *impedir a plenitude da natureza, das ceifas que aumentam, das estações que se sucedem segundo a sua lei perpétua* e que em vista dessa 'ordem' até pareço ser mais como que *um defeito na paz do mundo* <sup>521</sup>. Contudo, não deixarei de delinear um trajecto vivo, mediante o meu ser corporal que atravessa uma linha do tempo, um volume do espaço epocal e por ele me lanço, como ser de palavra, no fabrico de uma expressividade partilhada.

---

<sup>519</sup> P.P., p.409 "Nos consciences ont beau, à travers nos situations propres, construire une situation commune dans laquelle elles communiquent, c'est du fond de sa subjectivité que chacun projette ce monde «unique»."

<sup>520</sup> SNS., p. 91

<sup>521</sup>, P.P., p. 90 "Toute conscience est conscience de quelque chose, le mouvement vers les choses nous est essentiel et La conscience cherche en elles comme une stabilité qui lui manque."



A minha história, que é uma história cultural estruturada transversalmente por uma possibilidade de conhecimento e reconhecimento, expande criativamente um contributo original que progressivamente se avoluma, enriquece e amplia num passado que vigora presente e se balança para o futuro.

A minha história, que é uma história existencial, experiencia o que emana de um vivencial efervescente dado num agora, simultaneamente definitivo e fugidio, e fomenta toda a possibilidade real de permuta porque, sem lugar a dúvidas, *há várias maneiras para o corpo humano celebrar o mundo e finalmente de o viver*<sup>522</sup>, e que radicam exponencialmente... no corpo e na palavra.

---

<sup>522</sup> P.P., p. 218

## CONCLUSÃO

*Das suas experiências, cada um  
será juiz; mas ninguém poderá nem ignorá-las  
nem sobre isso decidir ingenuamente... É  
incontestável que nada ficará intocado pelos  
efeitos, imediatos ou a longo termo, dos  
escritos de Merleau-Ponty.*<sup>523</sup>

Claude Imbert

Foi objectivo deste estudo expor, em hierarquia horizontal, porque circular, e progressivamente mais abrangente, porque relacional, o modo como uma existencialidade pessoal se faz percurso mundano, tendo no corpo e na palavra os seus meios basilares e os veículos privilegiados de exteriorização de uma consciência. Nesse jogo co-existencial de uma consciência que se dirige activamente a um mundo e um mundo que passivamente se lhe dá a revelar, torna-se notória a influência mútua que se exerce entre ambos. Porém, isso não nos permite falar de efectiva reversibilidade. A consciência gere, o mundo é gerido. A consciência recebe, o mundo dá. A consciência projecta, o mundo concretiza. A consciência mobiliza, o mundo acata. A consciência questiona, o mundo confronta. A

---

<sup>523</sup> IMBERT, Claude, *Maurice Merleau-Ponty*, p.72 “L’oeuvre, qui laissait ouvert son propre sillage de générativité. était entrée dans son incognito. Merleau-Ponty avait touché au lieu et aux moyens propres à la philosophie, ou sa possibilité même est en jeu. De ses expériences, chacun serait juge; mais personne ne pourrait ni les ignorer, ni en décider naïvement. À quoi il n’y avait pas d’autre réponse que de s’y risquer. Il est incontestable que rien ne demeura intouché par les effets, immédiats ou à long terme, des écrits de Merleau-Ponty.”

consciência afirma, o mundo impõe. A consciência actua, o mundo altera... Todavia, apesar destes papéis não coincidentes que aparentemente fazem ressaltar uma perene diferenciação, algo os mantém predestinados: no mundo há realidade, o som da acção e o silêncio; na consciência há pensamento, o som da palavra e igualmente silêncio. Sendo assim, temos uma consciência intencional, um corpo que lhe dá exposição, a palavra que lhe dá visibilidade, o mundo que dá guarida ao corpo, corpo que, justamente com a consciência, coloca um sujeito no mundo, sujeito de mundo que encontra outros sujeitos que com ele partilham e coabitam em experiencialidades mundanas. Cria-se então uma dialéctica reveladora de circularidades em que o corpo se faz palavra, a palavra ganha corpo, a identidade ganha a consistência de um estilo e a partilha dimensiona uma mecânica mundana vivencialmente inserida e experiencializada num cenário espacio-temporal.

É para esse palco de experiencialidade que se vai lançar o corpo. Aí onde se cruzam impressões e sensações que a todo o momento nos afectam. Essa vivencialidade é traduzida na linguagem de um *esquema corporal* que reflecte o modo como eu arranjo essa experiência na minha corporeidade e se revela sempre presente, naturalmente, e sempre ausente, no sentido em que o que não é evidenciado o pode vir a ser. O *esquema corporal*, tendo em conta as solicitações exteriores e as necessidades interiores do próprio corpo, possibilita uma tradução permanente em linguagem visual das impressões cinestésicas e articulares do momento. Porém, ao contrário dos outros corpos, o corpo não é mais um elemento objectal inerte e anónimo. Onde se situa essa diferenciação? O corpo é um espaço próprio identificador, simultaneamente *mental e práctico*: situado no meio dos objectos sensoriais é diferente desses objectos sensoriais. Aparentemente uma forma e figura no fundo indiferente mundano, situado e presente nele, é criativo, prodigioso e livre, na sua mobilidade auto-induzida. O meu corpo, é, igualmente, um ser consciente num ser sem consciência - o espaço mundano, dimensão observável sem se objectivar, sem limites, sem posição, referência sem o referir, sem localização na sua integral localização. Sendo um volume corpóreo que se enquadra nas coordenadas espaciais e conjuga verticalidade com horizontalidade, proximidade

com afastamento, paralelismo com intersecção, desse modo se objectiva e assume uma relação mundana. É um existente que solicita existência para a existência orgânica que possuí. A par disso, a consciencialização da realidade orgânica interna corpórea e a dimensionalidade das relações exteriores no tecido sensorial e social revelarão o meu corpo como uma consciência perceptiva. Se juntarmos a consciência perceptiva à consciência existencial então uma capacidade intencional na mobilidade corpórea será adquirida valorizando o enquadramento do que eu vivo e vivencio de um modo activo. Não sendo o meu corpo um simples objecto, é um todo objectivo que se move, telelogicamente impulsionado premente. Revela-se então como um *corpo fenomenal*. E um jogo fenoménico e mundano se dá e então à nossa consciência. A intencionalidade de que é portadora, feita de um *tecido de intenções* direccionada para o mundo que a emprenha de matéria mundana, exige pois o mundo como seu complemento, como pólo de relação que se faz permanentemente presente. É o movimento da consciência, nessa intencionalidade que lhe é própria, que acaba por dar significado, dar sentido, estabelecer nexos. Como intermediário contará com o corpo. Por ele a consciência não limita a sua natureza à natureza solipsista de um *cogito*, fechado no aprisionamento de uma reflexão autista, e vê veiculada a fecundidade do seu labor quando mergulha no mundo e disso faz um hábito. Para essa inserção física complementar da nossa existência consciente da e na mundaneidade, permanente e expressiva, concorrem duas capacidades do corpo próprio: a visão e o movimento. Uma permite conhecer e reconhecer, o outro a mobilidade autónoma. Se a consciência encontra no corpo e nessas capacidades um modo de aceder a um universo objectal, a partir daí retira representações, constrói toda uma simbolização, desenvolve uma função simbólica, projecta a sua criativa expressividade e colabora numa complementaridade enriquecedora. Desse modo, tendo como ponto de partida essa emersão no mundo, o corpo próprio revela-se como um espaço expressivo que ganha identidade à medida que a sua própria maturação se efectiva. Espaço no espaço e entre espaços, o meu corpo manifesta a sua particularidade na extensão geral do mundo. Ganha um sentido e o mundo revela

um sentido. Isso só se torna possível exactamente porque é portador de uma consciência. Então, embora aparentemente mudo, possui ‘voz’ e nele germinará expressão.

Brotando no mundo, o corpo, no corpo do mundo, é impelido a nele se expressar. Mas o que expressa vem vestido de cor emocional, visível na energia dos gestos, na entoação das palavras, nas particularidades individuais e motivacionais, pois está preñado de expressão. As faculdades sensoriais partilham-no com esses dois intérpretes irrecusáveis nesta participação: o gesto e a palavra, e desse modo, eu ganho a possibilidade de me poder expressar e de me fazer comunicar e é-me possível estabelecer uma relação de reciprocidade com o mundo. Este torna-se então humano, porque ganha a presença da minha instrumentação expressiva que vai florescer de toda a profícua acção que nele vai exercer: cultivo, comércio, descobertas, arte...dando a colher o que se semeou. A expressividade do corpo, feita de gesto e palavra, está permanentemente a vir à luz de uma expressão corporal, seja qual for o carácter que assuma – gestual, oral, escrita... - emprenhando de sensibilidade e significação o existir. Este vai instalar-se em si uma afectividade não visível, escondida, revelada, mas que o corpo sempre torna presente. É uma expressão para lá da linguagem dos gestos e das palavras, mas que neles se manifesta e serve como meio transitório do seu fluir, é o próprio sentido do gesto, a vida do gesto, é a própria seiva da palavra, a vida da palavra. O que é existencial é sempre algo mais, algo que está para lá. Se se trata do gesto, é o sentido simbólico que predominantemente o alimenta e sugere. Se se trata de palavras, é a própria vida das palavras que nelas se encontra imanente. Se se trata de experiências, é algo que está para lá do que se possa traduzir em expressão. É a própria vivencialidade e só ela que lhe dá efectivo e duradouro sentido e pode assumir múltiplas facetas: de ordem tecnológica, economicista, estética ou outra. Assim, mediante o contributo do corpo é-nos permitido que todo um legado cultural e civilizacional seja documentado, genetizado no seu sentido, e o captemos e reconheçamos como tal. Porque revela um sentido que se exterioriza pelo gesto e pela palavra, o corpo aí está a servir de palco de mundaneidade ao expressar a interioridade que dele brota, ao

desenhar traços próprios, ao esculpir o mundo em que vive, manifestando-o de um modo pessoal e identificador. É nessa medida que o corpo é expressão. O corpo é o lugar e o espaço vivo da expressividade de que é portador, que ele próprio modela, nele radica e nele fundeia um suporte adequado. É no corpo que se dá realidade à nossa intenção de expressão, é aqui que se constata a nossa intencionalidade mundana, é nele que se revela o modo expressivo que dá figura ao nosso relacionar. O corpo é assim a chave da nossa mundaneidade e participante de pleno direito do processo da sua expressão.

Ocupa esse lugar expressivo como uma “palavra segunda”, porque ele próprio é uma linguagem, linguagem invisível de presença física discreta sob o fundo da mundaneidade, linguagem visível no gesto. Pelo gesto, o corpo revela uma capacidade de significar idêntica da palavra, embora não tão flexível, não tão imediata, não tão complexa. A motricidade do gesto concorre com a potencialidade da palavra. Mas saber onde começa o gesto e acaba a palavra ou onde começa a palavra e acaba o gesto é um problema menor. Apesar de menos exponencial, o gesto assume uma natureza complementar. Se a palavra é portadora de sentidos que parecem provir e ir ao encontro do que há de mais essencial e transpô-lo para significados representativos e simbólicos de vocábulos, igualmente o gesto possui uma significação, também transmite pensamento, também revela informação. E se a palavra radica no corpo, ela não se distingue, enquanto forma de expressão de um significado comum, do próprio gesto. Ela própria também é gesto. E onde radica a sua fisicalidade? No corpo próprio que transporta emoções, instintos, raízes intuitivas. O corpo revela-se então como posto de controlo do intercâmbio possível de uma consciência como o mundo e deste com aquela. Pela expressão do corpo, o desbravar desse território da minha transplantação e manifestação mundanas ganha mais expressividade e dá-lhe um âmbito maior. Entre a fronteira pontyana da linguagem falada e da linguagem falante, é visivelmente evidente que o corpo pode dar o seu contributo intermediário para expressar a primeira e encaminhar para a

segunda. O gesto, qualquer gesto do corpo, possui então uma homogeneidade que decorre de uma identidade que se faz ao e no mundo.

Mas uma comunicabilidade plena vai exigir mais do que o gesto e apelar à presença de um outro actor: a palavra. A palavra do corpo uma vez liberta, ela própria ganha corpo e uma outra dimensão se descortina. O mundo que era natural, ganha agora um passaporte cultural e pela palavra se perpetua o que se ganha, o que se perde, o que se imagina, o que se constrói, o que se idealiza, o que se adivinha, o que se quer, o que se quer e consegue, o que se quer e não consegue, o que se explora, o que se investiga. A palavra verbaliza uma consciência, um pensamento, e vai permitir que o que se pensa, se expresse, o que se expressa, se pense. A palavra dirige-se sem opção ao mundo porque este é feito do possível e do impossível, de corpos e do meu corpo, de coisas, de outros. Porque a palavra que é minha pretende ser de todos uma vez proferida, para encontrar num abraço comunicativo outras palavras que me provocam à comunicabilidade. Porém, a palavra, apesar da corporeidade que possui, não se possui. Ninguém é detentor, proprietário da palavra. A palavra não se dá a um mundo feito de palavras paralelas, mas de palavras que se cruzam, não de palavras que se justapõem, mas de palavras que se interpenetram, não de palavras singulares numa soma comum, mas de palavras que se dialectizam e se complementam. Nessa dinâmica de expressão simultaneamente individual e remetida para um plano comum, se joga a possibilidade de todos os possíveis verbais. A palavra é sempre partilha, nunca é solitária, é solidária de outras palavras até ao horizonte inalcançável da expressão mundana. Na espontaneidade da sua manifestação, a palavra assume não querer viver isolada, não se reconhece num viver isolada, não veio ao mundo para morrer sozinha. Mas é preciso que a minha palavra veicule um sentido e que esse sentido seja captado. A palavra espontânea, voz de um corpo e de uma consciência, precisa de outra palavra interlocutora que a reconheça na diferença identificadora. Nas suas corporeidade e fisionomia simbólicas, a palavra adere ao mundo, e naturalmente este aderirá a si, e pretende interrelacionar-se, ser abertura e complementaridade, intimidade e exposição e, simultaneamente, espontaneidade e lealdade. É abertura porque, apesar de

reversível, aprende e evolui, não perde o seu lugar. É complementaridade porque, apesar de relacionada, não se esgota, não esgota a sua natureza. É intimidade porque, apesar de visível, transporta todo um carácter enigmático. É exposição porque, apesar de exposta, não se perde, não perde a sua identidade. É espontaneidade porque, apesar de se inserir num corpo, não se despersonaliza, ela também é corpo. É lealdade, porque, apesar da sua manifestação liberta, não deixa de manter o cordão umbilical com o silêncio de uma consciência que a projecta e com a singularidade de um corpo que a sustém. Claramente, a palavra não se possui, mas é meio ao dispor de todos para todos. Contudo, se a palavra vive matrimonialmente com o pensamento, os seus papéis são bem distintos. O pensamento não possui corporeidade, a palavra sim. O pensamento não tem acesso directo à visibilidade, a palavra sim. O pensamento pode esconder-se à mundaneidade, a palavra não. O pensamento permanece único e personalizado, a palavra dilui-se. O pensamento é fonte, a palavra meio. O pensamento devaneio, a palavra concretização. O pensamento é subjectividade, a palavra fenomenalidade. Porém, apesar de revelarem essas naturezas diferentes, pensamento e palavra confluem e suscitam o que os une para lá do que os diferencia: a própria expressão comum que germina numa racionalidade abrangente, intersubjectiva e vivencial.

Ora, a vivencialidade existencial revela-se como evidência irrecusável, porque há uma consciência que a vive e testemunha, e ganha contornos de uma verdadeira presença porque tem na palavra a sua expressão. É a presença da minha inserção no mundo, é a presença do mundo que se integra na minha existência. É esta que é pretexto vivo e razão legítima para eu percorrer o mundo, lugar de encontro onde se cruza com a existencialidade deste e o choque, que tal situação provoca, lança-me numa dinâmica vital, num encontro de coisas e seres. É então que a minha consciência, pela porta da perceptividade e pela expressão da palavra, me dimensiona como presença mundana. E demonstra a riqueza da sua manifestação: a palavra diz o que diz, diz o que não diz, diz o que está para lá do que diz, diz, não



dizendo, diz sugerindo, mas tudo isso sempre relacionado intimamente com o que diz, com o sentido que brota do que diz, no leito abrangente da linguagem. Mas o que é a linguagem? Será esse excesso da nossa existência sobre o ser natural? A linguagem é esse corpo de palavras instituídas onde cada palavra possui um determinado significado que se lhe cola à pele e lhe dá uma identidade formada. Então sob a plataforma do vivido, o dito reflecte o vivido, o vivido reflecte-se no dito. Apesar dessa colagem de planos, a coincidência de naturezas não é total. Se bem que um pensamento da consciência possa sempre ser corrigido, alterado, revisto, o mesmo não acontece com a palavra, o que é dito não tem regresso. O graal da consciência é procurar sentidos, novos sentidos, o da palavra é brotar dela, consciência, e testemunhar a sua procura e os seus resultados, bem como traduzir na exterioridade mundana e relacional a unidade e coerência interna entre pensamento e palavra, de que esta é porta-voz. Na palavra dita, reflecte-se a mundaneidade vivida, e aí se cruzam pensamentos próprios com pensamentos alheios, pensamentos do presente com pensamentos do passado, pensamentos reais com esboços de pensamento. Contudo, o dito não é o vivido. O dito é expressão do vivido. O dito possui uma concreticidade que é simultaneamente uma ausência. O que é que isto significa? Significa que a palavra conjuga a presença com a ausência, o expresso e o silêncio dessa expressão. Se a objectividade da palavra se parece resumir à sua concreticidade temporal, isso de facto não é real, porque não se esgota desse modo. Nascida para ser instrumento de comunicação, insere-se na memória da língua e assim se perpetua, como portadora de expressão e de vivencialidade. E é assim que, existindo para ser dita, na medida em que se expressa, a consciência permite que o mundo testemunhe e a memória do tempo a armazene. E se a consciência ganha ela mesmo uma história, história das suas manifestações, o mundo, bem como os seus conteúdos, de igual modo. E se o vivido se faz dito, o dito também se faz vivido. Se pela primeira condição se abrem as portas à realidade do passado, pela segunda abrem-se as portas à realidade do futuro das coisas, dos outros, do mundo.

Porque o mundo é ‘alter’ da consciência. Esta daquele, numa circularidade envolvente e recheada de significação. A consciência devido à sua própria natureza

constitutiva, tem a possibilidade de se reconhecer a si próprio enquanto tal, de reconhecer o mundo, de reconhecer uma intencionalidade que a orienta para o mundo, de reconhecer outras consciências no mundo. Neste encontro ganha em dimensão a alteridade identificadora desta dialéctica significativa, uma vez que a existência do outro altera o mundo, o meu mundo. Eu não o vivo de um modo isolado. Situadas no espaço/tempo objectivos, partilhando existências que percorrem e traçam sulcos no terreno de uma mundaneidade aberta, identidade e alteridades veiculam pela palavra diferentes modos de conceber e viver esse mesmo mundo. Enriquecendo-se conceptualmente nessa partilha e mediante uma resultante intersubjectividade activa, feita de vivências e significações, transpõem-se para lá da mundaneidade dada. Acontece é que a palavra dessa partilha não diz tudo, não conta tudo, não revela tudo, não compreende tudo. Mas diz, conta, revela e compreende. Pode ser incompleta no complemento directo ou indirecto, mas predica, não deixa de o fazer e possibilitar, dado que me permite o contacto de alteridades, a comunicabilidade incontornável e a troca de significações. A experiencialidade que cada um vive é assim posta em comum, mas sem eliminar diferenças. O mundo é movimento. Os outros presença. Um e outros constantes, mesmo que sujeitos à ausência, numa dimensão humana que decorre de toda esta dialéctica eu-outro, onde as vivencialidades ganham corpo e se sedimentam no tempo. Nesse plano se desenvolvem as possibilidades relacionais com o mundo e os outros, bem como é nesse plano que se podem testemunhar as minhas opções, as minhas decisões, se situam as minhas determinações e eu ganho consistência nesse jogo de entrechoques com outras vivencialidades. Como a minha consciência pela palavra se faz mundana, e encontra o olhar de outras consciências alteres, assim se constitui e se alimenta o seu grau de mundaneidade, porque se estabelece um vínculo relacional e passa a ser permitido uma manifestação visível e identificada. A coexistência mundana que vinca os sulcos dessa correlação, não me abandona, porém, a uma sorte pessoal instável, no sentido de vir a negar essa intimidade vivencial que se criou. E eu ganho confiança. O mundo dá, eu recebo. Eu dou, o mundo recebe. Daqui germinam

múltiplos mundos, tantos quantas as consciências que o habitam, tantos quantos os mundos que as consciências criam, tantos quantos os mundos que eu posso abarcar. Esta relação consciência-mundo, correlação viva e dialéctica, tenho a garantia da minha própria existencialidade e da minha inserção no mundo. Contudo, a visibilidade da consciência é tão visível como a própria vida: não é. Detectamo-la na concreticidade mas adivinhamo-la fora dela. É, não pelo facto de ser, mas pelo facto de ser para, de ser como, porque é desse modo que se dá ela a revelar, a conhecer na sua exteriorização. É, pela possibilidade de ser existencial, porque na existência efectivamente radica. É à superfície da sua manifestação, porque é à superfície onde todas as consciências se encontram e se definem. Mas existir como homem é eu ter a possibilidade de projectar no mundo real a visibilidade a minha subjectividade invisível mas real e, igualmente, captar as projecções alheias, então é nesse jogo de alteridades que se sente a presença de identidades e se revelam os estilos. Sou eu a conversar com o mundo, é o mundo a conversar comigo. Nesse diálogo desmascaro a minha cara, o mundo percebido vai-me desvelando a sua.

Esse perceber o mundo não significa obter o seu desvelamento automático. Desvelar o mundo exige bem mais do que percebê-lo e não é gratuito. É-me oferecido um contacto directo, permanente, com a mundaneidade circundante. É-me oferecido uma experiência de mundo. É-me oferecido uma intimidade com as coisas mundanas. Se promete o seu desvelamento, é necessário que este conhecimento que me é prometido radique efectivamente no ser da realidade, pois para lá da percepção da visão, do gosto, do tacto, do cheiro do mundo, há a constatação de que este é manifestação e possibilidade, sempre aberto e incontornável, sempre exposto e fugidio. O conhecimento verdadeiro tem pois que se colar ao real e cabe a este tem de confirmar que essa roupagem é feita à medida e se adequa, na perfeição, à sua constituição. Intelectualizar o mundo seria fomentar uma ilusão. A realidade mundana não tem que ser por nós construída. Já o está. Não tem que ser constituída no que é, porque já o é. Em meu favor joga uma subjectividade cognoscitivamente activa, que me afirma como ser perceptivo, ser de desejo intencional e ser de conhecimento, e assim me assumo como uma consciência

que é sustentada, num ‘arco intencional’, feita de uma ‘intencionalidade operante’, uma subjectividade atenta e devoradora que tudo conjuga: as minhas vivências particulares, o corpo próprio, o eu empírico, os objectos do mundo, a mundaneidade em geral. Se o mundo se me dá espontaneamente numa primeira aproximação, eu entendo-o como sendo constituído tal como ele se me dá. Se é evidente que o mundo me é dado a conhecer, é porque a minha percepção lhe franqueia a passagem. Neste jogo dos papéis cognitivos, a percepção é fundamental para nos facultar sensações, nos relacionar desse modo com o mundo e ser fermento para a génese do conhecimento. Mas o meu conhecimento não pode ser um somatório residual de estímulos e de qualidades empíricas organizadas artificialmente de um qualquer modo interpretativo, num esforço de tentar fazer a leitura do ‘puzzle’ fenoménico que me chega nas suas qualidades primárias intrínsecas. É então que claramente me apercebo que o mundo é muito mais do que o nosso mundo e a percepção muito mais do que o espectro geofísico visível, mas reconheço que a percepção, e só ela, permite o desvelamento do mundo. A sua acção de me fornecer informações exteriores e objectos mundanos exige-me, porém, um duro trabalho conceptual. É esse o preço a pagar, quando pareceria ser muito mais fácil que o conhecimento do real fosse automaticamente assumido, directo, adequado, definido e definitivo, tal como parece acontecer com qualquer outra espécie. A acrescentar ainda os riscos que corro, quando estabeleço um reflectido construído que pode não corresponder, mesmo que parcialmente corresponda, ao próprio real. Mas é a percepção que permite o encontro entre uma consciência cognoscente e um objecto a conhecer. Há uma aproximação irrecusável entre ambos, de modo que entre si parece existir uma cumplicidade inquebrável e devo manifestar um respeito integral pela exigência do estruturalmente preceptivo. Porque eu não me livro do mundo, isso é certo, mas que o meu mundo seja o mundo, isso já não é tão certo. Que a realidade mundana pareça ser de uma incontestável certeza na sua permanência objectal, que nunca desaparece e logo reencontro sempre que abro os olhos fechados, isso é certo, pois o mundo nunca perde a sua pose. Porém, se eu estou objectivamente no mundo pelo corpo, e

desse modo sou um projecto do mundo, simultaneamente eu projecto-me no mundo e desse modo sou um projecto não corporal de uma intencionalidade operante. Se enquanto corpo posso ganhar raízes na terra da existência e sentir odor da carne existencial, não deixo de ser igualmente uma consciência vivida do mundo. Eu sou, pelo corpo, abertura ao mundo, aos possíveis do mundo. Eu sou, pela consciência, possibilidade de dar sentido às solicitações fenoménicas. Possuo uma verdade e sou portador de um sentido, procuro verdade e sentido.

Mas falar de verdade em Merleau-Ponty não é partilhar um conceito genérico. A verdade pontyana é um tipo de verdade que não exige correspondência às coisas, mas uma correspondência entre o que é expresso e a identidade que o exprime. Assim é porque a expressão de identidade é a verdadeira expressão do silêncio e da voz do ser pessoal, porque é expressão do sentido pessoal que fomenta a sua própria autenticidade e, portanto, a sua efectiva verdade. Mas o acesso à nossa própria identidade não se faz de um modo directo. O corpo e a palavra são intermediários, transportam uma simbolização que abre as portas a uma existencialidade verdadeiramente assumida. O mundo serve então de espécie de memória digital a todas as verdades pessoais de que o corpo e a palavra são portavozes privilegiados. Embora natural na sua manifestação comunicativa a estrutura de uma verdade pessoal não se estabelece por uma arbitrariedade casual. Pode-se falar de muitas verdades, mas só se vive uma verdade, só se habita um sentido, porque ambos correspondem a uma identidade. Uma vez existencial, o seu sentido perpetua-se na objectividade adquirida. A abertura pessoal à vivencialidade que decorre nos planos do mundo permite que a verdade aconteça e se conheça, uma vez que a verdade é pessoal e é ela própria um caminho, uma via de acesso ao sentido da própria identidade. Não se pode ignorar uma certa reversibilidade que se torna presente. Eu insiro-me no mundo e ele em mim. Eu projecto-me no mundo e ele em mim. Eu vivencio o mundo e ele vivencia-me a mim, porque me acolhe. A minha identidade molda-se nessa reversibilidade e o meu estilo vai mostrar o modo como a conjugo. Assim, a verdade do meu próprio ser, única e determinante para permitir uma identificação, referencia o seu sentido nesse cunho existencial de um modo

muito particular de eu ser e me situar em contextos temporais (de passado e futuro), espaciais (do meio físico humano e realidade física pessoal), culturais, ideológicos, morais... Inserido na textura mundana, com o passaporte de uma identidade pessoal e na realização de um estilo, é no plano de uma mundaneidade concreta onde se encontram intenções e possibilidades, que o incremento de uma diálise é possível pela sua manifestação e realização, pela conjugação efectiva da essência e da existência. Até onde o corpo possa permitir o seu papel de intermediário mundano, a existência própria tem todos os meios de realizar o potencial de que é portadora. Até onde o corpo possa realizar adequadamente as suas funções mundanas, a realidade de uma consciência que nele se inscreve tem existência. Até onde o corpo possa ser capaz de possuir uma fisionomia mundana, a identidade que o habita está segura, pois é sinónimo de ser identificado pelos outros, outras identidades. Até onde a palavra puder ser expressão visível da interioridade que nele se expõe, a transcendência da consciência pode ser activada e manifesta. Até onde a palavra puder dar realidade às modulações próprias do nosso pensar e ser, então o estilo próprio estará presente. Até onde uma consciência se fizer mundo, faz o mundo seu, contando sempre como certo uma efectiva liberdade e a abertura mundanas.

O exercício desse contacto humano com a mundaneidade é garantido então quer pelo corpo, cuja existência exige o ser da existência, quer pela palavra, realidade manifestadora dos conteúdos invisíveis do pensamento, uma realidade visível do nosso compromisso com um existir experiencial aberto e livre. Essa abertura ao mundo radica num exercício de concreticidade nesse mesmo mundo que lhe dá guarida e nas situações mundanas que lhe dão consistência. Essa abertura exige o desempenho de um papel: o papel de actor existencial, que age, que se relaciona, que fala. O mundo de que eu falo é o mundo em que eu vivo, o mundo que vivo. O que é dito, se é entendido pode ser partilhado. Se partilhado é porque é comum e encontra ressonâncias nos outros que escutam. Palavra proferida, enraizada na vivencialidade, encontra ecos diversificados e os mais inesperados nos

interlocutores, exactamente porque as vivencialidades pessoais são igualmente diversificadas e abertas ao inesperado, à totalidade mundana. A totalidade do mundo revê-se na totalidade dos espaços mundanos que as coexistências abertas à mundaneidade percorrem. E tudo isso mediante a presença e contributo do corpo e a expressividade da palavra, numa dialéctica que desse compromisso resulta. Mas a nossa abertura à experiencialidade não é linear, clara e sempre sustentável. Também ela está inscrita numa atmosfera com um certo grau de indeterminação devido a uma proliferação de identidades, uma descontinuidade feita de realizações culturais, uma infinidade de estilos. Enquadrado na tela do real, vivencio os meus gostos, dou lugar às minhas opções, revelo as minhas atitudes e os enquadramentos que lhe dão sentido, integro-me na atmosfera que a mundaneidade permanentemente cria e recria, projecto no seu domínio o domínio da minha consciência, assumo-me como o representante absoluto de todas as minhas vivencialidades. E se a liberdade que nelas percorro é uma liberdade relativa, sinónima de contingência, também o é sinónima de liberdade criadora, emergente num plasma mundano, que parecendo fixo, é mutável e carente de movimento. Nele me é possível envolver-me como identidade e estilo identificadores numa procura que evidencia os traços de uma história pessoal de ser corporal que atravessa uma linha de tempo situado num volume de espaço epocal e se lança como ser de palavra na expressividade partilhada. Nele me é possível construir uma história que faz do desconhecimento conhecimento e da ignorância reconhecimento, mediante uma criatividade racional viável devido ao contributo sempre presente desses suportes definitivos próprios: o corpo e a palavra.

A obra pontyana serviu de pano de fundo verdadeiramente inspirador a este estudo, e não foi de modo algum sentida uma possível fragmentação que a morte prematura do filósofo poderia ter transmitido à sua obra, para sempre refém de inevitável incompletude e de um inexorável carácter inacabado. Merleau-Ponty, *filósofo do corpo, do gesto, da vida indizível e anónima do ser-no-mundo e da*

*relação a outrem* <sup>524</sup>, reconhecidamente *recolhe e desenvolve temas ao longo de uma sinfonia sempre recomeçada e jamais terminada; é o optativo caminhar através de um mundo que se sente contínuo e uno, tecido de visíveis e, porventura, invisíveis relações, em que o ‘en-soi’, o ‘pour-soi’ e o ‘pour-autrui’ jogam a dialéctica da ambivalência inesgotável*<sup>525</sup>. O conjunto das obras e comunicações que nos legou não revela uma *filosofia desencantada*<sup>526</sup>, pelo contrário, é de si suficientemente esclarecedor de uma presença pujante e ímpar na culturalidade filosófica contemporânea e é garantia de que a sua reflexão continuará proficuamente a despoletar a presença de outras expressões e outras comunicações.

Espero que este trabalho possa, de algum modo, ter coincidido com esse desejo e contribuindo, à sua escala, para a dimensionalidade exponencial da sua realização.

---

<sup>524</sup> TAMINAUX, Jacques, o.c., p.97

<sup>525</sup> ANTUNES, Manuel, *Grandes Contemporâneos*, pp. 171-172 “Merleau-Ponty é Apolo: é o gesto sereno e firme, a medida na dança ambígua das nove Musas, a reserva, o pudor e a reticência de quem se sabe pôr, opondo-se obliquamente; é a proposição que recolhe e desenvolve temas ao longo de uma sinfonia sempre recomeçada e jamais terminada; é o optativo caminhar através de um mundo que se sente contínuo e uno, tecido de visíveis e, porventura, invisíveis relações, em que o *en-soi*, o *pour-soi* e o *pour-autrui* jogam a dialéctica da ambivalência inesgotável; é a sabedoria das máximas famosas: *Nous sommes condamnés ou sens e l’histoire c’est les autres*, contrariando, discreta mas directamente, as sartrianas proclamações de guerra: *Nous sommes condamnés à la liberté e l’enfer c’est les autres*.”

<sup>526</sup> HEIDSLECK, François, o.c., p.86



## BIBLIOGRAFIA(S) / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras de Merleau-Ponty

*La structure du comportement*, Paris, PUF , 2006 (1942)

*Phénoménologie de la perception*, Paris, Gallimard, 1994 (1945)

*La guerre a eu lieu*, Paris, Champ Social Éditions, 2005 (1945)

*Humanisme et terreur*, Paris, Gallimard, 1957 (1947)

*Le primat de la perception et ses conséquences*, Paris, Verdier , 1996 ( *Bulletin de la Société Française*, n.º 4, 1947)

*Sens et non-sens*, Paris, Gallimard, 1996 ( 1948 )

*Éloge da le philosophie et autres essais*, Paris, Gallimard, 1953 (*Elogio da Filosofia*, tradução portuguesa,Lisboa, Guimarães Editores, 1993)

*Les aventures de la dialectique*, Paris, Gallimard, 2000 ( 1955 )

*Signes*, Paris, Gallimard, 2001 ( 1960 )

*L'oeil et l'esprit* , Paris, Gallimard, 2006 (1961)

*Le visible et l'invisible*, Paris, Gallimard, 1979 ( 1964 )

*Résumés de cours (Collège de France, 1952-1960)*, Paris, Gallimard,1982 ( 1968)

*La prose du monde*, Paris, Gallimard, 1992 ( 1969 )

*Existence et dialectique*, Paris, PUF, 1971

*La nature, notes. Cours du Collège de France*, Paris, Seuil, 1995



*Notes des cours au Collège de France 1954/1955*, Paris, Gallimard, 2002  
(1996)

*Notes des cours 1959-1961 ( au Collège de France 1958/1959-1960/1961)*,  
Paris, Gallimard, 1996

*Parcours 1935--1951* , Paris, Verdier, 1997

*Parcours deux - 1951--1961* , Paris, Verdier, 2000

*Psychologie et pédagogie de l'enfant : Cours de Sorbonne, 1949-1952*, Paris,  
Verdier, 2001

*Causeries 1948*, Paris, Seuil, 2002

*Palestras*, Lisboa, Ed.70, 2003

*The World of Perception*, London, Routledge, 2008 (Causeries, 1948)

## **bras sobre Merleau-Ponty**

ALLOA, E. - *La résistance du sensible. Merleau-Ponty, critique de la transparence*, Paris, Éditions Kiné, 2008

BALDWIN, Th. - *Maurice Merleau-Ponty Basic Writings*, London, Routledge, 2003

BALDWIN, Th. - *Reading Merleau-Ponty: on the Phenomenology of Perception*, London, Routledge, 2007

BANNAN, J. F. - *The Philosophy of Merleau-Ponty*, New York, Harcourt, Brace and World, 1967

BARBARAS, R. - *De l'être du phénomène. Sur l'ontologie de Merleau-Ponty*, Grenoble, Jérôme Millon, 1993

BARBARAS, R. - *Merleau-Ponty*, Paris, Ellipses Marketing, 1997

BARBARAS, R. - *Le tournant de l'expérience. Recherches sur la philosophie de Merleau-Ponty*, Paris, Vrin, 1998

BARBARAS, R. (coord.) - *Merleau-Ponty*, Col. Chiasmi International (1-8) Milano/Associazione Culturale Nimesis, Paris/Vrin, Memphis/University of Memphis, 1999

BESMER, K. - *Merleau-Ponty's Phenomenology: the Problem of Ideal Objects*, London, Continuum, 2007

BIMBENET, É. - *Nature et humanité : Le problème anthropologique dans l'œuvre de Merleau-Ponty*, Paris, Vrin, 2004

BONAN, R. - *La prose du monde, Merleau-Ponty : la perception d'autrui et le dialogue* (extrait du chapitre V) , Paris, Ellipses, 2002

BONAN, R. - *Le problème de l'intersubjectivité dans la philosophie de Merleau-Ponty/ La dimension commune* – vol. I, Paris, L' Harmattan, 2001

BONAN, R. - *Merleau-Ponty, De la perception à l'action*, Aix-en-Provence, Publications de l'Université de Provence, 2005

CARMAN, T. / HANSEN, M. B. (eds.) - *Cambridge Companion to Merleau-Ponty*, Cambridge, CUP, 2005

CARMAN, T. - *Merleau-Ponty*, London and New York, Routledge, 2008

DA SILVA-CHARRAK, C. , *Merleau-Ponty – Le Corps et le Sens*, Paris, PUF, 2005

DAVIS H. D. (ed.) - *Merleau-Ponty's Laterworks and their Pratical Implications*, New York, Humanity Books, 2001

D' ALLONES, M. R. - *Merleau-Ponty*, Paris, Michalon, 2001

DELCÓ, A., *Merleau-Ponty et l'expérience de la création. Du paradigme au schème*, Paris, PUF, 2005

DELIVOVATZIS, S. - *La dialectique du phénomène (sur Merleau-Ponty)*, Paris, Méridiens-Klincksieck, 1987

DE WAELHENS, A. - *Une philosophie de l'ambigüité. L'existentialisme de Maurice Merleau-Ponty* , Louvain-Paris, Nauwelaerts, 1951

DE WAELHENS, A. - *La philosophie du langage selon Merleau-Ponty, Existence et signification*, Louvain-Paris, Nauwelaerts, 1958

DIAS, I. M. - *Merleau-Ponty-Une poïétique du sensible*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 2001 (trad. R. Barbarras)

DIPROSE, R. / REYNOLDS, J. (eds.) - *Merleau-Ponty: Key Concepts*, Chesham, Acumen Publishing Ltd, 2008

DORFMAN, E. – *Réapprendre à voir le monde. Merleau-Ponty au miroir lacanien*, Dordrecht (Netherlands), Springer, 2007

DUPOND, P. - *Le vocabulaire de Merleau-Ponty*, Paris, Ellipses Marketing, 2001

DUPOND, P. – *La réflexion charnelle. La question de la subjectivité chez Merleau-Ponty*, Bruxelles, Ousia, 2004

DUPORTAIL, G.-F. – *Les Institutions du monde et de la vie. Merleau-Ponty et Lacan*, Grenoble, Éditions Jérôme Millon, 2008

EVANS, F. / LAWLOR, L. (eds.) - *Chiasms: Merleau-Ponty's Notion of Flesh*. Albany, Sunny Press, 2000

FONTAINE DE VISSCHER, L. - *Phénomène ou structure? Essai sur le langage chez Merleau-Ponty*, Bruxelles, Publications Universitaires Saint-Louis, 1974

GARAUDY, R. [et al.] - *Mésaventures de l'anti-marxisme. Les malheurs de M. Merleau-Ponty*, (avec une lettre de G. Lukacs), Paris, Éditions Sociales, 1956

GERAETS, Th. - *Vers une nouvelle philosophie transcendantale. La genèse de la philosophie de Maurice Merleau-Ponty jusqu'à la phénoménologie de la perception*, La Haye, Martinus Nijhoff, 1971 (préf. E. Levinas)

GODDARD, J.- Ch. / LABRUNE, M./ BARBARAS R. - *Le Corps*, Paris, Vrin, 2005

HALDA, B. - *Merleau-Ponty ou la philosophie de l'ambiguïté*, Paris, Archives des Lettres Modernes, 1966

HEIDSIECK, F. – *L'ontologie de Merleau-Ponty*, Paris, PUF, 1971

LAPOINTE, F. and C. - *Maurice Merleau-Ponty and His Critics: An International Bibliography, 1942-76*, New York, Garland, 1977

HYPPOLITE, J. - *Sens et existence dans la philosophie de Merleau-Ponty*, Osford, Clarendon Press, 1963

IMBERT, C. - *Maurice Merleau-Ponty*, Paris, Ministère des Affaires Étrangères, 2005

KWANT, R. - *The Phenomenological Philosophy of Merleau-Ponty*, Pittsburgh, Duquesne University Press, 1963

LEFEUVRE, M. - *Merleau-Ponty au-delà de la phénoménologie. Du corps, de l'être et du langage*, Paris, Klincksieck, 1976

LEFORT, C. - *Sur une colonne absente. Écrits autour de Merleau-Ponty*, Paris, Gallimard, 1978

MADISON, G. B. - *La phénoménologie de Merleau-Ponty. Une recherche des limites de la conscience*, (préface de Paul Ricœur), Paris, Klincksieck, 1973

MALDINEY, H. - *Merleau-Ponty, le psychique et le corporel*, Paris, Aubier, 1988

MATTEWS, E. - *Maurice Merleau-Ponty, Companion to Modern French Thought*, London, Routledge, 2004

MERCURY, J.-Y. – *L'expressivité chez Merleau-Ponty, Du corps à la peinture*, Paris, L'Harmattan, 2000

MERCURY, J.-Y. – *Approches de Merleau-Ponty*, Paris, L'Harmattan, 2001

MERCURY, J.-Y. – *La chair du visible, Paul Cézanne et Maurice Merleau-Ponty*, Paris, L'Harmattan, 2005

MÉNASE, S. – *Passivité et création. Merleau-Ponty et l'Art Moderne*, Paris, PUF, 2003

PEILLON, V. - *La tradition de l'esprit: Itinéraire de Maurice Merleau-Ponty*, Paris, LGF, 2008

PEILLON, V. - *L'Épaisseur du cogito: Trois études sur la philosophie de Maurice Merleau-Ponty*, Bordeaux, Ed. Le Bord de l'Eau, 2004

RENAUD, I. C. R. - *Communication et expression chez Merleau-Ponty*, Lisboa, UNL - FCSH, 1985

RICHIR M. / TASSIN É. [Org.] - *Merleau-Ponty. Phénoménologie et expériences*, Grenoble, Jérôme Millon, 1992

ROBINET, A. - *Merleau-Ponty. Sa vie, son œuvre, avec un exposé de sa philosophie*, Paris, PUF, 1960

SAINT AUBERT, E. – *Du lien des êtres aux éléments de l'être. Merleau-Ponty au tournant des Années 1945-1951*, Paris, Vrin, 2004

SAINT AUBERT, E. – *Vers une ontologie indirect. Sources et enjeux critiques de l'appel à l'ontologie chez Merleau-Ponty*, Paris, Vrin, 2006

SALLIS, J. - *Merleau-Ponty - Perception, Structure, Langage*, New Jersey, Humanities Press, 1981

SCHILDER, P. - *L'image du corps*, Paris, Gallimard, 1980

SCHMIDT, J. – *Maurice Merleau-Ponty. Between Phenomenology and Structuralism*, New York, St. Martin's Press, 1985

SILVA-CHARRACK, C. - *Merleau-Ponty. Le corps et le sens*, Paris, PUF, 2005

STEEVES B. J. – *Imagining Bodies, Merleau-Ponty's Philosophy of Imagination*, Pittsburg, Duquesne University Press, 2004

THIERRY, Y. - *Du corps parlant. Le langage chez Merleau-Ponty*, Bruxelles, Ousia, 1987

TILLIETTE, X. - *Merleau-Ponty ou la mesure de l'homme*, Paris, Seghers, 1970

TOADVINE, T. / LAWLOR, L. - *Merleau-Ponty Reading*, Evanston/Illinois, Northwestern UP, 2007

TOADVINE, T. - *Merleau-Ponty*, London, Routledge, 2006



TRÉGUIER, J. – M. - *Le corps selon la chair. Phénoménologie et ontologie chez Merleau-Ponty*, Paris, Kimé, 1996

TYMIENIECKA, A.-T. [Org.] - *Maurice Merleau-Ponty. Le psychique et le corporel*, Paris, Aubier, 1988

VALDINOCI, S. – *Merleau-Ponty dans l'invisible. L'Oeil et l'Esprit au miroir du Visible e l'invisible*, Paris, L'Harmattan, 2003

WATSON, S. H. - *In the Shadow of Phenomenology. Writings after Merleau-Ponty I*, London, Continuum International Publishing Group Ltd, 2009

ZIELINSKI, A. – *Lecture de Merleau-Ponty et Levinas . Le corps, le monde, l'autre*, Paris, PUF, 2002



## Artigos sobre Merleau-Ponty

ALQUIÉ, F. - «Maurice Merleau-Ponty», in *Cahiers du Sud*, 1961, Set.-Nov., pp. 362 - 363

ALQUIÉ, F. - «Une philosophie de l'ambiguïté. L'existentialisme de Maurice Merleau-Ponty», in *Fontaine*, 1947, n.º 59, pp.47-70

ANGELINO, L. - « L'a priori' du corps chez Merleau-Ponty », in *Revue Internationale de Philosophie*, 2, 2008, n.º244, ( Bruxelles/Diffusion PUF), pp. 167-188

ANTUNES, M. - «Significação de M. Merleau-Ponty», in *Grandes Contemporâneos*, Lisboa, Verbo, 1973, pp.167-181

ÁRIAS MUNOZ, J. A. - «Notas para una introduccion al problema del cuerpo en la filosofia de Merleau-Ponty», in *Estúdios de metafísica*, 2, 1971-72, pp. 229-236

BARBARAS, R. - «Phénoménalité et signification dans le visible et l'invisible», in *Les cahiers de philosophie*, 1989, n.º 7, pp. 25-53

BAZTAN, A. - «Filosofia del corpo en M. Merleau-Ponty», in *Anthropologica*, 3, 1975, pp.69-94

BEAUVOIR, S. - «La phénoménologie de la perception de Maurice Merleau-Ponty», in *Les temps modernes*, 1, 1945 , p.46

BELOT, D. - « Dialectique, ontologie et histoire dans les notes préparatoires aux cours sur 'La philosophie dialectique' (1956) Écriture et vérité », in *Revue Internationale de Philosophie*, 2, 2008, n.º244, ( Bruxelles/diffusion PUF), pp. 189-206

BERGERON, A. - «La conscience engagée dans le régime des significations selon Merleau-Ponty», in *Dialogue*, 5, 1966, pp.373-382

BERMAN, M. - « Merleau-Ponty's Hermeneutics of Comparative Philosophy Revisited », in *Phenomenological Inquiry*, (Hannover/Hampshire), vol.31, 2007, pp.90-110

BOUET, M. - « Le problème de l'intériorité objective dans la psychologie phénoménologique de Merleau-Ponty », in *Les études philosophiques*, 3,4, 1948, pp. 237-314

BORNHEIM, G. - « Fenomenologia e causalidade em Merleau-Ponty », in *Revista Brasileira de Filosofia*, 75, 1969, pp. 305-333

CANTISTA, M. J. - « Fenomenologia e percepção em Maurice Merleau-Ponty », in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XLI, 1985, pp.385-404

CANTISTA, M. J. - « Em busca do sentido originário: a reflexão fundacional em Maurice Merleau-Ponty », in *Revista Portuguesa de Filosofia*, U.P., II série, vol. 22, 2005, pp.61-67

CASTORIADIS, C. - « Le dicible et l'indicible. Hommage à Merleau-Ponty », in *L'arc*, 46, 1971, pp. 67-79, (edição posterior in *Les carrefours du labyrinthe*, Paris, Seuil, 1978, pp. 125-146)

CHARLESWORTH, J.H. - « Reflexions on Merleau-Ponty's phenomenological description of 'word' », in *Philosophy and Phenomemological Research*, 30, 1969-70, pp. 609-613

CHARRON, G. - « Du langage. A Martinet et Merleau-Ponty » , in *Collection Philosophica*, Éditions de l'Université de Ottawa, , 1972, pp.67-173

COTTEN, J. P. - « Les lectures de Merleau-Ponty à propos de la 'Phénoménologie de la Perception' », in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 77, 1972, pp.307-372

COWLEY, F. - « L'expression et la parole d'après M. Merleau-Ponty », in *Dialogue V*, 1966, n.º3, pp.360- 372

COYNE, M. U. - « Merleau-Ponty on Language: An Interrupted Journey toward a Phenomenology of Speaking», in *International Philosophical Quarterly*, 20, 1980, pp.307-326

DESANTI, J.-T. - « En souvenir de Maurice Merleau-Ponty. Réflexions en marge de Le visible et l'invisible», in *Les Cahiers de Philosophie*, 1989, n.º 7, p.145-154

DE WAELEHENS, A. - «Une philosophie de l'ambiguïté. Préface à Merleau-Ponty», in *Structure du Comportement*, Paris, PUF, 1972, pp. V-XV

DE WAELEHENS, A. - «La philosophie du Langage selon M. Merleau-Ponty», in *Existence et Signification*, Paris-Louvain, Nauwelaerts, 1967(2.<sup>ª</sup>éd.), pp.123-141

DE WAELEHENS, A. - «Merleau-Ponty», in *Encyclopedia Universalis*, tomo 10, 1968, pp. 818-820

DE WAELEHENS, A. - «Situation de Merleau-Ponty», in *Les Temps Modernes*, 17, 1961, n.º 184-185, pp. 377-398

DUFRENNE, M. - « Maurice Merleau-Ponty », in *Les Études Philosophiques*, 17, 1962, pp. 81-92

DUPOND, P. - « Temps, nature et histoire dans la 'Phénoménologie de la perception' », in *Études Phénoménologiques*, Tomo XVI, 2000, n.º31, pp. 3-34

FLORIVAL, G. - «Structure, origine et affectivité. Quelques réflexions à propos de la corporéité», in *Revue philosophique de Louvain*, 34, 1979, pp.196-218

FRAGATA, J. - «A filosofia de Merleau-Ponty», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XIX, 1963, pp.113-141

FROSNAN, J. N. - « Merleau-Ponty and Phenomenological Philosophy », in *Études Phénoménologiques*, Tomo XVI, 2000, n.º31, pp. 83-102

FUENTES, J. L. - «Fenomenologia existencial en Merleau-Ponty», in *Pensamiento*, 7, 1971, pp.309-331

GERAETS, T. - «Le retour à l'expérience perceptive et le sens du primat de la perception», in *Dialogue*, 4, 1976, pp.595-607

GLENN, J. - « Merleau-Ponty and the Cogito», in *Philosophy Today*, 20, 1979, pp. 310-320

GLENN, J. - « Merleau-Ponty's Existential Dialectic », in *Tulam Studies in Philosophy- Philosophical Perspectives*, 29, 1980, pp. 81-93

GREEN, A. - « Du comportement à la chair: Itinéraire de Merleau-Ponty», in *Critique*, 20, 1964, n.º 221, pp.1017-1046

HYPPOLITE, J. - « Merleau-Ponty», in *Figures de la pensée philosophique*, Paris, P. U. F., 1975, pp. 685-758

HYPPOLITE, J. - « Existence et dialectique dans la philosophie de Merleau-Ponty», in *Les temps Modernes*, 17,1961, n.º 184/185, pp. 228-244

JESUS, P. - « L'instabilité de l'être-avec. Configurations de l'intersubjectivité autour de Sartre, Merleau-Ponty et Levinas», in *Revue Philosophique de Louvain*, (Louvain-la-Neuve), 2009, n.º 2, pp.269-300

KONO, T. - «Le langage et le schéma corporel chez Maurice Merleau-Ponty», in *Études Phénoménologiques*, 16, 1992, pp.103-122

LACAN, J. - « Maurice Merleau-Ponty», in *Les temps Modernes*, 17,1961, n.º 184/185, pp. 245-254

LANIGAN, R. - « Merleau-Ponty's Phenomenology of Communication», in *Philosophy Today*, 14, 1970, 2/4, pp.79-88

LAPOINTE, F. H. - «The Body-Soul Problem in Merleau-Ponty's The Structure o/ Behaviour», in *Modern Schoolman*, 50, 1973, pp. 281-291

LE GOFFE, J. P. - «Le paradoxe du langage et de l'être brut», in *Les cahiers de philosophie*, "Actualité de Merleau-Ponty", 1987, pp. 69-84

LEFORT, C. - « Le corps, la chair», in *L' Arc*, 1971, n.º46, p.5-18

LEFEBVRE, H. - « M. Merleau-Ponty et la philosophie de la ambiguïté», in *La pensée*, 1956, p.68

LEWIS, P. - « Merleau-Ponty and the Phenomenology of Language», in *Yale French Studies*, 36-37, 1964-65, pp.19-40

LEVINAS, E., - «De l'intersubjectivité . Notes sur Merleau-Ponty», in *Hors sujet*, Montpellier, Fata Morgana, 1987, pp.143-172

LINGUS, A. - «Maurice Merleau-Ponty: La prose du monde», in *Man and World*, 304, 1970, pp. 406-414

LOW, D. - « Merleau-Ponty's criticism of Derrida », in *Phenomenological Inquiry*, (Hannover/Hampshire), vol.30, 2006, pp.79-91

LOW, D. - « Merleau-Ponty and post-modernism », in *Phenomenological Inquiry*, (Hannover/Hampshire), vol.32, 2008, pp.63-92

NEBREDÁ, J. J. - « Merleau-Ponty y la fenomenología del lenguaje», in *Pensamiento*, 38, 1982, pp. 63-86

NOBLE, S. A., - « De la conscience et du comportement à la conscience perceptive: critique et enjeux d'une pensée en devenir. Inédits de et sur Merleau-Ponty, 1940-1945», in *Revue Internationale de Philosophie*, 2, 2008, n.º244,(Bruxelles/diffusion PUF), pp. 127-148

PEILLON, V. - «Merleau-Ponty en mouvement», in *Magazine littéraire*, 1994, Avril, p. 320

RENAUD, B. - « Phénoménalité et signification dans 'Le visible et l'invisible' », in *Le Cahier de Philosophie – 'Actualité de Merleau-Ponty'*, 1987, pp.25-53

RENAUD, M. I. C. R. - «A Fenomenologia de Merleau-Ponty e o Destino da Filosofia», in *Arquipélago - Revista da Universidade dos Açores, Filosofia*, 1991/92, n.º 2 – 3

RENAUD, M. I. C. R. - «Orientações para o problema da expressão em Merleau-Ponty», in *Broteria*, 112, 1981, pp. 267-274

RENAUD, M. I. C. R. - «Sentido e expressão em Merleau-Ponty», in *Broteria*, 112, 1981, pp.397-419

RESENDE, A. M. - «Le point de départ dans la philosophie de M. Merleau-Ponty», in *Revue philosophique de Louvain*, 73 ,1975, pp.451-479

RICHIR, M. - «Le sens de la phénoménologie dans le visible et l'invisible», in *Esprit*, 66, 1982, pp.124-145

RICHIR, M. - « Merleau-Ponty: un nouveau rapport à la psychanalyse», in *Les Cahiers de Philosophie*, 7, 1989, pp. 155-188

RICOEUR, P. - «Hommage a Merleau-Ponty», in *Esprit*, 26 ,1961, pp. 1115-1120

RICOEUR, P. - «Par-delà Husserl et Heidegger», *Les Cahiers de Philosophie*, 7, 1989, pp. 17-23

ROBERT, F. - « Écriture et vérité », in *Revue Internationale de Philosophie*, 2, 2008, n.º244, ( Bruxelles/diffusion PUF), pp. 149-166

SARTRE, J. P. - «Merleau-Ponty vivant», in *Les Temps Modernes*, 17, 1961, n.º 184/185, pp. 304-376

STEINMETZ, R. - « L'icône du visible », in *Études Phénoménologiques*, Tomo XVI, 2000, n.º31, pp. 103-124

TAMINIAUX, J. - «Merleau-Ponty. De la dialectique à l'hyperdialectique», in *Recoupements*, Ousia, Bruxelles, 1982, pp. 90-117

TAMINIAUX, J. - « La phénoménologie dans le dernier ouvrage de Merleau-Ponty », in *Le regard et l'excédent*, La Haye, M. Nijhoff, 1977, pp. 72-89

TAMINIAUX, J. - « L'expérience, l'expression et la forme dans l'itinéraire de Merleau-Ponty », in *Le regard et l'excédent*, La Haye, M. Nijhoff, 1977, pp. 90-115

WALDENFELS, B. - « Vérité à faire. La question de la vérité chez Merleau-Ponty », in *Les cahiers de philosophie*, n.° 7, 1989, pp.85-106

## Obras citadas/consultadas

- ARENDDT, H. - *A Vida do Espírito*, vol.II- *Querer*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000
- BADIOU, A. - *Le siècle*, Paris, Seuil, 2005
- BARTHES R., *O prazer do texto*, Lisboa, Ed. 70, 2001
- BARTHES R., *Le degré zéro de l'écriture*, Paris, Seuil, 1964
- BERGSON, Henri, *A Intuição Filosófica*, Lisboa, Ed.Colibri, 1994
- BORGES, J. L. - *Fictions*, Paris, Gallimard, 1974
- BRUAIRE, C. - *Philosophie du corps*, Paris, Seuil, 1968, pp.124-140
- CANTISTA, M.<sup>a</sup> J., *Desenvolvimentos da Fenomenologia na Contemporaneidade*, Porto, Campo das Letras, 2007
- CASSIRER, E., *Antropologia Filosófica*, s/ed., México, 1963, pp. 325-334
- COLLETTE, J. - *L'existentialisme*, Paris, PUF, 1996
- CARBONE, M. – *La visibilité de l'invisible*, Hildeshreim, Georg Olms Veriag AG, 2001
- CHARCOSSET, J. P. - *Approches phénoménologiques*, Paris, Hachette, 1981
- CHOMSKY, N. - *Linguagem e pensamento*, Petrópolis, Vozes, 1971
- COLLETTE, J. - *L'existentialisme*, Paris, PUF, 1996
- DA SILVA, A., *Textos e Ensaios Filosóficos II*, ed. Âncora, Lisboa, 1999
- DE WAELEHENS, A. - *La philosophie et les expériences naturelles*, La Haye, Martinus Nijhoff, 1961
- DE WAELEHENS, A. - *Existence et signification*, Louvain, Nauwelaerts, 1958



DE WAELEHENS, A. - *Phénoménologie et Vérité*, Louvain-Paris, Nauwelaerts, 1969

DELEUZE. Gilles, *Diferença e Repetição*, Lisboa, Relógio d' Água, 2000

DELEUZE. Gilles e GUATTARI, Felix, *Qu'est-ce que la Philosophie?*, Paris, Minuit

DELEDALLE, G. / HUISMAN, D. [Org.] - *Les philosophes français d'aujourd'hui par eux-mêmes*, Paris, C. D. U., 1963

DERRIDA, J., *O monolinguismo do Outro ...*, Porto, Campo das Letras, 2001

DERRIDA, J. - *L'écriture et la différence*, Paris, Seuil, coll. Tel Quel, 1967

DERRIDA, J. - *La voix et le phénomène*, Paris, PUF, 2003

DERRIDA, J. - « La forme et le vouloir-dire (note sur la phénoméologie du iangage), *Revue Internationale de Philosophie*, 21, 1967, n.º 81, pp. 277-299

DERRIDA, J. - *Papier machine*, Bordeaux, Galilée, 2001

DOKIC, J. - *Qu'est-ce que la perception*, Paris, Vrin, 2004

DUFRENNE, M. - *Pour l' Homme*, Paris, Seuil, coll. Esprit, 1968

FINK, E. - *De la phénoménologie* (1966), Paris, Minuit, 1974

FLORIVAL, G. - *Le désir chez Proust. À la recherche du sens*, Leuven/Paris, Nauwelaerts, 1971

FOUCAULT, M. - *Les mots et les choses*, Paris, Gallimard, 1966

FRAGATA, J. - *A Fenomenologia de Husserl como Fundamento da Filosofia*, Braga, Livraria Cruz, 1959

FRANCK, D. - *Chair et corps. Sur la phénoménologie de Husserl*, Paris. Minuit, 1981

GADAMER, H.G. (et alt.- FRUCHON P. / GRONDIN, J./ MERLIO G. ) - *Vérité et méthode*, Paris, Seuil, 1996

- GIL, J., *Movimento Total. O corpo e a dança*, Lisboa, Relógio d'Água, 2001
- GIL, J., *Portugal Hoje. O medo de existir*, Lisboa, Relógio d'Água, 2004
- GIL, F., *O Processo da Crença*, Lisboa, Gradiva, 2004
- GIOVANNIGELI, D. - *La fiction de l'être. Lectures de la philosophie moderne*, Bruxelles, De Boeck, 1990
- GUÉRIN, M. - *Philosophie du geste*, Paris, Actes Sud, Aries, 1995
- GUSDORF, G. - *A Fala* (1970), Porto, Despertar, s/d.
- HEGEL, G.W.F., *Fenomenologia do Espírito*, Lisboa, Ed.70, 1998
- HEGEL, G.W. F., *Principes da la philosophie du droit*, Paris, Gallimard, 1940
- HEIDEGGER, M. - *Acheminement vers la parole*, Paris, Gallimard, 1976
- HEIDEGGER, M. - *Être et temps*, tradução de François Vezin (1986), (d'après les travaux de Rudolf Boehm, Alphonse de Waelhens (première partie), Jean Lauxerois e Claude Rois (deuxième partie), Paris, Gallimard, 1995
- HEIDEGGER, M. - *Les problèmes fondamentaux de la phénoménologie. Cours d'été de 1927*, (trad. de J.-F. Courtine), Paris, Gallimard, 1985
- HENRY, Michel, *Phénoménologie Matérielle*, Paris, PUF, 1990
- HENRY, M. - *Phénoménologie de la vie- vol.1: de la phénoménologie*, Paris, PUF, 2003
- HENRY, M. - *Philosophie et phénoménologie du corps*, Paris, PUF, 2003
- HUSSERL, E. - *A Filosofia como Ciência de Rigor* (1911) tradução de Joaquim de Carvalho, Coimbra, Atlântida, 1965
- HUSSERL, E., *Meditações Cartesianas*, Lisboa, Res, s/d

HUSSERL E. - *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologiques pures I* (1913) tradução de Paul Ricœur (1950), Paris, Gallimard, 1995

HUSSERL, E. - *L'idée de phénoménologie* (1950), tradução de Alexandre Lowit (1970), Paris, PUF, 1994 (6<sup>a</sup> ed.)

HUSSERL, E. - *Méditations cartésiennes. Introduction à la phénoménologie*, tradução de Gabrielle Peiffer e M. Emmanuel Levinas (1931), Paris, Vrin, 1986

JACOB, A. - *Temps et Langage*, Paris, Colin, 1967

JACOBSON, R. - « A la recherche de l'essence du langage », in *Problèmes du Langage*, Paris, Gallimard, coll. Diogène, 1966, pp. 22-38

KANT, E. - *Crítica da faculdade do juízo*, Lisboa, INCM, 1998

KANDINSKY, *Regards sur le Passé*, Munique, 1913, in *Panorama das Ideias Contemporâneas*, Lisboa, 1958

IACAN, J. - «Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse», in *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, pp.237-322

LEVINAS, E. - *De l'existence à l'existant*, Paris, Vrin, 2002

LEVINAS, E. - *Le temps et l'autre*, Paris, PUF, 2004

LÉVINAS, E., *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*, Instituto Piaget, Lisboa, 1997, p.266

LÉVY-STRAUSS, Cl. - *Anthropologie Structurale*, Paris, Pocket, 2003

LYOTARD, J.-F. - *A Fenomenologia* (1954), Lisboa, Ed. 70, 1986

LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2007

MALRAUX, A. - *Les voix du silence*, Paris, Gallimard, 1951

MALRAUX, A. - *La condition humaine*, Paris, Gallimard, 1933

MARZANO, M. - *La philosophie du corps*, Paris, PUF, 2007

MORIN, E., *Introdução ao Pensamento Complexo*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997

MORIN, E. - *Introduction à la pensée complexe*, Paris, Seuil, 2005

MORIN, E. – *O Paradigma Perdido: a Natureza Humana*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1991

MORIZOT, J. - *Qu'est-ce qu'une image*, Paris, Vrin, 2006

MORUJÃO, A. F. - *Mundo e intencionalidade. Ensaio sobre o conceito de mundo na fenomenologia de Husserl*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1961

MORUJÃO, A., *Estudos Filosóficos*, vol.II, Lisboa, INCM, 2004,

MORUJÃO, A. F. - "Significado e estrutura da redução fenomenológica", in *Biblos*, 56, 1980, pp. 195-212

O'NEILL, J., *Perception, Expression and History*, Evanston, Northwestern University Press, 1970

PATOCKA, J. - *Qu'est-ce que la phénoménologie*, Grenoble, Ed. Jérôme Millon 2002

PIAGET, J., *Psicologia e Epistemologia*, Lisboa, Pub.Dom Quixote, 1991

PROUST, M. - *À la recherche du temps perdu*, Paris, Gallimard, col. La Pléiade, 1988

RICHIR, M. - *Phénoménologie et institution symbolique. (Phénomènes, temps et êtres II)*, Grenoble, Jérôme Millon, 1988

RICHIR, M. - *Méditations phénoménologiques. Phénoménologie et phénoménologie du langage*, Grenoble, Jérôme Millon, 1992

RICOEUR, P. - *À l'école de la phénoménologie* (1986), Paris, Vrin, 1993

RICOEUR, P. - *Histoire et vérité* (1955), Paris, Seuil, 1995

- RICOEUR, P. - *La métaphore vive*, Paris, Seuil, 1975
- RICOEUR, P. - *Le conflit des interprétations*, Paris, Seuil, 1986
- RICOEUR, P. - *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1996
- SARTRE, J.-P., *A Transcendência do Ego*, Lisboa, ed. Colibri, 1994
- SARTRE, J.-P., *A Imaginação*, Lisboa, Difel, s/d
- SARTRE, J.-P. - *L'être et le néant. Essai d'ontologie phénoménologique* (1943), Paris, Gallimard, 1994
- SARTRE, J.-P. - *Situations IV*, Paris, Gallimard, 1964
- SARTRE, J. P. - *La transcendance de l'ego. Esquisse d'une description phénoménologique*. Paris, Vrin, 1965
- SEARLE, Y.R. - *Les actes de langage. Essai de Philosophie du langage*. Paris, Hermann, 1972
- SEARLE, J., *Mente, Cérebro e Ciência*, Lisboa, ed.70, 1984
- STRAVINSKY, *Extrait d'Erinnerungen*, in *Panorama das Ideias Contemporâneas*, Lisboa, 1958
- TAMINIAUX, J. - *Le regard et l'excédent*, La Haye, Martinus Nijhoff, 1977
- TAMINIAUX, J. - *Recoupements*, Bruxelles, Ousia, 1982
- THIERRY, Y. - *Du corps parlant*, Bruxelles, Ousia, 1987
- TILLIETTE, X. - *Existence et littérature*, Paris, Desclée de Brouwer, 1962
- TROTIGNON, P. - *Les philosophes français d'aujourd'hui*, Paris, PUF, 1967
- WUNENBURGER, J.-J. - *Philosophie des images*, (2.<sup>a</sup> éd.), Paris, PUF, 2001
- VAN BEETHOVEN, L., citado por Romain Rolland em *Beethoven, les Grandes Epoques Créatrices (Les Derniers Quatuors)* Ed. du Seil, Paris, 1943

## ÍNDICE TEMÁTICO BREVE

alteridade,	5
ambiguidade	5, 90, 172, 179, 188, 191, 210, 220
carne	48, 55, 65, 86, 162, 241
<i>chiasma</i>	240
circularidade	12, 114, 129, 205, 223, 227, 228, 232, 234
coexistência	40, 119, 123, 126, 128, 161, 173, 177, 194, 202, 208, 219, 230, 235, 242, 244
coisa	16, 19, 22, 24, 29, 40, 59, 66, 73, 93, 94, 105, 115, 120, 139, 150, 157, 164, 185, 189, 195, 198, 199, 215, 217, 227, 231
comportamento	60, 128, 181, 199, 208, 278
concreticidade objectal	5, 25
consciência	5, 11, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 43, 49, 58, 61, 64, 65, 66, 68, 72, 76, 81, 83, 88, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 99, 100, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 114, 115, 116, 118, 122, 123, 125, 127, 129, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 155, 157, 161, 162, 164, 173, 174, 180, 184, 185, 189, 190, 191, 192, 206, 207, 208, 209, 211, 213, 214, 215, 217, 221, 222, 223, 225, 227, 228, 230, 231, 233, 234, 237, 238, 240, 241, 243, 245, 246
Corpo	5, 9, 14, 38, 167
corpo próprio	4, 5, 16, 24, 26, 27, 30, 32, 35, 36, 37, 40, 44, 45, 46, 48, 57, 60, 62, 82, 89, 90, 92, 118, 120, 145, 173, 196, 198, 208, 217, 223, 226, 228, 233, 235
dialéctica	12, 54, 113, 121, 145, 207, 243
<i>entrelaçamento</i>	4, 96, 118
<i>échappement</i>	166
espaço	14, 19, 20, 21, 23, 25, 27, 32, 33, 36, 37, 53, 54, 62, 67, 81, 92, 115, 116, 117, 127, 144, 145, 163, 174, 175, 182, 183, 184, 202, 207, 215, 233, 234, 242, 245
essência	16, 31, 58, 83, 89, 147, 170, 174, 190
estilo	5, 6, 12, 52, 63, 105, 129, 130, 131, 141, 169, 176, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 199, 205, 207, 209, 210, 244, 247
existencialidade	5, 26, 45, 46, 47, 50, 54, 89, 90, 92, 96, 106, 110, 119, 122, 125, 127, 132, 167, 169, 184, 195, 201, 207, 210, 214, 216, 223, 225, 227, 239, 244, 246
experiencialidade,	5, 157
expressão	9, 16, 32, 40, 51, 59, 70, 75, 86, 92, 102, 111, 162, 170

Fenomenologia	79, 261, 264, 271, 272, 273
identidade,	5, 76, 77, 89, 96, 129, 141, 180, 183, 184, 209, 211, 215
intencionalidade	5, 12, 20, 28, 33, 36, 42, 54, 61, 66, 90, 111, 114, 116, 121, 141, 142, 155, 156, 162, 173, 184, 185, 189, 194, 203, 209, 216, 222, 225, 229, 231, 234, 244, 274
intersubjectividade	86, 100, 117, 174, 175, 178, 203, 217, 219, 220, 236
invisível	47, 56, 64, 97, 129, 159, 171, 188, 189, 221, 239, 240
liberdade	36, 137, 127, 191, 209, 210, 254, 255
linguagem	5, 12, 13, 17, 18, 45, 47, 49, 51, 56, 60, 61, 66, 69, 72, 75, 78, 84, 86, 87, 88, 93, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 110, 111, 120, 123, 160, 165, 168, 169, 171, 179, 183, 187, 189, 193, 201, 203, 213, 217, 218, 219, 220, 233
mundaneidade	5, 12, 13, 15, 19, 25, 26, 32, 36, 38, 44, 46, 51, 53, 54, 56, 63, 73, 76, 80, 84, 85, 89, 90, 94, 96, 107, 109, 110, 114, 115, 116, 121, 126, 127, 128, 130, 133, 134, 136, 138, 140, 141, 144, 145, 160, 171, 173, 174, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 192, 193, 196, 200, 202, 204, 208, 210, 212, 214, 221, 223
mundo	5, 11, 12, 15, 20, 23, 24, 28, 29, 32, 33, 36, 37, 38, 42, 45, 46, 48, 49, 51, 53, 54, 55, 57, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 99, 102, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 169, 170, 172, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 274
objecto	15, 19, 21, 24, 26, 28, 29, 33, 38, 61, 62, 68, 91, 92, 105, 115, 129, 144, 148, 157, 159, 160, 170, 173, 185, 198, 209, 223, 226, 229, 230, 234
olhar	73, 78, 126, 155, 158, 189, 209
olho	83, 158
outro	4, 18, 24, 25, 31, 33, 38, 39, 43, 56, 61, 64, 68, 82, 83, 85, 88, 93, 94, 104, 106, 109, 111, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 123, 128, 129, 135, 136, 145, 148, 152, 157, 159, 160, 162, 173, 181, 183, 185, 194, 195, 197, 199, 201, 203, 208, 210, 214, 215, 216, 217, 221, 223, 225, 228, 233, 234, 235, 236, 243
palavra	1, 4, 5, 6, 11, 12, 39, 44, 45, 47, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 69, 71, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 92, 93, 95, 96, 98, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 127, 129, 139, 141, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 213, 214, 218, 219, 222, 242, 243, 245, 246
percepção	5, 36, 41, 61, 63, 64, 93, 116, 118, 127, 130, 131, 133, 134, 136, 138, 141, 142, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 214, 227, 228, 236, 243, 261

# O CORPO e A PALAVRA em M. Merleau-Ponty

Dissertação de Doutoramento em Filosofia



real	18, 22, 24, 28, 32, 34, 36, 37, 45, 47, 48, 49, 50, 60, 62, 64, 69, 77, 80, 82, 105, 108, 118, 128, 129, 133, 136, 138, 144, 145, 146, 147, 150, 152, 154, 156, 167, 190, 210, 218, 222, 230, 245
reversibilidade	62, 83, 181, 182, 226, 241, 246
sentido	4, 5, 12, 16, 19, 23, 25, 30, 34, 37, 40, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 72, 73, 75, 77, 79, 80, 81, 83, 85, 89, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 105, 107, 111, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 128, 135, 139, 142, 146, 147, 148, 150, 155, 158, 159, 160, 164, 166, 167, 170, 171, 173, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 191, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 210, 214, 218, 219, 222, 224, 225, 227, 228, 232, 233, 238, 239, 244, 262
sentidos	36, 58, 66, 69, 73, 78, 95, 97, 100, 101, 102, 107, 122, 124, 140, 149, 171, 175, 178, 180, 185, 191, 193, 198, 199, 203, 205, 210
Ser	38, 65, 221, 240, 242
subjectividade	6, 21, 23, 25, 35, 38, 65, 67, 71, 84, 86, 99, 111, 129, 139, 143, 145, 149, 156, 172, 178, 181, 214, 215, 217, 225, 231, 233, 234, 237, 238, 241
sujeito	6, 22, 24, 29, 37, 40, 62, 67, 86, 91, 98, 101, 129, 140, 142, 143, 144, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 162, 166, 183, 185, 186, 209, 211, 215, 222, 223, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 235, 247
tempo	14, 30, 36, 37, 42, 53, 59, 78, 81, 85, 102, 104, 106, 108, 111, 116, 117, 119, 122, 125, 137, 145, 166, 171, 172, 175, 177, 206, 216, 220, 222, 227, 234, 237, 242, 245
transcendência	5, 16, 42, 63, 68, 98, 111, 190, 191, 231, 237
transcendental	104, 139, 211, 237
universalidade	91, 99, 101, 132, 145
ver	53, 73, 107, 117, 123, 152, 154, 159, 189, 229, 231
verdade	5, 22, 60, 62, 78, 82, 89, 96, 129, 147, 151, 152, 156, 158, 164, 165, 167, 170, 173, 174, 175, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 191, 196, 206, 211, 234, 244
visão	5, 32, 33, 64, 66, 82, 93, 128, 133, 134, 135, 143, 147, 148, 149, 151, 155, 156, 159, 189, 192, 211, 223
visibilidade	5, 12, 18, 39, 57, 60, 64, 69, 77, 85, 93, 96, 104, 106, 111, 119, 123, 127, 128, 140, 155, 158, 165, 172, 176, 181, 190, 195, 204, 217, 223, 226, 230, 243, 247
visível	6, 11, 12, 15, 22, 33, 39, 47, 56, 59, 60, 62, 67, 77, 78, 81, 85, 90, 94, 97, 98, 103, 110, 111, 115, 116, 123, 126, 127, 147, 152, 153, 158, 159, 167, 178, 181, 186, 188, 189, 190, 191, 198, 202, 213, 217, 221, 234, 239, 240, 241, 242